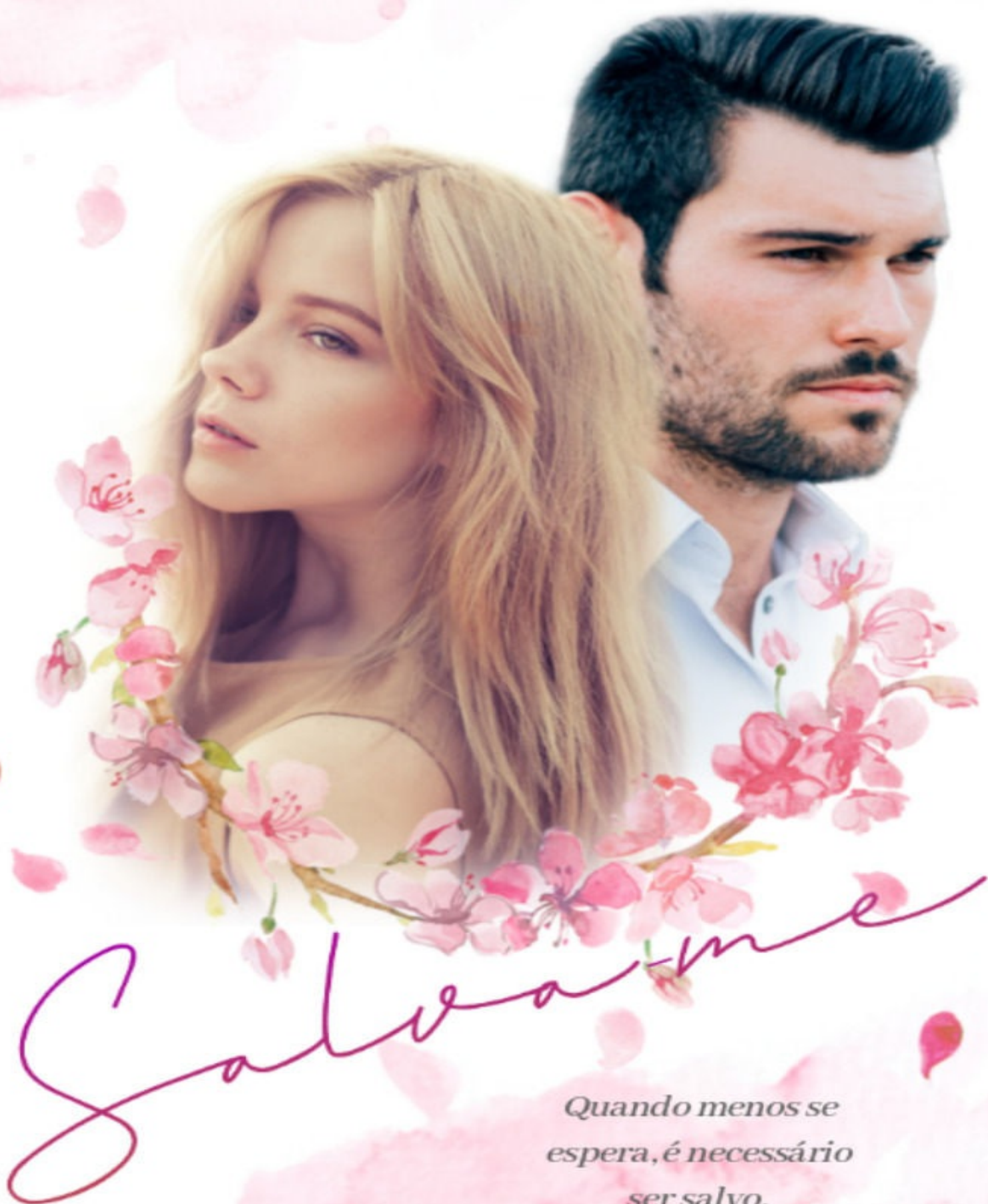


JULIA CRISTINA



Salva-me

*Quando menos se
espera, é necessário
ser salvo.*



Salvame

JULIA CRISTINA

Copyright © 2020 Julia Cristina

Capa: Marjory Lincoln

Revisão: Julia Cristina

Diagramação: Dani Nascimento

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Sumário

<u>CAPÍTULO 1</u>	<u>5</u>
<u>CAPÍTULO 2</u>	<u>18</u>
<u>CAPÍTULO 3</u>	<u>31</u>
<u>CAPÍTULO 4</u>	<u>43</u>
<u>CAPÍTULO 5</u>	<u>56</u>
<u>CAPÍTULO 6</u>	<u>68</u>
<u>CAPÍTULO 7</u>	<u>81</u>
<u>CAPÍTULO 8</u>	<u>92</u>
<u>CAPÍTULO 9</u>	<u>105</u>
<u>CAPÍTULO 10</u>	<u>118</u>
<u>CAPÍTULO 11</u>	<u>131</u>
<u>CAPÍTULO 12</u>	<u>145</u>
<u>CAPÍTULO 13</u>	<u>159</u>
<u>CAPÍTULO 14</u>	<u>170</u>
<u>CAPÍTULO 15</u>	<u>184</u>
<u>CAPÍTULO 16</u>	<u>195</u>
<u>CAPÍTULO 17</u>	<u>205</u>
<u>CAPÍTULO 18</u>	<u>216</u>
<u>CAPÍTULO 19</u>	<u>230</u>
<u>CAPÍTULO 20</u>	<u>243</u>
<u>CAPÍTULO 21</u>	<u>256</u>
<u>CAPÍTULO 23</u>	<u>279</u>
<u>CAPÍTULO 24</u>	<u>291</u>
<u>CAPÍTULO 25</u>	<u>302</u>
<u>CAPÍTULO 26</u>	<u>314</u>
<u>CAPÍTULO 27</u>	<u>327</u>
<u>CAPÍTULO 28</u>	<u>340</u>
<u>CAPÍTULO 29</u>	<u>354</u>
<u>CAPÍTULO 30</u>	<u>367</u>

<u>CAPÍTULO 31</u>	<u>380</u>
<u>CAPÍTULO 32</u>	<u>391</u>
<u>CAPÍTULO 33</u>	<u>403</u>
<u>CAPÍTULO 34</u>	<u>416</u>
<u>CAPÍTULO 35</u>	<u>427</u>
<u>CAPÍTULO 36</u>	<u>438</u>
<u>CAPÍTULO 37</u>	<u>452</u>
<u>CAPÍTULO 38</u>	<u>467</u>
<u>CAPÍTULO 39</u>	<u>480</u>
<u>CAPÍTULO 40</u>	<u>492</u>
<u>CAPÍTULO 41</u>	<u>506</u>
<u>EPÍLOGO</u>	<u>520</u>

CAPÍTULO 1

JASMIM

Ao contrário da maioria das pessoas, amo acordar cedo. Já levanto enérgica, aliás, estou sempre agitada. Quando criança, papai dizia que eu era hiperativa, e acho que ainda sou um pouco. Gosto de caminhar bem cedinho, pois dissipo um pouco a energia que tenho de sobra.

Prendo meus cabelos longos tingidos de loiro em um rabo de cavalo e entro na cozinha.

— Acorda com as galinhas todos os dias, minha filha, não sei como tem essa aparência descansada. — Vó Nice diz quando me vê, movendo-se em sua saia longa e colorida, enquanto pega os objetos necessários para preparar café.

— À bênção, vó. Tenho a aparência descansada porque durmo cedo. — Respondo, andando até ela e deixo um beijo em sua bochecha. — Bom dia. Vou correr um pouco e já, já estou de volta para tomarmos café.

— O seu avô está tirando leite da Danada, quando voltar vai estar quentinho como você gosta, meu amor. Deus te abençoe. — Diz e faz o sinal da cruz em minha testa com o polegar.

Sorrio e me afasto, a deixando sozinha na humilde cozinha. Meus avós maternos são tudo o que resta da minha família, pois a parte do meu pai nunca conheci e desde que ele faleceu, vim morar com a vovó e o vovô.

Sempre foram presentes e desde muito cedo lembro-me de vir passar os fins de semana aqui no sítio deles. É simples, a casa é pequena, mas há felicidade e amor de sobra. Assim como a grande extensão de terra cheia de plantações. Vovô é muito idoso para os trabalhos que é necessário fazer no sítio, cuidar de hortas, colher os alimentos, lidar com a vaca Danada e o boi Tônico e ainda tem o galinheiro. Fica mais difícil quando a vaca fica prenha ou dá a luz. É o seu sustento, vender os bezerros para as fazendas de grande porte, vender ovos de casa para o povo da cidade que sempre está a procura. O sítio é modesto e não tem muitos animais como a maioria das fazendas bem cuidadas por aí. Vovô tenta de tudo para conseguir nos manter bem, e ele consegue, no entanto, sei que é sacrificante e nunca pode fazer muito mais que colocar comida na mesa e pagar as contas. Mesmo com toda a dificuldade, sempre fez questão de me presentear, de pagar custos da escola.

Depois que terminei o ensino médio há um ano, tentei todo tipo de trabalho. Como o sítio fica em Delta, e não é perto das lojas em que coloquei currículo, que ficam em Uberaba, sempre fui deixada de escanteio por receio de que eu seja irresponsável e falte ou me atrase. Jamais faria isso, visto que sonho em ter condições de ajudar meus avós. Quando dona Inês, uma conhecida da minha avó, dona de uma fazenda nas proximidades me contatou para dirigir a van com as crianças todos os dias até Uberaba, na escola municipal, e trazê-las no fim das aulas, quase morri de alegria. Adoro crianças e poder contribuir com os custos de casa é algo que fará me sentir orgulhosa de mim mesma.

O sítio é enorme; e corro por quase uma hora até conseguir dar a volta nas extremidades das cercas que o dividem das outras terras. O sol já está à todo vapor quando retorno para casa, sinto minha pele queimando e o suor

descendo por minha testa, seios e barriga. É delicioso ter a oportunidade de apreciar a natureza. Imagina não ter isso? Não consigo me imaginar longe desse verde, dessa vista para o céu, sem prédios interferindo.

Um ventinho passa por mim, como se a natureza me agradecesse por adorá-la. Sorrio, sozinha, e entro em casa.

A construção é antiga, com a tintura em dia porque vovô e eu nos movimentamos para pintar tudo no último natal. O chão é de madeira e há algumas falhas, buracos, que deixam evidente que precisamos reformar. Não há qualquer luxo. O jogo de sofás antigos são cobertos por colchas coloridas, bordadas à mão pela vovó, o tapete no chão é feito pelas mãos da senhora experiente também, cheio de fios coloridos. Encaro cada cantinho com amor sempre, com gratidão. O teto de telhas coloniais, que permite que os cômodos sejam fresquinhos. Sonho em poder reformar tudo para o nosso bem estar, mas nunca me desfazer, nunca deixar isso aqui.

— O que faz parada aí igual uma estátua, menina? — Ouço a voz de vovô, o sotaque mineiro proeminente em cada sílaba. — Minha nossa senhora, Nice! Esse cheiro tá me deixando virado de fome.

Vô Mário é um tanto hiperativo também, até para falar não consegue dar atenção à um só assunto. Me aproximo para tomar a bênção e caminhamos juntos para a cozinha, de onde vem o cheiro delicioso do pão de queijo da dona Nice. Ele está com uma jarra cheia de leite na mão.

— Até que enfim trouxe esse leite, velho. Já estou a ponto de fraqueza doida para tomar esse trem.

A confusão diária do café da manhã segue normalmente. Rimos e comemos ouvindo as histórias do vovô, que repete sempre cada detalhe do que fez durante a manhã pelo sítio. Ele ama tudo o que faz, ama viver aqui. O pouquinho que temos para nós é o mundo. Saber que amanhã começo a trabalhar, que poderei ajudá-los, mesmo que pouco, me traz esperança de dias melhores.

Passo o dia todo cuidando do serviço no sítio, tentando adiantar a parte pesada, pois sei que vovó não pode fazer esforço. Não que tenha qualquer problema de saúde, apesar da idade, segue muito bem nesse aspecto. Todavia, não é mais jovem para fazer tantas estripulias.

A noite passa inquietante, uma vez que a ansiedade para que o dia seguinte chegue me consome.

Toda minha rotina se repete de manhã. Corro, tomo café com meus avós e às sete levo as crianças, uma vez que precisam estar no portão da escola às oito horas.

Me divirto muito conhecendo cada um deles. São crianças com a idade entre cinco e sete anos. Todos extrovertidos e animados com as aulas, pois mais brincam do que qualquer outra coisa. A alfabetização é uma delícia, sempre foi um sonho meu ter filhos para ter uma família grande e enchê-la de amor. Penso também que poderia fazer faculdade de algo que me deixasse envolvida com crianças, mas por não ter condições nunca pensei em uma profissão a qual gostaria de seguir. Há provas que poderiam me permitir fazer se tirasse boas notas, mas com a vida no sítio, sempre vou deixando para

outro dia, ciente de que não posso deixar meus avós sozinhos tanto tempo. Eles são as únicas pessoas que me restam nessa vida, minha única família.

— O meu nome é Yasmin e o seu é Jasmim. Quer ser minha amiga?
— Uma belezinha negra de bochechas fofas pergunta.

— Mas eu pensei que todos já eram meus amigos. Serei a tia da van. Temos que ser todos amigos. — Digo, me certificando de que todos estão com cintos de segurança.

São oito pequenos e todos estavam, devidamente, protegidos. Reparo em uma loirinha de olhos claros, que é a única calada e reclusa dentre eles.

— Eu não sou amigo de garotas. — Um loirinho, que não gravei o nome retruca. — São mandonas!

Começo a rir.

— Não somos mandonas, não! — Milena, a ruiva de olhos verdes, se defende.

Dou a volta e entro pela porta do motorista. Aperto a buzina e acabo com a confusão entre os baixinhos.

— Somos todos amigos, pois Deus não gosta de confusão. Então, para me ajudar, vocês se apresentem enquanto seguimos o caminho. Digam seus nomes, o que gostam de fazer, o que fizeram nas férias... Ok? Vamos nessa.

Yasmin, aparentemente a mais espreitada, começa:

— Sou Yasmin, com Y! — Ela cita a letra de uma forma adorável. Sorrio. — Tenho seis anos, adoro brincar de bonecas e cantar músicas. Quando crescer, vou ser cantora e dançarina... Ah, e médica...

Crianças e a inocência de que podem alcançar todas as coisas. Estar perto deles reaviva sonhos.

— Sou Matheus. Tenho seis anos e gosto de jogar Roblox no celular da minha mãe, mas ela não deixa muito. Ela diz que celular não é para criança. — Pelo retrovisor o vejo revirar os olhos.

Matheus é o loirinho de quem eu havia esquecido o nome.

— Sou Taiza...

As apresentações toma a atenção deles e o tempo. Quando todos acabam de falar de si, alguns mais soltos e outros mais timidamente, chega a minha vez. Começo, sem tirar a atenção da estrada de terra.

— Sou Jasmim Maria Efigênio. Acabei de completar vinte anos, amo a natureza, o sol, o som das árvores e o vento. Amo meus avós. Gosto de acordar cedo... E agora estou muito feliz por poder levá-los e buscá-los. Espero que sejam amigos.

Eles começam a conversar entre si, ora também me incluindo nos assuntos e fico satisfeita. Logo chegamos a estrada de paralelepípedos, até que a movimentação do centro de Uberaba surge. Casas, alguns prédios pequenos, muitos restaurantes, igrejas e pessoas para todos os lados. Sigo

pelo caminho que me leva até a escola e não demoro a deixar meus passageiros em seu destino. Faço questão de receber um beijinho de um por um, então eles se vão animados para o primeiro dia de aula após as férias.

Os dias passam voando. Aos poucos vou me aproximando e formando um vínculo com as crianças. Vovó adoeceu um pouco na semana passada por conta da mudança de tempo que ocorreu, e precisei ajudá-la. É difícil ajudar alguém que não está acostumada a ficar parada, muito menos dependendo dos outros, então tive que acordar mais cedo que o normal para adiantar os afazeres da dona Nice e não corri. Só assim ela não precisa que inventar moda.

Hoje é sábado, meu primeiro dia livre, e confesso que sinto falta da barulheira de vozes misturadas na van. Pego minha bicicleta à tarde e saio pela estradinha de terra no meio do gramado a perder de vista. Diferente do nosso sítio simples, há várias fazendas enormes com casarões e muito gado ao redor. Uma delas é a fazenda dos Cassilas. Nunca vi os donos, apenas a neta mais nova, Tatiane. Ela era minha única amiga quando éramos crianças, e ambas vínhamos passar as férias com nossos avós. Lembro-me dela como se a lembrança fosse do dia anterior, mas fazem anos que ela não voltou para essas terras. Seus avós são pessoas fechadas, o Sr Cassilas conhece meu avô e às vezes o chama para algum serviço de quebra galho na sua fazenda, mas apenas isso. Vovô sempre mencionou o luxo que existe lá. Também contava sobre a tristeza em cada canto do lugar.

Espantando esses pensamentos, continuo pedalando até parar em um campo livre. Descanso por um tempo, apreciando a natureza ainda montada na bicicleta. Um raio desponta no céu e faço menção de voltar a pedalar,

porém a chuva de verão vem sem aviso e cai com tudo. Apesar de dever, nunca temi os raios. Então salto da bicicleta, a deixando no chão e corro pela chuva. Sempre fiz isso. O meu elemento é a natureza. Seja o calor do sol, o sopro do vento, o frescor da chuva ou a força dos raios. Corro, pulo, danço, chuto água que começa a formar poças, rio, brinco. Abro meus braços, encarando o céu e recebendo cada gota com gratidão à Deus.

Quando a chuva cessa, subo na bicicleta e volto pelo mesmo caminho, que agora está cheio de poças de lama. Ao me aproximar da fazenda dos Cassilas um som de choro chama a minha atenção. Freio e busco com o olhar de onde pode estar vindo, mas constato ser loucura da minha cabeça. Volto a pedalar e ouço ainda mais próximo, então desço e procuro olhando atentamente.

— Aqui... Por favor, me ajuda. — Uma voz feminina chama em um choramingo doloroso.

Levada pelo pedido de socorro, me aproximo do pé de manga tombado no chão, como se um raio a tivesse derrubado. Me enfio entre as folhas e galhos caídos, até que vejo cabelos escuros entre eles.

— Jesus. Um raio te acertou? — Pergunto horrorizada, já me esforçando para chegar até ela.

— Não... Não. Eu fui burra o suficiente para me enfiar aqui sozinha.

Não respondo, pois realmente foi burrice e não há necessidade de esfregar na cara dela agora. Bom, nem hora nenhuma. Longe de mim julgar

alguém.

Percebo que seu pé esquerdo está preso e levo quase meia hora para conseguir livrá-la. É uma mulher linda, morena, com olhos tão verdes quanto os meus.

— Obrigada por me salvar. — Agradece com a voz falhando, mancando por conta da pressão que um dos galhos estava fazendo no seu pé. — Achei que um raio fosse cair na minha cabeça e ninguém me salvaria. Foi um milagre você passar. Sou Tatiane, mas pode me chamar de Tati.

Arregalo os olhos, chocada, a examinando com mais atenção. Seus olhos verdes são conhecidos, idênticos aos da garotinha que era minha amiga de férias no passado. Os cabelos lisos estão curtinhos, mas são escuros como antes. Há várias tatuagens por seu corpo que obviamente são novidade. Deus! Ela é alta como eu, e tem o corpo esguio também.

— Você é Tati Cassilas? Sou Jasmim! Do sítio ao lado da sua fazenda! — Exclamo, chocada.

— Mas Jasmim tinha cabelo da cor do meu! — Tati franze a testa, então vem sua vez de me analisar. — É você mesma! O rosto continua igual! Oh, Deus! E há esse sinal na bochecha. Jas!

Tatiane pula em mim, praticamente esquecida da dor em seu pé. Eu também a abraço, deixando evidente a saudade que senti. É inacreditável, uma vez que pensei nela hoje e fazem anos que não nos víamos. Somos mulheres feitas e se fosse outra situação, certamente não íamos nos

reconhecer.

— Vamos sair de perto dessa árvore. Atrai raios. — Digo, à fim de sairmos daqui logo.

— Venha até a fazenda comigo. Meus avós estão passando uma temporada em Paris e tive que vir para cá por conta de uns problemas de família. Cheguei hoje e estou louca para saber tudo de você. — Justifica, me puxando.

Acabo concordando. Pego minha bicicleta e a faço pular na garupa. Por um momento voltamos a ser crianças, correndo e rindo por esses matos.

CAPÍTULO 2

JASMIM

Assim que entramos na casa grande da fazenda dos avós de Tati, um grito masculino explode no ambiente:

— Onde você se enfiou, porra?! Tem noção que andei nesse meio de mato sob a chuva atrás de você?

Perco todo o ar quando vejo o dono da voz. Ele está todo molhado, com uma camisa branca que se agarra a sua pele morena. Apesar de ser alta, o homem é mais alto do que eu, e forte, com músculos que só vi em homens nas revistas. Imponente, prende minha atenção com sua presença intimidadora e, ao mesmo tempo, sufocante.

— Natan, eu te disse que queria espairer, não devia ter ido atrás de mim. — Tatiane replica, em tom cansado.

O tal Natan passa a mão pelos cabelos molhados, de forma que fico examinando as veias saltadas no braço forte.

— Fiquei preocupado pra caralho. Essa chuva... Esses trovões... — Ele parece mais calmo.

Me sinto como uma intrusa vendo a cena deles. Tati parece ter me esquecido, visto que fiquei atrás dela e o rapaz nem me notou ainda. Será seu

namorado? Ela não mencionou que havia alguém a acompanhando. Talvez isso justifique a forma que meu coração está batendo descompensado. Por conta dos gritos.

— Você? — Ouço sua voz mais próxima de mim e só assim desperto de meus devaneios, constatando que estou sendo observada de perto, de maneira intimidadora.

— Essa é a Jasmim, Nate! — Tati segura minha mão, apresentando-me com animação. — Minha amiga de infância, a qual falava tanto, lembra?

Ele cerra os olhos, me encarando de um jeito que faz com que me sinta despida. Abaixo a cabeça e procuro algo errado em meu cropped branco e saia da mesma cor, simples, feitos pelas mãos da minha avó. Há bastante pele à mostra, mas nada indecente. Natan, por fim, estende a mão e continua me olhando com intensidade quando diz:

— Eu a vi dançando na chuva.

Tenho certeza que todo o meu rosto fica vermelho, pela maneira que minhas bochechas esquentam de vergonha.

— Hum... É... Desculpe.

Patética! Minha nossa senhora! Por que estou agindo dessa maneira? Tati pode perceber e achar que estou paquerando seu namorado, mas só estou encabulada com a postura brusca dele. Ainda surpresa pelo fato de ter alguém aqui na fazenda. E não posso negar que é muito bonito.

— Natan, você está assustando a Jas. Não seja um babaca na frente dela. — Tati solta minha mão para cruzar os braços, só assim caio em mim que não cumprimentei-o e sua mão continua estendida.

Retribuo o gesto e quando sua palma toca a minha o calor de sua pele faz todo o meu corpo se arrepiar. Natan não desvia o olhar do meu rosto e nem faz menção de soltar minha mão. Isso me apavora.

— Vocês estão juntas? — Pergunta.

— Sim. Viemos juntas de lá...

— Não, a Jas é minha amiga de infância...

Tati e eu dizemos ao mesmo tempo. Fico totalmente confusa com a resposta dela. Será que não ouvi o que ele perguntou direito?

— Bom. — Responde ele, soltando minha mão. — Vou subir. Tomar banho e tirar essa roupa molhada. Nós temos muito para conversar, Tatiane. Você tem que parar com essa merda de fugir quando algo não te agrada.

Tati bufa e ele nos dá as costas, sumindo das nossas vistas ao chegar no topo das escadas.

— Não ligue para ele. É um idiota. — Tati explica, me puxando para outro cômodo, que venho descobrir ser a cozinha.

Há uma senhora gordinha mexendo nas panelas. Quando nos vê, abre um sorriso enorme.

— Ô, minha filha, Natan estava louco atrás de você! Também fiquei doida de preocupação! Não pode sumir com um temporal desses!

A senhora grita cada palavra, não sei se pelo nervoso ou se já é um hábito falar dessa forma. Sorrio, já simpatizando com ela. Há um girassol enorme em seu cabelo grisalho, preso atrás da orelha.

— Perdoa, Maria. Não queria assustar vocês. A chuva realmente chegou do nada... Não esperava...

— Tudo bem, meu anjo. Estou preparando uma canja deliciosa para vocês. — Sorri e volta sua atenção para mim. — E essa jovem linda?

— Sou Jasmim. — Sorrio. — É um prazer conhecê-la, senhora.

— Senhora está no céu. Me chame de Maria, apenas. — Gesticula com a mão, como se não fosse nada demais. — Vai ficar para jantar conosco, Jasmim?

— Não posso. Meus avós devem estar preocupados com minha ausência nesse temporal.

— A Jas é minha amiga de infância, Maria. — Tati explica. — Foi uma surpresa encontrá-la. Na verdade, ela me salvou. — Sorri para mim. — Seria perfeito se pudesse jantar com a gente.

— Adoraria, mas fica para uma próxima, tudo bem?

O sotaque deles é totalmente diferente do meu. Todas as vezes que dizem Jasmim, o s soa como um x. Como se fosse *Jaxmim*. Isso me faz constatar que Maria não trabalha aqui, ela deve ter vindo com eles. Me sinto desconfortável nessa casa, fora de lugar, como se não devesse ter vindo. Se tivesse cogitado ter mais pessoas não teria vindo. Entretanto, minha amiga estava assustada e não posso me arrepender de ter dado assistência, nunca consegui controlar o meu instinto de ajudar as pessoas. Me apresso para me despedir de Maria, que torna a insistir pela minha permanência, assim como Tati. Não cedo, já preocupada com meus avós.

Tatiane me leva até a saída da casa grande.

— Não precisa ir até o portão. Saio de bicicleta rapidinho. — Garanto à ela.

Sinto como se estivesse sendo observada. Enquanto minha amiga me abraça, olho para cima e vejo Natan, encarando-me da janela. Está sem camisa e me forço a desviar o olhar do seu corpo moreno tão rápido quanto o vejo. Deus! Não sou ingênua a ponto de não entender o que há comigo. Sei que me atraí por ele. É absurdo e totalmente errado. Além de nunca ter sentido algo tão intenso por um homem assim, à primeira vista. Ele mexe com meu corpo, causa sensações parecidas com o que senti com dois namorados, mas com ele é forte e intimidante. Não é anormal me sentir assim, pois ele é lindo. Errado é isso não passar mesmo com a suposição de que é namorado de Tati.

Natan é além de lindo. O rosto é bonito, tem maxilar quadrado coberto por uma barba bem aparada, olhos escuros, intimidadores. Entre as sobrancelhas grossas há marcas de expressão, que evidenciam que ele está sempre com o vinco que vi. Corpo moreno, alto, forte e musculoso, com aqueles exageros que parecem mini travesseiros pelo abdômen. Minha nossa senhora! Me obrigo a parar de olhar quando me pego apreciando a vista outra vez.

— Estou muito feliz de ter te reencontrado. Nos vemos nos outros dias?

— Claro que sim, Tati. — Sorrio e me afasto.

Pego a bicicleta que ficou apoiada em uma pilastra de madeira e monto na mesma. Aceno tchau para ela e começo a pedalar, sem ousar olhar para trás. Continuo sentindo a sensação dos olhos escuros em mim e a sensação de calor não abandona meu corpo nem mesmo com as gotas frias da chuva durante o caminho.

Entro em casa ciente de que meus avós não estão preocupados com minha escapada, visto que lhes avisei e que sabem que não me colocaria em perigo. Ao chegar na sala, vejo os dois. Sentados quietinhos no sofá, olhando para o nada.

— Cheguei. Estou bem. — Digo só para saberem.

— Quieta, menina. Sabe que nessas tempestades ficar falando atrai raio. — Vovô adverte, baixinho.

Me seguro para não rir, pois ele realmente acredita nisso. Sigo até meu quarto para trocar as roupas molhadas por peças secas. Não posso cogitar tomar banho enquanto há raios, ou meus avós infartam.

Depois de vestida e com uma toalha enrolada nos cabelos, pego um álbum de fotos da minha infância. As lágrimas descem por meu rosto logo na primeira, quando vejo meu pai comigo em seus braços, e minha mãe vendo a cena com um sorriso cheio de afeto. Há muitas desse mesmo jeito. Eles pareciam tão orgulhosos por terem uma filha. Choro e sorrio vendo as fotos, por saudade, por alegria de ter sido tão amada, pelas lembranças boas do meu pai, pois da minha mãe não tenho muitas, uma vez que era muito pequena quando ela partiu em um acidente de carro. Sempre penso se terei algo assim. É o que mais quero na vida.

Ouçõ passos se aproximando, porém mesmo sem olhar sinto o aconchego da minha avó. Vejo seus pés gorduchos se aproximando e logo o colchão afunda. Vovó senta ao meu lado e me abraça.

— Eu gostaria que tudo fosse diferente, sabe, filha? Mas Deus sabe de todas as coisas. O amor que sinto por você, o orgulho pela pessoa de bem que se tornou supre a saudade da minha única filha. — Acaricia meu ombro e beija minha bochecha. — Não substitui, isso nunca, mas quando há sentimentos bonitos e sentimentos feios dentro da gente, os bonitos vencem a batalha.

— Eu te amo, vovó. Gostaria de retribuir o amor que vocês sempre me deram. — Beijo sua bochecha. É psicológico, eu sei, mas há um cheiro de aconchego nela. Cheiro de vó.

— Besteira, Jasmim. Tem pagamento maior do que uma jovem, nos dias de hoje, aguentando dois velhos? Uai, você vive para nós, menina! Amor não se paga, amor se ama de volta ou não. Simples assim.

Vovó tem razão. Tanto é que para mim não é um fardo viver com eles. Já perdi muitos colegas por conta disso. Me chamavam para festas na cidade e nunca ia, sempre tive minhas prioridades e aqui no sítio estão todas elas. Para mim, essas pessoas não fazem qualquer falta. As únicas pessoas que dependo ter por perto para ser feliz estão aqui nessa casa.

— Amo você.

— Minha nossa senhora! — A voz do vô Mário se infiltra no quarto. — Mas vocês estão de conversa fiada no meio do mundo acabando em água, uai!

Vovó e eu rimos, por fim nos abraçamos e passamos as fotos do álbum quietinhas.

O domingo amanhece ensolarado, como se aquela chuva do dia anterior nem tivesse existido. O verão aqui no interior tem esses nuances.

— Está atacada hoje, Jasmim?

— O quê, vovô?

— Não sossegou um minuto, minha filha. Já estou zozinho com sua falação e correria.

Rio, realmente me sinto inquieta. Ainda nem são oito horas da manhã e já ajudei vovô a colher verduras na horta, reguei as plantações que ficam na sombra durante o dia, tirei leite da Danada e conversei com o boi Tônico. Recolhi os ovos das galinhas e joguei milho no galinheiro. Um franguinho conseguiu fugir e ainda persegui o bichinho por vários minutos até conseguir capturá-lo e devolvê-lo ao seu lar.

— Acredita que já sinto falta das crianças? Não vejo a hora de chegar amanhã. Há uma menina, Graziela, que sempre fica calada. Mesmo quando puxo assunto ou, até mesmo as outras crianças, ela sorri de um jeito que não alcança os olhos. Não estava pensando muito nisso, mas nessa noite essa questão ficou indo e vindo na minha cabeça. Será que há algo, vovô?

— Tem criança que passa por coisa que até Deus duvida, minha filha. Deixe isso quieto, não deve ser nada. — Resmungo, podando a roseira.

— Tem coisas que não podemos deixar de lado, vovô. O mundo de hoje está perdido, e se todos pensarem assim? Não deve ser nada e deixa de lado. É assim que muita gente passa situações que não há volta no final.

— Está certa. Conversa com a menina. Uma hora ela cria confiança e se abre.

— Tem razão.

Continuo podando a outra roseira, pensando nisso. Sabendo que não adianta saber se há algo errado e depois nada poder fazer. Contudo, tento deixar isso de lado, afinal de contas há pessoas que tem a personalidade mais reclusa e isso pode acontecer desde a infância. Não devo ficar criando caraminholas na cabeça. Até porque ontem a noite olhos escuros me azucrinaram. Talvez meu subconsciente só quisesse me livrar e inventou uma nova causa para eu pensar.

Passo o dia inventando coisas para fazer no sítio, ciente de não chegar perto da cerca da fazenda Cassilas em nenhum momento.

Certa hora da tarde, um casal de amigos dos meus avós chegam. Dona Lurdes e Sr João me viram crescer e sabem o quanto amo os seus cavalos, os quais eles sempre trazem quando visitam o sítio.

Antes de anoitecer corro pelo sítio sobre o cavalo marrom da amiga da minha avó. O vento no rosto e a sensação de liberdade é sem igual. Não há como experimentar isso e não gostar. Corro por toda a extensão de terra, com a respiração ofegante, cabelos voando e o coração cheio de paz.

CAPÍTULO 3

JASMIM

Na segunda-feira minha animação ao acordar já é do tamanho do mundo. Como vovó está melhor de saúde, a encontro na cozinha cuidando do café da manhã.

— Bom dia, amor da minha vida. — Digo à ela.

— Menina, você já passou da hora de arrumar um namorado. Essa energia toda é falta de ripa na chulipa. — Repreende, me fazendo rir.

— Que miséria de velha assanhada! — Ouço o grito apavorado de vovô e nós rimos mais ainda.

— Onde você estava, homem? Vai dar uma de santinho agora? Já gostou muito de ripa na chulipa nessa vida. — Dona Nice acusa, sem limites.

Me apresso a beijar a bochecha dos dois e bebo um gole de café com leite.

— Vou indo, gente. Já está na hora de ir buscar a van e pegar as crianças. — Aviso e eles continuam discutindo, mal me dando atenção.

Caminho em direção aos portões do sítio, fazendo uma trança embutida nos meus cabelos. Não vai ficar perfeita, visto que não estou vendo

como está ficando atrás, no entanto, vai ficar tudo controlado. Hoje estou usando um vestido de pano leve, larguinho com elástico moldando apenas a cintura, de forma que fica soltinho. As alças são finas e amarradas nos ombros. Ele é marrom com estampas de cores mais claras, e me arrependo imediatamente de tê-lo colocado quando um vento forte faz com a saia suba antes mesmo que eu possa evitar. Merda! Embora não tenha ninguém para ver qualquer coisa e eu esteja vestindo short por baixo, é constrangedor.

Em quinze minutos de caminhada, chego na casa de dona Inês, a senhora que me paga para trabalhar em sua van.

O município de Delta é situado no Triângulo Mineiro, na divisa entre os estados de Minas Gerais e São Paulo. Nos limites com o estado de São Paulo, seu território inicia-se no Rio Grande, na fóz do ribeirão Ponte Alta, e segue pela divisa interestadual até a fóz do ribeirão Conquistinha. Daqui da casa de Dona Inês até Uberaba levo de vinte e cinco minutos à meia hora para chegar.

— Bom dia, menina. Já falei para você deixar esse diacho dessa van no sítio. Qual a necessidade de caminhar todos os dias para pegar aqui?

— Eu gosto de caminhar, dona Inês. — Justifico, entretanto, jamais ficaria com algo desse porte sobre minha responsabilidade integralmente.

— Besteira. — Revira os olhos e gesticula com a mão, como se soubesse que minha desculpa não passa disso; uma desculpa.

Sorrio e me aproximo para pegar a chave. Ela está em uma cadeira de

rodas e é cuidada por seu filho e nora há alguns meses, desde que a osteoporose se intensificou. A nora costumava conduzir a van com as crianças até a escola, mas preferiu se dedicar em tempo integral para cuidá-la.

Dona Inês me entrega as chaves e oferece café, não aceito e sigo até a van. Esquento o motor por uns minutos e logo dou partida. Ao sair da extensão de verde que só tem fazendas e sítios, começo a ver as casas do interior. Paro nas casas de cada criança, e ao buzinar, elas vem correndo, animadas, contando sobre seu fim de semana. Na última casa, de Graziela, a garotinha reclusa, me surpreendo quando sua mãe vem junto, perguntando se posso dar uma carona até o centro da cidade. Obviamente, assinto, afinal estamos indo para o mesmo lugar. Não consigo evitar e noto a total falta de semelhança entre as duas. A mulher é morena, de olhos pretinhos como jabuticabas maduras. Já Grazi, é loirinha que até os cílios são da mesma cor e os olhos azuis escuros são como o céu da noite. Há um machucado em sua sobrancelha, como se tivesse batido em algo, constato a observando pelo retrovisor, com a van já em movimento.

— Caiu no fim de semana, Grazi? — Pergunto, por curiosidade.

Ela me olha, e só assente com a cabeça rapidamente, já voltando a atenção para a janela.

— Essa aí é estabanada toda vida. Não tem qualquer atenção com nada que faz. — Núbia, como se apresentou a mãe, desdenha. — Se fosse minha filha já a teria colocado no eixo.

Isso atrai minha atenção.

— Não é sua filha?

— É sobrinha. — Revira os olhos. — Minha irmã morreu e eu moro com ela. O pai dela é sozinho, coitado, precisa trabalhar... Então cuido dela.

Minha nossa senhora! Eu sou muito criativa, pois já passam mil coisas na minha cabeça. Li muitos contos de fadas na infância, e já penso em Grazi sendo a Cinderela nas mãos da madrasta má, que no caso dela vem a ser a tia.

Pode ser coisa de enxada, mas vou procurar saber direitinho o que está acontecendo.

— Não acredito! — Exclamo, preocupada, voltando a girar a chave na ignição e acelerar.

Nada. O motor ronca e morre. Por que isso acontece justo agora? Abro a porta e salto do veículo, disposta a tentar descobrir algo, embora não entenda nada de mecânica. Não tenho celular e, nesse momento, sinto a falta de um.

Abrindo o capô da van, constato que não entendo bulhufas do que está havendo. Barulhos de patas de cavalo chamam minha atenção e olho para cima há tempo de ver o animal grande e negro, de pelos brilhantes, parando bem perto de mim. Sobre ele está Natan, seus olhos escuros analisando a van

e depois me escrutinam. Não havia esquecido desse olhar e nem da sensação de calor e agonia imediata que causa pelo meu corpo.

— O que está acontecendo? — Sua voz grossa soa curiosa, o que fica evidente em sua expressão.

— Não sei... Só... — Respiro fundo, para não ficar parecendo uma tonta na frente dele. Preciso me controlar, pelo amor de Deus! Não sou assim. — Estava voltando da escola e a van morreu. Talvez só precise insistir. — Digo, fazendo menção de voltar para o interior.

— Nem pense. Essa porra é um deserto. Você anda sozinha por aqui todos os dias? E se não fosse eu passando aqui e, sim, um tarado?

— Conheço esse lugar e todos os moradores. — Respondo, irritada. Afinal quem ele pensa que é para agir como um pai para cima de mim? — Pode seguir seu caminho. — O dispenso, com um gesto de mão.

— Suba no cavalo, Jasmim. — Exige, me encarando com impaciência. — Te deixo em segurança e volto para consertar. Já trabalhei com mecânica e ajeito isso rapidinho.

Fico indignada com a arrogância. Isso é algo da personalidade dele? Pois para mim, soa mais com falta de maneiras. Sou uma pessoa da paz, trato a todos bem à fim de ser tratada da mesma maneira. Se Natan pensa que só porque costuma rosnar e grunhir com todos à sua volta, pode fazer o mesmo comigo, está redondamente enganado. Ser calma e pacata, é diferente de ser tonta.

— Não vou subir no cavalo. Eu nem te conheço. Já que se preocupa com tarados... Quem me garante que não seja um? — Retruco, cruzando os braços sobre os seios. — Se quer ajudar, não vou recusar ajuda, mas qual a necessidade de me levar e depois voltar? Conserte a van comigo aqui, depois você segue seu caminho e eu, o meu.

É minha posição e não vou mudá-la. Natan bufa e me olha por uns segundos até que se dá por vencido e pula do cavalo, rosnando alguma coisa. Mais parece um cachorro do que um homem esse trem.

— Teimosa. — Resmunga e, para o meu horror, arranca a camisa.

Jesus, Maria e José! Por que eu pareço uma adolescente cheia de hormônios? Sinto-me como quando tinha dezessete anos e fugia pela janela todas as noites para fazer sexo com Renê, meu primeiro namorado. Naquela idade, minha sexualidade, recém descoberta, estava à flor da pele. Com o segundo namorado, dois anos depois, a coisa já era mais morna, então quando terminamos não tive mais interesse em outro. Talvez seja todo o tesão acumulado, me pregando uma peça justamente com o suposto namorado de Tati. Suposto não, obviamente namorado. O que mais seria?

Natan me entrega sua camisa e fica difícil não admirar cada maldito músculo em suas costas quando ele se curva para examinar o que está havendo. Seus braços fortes se flexionam à cada movimento, evidenciando cada músculo protuberante. Sua cor, esse bronzeado natural causa água na boca. A bermuda jeans caindo por seus quadris estreitos deixam a barra da boxer aparecendo. Percebo em alguns momentos que ele passa a mão pelos

cabelos bem aparados e pela barba bem feita, como uma mania.

Tento olhar para todos os lados, principalmente quando uma gotinha de suor começa a escorrer de sua nuca, seguindo por um caminhozinho até chegar na cueca. Deus do céu! Há um momento em que ele me olha e diz algo, que sinceramente não entendo. Vejo um pequeno curvar de lábios em sua boca e quase desfaleço. Se com essa cara de cão raivoso é lindo, sorrindo deve ser um estrago.

Calo meus pensamentos, balançando a cabeça quando ele se aproxima. Natan para perto de mim e sinto minha respiração ficar ofegante — ou já estava?

— Queria levá-la até em casa para que não tivesse que ficar sob esse sol quente. — Justifica, baixinho. Ele pega sua camisa da minha mão, que está na mesma posição em que ele havia deixado. — Mas posso pensar em maneiras de tirar esse suor que está escorrendo por aqui.

Seu dedo indicador toca acima dos meus seios, sutilmente, ou não chega a tocar, mas sinto tudo até demais. Natan ergue a camisa e passa por minhas bochechas, testa e pescoço. Seu cheiro agarrado na peça quase me faz inalar mais fundo.

— Eu a vi dançando na chuva. Fiquei intrigado com a alegria espontânea. Depois você surgiu com a Tati... Então vi seu rosto. Você é linda e tem essa expressão de inocência que me deixou fodido.

— O que você está...

Seu dedo indicador cobre meus lábios, pedindo silêncio.

— Shhhh, Jasmim. — Meu nome saindo de seus lábios, com esse x no lugar do s mexe comigo. — Depois, eu a vi correndo feito louca sobre um cavalo. Linda pra caralho...

Natan se aproxima e nossos narizes se tocam quando ele roça o rosto, cheirando-me feito um animal apreciando a presa. O que, diabos, está havendo comigo? Recobro um pouco a noção e lhe empurro, meu dedo logo em riste.

— Fique longe de mim, seu trem safado! Saiba que irei contar tudo para Tati! Seu... Seu... Seu trem! — Grito e corro para dentro da van.

Ouçó a risada do desgraçado e o ódio por não rir enquanto eu pudesse ver. Agora nem por reza braba irei encará-lo.

Dentro da van, volto a raciocinar depois de respirar fundo. Será que ele consertou? Droga! Nem ouvi ele dizendo qualquer coisa sobre isso. Para a minha sorte, na primeira girada na ignição tudo funciona perfeitamente. Não penso duas vezes antes de sair levantando poeira e deixando o pervertido para trás. O pior é que não posso dizer nada à Tati. Dizer o que? Que fiquei molhada e dolorida entre as pernas com a conversinha fiada do bandido? Ou pior, que dei liberdade, pois o comi com os olhos, meu Deus do céu!

Não, eu não posso contar. Até porque ela pode nem acreditar em mim. Canso de ouvir casos em que as mulheres preferem culpar outras à darem um

jeito nos maridos safados. Além do mais, não nos víamos há anos e talvez nem confie em mim como amiga de verdade. Também não quero estragar o relacionamento de ninguém. O melhor a fazer é ficar quieta no meu canto. Se por ordem do tihoso, ele aparecer no meu caminho novamente, irei ignorá-lo e seguir meu rumo. Não vou ficar sendo uma bandida e dando mole só porque ele é gostosão.

Deus! O que estou pensando?

Ah, por favor! Não sou cega. Não há como não notar um homem daquele. Imponente, com cara de malvado, parece ser uns dez anos mais velho do que eu, lindo de morrer. Nunca vi alguém tão lindo quanto ele, ainda mais maduro. Me atrai de um jeito que dá vergonha de assumir para mim mesma.

Todavia, minha boca é um túmulo. Vai ficar guardado no meu pensamento, apenas. E logo será esquecido.

CAPÍTULO 4

JASMIM

Por sorte dias passaram sem que eu visse Natan. Senti falta de Tatiane, e até soube pelo meu avô que ela andou se esgueirando pela cerca, mas sempre nos horários que eu estava com as crianças.

Me aproximei mais de Grazi nos últimos dias, não que ela tenha se aproximando de mim, embora. Sempre busco conversas coisas bobas com ela, só tentando criar uma confiança entre nós. A bichinha é quietinha e pouco fala, mas já me lançou o sorriso mais lindo desse mundo depois de histórias que contei à ela.

— Minha filha, aquela sua amiga tava lá na cerca hoje. Chamei ela para vir almoçar. Uma hora dessas ia aparecer que sou mentiroso...

— Uai, homem, mas por que? — Vovó retruca.

— Todo dia a mesma história que a Jas não está em casa, mulher. Ora!

— A menina não é à toa!

— Gente, não precisam brigar. Tati é uma amiga. Tudo bem ela vir. Obrigada, vovô. — Acalmo a confusão.

Esses dois se amam tanto quanto amam brigar.

— O problema é que eu convidei Felipinho para vir almoçar aqui. O menino está caidinho por você já faz um ano. Agora essa moça vai estragar meu almoço de juntar casal. — Minha avó explica o infortúnio e eu começo a rir.

— Vovó, não quero namorar o Felipe. Não há problema almoçarmos todos, como amigos. — Explico. — Estou bem como estou. Quando for a hora, meu príncipe vai aparecer.

— Príncipe? Homem é tudo sapo!

Meu avô se ofende e lá voltam eles a discutir novamente. Só me resta rir e ir tomar banho, pois o calor está de matar hoje.

Saio do banho de cabelos molhados, pois lavei. No quarto tiro a toalha do corpo e visto uma calcinha pequena de renda. Não sou de usar sutiã, já que meus seios são mini e bem durinhos, mas não abro mão de calcinhas pequenas e bonitas. Sempre gostei. Já que teremos visitas, visto um short jeans mais novinho de cóis alto e camisa sem mangas de botões azul claro, ajustada e amarrada na cintura, bem fresquinha. Penteio meus cabelos e deixo solto, secando naturalmente.

Ouçoo o som de galopes de cavalo e arregalo os olhos, cogitando se Natan está aqui. Um arrepio percorre todo meu corpo ao supor isso. Borboletas voam em meu estômago e tenho vontade de engolir veneno de insetos para matá-las. Traidoras! Me escondo atrás da janela e olho, o mais

discretamente possível. Suspiro de alívio quando vejo Tatiane em um cavalo marrom e branco. Não o negro e imponente que Natan estava montando.

Me recomponho, acalmando a respiração e saio do quarto, a fim de recebê-la.

— Tati! — Cumprimento assim que saio na varanda.

Ela sorri e me olha de cima em baixo, de um jeito que eu diria estranho. Tati confere se o cavalo está bem amarrado a uma pilastra de madeira.

— Jas... — Se aproxima para me abraçar. — Hum... Cheirosa. — Elogia, fungando em minha orelha.

Franzo a testa, pois não estou acostumada a ter muitas amizades, muito menos tanto contato físico assim. Talvez eu seja só um bichinho do mato. Entretanto, é difícil mudar hábitos e por isso trato de me afastar rapidamente. Se ela percebe minha hesitação, não se chateia, e logo trata de puxar conversa.

— Fiquei querendo te ver e achei que estava fugindo de mim. Foi o Natan que te assustou? Ele é um idiota, mas é inofensivo.

Inofensivo? Sério? É um safado, sem vergonha. Bufo, só de pensar. Principalmente porque não deixei de queimar todas as noites pensando naquela voz, no olhar, no modo dominador, rude.

— Eu não estava fugindo. — Me defendo. — Só tenho estado ocupada mesmo...

— Hum, sei. Vi a maneira como você e Natan se olharam, Jas... — Bufa.

Acho que paro de respirar por uns segundos. Como assim? Que vergonha!

Tatiane me analisa por um tempo, olha em volta, e vendo que não há ninguém por perto, volta a dizer:

— Amo o meu irmão, porém, ele não é o cara certo para você. — Ri, sem humor. — Natan não presta. Então, fique longe.

Irmão?

Não presta.

Deveria estar prestando atenção na advertência, mas só consigo assimilar que não são namorados. Um peso sai das minhas costas com essa informação. Sinceramente, não lembrava que Tati tinha um irmão, não mesmo.

— Tati. — Suspiro, passando as palmas suadas das mãos no short jeans. — Olha, eu não terei nada com o seu irmão. Você está vendo coisa onde não tem. — Minto, nem um pouco afim de prolongar esse assunto. — Vamos entrar?

Ela sente e subimos a escadinha de acesso até a varanda que protege a porta da entrada. Tati encara a casa simples com curiosidade e suponho que deva estar comparando a simplicidade com o luxo em que vive. Minha avó e meu avô estão sentados à mesa, já acompanhados de Felipe, que nem vi chegar.

— Boa tarde, Jasmim. Uai, mas você está linda demais hoje. Quer dizer, todos os dias. — Felipe diz, galanteador, para o orgulho da minha avó, que o encara como se fosse sua primeira paixão.

Sorrio e o cumprimento.

— Obrigada, Felipe. Como vai? Essa é a Tati, minha amiga de infância, que reencontrei há uns dias. — Apresento e então aponto a cada um. — São meus avós, e Felipe, um amigo da família.

— Boa tarde, gente. Fico feliz em conhecê-los. — Tatiane sorri, gentilmente.

O almoço transcorre calmamente. Vovó e vovô mais analisam Tatiane do que qualquer coisa. Felipe segue tagarelando, de modo que não se instala um silêncio constrangedor.

— Você poderia aproveitar a companhia da sua amiga e ir à festa que vai ter em Uberaba. — Minha avó diz e vejo Tati se animar.

— Festa de que?

— Nada comparando ao Rio de Janeiro. — Vovó encolhe os ombros.
— É só uma comemoração de rua, com barraquinhas e música. Na minha época eu curtia tudo, mas Jasmim só curte o mato desse sítio.

— Vó! — Reclamo e ela dá de ombros, nem um pouco arrependida.
— Não vou à festa. Amanhã levo as crianças e gosto de acordar cedinho para passar o dia bem disposta.

— Vamos, Jas! Só por uma horinha. Ainda não saí desses lados desde que cheguei aqui. — Tatiane lamenta.

— Eu levo as moças na minha caminhonete. Trago de volta sem deixar nenhum marmanjo desonrar a Jasmim, sr Mário. — Felipe garante, solene, e eu seguro a risada.

— Vou um pouquinho, pois sei que não irão parar de falar nisso, mas será bem rápido mesmo. — Concordo, vencida.

No final do almoço, lavo a louça e Tati seca, deixando Felipe conversando com meus avós. Depois avisamos que vamos dar uma volta pelo sítio e caminhamos pela longa extensão de terra, lembrando de nossa infância.

— Muita coisa mudou daqueles tempos até hoje. — Comenta, parando sob um pé de manga que nos protege do sol.

— Por que não voltou mais aqui? Sumiu... Logo depois meu pai

faleceu e vim viver aqui. Sempre lembrava de você. — Comento.

Tatiane olha para o céu em silêncio por um tempo.

— Meu pai morreu, meus avós e minha mãe se odeiam... Só voltei porque ela acha que é o melhor para mim ficar longe do Rio por um tempo.

Fico em silêncio, sem ter o que dizer. Questões familiares são complicadas. Minha família é pequena, mas nos amamos e respeitamos. Meus avós nutriam pelo meu pai um carinho imenso, como se fossem um filho; e era como o viam.

— Você está linda, Jas. — Tati elogia e quando dou por mim, ela está com o corpo colado no meu. — Sempre a achei linda e não a esqueci. Você é minha amiga, mas nós podemos curtir um tempo juntas... O que acha? — Pergunta, afastando uma mecha de cabelo para trás da minha orelha.

Fico petrificada, tentando assimilar tudo. Ela gosta de meninas, tudo bem. Não tenho qualquer preconceito, embora não seja minha praia. No entanto, confesso que os irmãos Cassilas tem uma magnetismo que me deixa lesada em certas situações. Tatiane se aproxima ainda mais e nossas bocas se tocam. Não sei se fico parada por surpresa ou curiosidade, sinto os dois. Ela me beija e dou permissão. É confuso e estranho, pois sinto que meu corpo responde, mas meu cérebro não se distrai. Tati se afasta e suspira, a expressão tomada de arrependimento.

— Desculpe, Jas... Você me atrai, mas estou apaixonada por outra pessoa. Minha mãe me afastou dela, por isso estou aqui.

Levo um tempo para assimilar a informação, devido ao fato de ter sido beijada por minha amiga. Ela me beijou e me dispensou. É louca, uai?

— Te afastou da pessoa que você gosta? Nossa, ainda existem tantas pessoas com mentes fechadas. Que absurdo. — Comento, indignada. — Você é maior de idade, Tati. Como permitiu que te comandem?

— É complicado. Minha mãe sabe bem como manipular os filhos. — Passa a mão pelos cabelos, afastando a franjinha do rosto. — Meu irmão está aqui comigo pelo menos. — Dá de ombros.

— Seu irmão veio para te vigiar? Que absurdo!

Por mais lindo que seja, mesmo tendo a cara de malvado, acabou de perder qualquer chance de reinar em meus sonhos por ser um preconceituoso. Em que mundo essas pessoas vivem?

— Não, não. Natan veio para que eu não ficasse sozinha. Ele sempre apoiou meu namoro com a Ingrid, nunca fez qualquer coisa contra e sempre me acobertava. Só que quando minha mãe descobriu, queria me mandar para cá. Natan só não quis me deixar só.

Idiota que sou, retiro todos os pensamentos negativos que tive anteriormente. Acrescento umas coisinhas boas também.

— É uma pena que se deixe manipular, Tati. — Lamento, sinceramente. — O amor é a coisa mais preciosa na vida de uma pessoa. Eu

sonho com o dia que sentirei isso... — Suspiro. — Mas não entendo... Se é apaixonada por ela, mesmo com tudo isso, por que quis me beijar?

— Ingrid não quer mais saber de mim. — Responde, fechando as mãos em punhos. — Me acha covarde.

— Bem, você está sendo.

— Você tem razão. Talvez eu só deva ir atrás dela, chutar o balde com a minha mãe de uma vez por todas.

Me seguro para ficar calada, afinal, se conselho fosse bom não daríamos de graça. Ela tenta levar a conversa por um caminho mais leve e eu ajudo. Aviso que preciso voltar, pois se logo mais vamos à tal festa, tenho que adiantar alguns afazeres no sítio.

Vestida com uma jardineira jeans de lavagem clara e rasgos nas pernas, arrumo os cabelos soltos e me encaro no espelho. Adiciono um pouco de maquiagem leve; batom rosinha e máscara para cílios. Calço botas de cano baixo e me sinto bonita como há muito tempo não sentia.

Me despeço dos meus avós quando ouço o som da buzina. Cumprimento Felipe e ficamos conversando amenidades do lado de fora do carro, enquanto esperamos Tati.

Vejo antes mesmo que estejam próximos quando o corpo grande,

musculoso e imponente vem andando em nossa direção. Tatiane vem logo atrás. Perco o fôlego, pois ele está maravilhoso usando camisa rosa bebê e calça jeans, nos pés tênis brancos.

— Cabe mais um no passeio das crianças? Minha irmãzinha precisa da babá dela, que vem a ser eu. — Natan diz, a voz escorrendo desdém. Ele para em minha frente e me olha de cima à baixo. — Está linda, trem. — A voz zombeteira me faz querer fugir daqui.

Não havia conhecido esse lado de Natan, e me apavora saber que vai conosco, principalmente com esse humor.

— Meu irmão faz questão de me acompanhar, pessoal, mas ele não vai incomodar. — Tati diz, revirando os olhos. — Vamos?

— Você na frente comigo. — Felipe aponta para Natan. — As moças vão atrás.

Quase beijo Felipe pela ideia maravilhosa de manter Natan bem longe de mim. Graças aos céus por isso! Sigo o caminho inteiro agradecendo e rezando para não continuar sendo lesada perto de Natan, ainda mais que agora sei que não é namorado de Tati. O caminho está livre para pular nele feito uma louca, mas sua própria irmã me avisou que ele não presta.

O perigo é evidente. Também está bem claro quem pode se ferir nessa brincadeira.

CAPÍTULO 5

JASMIM

O caminho até Uberaba é tranquilo. Felipinho é tão gente boa que logo trata de puxar assunto com Natan, que não lhe dá muita confiança. Seu momento de zombaria só serviu para mim. Tati e eu conversamos um pouco, mas percebo que ela está distante, em seus próprios pensamentos. Não questiono, consciente de que o dia já teve bastante emoções entre nós duas. Até me sinto um pouco sem graça depois do beijo, mas saber que ela é apaixonada por outra pessoa deixa a situação mais tranquila. Confesso que tenho curiosidades sobre minha sexualidade. Se fosse de me envolver em uma aventura com uma mulher, e fosse prazeroso, iria aproveitar o máximo. Não que eu me atraia por pessoas do mesmo sexo, mas o beijo que Tati e eu demos não foi ruim.

No entanto, minha mente me leva para outras questões sexuais que andam me atormentando, bem afloradas em meu corpo, principalmente com Natan tão próximo. A atração imediata que senti por ele desde o primeiro momento me espanta. Sinto que há coisas sobre ele na superfície que gostaria de saber, de conhecer, todavia, não ousa me aproximar por ver que ele também se atrai por mim. Não resistiria se ele investisse, então é melhor me afastar. A maior fraqueza é não reconhecer suas fraquezas. Reconheço e fujo para as colinas se preciso, afinal se a própria irmã já me avisou que ele não presta, o que posso esperar dele?

Natan não me pediu em casamento, mas não sou o tipo de garota que

se envolve com os rapazes só por diversão. Gosto de conhecer e namorar, gosto de ser cortejada, sonho com meu príncipe vindo em um cavalo branco. Tolo? Infantil? Bobeira? Tudo bem, não há mal nenhum em achar isso, só que eu não acho. Minha verdade pode não ser a mesma que a de outras pessoas, mas não deixa de ser o que importa para mim.

— Aqui é a tal festa? — Natan pergunta com desdém.

A cidade de Uberaba não é pequena, não é roça e não é um interior cheio de mato. É cidade grande e a festa de rua está animada, e cheia de gente. Natan está sendo soberbo e não gosto nem um pouco disso.

— Aqui parece com o Rio, Natan. Não seja babaca. — Tati retruca.

— Isso aqui tem mulher bonita à rodo! Desculpe se ofendo você, Jasmim. — Felipinho me encara pelo retrovisor.

— Você é o que dela? — Natan pergunta, brusco.

Que homem doido, minha nossa senhora!

Felipinho mal estaciona o carro e eu já pulo para fora, deixando todos de lado quando vejo uma barraquinha de goiabada. Com alguns trocados que trouxe, compro um potinho do doce e coloco na minha bolsa para levar para vovó, que há tempos vem reclamando que vovô não compra quando vai às compras. Queijo tem de sobra no sítio, visto que ela mesmo faz.

— Fugiu por quê? — Ouço a voz de Natan e logo sua respiração toca

meu rosto. — O caipira falou que não tem nada contigo, mas quer. — Há diversão em sua voz e suas mãos tocam minha cintura por trás, o que faz com que me desvencilhe imediatamente.

— Uai, por que você acha que pode me tocar o tempo todo? E tenha mais respeito com Felipinho, chamá-lo de caipira deixa na cara que pensa que também sou. — Acuso, entre dentes.

— Mas você é caipira. Uma caipirinha muito linda, a mais linda. — Ele sorri, sem qualquer vergonha no rosto bonito.

Esse sorriso é uma arma mortal, capaz até de acabar com uma guerra. Sinto meu coração bater forte, e aquele reboço no estômago que já alerta que estou ferrada. Infelizmente para mim, sou uma menina sonhadora e bem safada — pelo visto —, já que não posso ver um homem bonito para já ficar arrastando asa. Deus é mais! Respiro fundo.

— Olha, Natan, você deve se policiar com esses olhares e essa fala mansa aí para cima de mim. Não vai dar certo, de jeito maneira. Já entendi tudo, mas não vai acontecer nada entre nós, porque eu sou moça para casar. — Digo, já ciente que ele vai fugir para bem longe de mim depois do aviso.

— É virgem? Porra...

— Não, não sou virgem. — Trato de consertar antes que fique obcecado e não largue do meu pé nunca mais. — Uai, para ser mulher de família e querer casar tem que ser virgem? Sei disso não! O que quis dizer, é que só me envolvo com compromisso...

— Eu até caso contigo se isso vai me dar uma noite com você. —
Natan diz e sorri ainda mais.

— E depois pede o divórcio? Trem sem vergonha! — Dou um tapa no
braço dele.

Homem safado! Vale nada, não!

— Tudo bem. Não vejo mal algum em aproveitarmos, somos adultos.
Está perdendo a oportunidade de ter a melhor noite da sua vida, Jasmim.

Vem ele com esse *Jaxmim*! É tão lindo e olhá—lo tão de perto ainda
me desconcerta um bocado.

— Não vou aproveitar nada com você. — Respondo, soando firme.

Não é porque meu corpo reage à Natan, que tenho que continuar
abobalhada, com as ideias travadas quando ele está por perto.

— Beleza. Amigos então? — Ele propõe, esticando a mão para que eu
aceite.

Que mal tem? Só que vou viver afim do meu — agora — amigo.
Porém, não é como se Natan fosse ficar aqui em Minas para sempre. Logo
Tatiane e ele estarão voltando para sua cidade e retomando suas vidas. Movo
minha mão até a sua e vejo quando ele sorri satisfeito, antes de me puxar para
o seu corpo e me esmagar entre seus músculos. Ele é enorme e fortão, e me

abraçando assim pareço a *Olívia Palito*. O que só reforça o quanto Natan é errado para mim, visto que ele não tem nada de *Popeye*; ele está mais para o *Brutus*. Me sinto presa tanto pelos seus braços quanto pelo desejo de permanecer aqui. Natan cheira meus cabelos e faz um som que me deixa encabulada com a reação do meu corpo. Então, disfarço e me afasto.

Natan parece atordoado por uns segundos, até que coloca as mãos nos bolsos e dá de ombros.

— Amigos se abraçam. — Justifica.

Já louca para sumir de perto dele, olho em volta procurando Felipinho e Tati. Vejo que estamos rodeados de pessoas e ao mesmo tempo parecíamos ser só nós dois aqui. Isso é loucura.

— Ei! Felipinho me levou no touro mecânico! — Escuto o grito animado de Tati e procuro por ela.

— Ali. Vem. — Natan pega na minha mão e me puxa na tal direção.

Sorrio quando vejo Tatiane toda descabelada e suada. Natan bagunça ainda mais os cabelos dela quando nos aproximamos.

— Você montou no touro?

— Claro! Caí com um segundo. — Conta, rindo, então nossas mãos unidas atraem sua atenção.

— Natan, já te falei para não se meter com a Jas... — Alerta o irmão.

Me sinto incomodada com a situação e tento puxar minha mão. Natan não a libera.

— Tatiane, já te falei para cuidar da sua vida, que aliás estou sendo obrigado a cuidar junto. — Natan sorri com falsa doçura e espera que ela retruque.

— Não estou com Natan ou algo assim, Tati... Ele só me puxou pela multidão...

— Foda-se. — Ele rosna, abruptamente, me assustando. — Vocês estão juntas por acaso? É por isso que está tão preocupada com a boceta dela? — Pergunta à irmã, me deixando horrorizada e fula da vida. Então, me olha quando arranco minha mão da sua. — E você, por isso fica dando satisfações à Tatiane? — Continua, a expressão de contrariedade.

— Seu grosseiro ridículo! Enfie suas palavras no buraco aí, que nem vou dizer o nome! — Grito na cara dele e me afasto, saindo em direção à outras barraquinhas.

Vejo o touro mecânico de longe e busco Felipe com o olhar. Ao encontrá-lo arrastando asa para uma morena escultural com chapéu de cowboy na cabeça, me aproximo sem jeito, mas em busca de evitar que Natan continue próximo.

— Jasmim... — Felipinho fica sem graça quando me vê. Sorrio,

demonstrando que está tudo bem. — Essa é Vaninha, uma amiga que fez o segundo grau comigo.

— Oi, Vaninha. Tudo bem?

Ela me responde com simpatia e nós passamos uns bons minutos conversando, sem sinal de Tati ou o irmão abusado. Felipe monta no touro mecânico e fica evidente que a ex amiga de escola é caidinha por ele. Decido dar uma força e faço elogios ao garoto dos olhos da minha avó, que vai sofrer quando souber que não há chances do seu príncipe se casar comigo. Minutos depois, vejo Tati se aproximando.

— Ei, desculpe o sumiço, estava resolvendo umas coisas com o meu irmão. — Explica o sumiço e, apenas, sorrio em resposta. — Vou lá nesse touro de novo!

Por fim, todos nós vamos no touro e, acredite ou não, sou a única que consegue ficar quatro segundos no bicho.

— É a nossa cowgirl! Toma esse chapéu aqui, garota. — Vaninha coloca seu chapéu marrom sobre minha cabeça, toda orgulhosa.

O tempo na festa é agradável, conversamos, rimos das histórias da senhorinha da barraca de pamonha e comemos de nos fartar. Me recuso a pensar em Natan e perguntar por ele à Tatiane. Sobre perguntar, realmente não faço, mas controlar os pensamentos é impossível. No fim, passam mais de duas horas da nossa saída que seria rapidinha. Todos vamos para o carro de Felipe, até Vaninha, que ele oferece uma carona.

— Meu irmão não está atendendo o celular. — Tatiane diz. — Ele está aqui ainda. Só não sei onde.

— Que enrolação da gota, uai. — Felipinho resmunga. — Vou atrás dele. Vocês fiquem seguras aí no carro.

Esperamos por Felipe quase vinte minutos, e quando ele volta, está sozinho.

— O garanhão estava lá agarrado numa ruiva grandalhona. Disse que vai dormir com ela.

Sinto meu rosto queimar, e consigo compreender o sentimento de ciúmes. Ele estava dando em cima de mim há pouco, não deveria ter mais um tempo antes de sair se agarrando com outra? Que sem vergonha!

Não me importo, embora. Nem sua amiga pretendo ser mais, depois das baboseiras que disse.

— Ah, vó, por que está até essa hora no sofá? Não precisava me esperar. — Lamento assim que ela desperta após chamá-la.

— Senti uma coisa ruim no coração, minha menina. Um aperto aqui. — Suspira, pressionando a palma da mão no coração. — Você fora de casa... Só conseguia pensar numa tragédia. Graças à nossa Senhora Aparecida você

está aqui sã e salva. — Me abraça forte, realmente aliviada.

Medo me invade, pois não é a primeira vez que vovó tem pressentimentos. No entanto, espero que seja a primeira que nenhum mal sucede.

— Está tudo bem, vó. Eu só demorei porque foi divertido lá. Veja só. — Tiro o chapéu e exibo para ela. — Até montei num touro mecânico e fiquei quatro segundos. Por pouco não ganho o prêmio de quinhentos reais e nem sabia que estava valendo! — Rio, para animá-la. — Um moço de Uberlândia ganhou porque ficou seis segundos. Se tivesse segunda colocação, eu ganhava.

— Touro mecânico, Jasmim? Mas que diabo de menina moleque macho! — Protesta ela, mas está se divertindo. — E eu achando que ia dar uns beijos no Felipinho nessa festa.

— Vó, o Felipe encontrou o amor da vida dele lá. Pode esquecer essa coisa. — Alerto, rindo.

— Arrê! Agora mesmo que perco a esperança de te ver desencalhada! Bisnetos então! E eu louca querendo ver esse sítio cheio de molequinho e molequinha macho...

— E a senhora irá ver. — Acaricio seus cabelos grisalhos. — Pode demorar, mas meu príncipe vai chegar e vai ter uns três pimentinhas correndo para cima e para baixo nesse sítio!

— É o sonho do coração dessa velha. Ver você sendo feliz, minha filha. Nós não vamos estar aqui para sempre e eu só quero que você tenha alguém...

Meu coração dói e nego com a cabeça, angustiada.

— Não diga uma coisa dessas. Posso ter uma família gigantesca que nada vai me deixar preparada para perder você e o vô. Chega desse assunto...

— Vem deitar com sua velha e o velho. Igual quando era pichitinha.

Passo à noite dormindo no meio dos meus avós, feliz pelo amor que sempre me deram, mas o aperto no coração não diminui.

CAPÍTULO 6

JASMIM

Depois da festa em Uberaba, passo dois dias focada em minhas coisas. Nos afazeres do sítio, em meus avós e nas crianças.

A forma avassaladora como Natan tomou conta da minha mente me causou desconforto comigo mesma. Senti ciúmes por saber que ficou com uma mulher na festa, que dormiu com ela. A angústia em meu peito não é normal e decidi arrancar isso de mim, dando atenção ao que interessa.

Tatiane, mesmo sendo uma amiga, também está sendo deixada de canto um pouco. Ela é tão autoritária quanto o irmão e não quero estar no meio de uma disputa de braços com os dois.

— Jas, venha aqui! — Ouço a voz da minha avó e já corro apressada em direção ao seu quarto.

— O que houve, vó?

— Calma. Viu um fantasma, uai? — Pergunta, sentada, mexendo em uma sacola de roupas.

Meu coração está saltando descompensado no peito. Desde que teve aquele pressentimento, vivo amedrontada de que algo ruim possa acontecer à ela ou ao vovô. Me sinto sobrecarregada, contudo, não é de afazeres, é por

conta dos sentimentos que se infiltraram no meu coração. Uma angústia tão grande, que não consigo conter.

— Não, vó. Está tudo bem. Desculpe. Fiz pão de queijo. — Comento, mudando de assunto. — Vem tomar café.

— Acordou cedo demais para não deixar eu fazer nada. Estou velha, mas não invalida, uai, pode parando de bobagem.

— Pare de reclamar. — Aperto sua bochecha rechonchuda e ela me dá um tapinha, brincando.

— Olha. Achei essas roupas suas de quando era moleca. — Aponta a sacola, me levando a vislumbrar o que tem dentro.

Sorrio quando ergue um vestido de poá, vermelho com bolinhas brancas, de alcinhas e lacinho na cintura. Perdemos um bom tempo vendo algumas roupinhas e lembrando da infância. Separo as peças que estão com a qualidade boa e dobro tudo bonitinho, colocando em outra sacola em seguida.

— Vou deixar na escola, vai que tem alguém precisando? — Aviso à vovó.

Ela sorri, orgulhosa.

— Tudo bem, filha. Vamos tomar café, e aí você vai levar suas crianças.

— Eita nós! — Exclamo ao ver a hora no relógio de parede da cozinha. — Estou atrasada dez minutos, não vou conseguir chegar na casa da dona Inês indo à pé. Vou me adiantando agora, vovó. De bicicleta.

— O seu café, menina!

— Na volta eu como. — Aviso, já saindo da cozinha.

Calço uma rasteirinha de tiras às pressas e quando levanto me deparo com minha vó cheia de pão de queijo na mão.

— Toma!

— Vó, eu vou de bicicleta! Não tem como ir comendo, na volta eu...

— Eu te levo, trem.

Não consigo ter reação quando escuto a voz de Natan. Estou alucinando, tenho certeza. Não tem qualquer motivo para ele estar aqui no sítio, muito menos uma hora dessa.

— Vai, menina! — Minha avó me empurra de leve, me despertando para a vida.

Minhas mãos estão cheias de pão de queijo e ela entra, me deixando com... Não, era alucinação. Enfio um pão de queijo na boca e me viro. Só para me engasgar, vendo que o peste está aqui mesmo, na minha frente. Como se não fosse suficiente, está usando um macacão estilo jardineira

masculino, sem camisa por baixo, exibindo os músculos suados e a pele morena. Natan está de boné na cabeça, me encarando com a sobrancelha arqueada, esperando.

— O que você está fazendo aqui?

— Ouvi você dizendo que estava atrasada. Vamos para o carro e lá te explico.

— Eu não vou com você.

— Me dá um desse aí. Estou cheio de fome. — Na maior cara de pau, ele se aproxima e pega três dos meus pãozinhos. — Vamos.

Natan sai andando e pondero o que fazer. Vencida pela curiosidade, o sigo. Ele não está no sítio à toa, uma vez que vovó o viu e ainda me deixou para pegar carona com ele. Há algo que não está cheirando bem e quero saber direitinho. O veículo é uma caminhonete 4x4 cinza, muito bonita e grande. Ele abre a porta do carona para mim e sinto seu cheiro assim que me acomodo. Bancos de couro, painéis digitais, coisa de última geração. Fico curiosa com tudo, mas não sou nenhum bicho do mato e sei que tudo isso existe, em Uberaba há vários desse, só nunca vi o interior. É a primeira vez que entro em um carro assim.

— Música? — Natan pergunta, dando partida.

— Não. Eu quero saber o que você estava fazendo lá no sítio, uai.

— Uai. — Imita e ri consigo mesmo.

Reviro os olhos. Faça—me o favor!

— Estou dando uma moral ao seu avô desde ontem lá no sítio. O coroa fica fazendo tudo sozinho. — Nega com a cabeça. — Ontem estive lá na hora que você estava fora. Ele foi meio arisco e não queria ajuda, hoje já está mais tranquilo comigo.

Meus avós não comentaram nada comigo, então ainda fico desconfiada.

— Por que eles não comentaram nada comigo?

— Sei lá, ué. — Dá de ombros. — Eu só sei o caminho até aqui, que foi onde te encontrei aquele dia que a van ficou ruim, aliás, de nada. Era só um fio solto na bateria.

Fico sem jeito, realmente fui muito mal educada aquele dia. Sequer lembrava disso e nem o agradei.

— Obrigada. — Corrijo minha atitude e indico o caminho certo.

Termino de comer os pães de queijo que faltavam. Não demora a chegarmos na fazenda da dona Inês e faço menção de sair.

— Você aceitou ser minha amiga e está toda arisca. — Acusa, me fazendo recuar.

— Aceitei ser sua amiga antes de você agir feito um babacão. — Retruco, emburrada. — Olha, estou atrasada. Nem sei que horas são, mas sei que perdi bons minutos. Obrigada por me trazer.

— Tatiane fica mijando em cima de você o tempo todo. Achei que estava rolando algo... — Me encara, os olhos negros intensos, prendendo minha atenção. — Vamos esquecer isso.

— Depois a gente conversa, Natan. Estou atrasada demais da conta. — Digo, convicta, e destravo o carro antes de pular fora.

Consegui chegar na escola faltando alguns minutos do tempo de tolerância encerrar. As crianças me distraíram durante o caminho, contando sobre suas peripécias com os pais e — alguns — com irmãos. Embora, Grazi manteve-se calada, sempre olhando pela janela. Queria ter tempo de conversar com ela, mas não tive.

Volto para o sítio com receio de encontrar Natan. Ele me desestabiliza, não consigo entendê-lo de forma alguma. Para piorar, não consigo me entender quando se trata dele. É ridículo parecer uma boba por uma pessoa que vi poucas vezes, uma pessoa que até agora só demonstrou ter de bom a beleza. Não estou julgando, só dando ênfase a minha loucura de me sentir tão abobalhada quando o vejo. Esse desejo desenfreado que me consome, os pensamentos impróprios. Isso é, apenas, novo para mim e me confunde, me amedronta. Sempre esperei meu príncipe encantado chegando

montado em um cavalo branco. Sempre quis romantismo, flores, amor. Natan não me parece ser esse tipo.

Deixo a van na fazenda de dona Inês e me despeço, pronta para voltar caminhando para o sítio. No entanto, ouço galopes de cavalo e quando o vejo, meu coração dispara. Natan vem sobre o cavalo preto de pelos bem cuidados e brilhantes, está sem camisa e os músculos parecem mais bronzeados do que há pouco. Ele usa um boné na cabeça e para a poucos metros de mim.

— Não deveria ser um chapéu de cowboy? — Pergunto, me referindo ao boné.

Natan me responde com um sorriso lindo e dá de ombros.

— Bem, é o que você tem para hoje. Um cara no cavalo negro, usando boné.

Engulo em seco e suspiro. Nada de príncipe encantado no cavalo branco. Contudo, ele veio me buscar e, apesar, de tudo, aprecio que se preocupou em me trazer e voltou. Aprecio mais ainda que esteja preocupado com meu avô trabalhando sozinho. Pensando agora com calma, isso toca meu coração. Preciso saber com meus avós o que, realmente, está acontecendo para Natan estar pelo sítio mais cedo.

— Vai subir ou vamos ficar aqui sob esse sol de rachar crânio?

Sorrio, pois seu termo foi engraçado e seguro na sela, firmo um pé no estribo e logo me ajesto, jogando a outra perna para montar. Natan me ajuda,

puxando-me para cima.

— Segure em mim.

Reviro os olhos.

— Estou acostumada, não preciso te agarrar, seu trem.

— Ah é? — O desafio é evidente em sua voz, quando me olha sobre o ombro vejo o sorrisinho de lado, descarado. — É melhor segurar, magrela.

Ergo o braço para lhe dar um tapa, mas ele afrouxa o arnês e o cavalo começa a cavalgar apressado. Ele está indo rápido de propósito. Me seguro com as pernas na sela de couro, prendendo-me no corpo do bichão, os pés firmes nos estribos. Seguro com as mãos no couro da sela, mas não dou o braço à torcer para Natan. A sensação de felicidade e paz que sinto sempre que monto sozinha me invade. O vento no rosto, o sol quente na pele, a sensação de ser livre.

— Você sente isso? — Grito para que ele me escute.

Natan não diz nada, só dá de ombros.

— Você se sente livre, em paz? Essa sensação de ser agraciado pela natureza, por Deus? — Pergunto, mesmo que ele não pareça à fim de responder. — Nós somos abençoados de ter isso tudo!

Ele puxa a corda, fazendo o cavalo se empinar todo; e eu ser obrigada

a segurá-lo pela surpresa.

— Porra, eu não queria que ele fizesse isso. Eu só...

— Você é um idiota! — Bato em suas costas.

Não penso muito, me ajusto e salto do cavalo.

— Sobe aqui, Jasmim. Caralho, foi mal...

— Você não tem limites!

Eu poderia ter caído do cavalo, e tudo para ser obrigada à agarrá-lo, pelo amor de Deus?

— Você acha que fiz isso para você me agarrar? Não foi isso, acredite. — Tira o boné, passa a mão pelos cabelos curtos e coloca de volta no lugar. Desce do cavalo e para na minha frente. Até penso em sair andando, mas a intensidade dos seus olhos, e não com malícia dessa vez, me faz parar. — Você falou sobre paz, sobre Deus, sobre liberdade... — Suspira e coloca as mãos em meu rosto, segurando-me quase sem tocar realmente. — Eu não sou livre, Jasmim. Também não tenho paz e não acredito em Deus. O engraçado é que com você atrás de mim, achei que tinha sentido algo parecido com o que descreveu. Sinceramente, não lembro de ter sentido essas coisas algum dia.

Fico sem palavras, pois a realidade do que ele expõe parece cruel. Ele não sente paz? Quem vive feliz sem paz?

— Por que não sente paz? Como não acredita em Deus? Você está aqui. Ser livre só depende de você... — Murmuro, baixinho, sentindo-me angustiada só de imaginar alguém vivendo dessa forma.

Preso ou aprisionado?

Por quem?

Por si mesmo?

Natan se afasta, me encarando com estranheza.

— Vamos, vou te deixar no sítio. — A expressão azeda deixa claro que não quer mais conversar.

Olho onde estamos e vejo que não há necessidade de impor minha presença, visto que ele se sente mal, talvez por ter se mostrado vulnerável, e também em poucos passos chego na porteira do sítio.

— Estou bem. Vou andando. Obrigada por ter me trazido, Natan.

Ele tensiona a mandíbula, contrariado. No entanto, não insiste e me sinto melhor assim. Monta o cavalo e nem olha para trás antes de partir. Suspiro, sentindo como se uma tonelada tivesse caído sobre minhas costas. Uma energia tão ruim.

Caminho, aproveitando para dissipar essa sensação negativa. De nada

adianta, chego em casa e comprovo com vovô que a versão de Natan para estar no sítio é verdadeira, as intenções já não sei se são também.

CAPÍTULO 7

JASMIM

— O moço bonito não voltou mais. — Vovó comenta enquanto estamos todos à mesa, tomando café da manhã.

— Moço bonito? Que prosa é essa? — Vovô protesta, enciumado.

— Ora essa! Fiquei cega agora?

— Não, ficou assanhada mesmo! Se apruma, velha...

Permaneço em silêncio, escutando a discussão boba e corriqueira que procede. Entretanto, suspiro aliviada pelo foco mudar, e o assunto sobre Natan ter sumido por quatro dias esquecido — por hora. Vovó e vovô se acostumaram com ele, disseram que é um mandão, calado, que só se impôs e começou a trabalhar. Sr Mário odiou o intruso no primeiro dia, uma vez que praticamente tomou a enxada das mãos dele e se pôs a trabalhar no lugar do meu avô, todavia, depois apreciou o gesto, ciente de que ninguém já se dispôs a ajudá-lo aqui no sítio. Dona Nice foi levada pela beleza, parece que o magnetismo de Natan também teve efeito nela. Depois passou a puxar saco por ele estar ajudando seu velho. Claro que quando me deram os detalhes, apreciei tudo, mas não consegui tirar da cabeça a última interação que tivemos. A forma como pareceu estar fugindo de mim quando foi embora. Sem contar como fez o cavalo empinar bruscamente.

Não sou tola, percebo as coisas, há algumas pessoas que são fáceis de ser lidas. Natan não é uma delas. Ele é uma incógnita. Porém, aquele dia consegui perceber que há algo que o entristece, pois deixou claro que não sentia a liberdade que mencionei sentir. Não acredita em Deus. Como é possível viver assim? Aprecio tanto a natureza, tenho tanta fé na vida, em Deus, que é difícil crer que há pessoas que vivem vazias, sem acreditar nEle, sem apreciar as obras dEle. Não sou religiosa, vou poucas vezes à igreja, mas para mim não há prova maior de que existe uma força, alguém que nos ama tanto ao ponto de nos dar um lar tão lindo, que é a Terra.

— Jasmim Maria? Por onde você andou viajando, menina? — Ouço o chamado de vovó e sorrio, disfarçando o turbilhão de pensamentos que rondam minha mente.

— Pensando nas crianças. — Minto. — Hoje não tem aula, mas coloquei na cabeça que vou até a casa de Grazi. Essa semana ela apareceu com o olho roxo. Disse que caiu. Machucar o olho, vovó? Realmente estou preocupada com a princesinha.

— Minha nossa senhora! Será que é a madrasta? Sou capaz de matar um ser que judia de criança! Traz a bichinha que eu crio com todo amor do mundo...

— A lei não funciona assim, vó. — Encolho os ombros. — Há tanta maldade que vemos por aí, mas se for a madrasta, irei alertar o pai dela, pelo menos. Vou mostrar ao homem a tia que a pobrezinha tem. Até posso me oferecer para cuidar dela enquanto ele trabalha. Tudo, menos a Grazi sofrendo maus tratos.

— Tenha cuidado em que vai se meter, Jasmim. — Vovô adverte, preocupado. — Vou lá regar a horta, aproveitar que está fresco. Não tem sol para queimar as plantas.

— Vou com o senhor.

Levantamos e, após beijar minha avó, deixamos a casa. Nos surpreendemos assim que saímos da varanda, de longe vemos Natan sem camisa, com um chapéu marrom na cabeça, consertando a cerca. Meu coração salta no peito e borboletas saltam vôo em meu estômago. Que homem lindo da peste! A pele morena em contato com o sol fica ainda mais atrativa, da cor do pecado. Começo a pensar coisas, que imediatamente trato de parar, lembrando de vovô ao meu lado. Caminhamos até ficarmos sob o pé de manga onde Natan está.

— Bom dia, rapaz. — Vô Mário cumprimenta, assim que ele ouve nossos passos e vira.

Perco o fôlego com a visão de Natan com chapéu de cowboy. Ele sorri para o meu avô, sem mostrar os dentes, e acena com a cabeça, logo virando sua atenção para mim. Coloca a mão sobre o chapéu e tira, fazendo uma medida ao abaixar—se rapidamente. Chega me dá uma gastura! Meu pai do céu!

— Agora estou com o chapéu certo, Jasmim? — Pergunta, me fazendo lembrar que na última vez fiz uma brincadeira por ele estar usando boné.

Bom, ele fica lindo de qualquer jeito.

— Sim. — Minha voz sai ridiculamente melosa, fazendo com que ele sorria abertamente.

— Foi mal pelo sumiço, coroa. Minha irmã pegou uma gripe e fiquei de olho nela. — Justifica.

— Tati está bem? — Pergunto, preocupada.

— Sim, ela só é frouxa e quase morreu por causa de uns espirros. Se quiser, te levo lá para vê-la quando acabar aqui.

— Melhoras para ela. Enquanto vocês ficam de prosa aí, vou lá molhar a horta, aproveitar o dia fresco.

— Eu... Vou limpar o galinheiro.

— Já limpei. — Natan diz, mantendo o olhar firme em mim, agora sem qualquer diversão enquanto vovô se afasta. Ele se aproxima e toca minha trança, jogada pelo ombro. — Eu quero você. Por que reluta?

Arregalo os olhos e me sinto uma tonta. Natan é tão intenso, cru. Sua sinceridade e esse olhar predador me deixam tão excitada, que é difícil agir com qualquer resquício de coerência.

— Natan... Eu sou uma mulher que sonha com um príncipe chegando

num cavalo branco. Isso te diz o que estou esperando em um relacionamento.

— Não sou um príncipe. E como você já constatou, meu cavalo é preto. — Natan sorri, perspicaz, os olhos presos nos meus lábios, enquanto sussurra: — Mas eu fodo gostoso, e estou louco para te mostrar.

Vergonhosamente, gemo, na frente dele. Não consigo evitar, tampouco evito fechar os olhos para imaginar a cena. “Eu fodo gostoso...” Meu rosto está queimando, e sei que não é de vergonha. Estranhamente, Natan é como uma máquina de me deixar excitada. Tanto pela aparência, o jeito brusco, como pela sinceridade e crueza das palavras. Ele sempre deixou claro que me queria, até consegui desviar o foco na festa em Uberaba, garantindo que seríamos amigos, o que foi um fracasso.

Queria ser essa mulher livre, solta, que iria ficar bem depois de transar casualmente. Eu acho que até ficaria, mas não com Natan. Se o modo que meu coração salta e as borboletas alçam vôo em meu estômago indicam algo, é que já tenho uma paixonite à primeira vista por ele. Não seria sábio de minha parte cair na armadilha de me envolver sexualmente e ficar perdida de vez. Lembro-me que ele não mora aqui, que logo irá embora. Aprecio que não me iluda, que deixe claro que sua intenção é só sexual, mas se sua sinceridade me atrai, devo aproveitar para seguir o exemplo e ser sincera comigo mesma. Natan é perigoso. Eu me apaixonaria por ele em dois tempos.

Abro os olhos e me deparo com seu rosto quase colado no meu, os olhos ainda mais escuros do que o normal, o vinco entre as sobrancelhas e narinas dilatadas, indicando que está excitado também. Não consigo me segurar e olho por todo o seu corpo. Visualizo o peitoral definido, com o

brilho do suor, minha vontade é de arrastar minhas unhas por sua pele. Então, através da calça de moletom que ele está vestindo, vislumbro a “barraca armada”. Ele está duro e seu pênis é grande, grosso também.

— Natan, eu... Eu... — Respiro fundo, lembrando da sinceridade dele.
— Olha, gostaria que me... Que me fodesse. — O palavrão sai arrastado, enquanto faço uma careta por não ter hábitos de usar esse tipo de termo.

Natan é quem geme agora, um som másculo, rouco, que tem ligação direta com minha intimidade, que lateja por ele. Meus seios ficam pesados, precisando de uma atenção. Respiro fundo novamente. Deus! Ele segura meus ombros com brutalidade e fico chocada quando percebo que está prestes a me agarrar.

— Não! Meus avós! — Tento empurrá-lo, mas nem se move, no entanto, suspira e descansa a testa na minha. — Eu não dei consentimento, desculpe, meu raciocínio está lento e acabei finalizando a frase de um jeito que te levou a entender outra coisa. — Me justifico, agoniada com o contato, com sua proximidade, por ele. — Quis dizer que gostaria, mas não posso. Tenho medo de me apaixonar, Natan.

— Se apaixonar por mim? — Ele ri sem qualquer humor e se afasta, me encarando com seriedade. — Você é uma mulher linda, me atrai em todos os sentidos. Sua beleza e espontaneidade, essa expressão de felicidade real... Nada de jóias, maquiagens, roupas caras. Você é só você, um trenzinho lindo, que invadiu meus pensamentos. A perigosa dessa história aqui é você.

— O que? — Pergunto, sem entender se é uma ofensa depois dos

elogios.

— Perigosa porque é mais fácil eu me apaixonar por você. — Sorri, dessa vez é um sorriso lindo, sincero, que o deixa lindo, e passa o dedo por minha bochecha. — Não há nada que a leve a se apaixonar por mim, acredite. Eu sou tudo, menos apaixonante.

Não consigo pensar em nada para respondê-lo. Se ele se tem em tão baixa conta consigo mesmo, imagine o que eu devo pensar? Em vez de críticas, me entristeço, toda a excitação se esvaindo e dando lugar ao desejo de ajudá-lo a amar a vida, a se amar.

— Você está ajudando o meu avô, de bom grado. Veio para cá com sua irmã para que ela não tivesse que ficar sozinha. Protegia o namoro da Tati. — Comento as boas ações que tenho conhecimento. — É uma boa pessoa, Natan. Qualquer um poderia se apaixonar por você.

Natan se afasta ainda mais, cerrando os olhos, me encarando como se não dissesse grande coisa.

— Bom, vou terminar de cuidar da cerca.

Estupefata com a maneira brusca que me ignora, vejo se virar e focar sua atenção no rolo de arame que está no chão. Percebo que providenciou arames para arrumar nossa cerca que está precária. Aprecio mais uma atitude dele. Entretanto, respeito seu espaço e me afasto, deixando-o trabalhar e caçando algo que o tire da minha mente.

Cuidando do galinheiro, ser atacada por uma galinha choca, me distrai bastante.

Parada em frente a casa de Graziela, não sei se devo pular o muro e procurar algo suspeito ou se chamo. Tenho medo de ser acusada como uma invasora, mas também temo que a madrastra me impeça de falar com o pai da menina. Faço uma prece à Deus para que me guie a fazer o certo. Suspiro e toco a campainha. Ninguém atende e depois de longos minutos de espera, pulo o muro, agradecida por ter buracos nos tijolos que permitiram que eu subisse tranquilamente. Arrumo minha roupa e caminho pelo cantinho do muro, mas de olho nas janelas, em busca de qualquer movimento que possa ver através das mesmas.

Vejo um vulto passando por uma e me aproximo, constatando que é Núbia, a tia. Para o meu horror vejo seu rosto completamente machucado. Bato no vidro da janela, chamando sua atenção e ela arregala os olhos e corre para outro cômodo. Continuo batendo, com o coração acelerado. O que está acontecendo nessa casa?

Não obtenho qualquer resposta e, juro por Deus, que se não houvesse trinco na janela, invadiria a casa. Só me resta recuar, me acalmar e abordá-la quando passar o final de semana.

Derrotada, me afasto e saio do terreno. Monto na minha bicicleta e pedalo por quase uma hora para colocar as ideias no lugar.

CAPÍTULO 8

JASMIM

Uma semana passa sem que eu tenha notícias de Grazi ou sua tia. Todos os dias na hora que parei a van para esperá-la, ela nunca veio. Meu coração está apertadinho, com medo do pior. Mil teorias se formaram em minha cabeça e nenhuma delas fez qualquer sentido; ou me deixou tranquila.

Não tive mais contato com Natan, pois passou a me ignorar. Mesmo vindo todos os dias cedinho ajudar o meu avô, não se aproximou de mim. Por mais que tenha tido vontade de puxar conversa, fiquei na minha, visto que minha mente está uma confusão. Não vi mais Tati e isso me preocupou um pouco, ao ponto de querer perguntar à ele, porém, não dei o braço a torcer.

À noite, após meus avós dormirem, saio do meu quarto e vou até o quintal. O céu está sem estrela alguma, está frio e promete chuva para amanhã, que é domingo. Sento no primeiro degrau que separa a varanda da extensão de terra e nem me surpreendo quando vejo Natan se aproximando. Ele tem essa mania de aparecer do nada.

— Ei. — Ele diz, sentando ao meu lado.

— Lembrou que sabe falar? — Retruco, mau humorada.

— Eu quero transar com você, o que você não quer. Só te dei espaço para não ficar sendo insistente. — Dá de ombros, como se não fosse nada

demaís o que acabou de dizer.

Essa sinceridade quase me mata!

— Então aprendeu a lidar com sua... Sua vontade?

— Não. Continuo querendo te comer. — Me encara, sorrindo de um jeito tão descarado.

Essa semana foi tempo suficiente para eu pensar que seria muito bom me dar a oportunidade de ter essa experiência com Natan. Há tantas mulheres que fazem sexo casual e fica tudo bem. O problema é comigo, sou simples, sonhadora, nunca tive esse tipo de vivência. Temo me apegar demais. Já me pego pensando em Natan o tempo todo, sentindo falta desse sorriso cretino e a sinceridade crua. Imagina depois de transar?

— Estou preocupada com uma coisa vem acontecendo. — Acabo soltando, talvez pelo peso de guardar só para mim. — Há uma garotinha que levo para a escola. Ela sempre aparece com machucados... E eu...

Não consigo controlar o choro, lembrando da impotência por não poder ajudar, de não saber — de fato — o que está acontecendo. Para a minha surpresa, sou acolhida em braços fortes e um corpo quente. Natan me puxa para si, me levando para seu colo e me sinto uma garotinha boba, porém, não consigo evitar a sensação de conforto que sinto.

— Calma. Respira. Não precisa falar algo que não te faz bem.

Não quis dividir com meus avós, não quis deixá-los aflitos. No entanto, me pego contando tudo para Natan. Porque mesmo que não me faça bem, me sinto com menos um peso nas costas por estar dividindo. Talvez ele nem vá se lembrar disso, nem vá guardar, mas só de expor, me alivia um bocado.

— Merda, Jasmim! Você foi muito inconsequente. Se quem as agride te visse lá e fizesse o mesmo contigo? Porra! — Natan esbraveja após ouvir que meu relato.

— Não grita. Shh! — Peço por conta dos meus avós e saio do seu colo, me ajeitando novamente no degrau.

— Inconsequente, porra. Sabia que há homens, mesmo pais, que espancam filhos, que batem nas mulheres? Até matam! Você brincou com uma realidade horrível que existe no mundo. Poderia estar com o psicológico ferrado agora. — Sua voz não acalma, mesmo tendo diminuído o tom.

— Eu não pensei e não faria diferente, uai! Há uma criança vivendo uma coisa que não era para estar vivendo. Uma mulher...

Natan leva um tempo em silêncio, olhando para longe. O vinco entre suas sobrancelhas presente, mandíbula apertada e as pernas balançando demonstram a inquietação dos pensamentos.

— Vamos fazer o seguinte. Sou formado em direito, não exerço a profissão, mas entendo de leis. Vamos supor que o pai da menina é o agressor, a lei ainda dará respaldo para que a situação seja provada. Ou seja, à

princípio vai partir da tia denunciá-lo e por algum motivo, ela o protege. Talvez por ameaças, medo, ou até mesmo pela criança. Consegue me entender? — Explica pacientemente.

— Não sabia que é advogado... Eu... Entendo. Você quer dizer que sem provas, elas vão continuar nas mãos dele...

— Exatamente. Nós teremos que entrar lá, conversar com a tia, mostrar apoio e incentivá-la a denunciar. Se virmos hematomas, tiraremos fotos sem que percebam e denunciemos mesmo que ela não aprove.

Um nó enorme se forma na minha garganta ao perceber que ele quer me ajudar.

— Você não precisa...

— Você que não devia. — Me interrompe, com a voz branda. Se aproxima de mim, admiração evidente em seus olhos e feições. — Não é qualquer pessoa que faz isso por alguém que não conhece, sabia? Você não faz ideia do tanto de crianças que passam por isso e o quanto estariam livres se outros adultos não fossem omissos. Eu vou contigo até o final nessa, Jas.

Fico sem palavras, sentindo uma angústia grande por Grazi e por qualquer criança que viva esse tipo de situação. Não sei porque, mas eu sinto angústia por Natan. Trato de afastar isso da mente, uma vez que não há qualquer sentido. Aqui, eu começo a admirá-lo como ser humano, enxergando nele uma pessoa com um lindo coração. Alguém ruim não se prestaria a isso.

— Nunca vou conseguir te agradecer por isso.

— Isso não é sobre agradecimentos. — Ele me corta e sua mão áspera toca meu rosto, em uma carícia sutil. — Você é linda. Ilumina a noite mais escura, sabia?

— Não sabia. — Sorrio, envergonhada.

— É como se me puxasse. Eu quero parar de te perseguir, mas você não sai dos meus pensamentos. Quando vejo, já estou aqui.

— É porque não há outras mulheres a sua volta por aqui. Você só tem me visto. Ah, e aquela que você dormiu no dia da festa. — Faço uma careta ao lembrar.

O polegar de Natan mexe para um lado e outro em meu rosto, a mão apoiando meu queixo. Eu quero muito beijá-lo agora.

— Não dormi com ela.

— Ah, imagino que o que menos fizeram foi dormir mesmo, seu trem sem vergonha! — Acuso, tentando me afastar do seu carinho.

Natan gargalha e me segura pelos ombros.

— Vai acordar meus avós com essa risada, Natan! — Reclamo.

— Eu não dormi com ela. Não fodi e nem nada. Achei errado estar com ela pensando em você. Nunca tive em quem pensar com minhas... Com outras antes, mas com você entranhada em mim, não sei como será agora.

Vergonha na cara eu não tenho porque acho isso muito bom.

— É melhor você arredar para sua fazenda. — Digo, sem tirar os olhos dos dele.

— Me dê um beijo e eu vou.

Aproximo nossos rostos e beijo sua bochecha. A expressão dele é impagável.

— Na boca, Jasmim. Quero que você chupe minha língua bem gostoso. Eu vou imaginar como seria se fosse o meu pa...

— Para! Chega! — Interrompo, me sentindo quente em todas as partes.

Sinto meus seios pesados, doloridos, a intimidade começando a umedecer e latejar. Natan segura meu queixo e aproxima nossos rostos, deixando o nariz colado no meu. Não consigo me mover ou impedi-lo. Nem minha voz sai.

— Adoro falar putaria para você porque seu corpo reage. Se eu tivesse a chance de trepar com você, iria ficar falando cada coisa gostosa no seu ouvido. Acho que faria você gozar só com minhas palavras, trezinha. —

Sussurra cada palavra sem tirar os olhos dos meus.

— Me beija. — Peço, totalmente inebriada.

Nossos lábios se tocam sem pressa e um choque percorre todo meu corpo. Entretanto, antes que algo mais aconteça, ouvimos a voz de Tati gritando pelo irmão. Nos afastamos rapidamente e fico sem reação.

— Ah, vai se foder, cara. — Natan lamenta, fulo da vida. — Isso é um sinal que você vai desgrçar a minha vida, que é para eu correr que é cilada. — Brinca, finalmente voltando a me olhar.

Estou frustrada, mas rio. Justamente quando decido sair do muro!

— Não vai ver o que ela quer? — Pergunto.

— Você não tem irmãos. Se não saberia que eles só existem para foder a nossa vida. Ela tinha que ser afim justo de você?

— Ela não é afim de mim. Tati disse que ama uma menina, que você a apoiava e tudo, que a mãe de vocês... Bom... Enfim. Nós só demos um beijo.

Me arrependo de citar isso na mesma hora, pois sua expressão muda para chocada e logo ele levanta, evidentemente irritado.

— Vocês se beijaram?

— Sim. — Mantenho a verdade, afinal não tenho motivos para mentir.

— Porra... Você beijou a minha irmã...

— Em minha defesa, ela me beijou. — Esclareço.

— Vou em casa ou vou acabar falando uma merda agora. — Grunhe, passando a mão pelo rosto.

— É melhor mesmo. Não vou aturar mais desaforo seu.

Natan me fuzila com os olhos, raivoso. Quando penso que irá para fazenda, ele volta e nem percebo como vou parar de costas no assoalho de madeira da varanda. Natan monta em mim e antes que sua boca se choque contra a minha, ele balança o quadril em minha intimidade, roçando o membro ereto e me fazendo gemer. O beijo não começa com um toque sutil como o que seria antes, ele simplesmente avança sobre mim de todas as maneiras. O beijo é avassalador, as mãos passeiam por minhas costas, braços, cabelo e bumbum. Mal consigo assimilar, só sinto o rastro de fogo que vai deixando, o desejo de querer mais. Agarro seus braços fortes, retribuindo, querendo mais.

Me sinto mulher, desejosa, ferosa, querendo tirar nossas roupas aqui mesmo. Me sinto viva, acesa, como se chamas me consumissem. Sua língua não dá trégua, serpenteando dentro da minha boca, brincando com a minha. Natan morde meu lábio, chupa minha língua e move o quadril, fazendo uma fricção deliciosa.

— Natan!

O grito de sua irmã novamente é escutado e, dessa vez, ignorado por ele, que não para, não se afasta e nem dá trégua até que o ar nos falte. Natan encosta a testa na minha e sorri de um jeito que não gosto.

— Agora você beijou os dois, pode fazer comparações e decidir qual é o melhor. Se quiser outras coisas, vou te lembrando que só eu tenho um pau. Então as comparações não serão muito justas.

O empurro de cima de mim, o que obviamente não surte qualquer efeito, devido ao seu tamanho e força. Todavia, ele respeita meu desejo e levanta. Sinto meu corpo tremendo pela excitação que me causou, o desejo louco e, agora, de ódio. Como pode ser tão idiota? Mudar de alguém que eu estava admirando tanto para esse babaca?

— É sério, Natan. Você acabou de deixar escapulir a chance de eu ser alguém legal com você. — Afirmo com a voz calma, levantando e ajeitando meus cabelos.

Não o encaro, viro as costas e caminho em direção a porta que dá acesso a minha casa.

— Aqui estão vocês! Sabia que você estava aqui! — Escuto a voz de Tati e me viro para vê-la.

Ela sorri e vem me abraçar.

— Que saudade, amiga!

— Também senti. — Retribuo, ainda perturbada com os acontecimentos com seu irmão.

— Nate, vim te procurar porque preciso muito da sua ajuda agora.

Continuo evitando o contato visual com ele. Prefiro assim. Estou muito chateada com o que foi dito.

— Se você parar com o agarramento podemos ir embora. — Natan diz, cheio de arrogância.

Tatiane faz uma careta, sem entender nada. Procura algo em minha expressão e nega com a cabeça.

— Amanhã venho te ver, amiga. Eu sumi porque estava precisando de um tempo só para mim. — Tati justifica e só assinto com a cabeça.

Me despeço e entro, sem me preocupar em vê-los saindo.

Pelo menos serviu para eu pensar melhor à respeito de Grazi. Preciso ser cuidadosa quando for agir. Porque eu vou agir. Não há chance de deixar a menina e a tia vivendo dessa maneira.

CAPÍTULO 9

JASMIM

A noite passada foi horrível. Além da aflição por Grazi, ainda tive que lidar com as sensações que Natan me causou. Diferente de tudo o que já senti com meus ex namorados. Principalmente a raiva dele — e de mim mesma, por ter cedido para depois ouvir ladainhas de sua boca.

Porém, não me arrependo de tê-lo beijado, embora seja um trem bruto, o sujeito é um ótimo beijador. Me deixou de pernas bambas e com o cérebro mole. Tenho certeza que nem em dez anos, terei esquecido a sensação que me causou. O que é bom, pois será a única lembrança do beijo daquele bastardo, uma vez que não quero vê-lo nem pintado de ouro na minha frente.

— Está bufando porque, Jasmim? — Ouço a voz da minha avó e percebo que estou com uma carranca terrível à mesa.

Sorrio, para disfarçar.

— Pensando, vó. Cadê o vô?

— Já está trabalhando. O bonitão chegou cedo hoje, nem tinha clareado o dia ainda. Será que tem namorada? Aquele corpão todo deve estar precisando gastar energias. — Comenta, como se não fosse nada demais.

— Vó! Por Deus! — Repreendo.

— Larga de bobiça, menina! Se fosse eu juvenzinha já estava presa naquele corpão!

— Vêia sem *vergooooonha*, minha nossa senhora! — O grito de vovô me causa um sobressalto, mas minha avó só ri.

— Não foi assim que te conquistei? Te seguindo pelo sítio do meu pai? — Ela lembra e ele sorri, como se lembrasse perfeitamente.

— Bem, já está na minha hora. — Aviso, encarando o relógio de parede na cozinha.

Me despeço dos meus avós, beijando seus rostos e me apresso a sair do sítio, sem olhar para os lados, visto que minha avó informou que o demônio de olhos pretos está aqui.

O dia está nublado, a chuva que se pronunciou ontem ainda não caiu, mas é visível que de hoje não passa. Estou usando uma camisa xadrez vermelha de botões e mangas compridas, calça jeans e botas de cano médio. Caminho até a casa de dona Inês, como faço todos os dias. Ao chegar, converso por poucos minutos com ela e saio, dirigindo a van.

Todos os alunos vem, exceto Grazi, mais um dia. Isso murcha minha esperança mais ainda. Não faço ideia do que está acontecendo, não tenho entendimento de leis e não sei como agir. Natan me disse algo que vou levar em consideração, pois ele mesmo garantiu que entende do assunto, mas

confesso que havia me redobrado as esperanças a consciência de que ele iria me ajudar. Afasto esse pensamento, ouvindo a tagarelice de Yasmin — minha quase chará, como ela mesmo insiste em dizer.

— E o meu aniversário será da Moana! Porque eu sou a cara dela... Minha mãe que disse! — Exclama, animada.

— Você vai me convidar para sua festa? — Milena, a ruivinha, questiona.

— Vou convidar todas as meninas!

— Eu não queria ir mesmo nessas coisas de menininhas! — Matheus, o loirinho reclamão, rebate.

— Que isso, Yasmin? Convide seus colegas meninos também. — Digo à ela. — Todos vocês se gostam tanto!

— Eu não gosto dela!

— Eu não gosto dele!

Matheus e Yasmin dizem ao mesmo tempo. Suspiro, esses dois são terríveis!

— Uh, tá namorando! Tá namorando! — Rian, o moreno de olhos pretinhos e cabeça careca, canta, puxando um coro das outras crianças.

— Que coisa boba! — Taiza resmunga, de braços cruzados.

Crianças e seus enredos despreocupados.

— Crianças não namoram, uai! Então não digam isso dos seus amigos. — Repreendo a turma da baderna. — Sobre Yasmin, você deve convidar quem gosta para sua festa, mas aqui vocês precisam se respeitar. Respeito é tudo nessa vida!

— Desculpa, tia Jasmim. — Yasmin pede, abaixa a cabeça e estende a mão para Matheus. — Você aceita ir na minha festa? Se implicar comigo lá, conto tudo para o meu pai.

Matheus tenta disfarçar o sorriso, mas aceita a mão dela.

— Vou levar um presente muito show para você! — Garante ele.

E assim, é selada a paz.

— Também convido todos os meninos. Eu gosto de vocês. — Yasmin convida e sinto vontade de estacionar só para apertá-la até dizer chega.

É a criança mais carismática que conheço. Seguimos até a escola, agora com todos empolgados e falando sobre os presentes que irão pedir os pais para comprarem para a amiga. O momento que mais me surpreende é quando todos descem para entrar na escola e Yasmin fica.

— Tia Jas, eu quero muito que você vá na minha festa. Se não for,

vou chorar como uma princesa deixada pelo príncipe. — Feito o convite mais dramático da vida, ela coloca uma mão na cabeça, como se estivesse perdida.

Começo a rir e desço da van só para apertá-la.

— Eu aceito, pimentinha. — Beijo sua bochecha e a libero para entrar na escola.

Na volta para casa, decido passar novamente em frente a casa de Grazi e quando vejo dois carros estacionados em frente ao portão, sinto minhas esperanças se renovarem. É sinal que há pessoas e que esse alguém irá sair para guardar o carro ou até mesmo para dirigir para outro lugar. Desviro a chave, desligando o motor, deixando um pouco da janela aberta para não abafar aqui dentro e espero.

Quase uma hora mais tarde, já estou inquieta, com minha hiperatividade à mil, à ponto de pular o muro novamente. Abro a porta, prestes a descer. Nesse momento o portão de grade é aberto e, para a minha total — total mesmo — surpresa, Natan sai, acompanhado dois homens e uma mulher. Fico petrificada, pois todos estão de terno. Como Natan apareceu aqui tão rápido e vestido assim? Não consigo evitar a leseira de me deixar levar pela sua aparência estonteante na vestimenta formal. Minha nossa senhora! O peste ruim sabe atentar a vida de uma mulher decidida!

Respiro fundo e me controlo, focando no que realmente merece minha atenção. É uma luta hercúlea, no entanto. Meu coração fica descompensado quando percebo que ele agiu em prol de Grazi. Tão rápido! Suas palavras não foram falsas, não foram jogadas ao vento quando disse que iria comigo até o

fim. Isso me causa uma sensação boa, porque no fundo, sinto que não teria meios de ajudar. Sei que há o conselho tutelar, mas há tantas denúncias que passam despercebidas. E o caso de Graziela é mais sensível, pois ela é quieta, não sei se abriria a boca para denunciar quando lhe perguntassem. Com isso, poderia proteger quem quer que esteja a agredindo. E há a tia, que por algum motivo tem sido agredida e se mantém omissa. Algo me diz que a julguei totalmente errado e que ela tem protegido a sobrinha.

Perdida em pensamentos, só percebo a aproximação quando Natan puxa a maçaneta da porta do carona, que não abre, pois deixei travada. Não queria olhá-lo nunca mais, porém agora trata-se de Grazi e não há nem o que ponderar. Destravo as portas e ele consegue entrar. Mal me encara enquanto senta e já começa a afrouxar a gravata cinza.

Novamente, viajo admirando a beleza bruta. O vinco entre as sobrancelhas, a boca carnuda — a qual agora conheço a maciez e o sabor delicioso —, os olhos negros como a noite, esse maxilar quadrado, a barba bem feita, os cabelos bem cortados. Santa virgem! Por que tinha que vir uma tentação tão linda, em contrapartida, tão sem noção?

— Ontem liguei para um conhecido que tem contatos no país todo e lida com a questão das crianças. A situação é complicada, no entanto, está sob controle agora. O conselho tutelar daqui foi acionado por esse meu amigo, que falou direto com uma amiga dele, assistente social, que irá fazer as coisas acontecerem. Fiz questão de vir junto, até pensei em trazê-la, mas optei por protegê-la. Seu nome não será envolvido nisso de espécie alguma.

Fico sem palavras, alívio me inundando. Não faço questão de ser a

“salvadora”. O que me importa é que Grazi esteja bem.

— Obrigada, Natan. De verdade. — Agradeço, sinceramente. — Você viu a Grazi? A tia? Elas estão bem?

— Estão machucadas. — Sua voz soa fraca, a cabeça baixa. — A tia muito mais. Ao que parece, ela apanha para proteger a sobrinha de apanhar mais. O pai não é pai biológico, registrou, mas a garota é fruto de uma traição da esposa dele. Por isso, ele nutre tanto ódio.

— Eu gostaria muito de vê-las. Onde ele está?

— Ele está preso. Não vai ter investigação com ele à solta. Fiz questão de que as coisas fossem assim, Jasmim. Esse tipo de homem é capaz de agir em retaliação e não ia ser bonito. Ele foi preso logo depois de você passar aqui para levá-la para a escola. Eu te segui, desculpe por isso, mas não vi outro jeito de descobrir o paradeiro do filho da puta. Foi como um flagrante, uma vez que as duas estão com hematomas.

— Você fez tudo acontecer tão rápido. — Comento, ainda embasbacada com tudo.

— Pessoas de caráter negam, mas a realidade é que o mundo é dos espertos. — Natan sentencia, me encarando pela primeira vez hoje. — O mundo é de quem tem contatos, de quem tem dinheiro, sobrenome, poder. — A tristeza na voz e no semblante é tão evidente que causa um amargor em mim.

— O mundo é das pessoas boas. Grazi e a tia são boas. Elas acabaram de ser salvas. — Rebato, calmamente.

Natan fica em silêncio, me olhando com aquele olhar escrutinador, como se eu fosse uma coisa de outro mundo, que ele quisesse desvendar.

— Posso vê-las? — Pergunto.

— Claro. Vamos.

Ele desce da van, eu suspiro e faço o mesmo. Travo as portas com a chave e o sigo. O portão ainda está aberto, porém mesmo assim Natan chama antes de entrarmos. Núbia vem atender e arregala os olhos quando me vê perto de Natan.

— Você... Foi você que denunciou. — Ela diz, mas não consigo decifrar se o tom é acusatório, logo fico receosa.

— Podemos entrar? Gostaríamos de ver a menina. — Natan diz.

Ela assente, com os olhos cheios de lágrimas e nos surpreende quando avança em mim e me abraça forte. Não consigo me segurar, pois sou manteiga mole assumida. Choro junto com ela. Seu choro é gratidão pura, mas eu não mereço qualquer agradecimento, só a mantenho firme agarrada à mim, porque nós somos seres humanos e merecemos ter o melhor. Não há chance de eu ver qualquer pessoa vivendo uma coisa ruim e não vá tentar ajudar. Eu não fiz nada, embora. Natan que as salvou.

— O salvador é ele. — Aponto Natan. — Não eu.

— Mas ele disse que foi uma denúncia...

— E foi. — Natan diz. — A Jasmim denunciou. Foi muito corajosa, assim como você foi em aceitar contar a verdade.

Núbia sorri para ele e fica uns segundos parada, só o encarando. Eu entendo, querida. O trem é bonito demais.

— Grazi está assustada com tudo. Sempre tentei de tudo para protegê-la, mas não deu. Ele me trancava ou se trancava com ela algumas vezes. Agredia a minha irmã e por isso ela tentou fugir e se apaixonou por outro homem, de quem engravidou da Grazi. O maldito do Gustavo a trouxe de volta, a enchendo de ameaças, passou a gravidez enfiando na cabeça dela que a criança era dele. Mas quando Grazi nasceu, vimos de quem era, pois minha irmã garantiu que é a cara do pai biológico, que nem sabe que ela existe. Depois que minha irmã morreu, eu vim para protegê-la... Para tentar, porque foi inútil... Fui inútil... Eu mostrava que a odiava só para ele me deixar ficar... — Ela chora, contando, ainda sem darmos um passo. — Eu não quero que minha sobrinha fique no meio do olho do furacão, mas é preciso para libertá-la, não é? — Pergunta retoricamente. — Só que nós não temos nada... Aqui é aluguel e eu não trabalho... Não sei quem é o pai. Não faço ideia alguma e eu... Estou perdida...

Tento manter a calma, penso rapidamente e digo:

— Vamos resolver tudo. Fique calma. Não vou impor minha presença

para Grazi agora. Deixarei vocês duas sozinhas, se acostumando com tudo. Quando toda essa situação de investigação acabar, você pode vir viver no sítio dos meus avós quanto tempo quiser.

— Não posso incomodar desse jeito...

— Você vai. — Natan diz, daquele jeito mandão dele. Até reviro os olhos involuntariamente. — Há trabalhos na fazenda dos meus avós e você pode se ajustar até escolher como será o futuro das duas. Nós ficaremos de olho na menina, ela precisa de cuidados, começando por psicológico, que faço questão de custear.

— Obrigada. — Núbia não para de chorar, mesmo sem jeito se aproxima e abraça Natan.

Ele não retribui, embora. Fica parado, claramente sem jeito e não consigo evitar de sorrir com a cena. E apesar de ontem, o admirando muito como ser humano.

CAPÍTULO 10

NATAN

A primeira vez que a vi, não consegui entender como uma pessoa poderia estar tão feliz correndo e pulando na chuva. As pernas longilíneas e douradas me atraíram imediatamente, à princípio pelo fato de estar entediado com tantas mulheres “montadas”, mas quando ela virou e vi seu rosto, aquele sorriso imenso, olhos fechados em pura apreciação, foi ali que a quis loucamente.

Preocupado com Tatiane — sempre a empata foda —, deixei a loirinha da chuva de lado e voltei a procurar minha irmã. Tamanha foi minha surpresa quando a vi pela segunda vez dentro da casa dos meus avós, na fazenda. Um turbilhão de sentimentos me assolaram. Eu queria desvendar Jasmim, saber quem ela era, porque dançava com aquela felicidade na chuva, porque parecia feliz com tão pouco. Quer dizer, quem faz isso?

Ao ser apresentada, senti raiva de Tati, por já imaginar que ela estava pegando a menina. Sorte minha que não era o caso, embora isso não tenha sido impedimento para a peste que tenho como irmã, perturbar minha mente para me manter longe da Jas. Como se ela se preocupasse com o bem estar de alguém. Pura farsa e interesse de se dar bem com Jasmim.

Eu soube que ela era diferente assim que a toquei e senti uma corrente elétrica pelo meu corpo. Quis jogá-la no ombro e nos trancar em meu quarto. Provavelmente, teria feito isso se ela não parecesse tão assustada com minha

presença — ou talvez pelos gritos que eu tinha dado.

Não me controlei. Os dias seguinte, a segui, queria uma brechinha, um vislumbre, qualquer coisa. Queria saber quem ela era, porque vivia naquela bolha de felicidade, porque sua expressão me remete à coisas boas, coisas a quais nem sequer vivi.

Não consegui frear minha idiotice, minha inexperiência com tal situação. Sempre dando bola fora nos momentos errados. O problema é que não sei mentir. Omitir sim, mentir não. As merdas saem da minha boca naturalmente e quando percebo, já estraguei tudo. Isso nunca me importou antes. Todavia, com Jasmim, toda vez as coisas ficaram me remoendo, como se houvesse uma voz me obrigando a ir me desculpar. Como? Nem sei como faz isso. Para mim, era mais fácil impor minha presença e fazer algo para distraí-la. No entanto, a mineirinha é osso duro de roer. Inteligente, perspicaz, em contrapartida, tímida, doce e gostosa. Aqueles olhos verdes, sinceros, brilhantes, que a entregam quando está louca para se entregar para mim. Ainda assim, é mestra em se segurar, esperando a porra do príncipe encantado no cavalo branco.

Jasmim merece o príncipe encantado que tanto sonha, mas ela virou uma obsessão para mim. E não passa pela minha cabeça, deixar espaço para outro enquanto ainda não a tive.

Ontem, quando me contou da criança sofrendo agressão, ela se infiltrou no meu coração — que eu nem sabia que servia para esse tipo de coisa. Aquilo me tocou de uma maneira, que eu queria beijá-la lentinho. Eu me imaginei tomando-a bem devagarinho sob a luz da lua. Ridículo, eu sei,

mas foi o que senti. Como sempre, a paz durou pouco. Só a minha irmã entrar em cena que uma possessividade que nunca senti, entra na jogada e me deixa nervoso. Não sei como agir diante dessa porra e saber que Tati beijou Jasmim mexeu com a minha mente. Quem ela pensa que é? E Jasmim, por que deixou? Aquilo me irritou à níveis inimagináveis.

A única coisa boa de tudo, foi que a beijei. E não foi lentinho, foi no desespero. Bruto, selvagem, faminto. Na realidade, foi novo para mim, porque eu estava muito mais faminto do que cogitava. Eu queria fodê-la, tirar qualquer resquício de Tati ou qualquer outra pessoa que tenha passado por sua vida antes. Nunca senti esse tipo de desejo, nunca.

Contudo, merdas sempre saem da minha boca quando se trata dessa loucura que me atinge por causa dela. Novamente, me joguei para Cristo e vi o quanto a feri.

Não pude dormir sem resolver a situação da criança. Passei boa parte da madrugada, fazendo ligações e garantindo que tudo acabaria bem. Não consegui dormir, tampouco, ficar deitado. Após as coisas estarem acertadas por chamada, fui ao sítio de Jas, e trabalhei no portão novo que comecei a fazer para eles. Minha inquietude era por ela e também por energia demais acumulada. Eu preciso transar, o mais rápido possível. E tem que ser com Jasmim.

Não quero o mesmo sexo de sempre, sem valor, sujo. Quero com ela. Eu a escolhi, a quero muito. É a única que já quis, a única que escolhi. Vai ser com ela.

Me pego dando um meio sorriso, lembrando do jeitinho que me chama de trem, com aqueles olhos grandes verdes e os cabelos voando. Imagino suas pernas ao redor da minha cintura, enquanto aperto a carne da sua bunda e beijo naquela boquinha atrevida. Com ela não é só isso, talvez por ela me recusar, eu tenha ficado meio obcecado. Me pego pensando nela o tempo todo. Nem eu mesmo consigo me frear.

Hoje a emoção em seu rosto por saber que Grazi e Núbia estão livres, lavou minha alma. Por mim e por ela. Outro pedacinho do meu coração foi preenchido, por ver o prazer genuíno em ver o outro bem. Eu não conheço pessoas assim. Não há gente de alma boa em minha vida.

Talvez tenha sido a alma de Jasmim que me atraiu antes de tudo — se essa coisa de alma existir. Talvez tenha sido a bondade. Ela é o oposto de mim. Ela é boa e, bom, eu sou fodido.

Sweet Child O' Mine do *Guns N' Roses* continua explodindo na caixinha de som no meu quarto e me pego pela milésima vez — desde que vim para Minas —, pensando em Jasmim, enquanto a tradução dança em minha mente.

She's got a smile it seems to me
(Ela tem um sorriso que parece comigo)

Reminds me of childhood memories
(Lembra-me de memórias de infância)

Where everything

(Onde tudo)

Was as fresh as the bright blue sky

(Era tão fresco quanto o céu azul brilhante)

Now and then when I see her face

(De vez em quando quando vejo o rosto dela)

She takes me away to that special place

(Ela me leva para aquele lugar especial)

And if I'd stare too long

(E se eu olhar por muito tempo)

I'd probably break down and cry

(Eu provavelmente iria quebrar e chorar)

Oh oh oh

Sweet child o' mine

(Minha doce criança)

Oh oh oh

Oh, oh, oh, oh

Sweet love of mine

(Doce amor meu)

She's got eyes of the bluest skies
(Ela tem olhos dos céus mais azuis)

As if they thought of rain
(Como se eles pensassem em chuva)

I hate to look into those eyes
(Eu odeio olhar naqueles olhos)

And see an ounce of pain
(E ver uma onça de dor)

Her hair reminds me of a warm safe place
(O cabelo dela me lembra um lugar quente e seguro)

Where as a child I'd hide
(Onde, quando criança, eu me escondia)

And pray for the thunder
(E rezava pelo trovão)

And the rain
(E a chuva)

To quietly pass me by
(Para passar silenciosamente por mim)

Oh oh oh

Sweet child o' mine
(Minha doce criança)

Oh oh oh
Oh, oh, oh, oh

Sweet love of mine
(Doce amor meu)

Não é uma coisa que eu já tenha sentido antes. Não me deixa tranquilo. Me traz inquietação, desejo de vê-la o tempo todo, de olhar naqueles olhos verdes e encontrar um segundo de paz. Sei que estou me metendo em algo que devia, apenas ignorar. Não há maneira de me frear, uma vez que a vi e a quis. Agora sei que preciso tê-la para que essa obsessão acabe.

— Eu precisava demais conversar com você ontem, mas você me ignorou e se trancou no quarto. Dá para me escutar agora? — Tatiane diz, a voz autoritária, assim como sua expressão corporal.

Ela é um plágio de merda meu. Só que ela não tem moral para ser eu. Tati não sofreu as minhas dores, não foi jogada aos cães do inferno para manter a família no luxo.

— Já não está aí enchendo o saco? Diz de uma vez.

— Você era mais legal no Rio. É falta de sexo? — Debocha, sentando-se na poltrona que fica ao lado da minha cama.

Me mantenho calado, a observando com a impaciência explícita em minha expressão.

— Podemos voltar para o Rio. Não vou ficar nas asas da minha mãe mais. Já chega, sabe? Estou de saco cheio! Ingrid não merece essa merda toda. A Jas tinha razão quando me disse que eu devia lutar se a amava. O que eu fiz por nós? Só fugi, nos escondi e obedeci a mamãe. — O escárnio ao citar nossa mãe é evidente. — Já estou pronta para voltar e você não tem motivos para continuar aqui. — Sorri, como se tivesse me fazendo um favor.

Reparo sua roupa, está arrumada.

— Suas malas estão prontas?

— Sim. Estou pronta. Só preciso me despedir da Jas, pegar um número para contato...

— Te levo ao aeroporto, ainda tenho algo para resolver aqui. — Digo, me levantando e buscando uma camisa.

— Algo para resolver... Aqui? Isso com a Jasmim está indo longe demais! Ela não vai ficar com você! — Esbraveja, levantando-se.

— E quem garante isso? Você? Vai se ferrar, Tatiane. Na hora de vir

com você, eu vim de bom grado para não deixá-la sozinha, mas não pense que sou seu babá ou a porra do seu funcionário. Você não diz o que faço ou não. Não há nada com a Jas. Há coisas sérias que rondam debaixo do seu nariz, e você sempre esteve ocupada no seu mundinho para observar. Então continue preocupada com a sua vida e deixa que de mim eu cuido, como sempre.

Vejo quando seu lábio treme, pronunciando o choro. Merda, odeio magoá-la, apesar de ser bruto no modo de ser, busco sempre protegê-la e mantê-la ocupada com seus problemas como se eles fossem grandes demais. Nunca desejei que ela passasse o que eu passei. Nunca. Então não é como se meu discurso fosse de ódio por ela não ter visto o inferno em sua frente, e sim, por ela se achar no direito de agir com arrogância para cima de mim.

— Eu sei o que o que ele fazia... — Tati confessa, baixinho. Não me surpreende, porque sei que sabia.

— Não me importo. Também não vou falar disso. — Findo o assunto e visto uma camisa branca. — Vamos?

— Você pensa que estou afim da Jas, mas não é isso. É só que... Ela é diferente da gente, Natan. Ela tem bom coração, tem escrúpulos, acredita no amor e...

— Não vou feri-la.

— Você já está ferindo. Se ela souber que...

— Tatiane, cala a boca. Vamos embora. Isso não importa. Você sabe porque eu... Foda-se, não quero lembrar dessa porra aqui. Nunca imaginei que ia gostar desse lugar, mas aqui estou tendo paz. Longe da nossa mãe, longe de Ruth...

— Ruth é exatamente o que eu ia citar.

— Jasmim não irá se apaixonar por mim. É mais fácil eu me apaixonar por ela. — Rio, sem humor, e começo a rumar para fora do quarto.

Ouçoo os passos da minha irmã atrás de mim. Ela fecha a porta após sair e vamos até seu quarto buscar as malas.

— Você está apaixonado por ela?

Pergunta demais.

— Não, mas ela é diferente de tudo, de nós, como você mesma disse. Ela me fascina e eu nunca senti nada parecido antes. Quero transar com ela porque sei que vai ser diferente de tudo, mas não é paixão ou essas coisas que ela sonha. E eu deixo claro para ela que quero sexo.

— Ela não vai transar com você facilmente, Nate. — Tati coloca a mão no meu ombro e me encara, sua expressão triste. — Essa espera vai ser nova para você. Você já está envolvido... Isso não vai dar certo.

Não há uma grama de mim que queira que Jasmim sofra. Entretanto, estou jogando limpo. Há omissões que nada tem a ver com ela, mas sou

sincero deixando claro que é só sexo. Não há riscos para nenhum de nós.

— Chega dessa conversa. Vá curtir a sua mina e deixa para tentar ser conselheira amorosa quando a sua vida estiver ajeitada. — Zombo e pego duas das malas.

Ela me segue com as outras duas. Reflito sobre tudo, tento ter juízo, mas a euforia, por saber que Tati está fora da jogada e que agora não há ninguém para azucrinar Jasmim e eu, ganha. Fico excitado, louco para ter aquela boca gostosa na minha novamente.

CAPÍTULO 11

JASMIM

Uma chuvinha fina começa a cair de tarde, após eu buscar as crianças e deixá-las em suas casas. Tomo banho e visto um moletom grande e velho, que era do meu pai. Fica batendo no meio da minha coxa, por isso, visto um shortinho curto por baixo e meias nos pés. Averiguo se meu avô está trabalhando para que eu possa ajudá-lo, mas o tempo frio fez com que o casal inquieto sossegassem em casa. Os dois estão na sala, assistindo novela mexicana que passa à tarde. Não resisto e me enfio no meio deles no sofá.

— Essa Teresa é uma desavergonhada! Espia como é mau caráter! — Vovó e a mania de brigar com os personagens nas novelas.

— Besta é esse Mariano! — Vovô comenta. — O trem burro sempre cai na dela. Depois ela fica lá com o ricão!

— O Arthur é lindo. — Suspiro, uma vez que já vi a novela numa outra reprise.

— Lindo e tonto, né? Eu que não perdoava uma golpista dessas.

Nem defendo Teresa, apesar de ter caído em seus encantos no decorrer da trama. Ela é uma malvada que você ama, mas como minha avó adora brigar porque não a suporta, fico caladinha. Assistimos a novela, ou nem tanto, visto que eles mais discutem com a TV do que outra coisa.

Ouvimos o som de buzina e vovó vai até a janela.

— É Felipinho! — Exclama, animada. — Entra, meu filho! Vem cá!

— Lá vai a velha ficar abobalhada por esse moleque. — Vovô resmunga.

Rio, já me aprumando, sabendo que vovó vai começar a querer me casar com Felipe. Demora um tempo até ele chegar, devido a extensão de terra que tem que caminhar do portão até aqui, pois sempre deixa o carro lá fora.

— Tarde, família! — Felipe cumprimenta ao entrar.

— Boa tarde, meu menino. Quer um café? Tem pão de queijo e bolo de cenoura.

— Nossa senhora! Acabei de almoçar, mas não vou dispensar o bolo de cenoura, não.

— Faz companhia para ele, Jasmim. Vou buscar o bolo.

— Oi, Felipe, tudo bem? — Digo, levantando. — Senta, vovó. Descansa. Irei buscar.

— Estou melhor agora, minha linda. — Diz.

Sorrio, sem graça, e sigo até a cozinha. Lembro de Vaninha e penso

em perguntar por ela quando voltar. Pego alguns pedaços de bolo, sirvo café para todos nós e coloco as xícaras e os pratinhos com bolo sobre uma bandeja. Volto para sala e sirvo à todos, pego meu pedaço e meu café e continuo assistindo a novela, enquanto vovó não para de tagarelar com Felipinho.

— Eu sou louco para fazer parte dessa família, só falta Jasmim me aceitar. — Ouço dizer em resposta à alguma história da minha avó sobre me ver casada e com filhos.

— Mas você não levou Vaninha para sua casa aquela noite da festa em Uberaba? Achei que se gostassem. — Alfineto, o encarando com a sobrancelha arqueada.

— Uai, não aconteceu nada. Só deixei a moça na casa dela. — Mente, na cara dura.

— Ah, sim. Entendi. — Prefiro guardar as palavras que rondam minha mente para mim, a fim de não me indispor com ninguém.

Vovó pode continuar o enxergando como um príncipe. Não vou desfazer seu sonho, tampouco irei me casar com ele. Pelo simples fato de nunca ter sentido nada por ele.

Outra buzina interrompe a conversa e é meu avô quem vai olhar a janela dessa vez. Ele sorri e nos olha de um jeito engraçado.

— Entra aí, sô!

— Quem é, velho?

— O Cassilas rabugento.

Meu estômago dá reviravoltas só com a menção. É Natan. Me sinto inquieta e com o desejo irritante de vestir uma roupa melhor. Para ele? Que vexame, Jasmim! Minha nossa senhora! Pagando pau para macho vacilão — como dizem por aí. Em minha defesa, isso tudo é por ele ter feito o que fez por Grazi e Núbia.

Mentirosa!

Para de gritar comigo!

Fica logo com ele!

Não viu como ele me tratou? É um trem bruto!

Deixa para o seu príncipe encantado te tratar bem. O gostosão você aproveita para ter prazer...

Santa mãe de Deus! Estou brigando comigo mesma. Preciso de um médico. Só pode ser titica de galinha no cérebro. Devo ter comido quando criança e subiu, agora está infectando tudo até eu ficar louca, ou pior, virar uma zumbi com dupla personalidade briguenta.

— Jas? Você está bem? — Uma sacudida no meu ombro me faz

voltar a prestar atenção.

Vejo Tati na minha frente e me recomponho, assentindo com a cabeça.

— Oi, Tati. Estou... Ótima. — Sorrio. — E você?

Busco Natan com os olhos, uma vez que vô Mário o citou. O avisto parado na porta, imponente, usando bermuda e camisa, como se ainda estivesse de terno. Não é sobre roupa, é sobre ele. Sua expressão para mim não é nada boa, no entanto, quando olha na direção de Felipe, falta pouco fuzilá-lo.

— Terra para Jasmim... — Tati diz. — Estou voltando para o Rio. Vim me despedir.

Sinto meu coração acelerar e uma coisa ruim criar um nó na minha garganta. Não consigo controlar, a pergunta apenas sai.

— Você está indo embora, Natan? — Pergunto à ele, que volta a me encarar, dessa vez com o lábio curvado em um sorriso presunçoso.

— Não, Jasmim. Eu vou ficar.

Não quero sequer entender o motivo do alívio que sinto com a resposta.

— Pensei que ia dar uma de cabra vagabundo e ia deixar o portão sem

estar todo pronto. — Vovô resmunga, nos fazendo rir.

— Você me ama, velho. Eu sei que me quer pertinho. — Natan diz para o meu avô, mas seus olhos não desviam dos meus nem um segundo.

O calor que passa por todo meu corpo só pode ser coisa psicológica. Não é possível todas as sensações que ele me causa só com olhares.

— É uma pena que está indo. — Digo para Tati e me levanto para abraçá-la.

— Vou lutar pela Ingrid. Ouvi o conselho de uma amiga e tal... — Brinca e me abraça, apertado. — Foi maravilhoso te reencontrar. Quero seu número para que a gente se veja novamente.

— Não tenho celular, aqui só tem um aparelho antigo que todos usamos para emergência. Então só dá para falar comigo se ligar mesmo. — Informo.

— Em pleno século vinte e um, e você sem celular? Que isso, Jas! — Exclama, chocada. — Ela não tem um celular, Natan! Como é possível?

Ele me encara com a testa franzida, daquele jeito que sempre faz, que parece estar tentando ler minha mente. Trem doido! Reviro os olhos para o exagero de Tati. Nem todo mundo tem condições de manter luxos. Meus avós sempre deram duro para me manter e jamais demonstrei sentir falta de qualquer coisa que não puderam me dar. Agora que comecei a trabalhar, não irei receber muita coisa, mas já pensei em comprar um aparelho moderno

para mim. Todavia, será mais para frente.

— Já terminou, Tatiane? Vamos logo. — O irmão apressa.

— Vem com a gente até o aeroporto. — Tati pede.

Óbvio que não vou. Para depois voltar com Natan sozinha? É ruim, hein. O aeroporto fica em Uberaba. Quase meia hora de distância aqui de Delta. Eu que não vou ficar meia hora sozinha com esse cão raivoso.

— Dessa vez não vou, Tati, mas quando voltar, me avisa que te busco e...

— Vamos, Jasmim. — Natan chama, como se mandasse em mim. — Tenho novidades sobre aquele assunto para te falar.

Sobre o caso de Grazi. Caramba! Agora não posso negar, visto que tudo o que mais quero é que a situação seja resolvida e quero estar por dentro de tudo no meio tempo.

— Que assunto você tem com minha neta? — Vovô pergunta.

— É! — Felipe exclama. — Que assunto?

— Olha, minha filha, você sendo disputada por dois bonitões! — Vó Nice falta pouco pular de animação.

Imagina como era essa cidadã na juventude?

— Sossega, vó!

— Não devo satisfação à você, almofadinha. — Natan rosna para Felipe, então encara meu avô, com a expressão branda. — Sobre a menininha que ela leva para a escola, Sr Mário.

— Espia, eu já ia esquecendo de te agradecer! Você é um herói, meu filho! — Vovó levanta e agarra Natan, que fica totalmente sem jeito, espremido contra a parede.

Felipinho emburra a cara e Tati começa a rir.

— Solta, velha! Agradece de longe! — Vovô puxa a esposa espevitada. — Obrigado, menino Cassilas. Minha neta estava inquieta com isso, não tinha contado para nós, mas percebemos agonia.

— Não me devem qualquer gratidão. — Natan resmunga, sem jeito. — Vamos? — Chama Tati e eu.

— Preciso trocar de roupa...

— Não precisa. Só Tati vai sair do carro.

— Hum, está bem. — Concorde, ainda incerta se ir é uma boa ideia.

Quer dizer, é uma péssima ideia. Contudo, não é como se eu não soubesse me controlar, caso ele comece com alguma conversa fiada. Até

porque, meu respeito e assunto com ele só se trata desse caso. Tirando isso, não quero qualquer contato com Natan. Não esqueci a palhaçada que ele soltou ontem. Não foi a primeira grosseria e insinuação ridícula que fez.

— Chegou a hora. — Tati comenta, um tanto melancólica.

Ambas estamos nos bancos de trás. Ela me abraça apertado e pula para frente, abraçando o irmão.

— Mamãe vai me deserdar... — Sua voz soa chorosa.

— Deserdar de que, Tati? — Natan rebate. — Você sabe que não há nada a perder, que ela não tem nada.

— Há você. Vai me abandonar... Porque você a protege, faz o que ela quer...

— Não vou te abandonar. Eu protejo as duas, pare de falar merda.

— Estou com medo.

— Antes de enfrentar dona Quézia, vá até Ingrid e se acerte com ela. Depois que estiverem bem, suas forças vão estar renovadas, e aí você diz tudo que tem que dizer. Se quiser me ligar, eu volto para ir com você.

— Você não vale nada, mas eu gosto de você. — Ela cantarola e os

dois riem.

Me pego emocionada, participando furtivamente do momento fraternal dos dois. Não tenho irmãos ou primos e bate aquela carência de não ter alguém para compartilhar esse tipo de momento. Sinto curiosidade sobre a mãe de Natan também, principalmente por Tati dizer que ele a protege e faz o que ela quer. Natan não me parece alguém que vive sob os desejos de terceiros. Isso é, no mínimo, estranho.

— Jasmim, vou até lá com ela e me certificar de que está tudo bem. Espere aqui, não vou demorar, tudo bem?

Apenas assinto. Tati me abraça e se despede mais uma vez, levando consigo um papel com o número lá de casa anotado. Natan deixa a chave da caminhonete comigo e faz recomendações específicas para que eu fique trancada até que ele volte. Somente depois de meia hora, em que já estou quase subindo no teto por estar sentada sem fazer nada, ele aparece, batendo no vidro. Destravo as portas do veículo e ele entra no banco do motorista.

— Vem para frente.

Detesto esse tom autoritário!

— Estou bem aqui.

— Não sou chofer. Vem para frente.

— Bem, enquanto sua irmã estava aqui atrás, você foi um perfeito

chofer. Continue sendo, bem caladinho, como as patroas recomendam. Ou então, diga à respeito do que eu quero saber de uma vez!

Paciência tem limites!

— Jasmim... — Resmunga, com aquele x maldito no lugar do s, e aperta o nariz. — Por favor, sente-se aqui, coloque o cinto. Está começando a chover, vou dirigir mais tranquilo com você aqui.

Mentiroso, manipulador! Estou cansada de ficar debatendo, só por isso, pulo para o banco da frente com todo cuidado para não passar meu bumbum em seu rosto. Sento e coloco o cinto, o que poderia ter feito lá atrás, mas tudo bem. Fico calada e ele também, apesar da vontade de perguntar sobre o assunto, não o faço. Espero que ele tome a atitude. Ele dirige em silêncio, com os braços fortes atraindo minha atenção. Como pode ser bonito e fazer coisinhas no meu estômago só por estar dirigindo? Natan é lindo, bruto, forte, cheiroso, sarado, macho... Estou perdidinha...

Talvez... Só hipoteticamente cogitando... Seja mais vantagem eu me entregar de uma vez à esse desejo. Só assim isso irá diminuir e essa inquietação vai acabar.

...Ou aumentar de vez...

CAPÍTULO 12

JASMIM

Você não vai mesmo falar sobre a novidade à respeito da Grazi e Núbia? — Pergunto, já cansada do silêncio.

Mente vazia é oficina do diabo, e é exatamente por isso que enquanto ele esteve em silêncio, dirigindo todo imponente, fiquei aqui babando nos seus músculos, nos braços fortes. Bíceps, tríceps e um monte desse trem. Que homenzarrão grandão! É impossível não me imaginar entre esses braços, como ontem quando me beijou.

— Eu não tenho novidades. Desculpe. Só queria que viesse e sabia que não viria se não envolvesse esse assunto.

Poderia estar prestes a sentar no colo dele para beijá-lo antes dele dizer isso. Agora quero estapeá-lo.

— Não acredito que mentiu!

— Já me desculpei. Não seja histérica.

— Histé... Histérica?!

— Sim. Isso mesmo. — Joga o volante para a esquerda e, com uma freada brusca, o carro para na estrada deserta perto das fazendas de Delta.

— Continue dirigindo. Quero chegar em casa logo e nunca mais olhar nessa sua cara mentirosa!

— Jasmim...

— Não vem com esse *Jaxmim* para cima de mim não!

— Que? — Ri e passa a mão pelo rosto. — Me escuta, porra.

— Outra mentira. Não, obrigada.

— Você é uma oncinha brava. — Natan segura minha mão. — Sinta como me deixa.

Mesmo sabendo o caminho que está levando minha mão e ele me dando tempo para recuar, não consigo impedir. Quando encosta minha palma em seu membro, quase caio para trás. A excitação me consome, mas a incredulidade também. Deve ser humanamente impossível um pênis ter esse tamanho todo.

— Isso aí é só o seu...? Quer dizer, é exagerado até nesse departamento!

Natan gargalha tanto, que chega a jogar a cabeça para trás. Ele fica ainda mais lindo rindo assim e me atrai até mais do que fisicamente. É um perigo absurdo ficar sozinha com ele. Sua beleza me distrai, as coisas que diz e faz também. Não posso esquecer do quão bruto é quando algo o irrita, do

desaforo que fez por causa de Tati.

Ele para de rir, e se aproxima, colocando uma mecha do meu cabelo para trás da orelha. Sua mão permanece em minha face quando sussurra:

— Sim. Não é um exagero. Você irá gostar de senti-lo dentro de você. Alcança pontos que vão fazer seus olhos rolarem e sua boquinha gritar.

Fecho meus olhos com força para evitar pressionar uma perna na outra. Preciso tanto que essa dor e desejo acabem. Abro os olhos e encontro sua expressão carregada de luxúria, como se soubesse exatamente o que estou sentindo.

— Você é um chucro. Me faz ter vontade de sentar na sua cara, mas depois fala qualquer merda que me faz querer socar a mesma. E aí eu não sei o que faço com ela! Que para dificultar tudo, é linda! Ahhhh! Que trem do inferno!

— Caralho, Jasmim. — Natan joga a cabeça para trás, no encosto do banco, e aperta o pênis através da bermuda e quero sair correndo desse carro. — Meu pau não tem sossego desde que te vi, porra. Minhas bolas estão roxas. Ainda fala uma merda dessas... Já estou imaginando sua boceta na minha cara.

Pelo amor de Deus! Ele vai acabar com a minha raça quando me pegar. Porque é evidente que isso vai acontecer. Não tenho forças para evitar e prolongar pode ser um tiro no meu próprio pé. Pulo — quase literalmente — em seu colo, espantando até ele mesmo.

— Eu vou... Ficar... Com você uma vez, ouviu? Só uma! Nós vamos acabar com esse tesão reprimido e nunca mais tocamos em assunto sexo... E sem obscenidades, sem essas palavras chulas...

— Porque minhas palavras chulas te deixam molhadinha, não é? — Sorri, malicioso, os olhos escuros mais pretos do que nunca. Minha intimidade se contrai e me remexo no seu colo. Suas mãos agarram minhas coxas, me movendo em seu membro rígido. — Fechado, Jasmim, mas vou precisar de uma noite inteira trepando com você. E eu espero que você seja flexível.

Gemo, porque é a única coisa que sou capaz de fazer agora.

— Agora o que fazemos? — Pergunto.

— Agora você vai para o banco do carona. Quero você bem ligada para mim hoje à noite. — Pisca e me coloca no banco, como se não pesasse nada.

— Depois você volta para o Rio? — Não sei porque acabo perguntando.

— Volto após a situação da Graziela estar definida. — Responde, solene.

Assinto com a cabeça e tento levar meus pensamentos para as galinhas do sítio, para o boi Tônico. Tudo, menos a umidade e excitação

crescendo no meio das minhas pernas. Tudo, menos o homem gostoso que irá acabar comigo hoje à noite.

Minha nossa senhora, o que eu fiz?

— Janta com a gente, meu filho. — Vovó convida Natan.

— Na verdade, hoje gostaria que vocês deixassem a Jasmim jantar comigo, na fazenda.

— Sozinha naquele antro do cão? Não! — Vô Mário brada.

— Deixa a menina viver, velho!

— Vovô, eu sei me cuidar. — Garanto e ele suspira.

— Só porque confio em você, Jas. Abre o olho com esse trem. A cara de sem vergonha não vende ele nem de graça. — Vovô resmunga e sai andando.

Natan me lança um sorrisinho de molhar a calcinha e vovó suspira, toda deslumbrada. Reviro os olhos e deixo os dois na sala. Sigo até meu quarto e separo uma roupa para tomar banho. O nervosismo já à mil, e arrependimento por ter inventado moda também.

Não tenho qualquer experiência, o sexo que tive antes com meus dois

ex namorados eram a coisa mais simples do mundo, nunca cheguei à satisfação com eles, só eu mesma me tocando. Natan é diferente, diz coisas obscenas e já fico ligada, só isso já mostra sua experiência em lidar com mulheres. Se eu não agradá-lo?

Ouçõ passos atrás de mim e viro para vê-lo entrando no meu quarto. Ele parece tão grande e forte, que o cômodo se torna quase sufocante, uma vez que é pequeno e parece ainda menor agora com ele aqui.

— Está pensando em desistir? Nós podemos esperar seu tempo. Você pode ir e só jantar comigo. Prometo não forçar nada. Só vai acontecer o que você permitir.

Suspiro, aliviada.

— Estou com medo.

— De que, Jas? — Se aproxima e toca meu rosto, afastando uma mecha de cabelo para trás da orelha.

Adoro sempre que ele faz isso. Me sinto tão bem.

— De você. — Murmuro. — É experiente. Já eu, não sei muita coisa...

— Minha experiência é uma maldição. — Murmura, parecendo tão perdido. Então volta a me encarar com ternura. — Você não precisa saber fazer nada. Só em ser você já é minha fantasia completa. Eu te quero desde a

primeira vez que te vi. Tem noção disso? Basta ser você, e vou chegar ao céu.

— Que bonitinho você agindo sem ser um chucro. — Sorrio e ele me puxa para os seus braços.

Natan não diz nada, mas sinto tanta coisa no momento em que seu corpo cobre o meu. Me sinto bem de uma maneira que não deveria sentir.

— Vamos jantar? Podemos andar à cavalo enquanto não escurece...

— Sim. Só preciso tomar um banho antes.

— Já tomou banho hoje? — Pergunta.

— Sim.

— Então não tome outro. Quero sentir seu cheiro natural. Você é cheirosa pra caralho.

Não sei porque, mas tenho a impressão que esse trem safado está falando sobre outro tipo de cheiro. Pego uma muda de roupa só para o caso de decidir tomar banho na casa dele e me despeço dos meus avós com a cara e a coragem.

É a maior safadeza da minha vida toda!

Em minha defesa, esse tesão precisa ser refreado antes que eu fique obcecada por Natan. Só vivo pensando nele, isso tem que parar. Transamos e

acaba. Seguimos nossas vidas e logo ele volta para o Rio de Janeiro.

— Qual é o nome dele? — Pergunto enquanto ele ajeita o cavalo negro que ele sempre cavalga.

— Não tem nome. — Dá de ombros.

— Que péssimo! O bichinho não tem nem um nome para ser chamado?

— Ele entende quando o chamo, de qualquer maneira.

— Você gostaria de não ter um nome? — Cruzo os braços.

Natan sorri, arqueando a sobrancelha.

— Não me importaria. Certamente gostaria de ouvir você me chamando de trem por aí.

Sorrio, sem jeito.

— É uma fixação do mineiro. Normal chamar assim.

— Entre nós é diferente quando me chama assim.

Não nego, fico em silêncio. Gostaria de entender o que passa na

cabeça de Natan. Ele é sempre tão quente. Às vezes se torna frio, mas na maior parte do tempo ele deixa claro o que pensa, mesmo que seja de uma maneira que não faça muito sentido para mim agora.

Antes que escureça, Natan me faz ficar à vontade perto dele. Andamos à cavalo, rimos e até apostamos corrida. Ele sobre o cavalo negro sem nome e eu, num marrom, também lindo e imponente. Eu ganho e ele fica fulo da vida. Depois que levamos os cavalos de volta para o estábulo, corremos até o casarão da fazenda. O puxo antes de entrarmos e aponto o céu.

— Lá no Rio de Janeiro o céu é lindo assim?

Natan encara, vendo o tantão de estrela brilhando sem qualquer distração de prédios e arranha céus.

— Lá é incrível também, mas aqui tem uma beleza diferente.

— Vamos ver o céu. — Digo, já me jogando no chão gramado.

Natan fica me olhando como se eu não fosse normal, mas logo puxo sua mão e ele vem. Deitamos lado a lado.

— É lindo demais. Nunca me acostumo com a perfeição da natureza.

— É linda mesmo. — Sua voz soa rouca e sinto o sopro de sua respiração em meu rosto.

O encaro e vejo que está me olhando, e não o céu.

— Você me deixa sem jeito e inquieta. Olhe o céu, trem.

Ele sorri e me puxa para o seu braço. Serve como um ótimo travesseiro. Me aconcho sem vergonha. Já que é só hoje, posso aproveitar o máximo e sem pudores.

— Me diz algo sobre você que ninguém sabe.

Natan fica em silêncio por um longo tempo até que diz:

— Só minha mãe e irmã sabem. Vale?

— Vale.

— Meu pai era um agressor. Batia na minha mãe... E em mim sempre que tentava protegê-la.

— Meu Deus! Sinto muito!

Fico totalmente sem palavras. Por isso ele se solidarizou tanto com o caso da Grazi. Me aproximo mais e o abraço apertado.

— Não vamos pensar nisso. Eu só... Só senti vontade de dividir com você. Agora me diga algo que ninguém sabe.

— Eu fugia de madrugada para namorar. — Digo para aliviar o clima.

— Ah, que porra. Não quero saber de você e outro cara.

— Você não é meu namorado. Não venha ser territorialista. — Belisco sua barriga, em vão, pois só tem um monte de travesseirinhos durinhos.

— Hoje eu sou seu homem. E vou gozar em cima de você para marcar território.

— Natan! — Escondendo meu rosto em seu pescoço e ele ri, puxando meu queixo.

Nos encaramos e ele me beija. Forte, bruto, intenso. Um gemido escapa da minha boca, minha intimidade lateja e meu estômago dá voltas e voltas. Seus braços fortes me apertam, me tornam cativa dele e eu não tenho vontade alguma de ser liberta.

CAPÍTULO 13

JASMIM

Natan me beija pelo que parecem horas. Ainda sob as estrelas, deitados no gramado em frente ao casarão da fazenda. Ele me faz sentir como nunca experimentei sentir antes. É algo inédito para mim e que me deixa eufórica, querendo mais e mais. Não me sinto nervosa, visto que parece certo. Só nos beijamos, sem mãos bobas ou mais de suas frases sujas. Meus lábios ardem e sorrio ao ver os seus vermelhos. Passo o dedo por seu lábio inferior e ele põe a língua para fora, puxando meu dedo e o chupando, com aquele olhar malicioso, negro, cheio de luxúria. O ato tem contato direto com meu sexo, que lateja de um jeito agonizante.

— Natan... — Gemo, ondulando sob ele.

— Vamos jantar agora?

— Não quero mais jantar. — Confesso. — Só sinto fome de você agora.

Ele rosna alguma coisa e enfia o rosto em meu pescoço, me apertando e esfregando a ereção em mim.

— Caralho, você me deixa louco. Nunca me senti desse jeito antes.

— Eu também não. — Acaricio suas costas, sentindo uma coisa boa

no meu coração.

Não quero pensar no amanhã, contudo, há medo de continuar me sentindo assim depois dessa noite. Natan e eu não podemos nos envolver, isso é certo. Natan levanta e me puxa, me levando para o seu colo, com as pernas enlaçando sua cintura e os braços em seu pescoço. Deito a cabeça em seu ombro e deixo que me leve.

— Não há ninguém aqui agora. Todos recolhidos na casa lá atrás. — Natan explica ao me colocar no sofá e se ajoelhar entre minhas pernas. — Me sinto um pouco bobo agora por ter você aqui. Esperei isso demais, mas não sei por onde começar agora.

Acho bonitinho, mas também não faço ideia do que fazer, então fico quieta. Natan segura meu rosto entre suas mãos e me beija com avidez, do jeito dele. As mãos criam vida própria, me apalpando, levantando meu casaco. Paramos de nos beijar para ele passar a peça por minha cabeça. Fico de sutiã e com o short curto que usava por baixo. Ele olha meu corpo, parecendo hipnotizado, sério, mandíbula trincada, o vinco entre as sobrancelhas dando o ar da graça.

— Se não sabia por onde começar antes, agora só queria ter várias bocas e várias mãos para estar em todas as partes. Muito gostosa, Jasmim. Escondeu isso aqui de mim? — Sorri, passando o dedo na pedrinha do piercing no meu umbigo.

Não me dá tempo de responder, pois abaixa a cabeça e lambe meu umbigo, prendendo o piercing entre seus dentes e enviando uma onda de

calor por todo meu corpo. Seguro sua cabeça, e não há cabelos para me segurar, pois é muito baixinho seus fios. Desço a mão e me apoio em seus ombros, enquanto ele brinca com o adorno, a língua raspando em minha pele, instigando, incitando e excitando. Sua mão vai para o fecho do meu sutiã e ele tira sem problemas. Uau, não quero nem pensar onde adquiriu a experiência com a peça. Natan segura meus seios em suas mãos grandes e me sinto envergonhada por serem tão pequenos. Até que ele toma um em toca a sua boca e chupa de um jeito tão gostoso, que esqueço qualquer receio. Meu corpo tem vida própria sob ele, movendo-se, querendo mais.

— Seus seios cabem perfeitamente na minha boca.

Ele morde o bico do meu mamilo, me fazendo gritar com a dor e depois chupa todo o seio, me fazendo sentir o prazer duplicado. Nossa senhora!

— Natan... Oh! Ah!

— Isso, pode gritar meu nome. Que gostosa você é, Jasmim.

Ele começa a afastar meu short e só nessa hora lembro que não tomei a merda de um banho depois de andar à cavalo.

— Não! Pelo amor de Deus! Não tomei banho depois que cheguei aqui... Nós andamos à cavalo! — Protesto, tentando me afastar.

— Não há cheiro de cavalo aqui. Eu não sou um fresco. Quero cheirar e chupar sua boceta. Não quero porra de cheiro de sabonete. Quero sentir o

seu gosto natural.

Isso me faz relaxar e ficar acesa com a perspectiva. Ele volta a afastar meu short e levanto o quadril para permitir a retirada. Quando percebe que estou sem calcinha, Natan geme, encostando a cabeça na minha barriga.

— Depiladinha, pequenininha. Que bocetinha linda.

Não me contenho e acabo rindo. Quem acha isso bonito? Minha risada morre quando ele começa a esfregar o nariz no meu clitóris, cheirando como um animal. Me deixa tão excitada. Meus seios parecem maiores de tanto que pesam, o sexo lateja tanto e contrai dolorosamente. Ele abocanha meu clitóris e chupa, me fazendo rebolar em seu rosto.

— Isso, esfrega na minha cara.

— Natan...

Só sei gemer. Ele não começa com calma, ele me devora. Sua boca toma todo meu sexo e ele me penetra com sua língua, enquanto beija os lábios como se fosse os da minha boca. É muito gostoso e a visão é incrível, mesmo com os olhos cerrados pelo prazer, fico louca com esse homem todo grande ajoelhado entre minhas pernas.

— O cheiro é delicioso, o gosto me deixou viciado, Jasmim. Vou comer essa boceta toda.

Nunca gozei sem precisar estimular meu clitóris com meus dedos, e

transando nunca consegui chegar lá. Agora me sinto caindo num precipício de prazer só com a boca de Natan me comendo — literalmente. Gozo, chamando seu nome e enfiando as unhas em seus ombros. Caio sobre o encosto do sofá e ele continua com a boca ávida, tomando cada gota. Natan se afasta e ouço o farfalhar de suas roupas, então abro os olhos para vê-lo nu. O cansaço pós orgasmo se esvai e fico totalmente acesa com a visão.

Natan é lindo. Seu peitoral e abdômen eu já havia tido a oportunidade de babar antes, mas totalmente nu, é uma obra prima. Desço os olhos e encontro sua ereção, em riste, firme, batendo no umbigo. Grande. Grossa. Cabeçuda. Sinto minha boca salivar e agora me vejo achando um órgão sexual bonito. Nunca tive o desejo de chupar um pênis antes, mas isso me consome agora. Levanto, tomada pela luxúria e me ajoelho na sua frente. Vejo seu membro contrair e babar e seguro a base, masturbando. Isso eu sei fazer. Mesmo sem nunca ter feito antes, quero muito agora. Olho para cima, encontrando o rosto de Natan focado em mim, a mandíbula tão apertada que poderia quebrar um dente.

— Nunca fiz isso antes, mas quero muito... Provar você agora. — Digo e ele geme.

Rouco, másculo, quase como um grunhido animal. Ele é tão homem! Minha vagina contrai e despeja mais líquidos, tamanho tesão.

— Faça o que seu instinto pedir, só não use os dentes. — Natan instrui.

Assinto com a cabeça e começo lambendo toda a extensão. Minha

mão nem fecha na base, tamanha grossura. Abocanho pouco a pouco, mas não cabe todo em minha boca, então masturbo e chupo. Minha boca enche de saliva e meus olhos d'água a cada arremetida. Quero chupá-lo como um pirulito, mas ele é enorme e causa um desconforto, mesmo que fique excitada por tê-lo na boca.

— Quero gozar na sua boca agora, Jasmim, mas vou guardar para gozar na sua bunda. Marcar você como prometi. — Ele murmura e me puxa, fazendo-me ficar de pé em sua frente.

Ambos pelados no meio da sala. Seus braços me envolvem e seu membro roça em minha barriga. O agarro e nos beijamos feito dois animais. Natan me puxa para o seu colo e para de me beijar. Eu mordo seu pescoço e beijo, chupo e rebolo no colo dele. Ele sobe as escadas e entra em um quarto. Fecha a porta com o pé e sinto minhas costas baterem em um colchão macio. Não vejo nada no cômodo, pois ele volta a me beijar e só isso me mantenho desperta sobre isso. Natan morde meu lábio inferior e estica o braço até pegar um preservativo no criado mudo. Olho entre nossos corpos e vejo enquanto ele desliza o látex pelo seu comprimento. Ele segura a base e guia até minha intimidade. Meu coração bate à mil e gemo quando ele brinca com meu clitóris, dando batidinhas. Ele enfia a cabeça robusta e tira, morde minha boca, chupa minha língua e espalha minha umidade pela camisinha.

— Eu nem tive você ainda, mas sei que não vou parar depois que começar. — Natan sussurra e começa a me penetrar.

Agarro sua nuca quando arqueio meu corpo para recebê-lo. Ele vem me beijar, mas um barulho na porta nos faz parar.

— Natan! Onde está Tatiana? Natan! Meus filhos armando contra mim! Isso é absurdo!

É a mãe dele? Deus do céu! Natan fecha os olhos com força, mas não perde tempo antes de sair de cima de mim. Ele puxa a coberta e me cobre.

— Fique aqui. — Exige, antes de ir até o guarda roupa enorme.

Ele veste uma calça jeans e sai do quarto. Levanto apressada e tranco a porta com a chave interna que está na porta. Procuro uma camisa no seu guarda roupa e me visto com uma preta, a primeira que vejo. Busco por uma boxer e visto, sentindo meu coração galopar no peito. Vou até a porta e escuto o burburinho de vozes.

— Você está suado, cheirando a sexo e vi as roupas lá embaixo! Não venha me enganar e dizer que está sozinho. Sou sua mãe e o conheço bem o filho que tenho! — A voz da mulher soa mais alta dessa vez.

— Eu sou o que? Ah, minha doce mamãe tentando pagar de santa. Vá cuidar da sua vida, cafetina! — Natan brada.

Me sinto tão errada ouvindo essa conversa, mas mesmo que estivesse na cama ouviria, pois eles estão gritando agora. Por que chamou a mãe desse jeito? Há tanta coisa rondando minha cabeça. Tantos questionamentos. A mulher responde baixo e não consigo entender o que diz. Já Natan retruca no mesmo tom de antes.

— Não é ninguém. Só uma foda. Neta de um velho que trabalha aqui.

A resposta não deveria me ferir, porque nós não somos nada e eu mesma deixei claro que seria uma vez só. Entretanto, me sinto suja pela forma que ele expõe para a mãe, o jeito brusco e grosseiro que diz. Caminho até a janela e vejo o que posso fazer para sumir daqui. Por sorte não sou uma donzela em perigo — nunca fui. Sei me virar e pular isso aqui não vai me fazer quebrar nem uma unha, não que eu tenha unhas compridas. Abro a janela com cuidado para não fazer barulho. Prendo meus cabelos em um coque, usando os próprios fios, e subo na janela. Na hora escuto a fechadura da porta ser testada, mas não abre, pois tranquei. Me ajusto e seguro no galho da árvore que está aqui pela benção de Deus. A coisa na porta começa a ganhar fortes proporções e sei que Natan irá arrombar logo, logo. Deslizo com as mãos pelo galho até pisar em outro e começar a descer a árvore com facilidade pisando de galho em galho, até segurar no último há uns dois metros do chão e salto, caindo de pé. A única merda é correr essa extensão toda descalça, mas não há problema.

Sou uma princesa, esperando pelo príncipe encantado, mas eu nunca disse que esperava um para me salvar.

Ouço o estrondo da porta e olho para trás a tempo de ver Natan na janela. Ele abre a boca para me gritar e mostro o dedo do meio para ele antes que o som saia.

— Vá se foder! — Grito, mesmo que não use esse vocabulário, mas agora é libertador, e volto a correr, dessa vez mais apressada.

Ouçõ seus gritos chamando meu nome e quando some, sei que preciso ir depressa, pois ele deve vir atrás de mim. Chego em casa e pulo a janela do meu quarto para que meus avós não me vejam assim. Tomo um banho e me lavo, tentando tirar qualquer resquício daquele chucro de mim. A pele pode ficar limpa, mas a mente e o corpo continuam acesos com cada memória, que não consigo deletar.

CAPÍTULO 14

JASMIM

Depois da adrenalina causada pela raiva e por ter corrido, meu mundo começa a destroçar. Sozinha no meu quarto, ouvindo apenas os sons da natureza me sinto pequena diante de tudo. Talvez Natan não esteja errado, mas a situação só comprova o quão errada eu sou para lidar com uma noite de sexo e nada mais.

A quem quero enganar? Já estou envolvida até o pescoço com aquele bruto desalmado. É hora de colocar a cabeça no lugar e não me deixar levar pelo tesão desenfreado novamente. Se para Natan, não sou ninguém, ele irá descobrir que também não é nada para mim.

— Ei, minha filha, bom dia.

— Benção, vó. Dormiu bem? — Pergunto, beijando sua bochecha.

— Sim. Igual pedra. Nem vi a hora que chegou.

— Foi um erro ter ido, não demorei lá. — Minto, uma vez que demorei tempo suficiente para fazer tudo, menos a penetração de fato.

— Se não tivesse dormido em casa, eu ia atrás do cabra com meu

facção! — Vô Mário ameaça, entrando no cômodo e nos fazendo rir.

— Nós somos de mundos totalmente diferentes. É exatamente por isso que peço a vocês que não o joguem para cima de mim quando ele se oferecer para qualquer coisa. Vou passar na casa de Grazi e saber como estão as coisas através da tia dela.

— Estou ansiosa para a bichinha vir morar aqui. Minha nossa senhora! Vou dar tanto amor, tanto cheiro! — Vó Nice exclama, animada.

Continuamos conversando por mais uns minutos e sigo minha caminhada até a casa da dona da van. Levo as crianças na escola, ouvindo e rindo de suas conversas. Yasmin me recorda de seu aniversário daqui há duas semanas e me entrega o convite, com o endereço certinho. Na volta passo na casa de Grazi e sou atendida por Núbia.

— O advogado acabou de sair daqui. Trouxe compras para nós. Estou muito grata a Deus por vocês terem aparecido em nossas vidas. — Ela comenta, já me abraçando.

Não parece em nada a mulher metida que pegou carona comigo uma vez. Núbia usava uma máscara para proteger a sobrinha, acredito eu. Admiro muito isso. Meu coração aperta com a menção do advogado, porque sei que é aquele trem ruim do Natan. Mesmo com raiva por questões pessoais, não posso deixar de ser grata ao que está fazendo por elas.

— Vim saber como estão as coisas... quando irão para a fazenda. Minha avó está ansiosa para mimá-las.

— O advogado pagou nosso aluguel esse mês, uma vez que Grazi não está conseguindo lidar com outras pessoas. Você entende, não é? Ele pagou a consulta com a psicóloga e nós iremos hoje. É difícil para ela até lidar comigo, porque não sabe em quem confiar. — Seu lábio treme e os olhos enchem de lágrimas.

Eu gostaria tanto de poder ver Graziela, porém, não quero me impor e deixar a garotinha ainda mais traumatizada.

— O que vocês precisarem, podem contar comigo. Não posso ajudar financeiramente, mas amo Grazi e o que puder fazer por vocês, pode ter certeza que farei.

— Obrigada, eu aprecio muito isso e tenho falado de vocês com ela.

— Voltarei mais vezes para saber de vocês, tudo bem?

Ele assente e me dá mais um abraço apertado. Viro-me para voltar para a van, mas ouço uma voz doce e infantil chamar o meu nome. Recuo e vejo Grazi, segurando um coelhinho de pelúcia na mão e usando Maria Chiquinhas nos cabelos loiros.

— Eu ouvi aquele moço grandão dizer para ela que você me salvou. Obrigada. Mas será que o meu pai está bem? Sinto saudade dele. Ele é o meu pai... ele não vai mais fazer aquilo... Ele só fez porque...

— Grazi... — Núbia corta, provavelmente sem jeito por sua sobrinha

estar desse jeito.

Não consigo controlar as lágrimas. A pobrezinha é tão inocente, que mesmo tendo crescido sendo espancada, não deixa de amar o pai e sentir falta dele. Me aproximo dela, não tanto para não afastá-la e me ajoelho para olhá-la nos olhos.

— Seu pai está bem, bonequinha. Agora é o momento de cuidarmos de você, dos seus machucados.

— Vai sarar...

— Os exteriores irão, mas os que ficaram na sua cabecinha e no coração precisam ser cuidados também. A sua tia vai levar você na médica que cuida disso.

— De cabeça e coração? Como?

Sou péssima para explicar as coisas e convencer uma criança. Acabo de constatar.

— Ela vai conversar com você e mostrar as coisas boas para que você não tenha mais medo.

Grazi parece entender ou se não entende, pelo menos, não volta a fazer perguntas. Ela só assente e volta para o interior da casa. Em meu interior, gostaria de abraçá-la e apertá-la até não querer mais, no entanto, ainda é cedo. Há hematomas em seu rostinho delicado e acredito que sob o

vestido rosa também. É doloroso demais saber que há mais crianças vivendo dessa forma. Me sinto impotente por não poder salvar cada uma delas.

Minha avó fica triste ao saber que Grazi não irá vir ainda. Ela ama crianças e adora mimar. Vovô aparece e comenta que Natan esteve aqui me procurando, usando terno e tudo. Suponho que nos desencontramos por pouco, já que ele havia estado na casa de Grazi e depois veio aqui. Que bom! Não quero ver esse bandido nem pintado de ouro! Aviso aos meus avós e vovô já fica alerta.

— O que ele fez com você, uai? Ele tirou sua inocência, Jasmim? Mas vou matar aquele trem agora mesmo com meu facão!

— Vô! — Protesto. — Que inocência, vô? — Encolho os ombros, envergonhada, contudo, necessitando impedir que ele tente matar Natan.

— Minha nossa senhora! É uma assanhada igual a avó!

— Larga de bobiça, velho! — Vovó protesta em nossa defesa. — Queria que a menina morresse virgem para os bichos comerem? Ora bolas!

— Eu vou arredar daqui. Trabalhar que ganho mais! — Ele pega o chapéu e coloca na cabeça e sai, bufando e resmungando.

— Agora você me conta direitinho se aproveitou o garanhão, minha filha. — Vovó pede, animada.

— Não aproveitei nada, vó. — Meu rosto esquentou de vergonha.

— Toda vermelhinha, tão bonitinha. — Aperta minhas bochechas e gargalha. — Vou deixar você quieta, com os pensamentos no garanhão.

Bufo.

— Vovó, sonho em casar, ter família, ser amada incondicionalmente. Eu até ia aproveitar uma noite com Natan, mas ele está sempre esfregando na minha cara que não merece qualquer simpatia minha. Por mais que me atraia, não posso ter algo que considero uma troca tão importante com alguém que, ao virar as costas, não irá lembrar de mim.

— Você está certa. Beleza não põe mesa. Se o besta não valoriza minha bichinha, ele que vá pastar com aquele corpão todo.

Concordo, rindo. Ela não esquece o corpão de Natan. Não sou a única.

— Vou mudar de roupa e volto para ajudar a senhora com o almoço.
— Digo o caminho para o meu quarto.

Vovó tem o hábito de fazer comida bem cedinho e hoje quer cozinhar feijão. Como só cozinhamos feijão no fogão a lenha, prefiro eu mesma fazer para ela não ficar carregando lenha.

Quando abro a porta, tomo um susto ao ver Natan andando de um

lado para outro. Seu terno está na minha cama, assim como a camisa branca e gravata. Só a calça preta cobre seu corpo e sapato social nos pés. Evito olhar os músculos. Encaro seu rosto, toda a raiva voltando com força. Seu olhar para mim é de aflição e ele passa a mão pelo rosto.

— Some do meu quarto. — Exijo, entre dentes.

— Seus avós não me deixaram entrar. Pulei a janela. — Explica.

— Eu não perguntei. Mandeí você sair. — Insisto, cruzando meus braços.

— Jas... Me deixe explicar... Aquilo que você ouviu, não... Não é dessa forma.

— Dane-se, Natan! Não quero saber. Só saia!

— Minha mãe é uma cobra peçonhenta. Não vou, de forma alguma, deixá-la se aproximar de você. Se souber, sonhar, que é importante para mim, vai te infernizar. Eu já estou acostumado, mas não vou permitir que chegue em você.

Ele consegue me desarmar ao mencionar que sou importante. Natan percebe e se aproxima devagar, a testa franzida, a expressão como se algo o deixasse incomodado.

— Não se aproxime, Natan. — Ergo a mão, o parando, antes que me toque e estrague tudo. — Posso acreditar em você e tudo, mas isso só prova o

que eu já pensava. Somos pólos opostos e é melhor não insistir mais.

— Jasmim... — Sua voz soa dura, a irritação evidente. — Eu falei sem pensar, porra. Poderia ter sido mais sutil, mas só queria extinguir qualquer chance dela se aproximar de você.

— Você está sempre falando sem pensar. — Rio, sem humor. — Se é o filhinho da mamãe e não pode enfrentá-la, continue vivendo sua vida, Natan. Quem sou eu para tirá-lo de sua zona de conforto?

— Você está fazendo disso uma tempestade enorme. Você não a conhece... Você não sabe o que...

— O que não sei?

— Não importa agora, Jasmim. O que importa é o que fiz e porque fiz. Já expliquei a você. Vamos continuar de onde paramos. — Se aproxima novamente e toca meu rosto.

Eu quase cedo. Quase. Fecho os olhos com força. Abro, analiso a sua expressão, os olhos que tanto me enfeitiçam. Crio coragem para dizer:

— Não quero que continue insistindo e me cercando. Não quero mais contato com você. Eu poderia perder meu tempo, usando você e seu corpo. Mas para que? Se no fim, você não passa de um corpo bonito com habilidades sexuais. Fora isso, não acrescenta em nada para mim. E a vida é muito mais do que sexo e homem bonito. Há qualidade que sobrepõe a beleza, mas beleza não sobrepõe alguns defeitos.

Natan cerra o maxilar e recua alguns passos, como se isso o tivesse ferido, se afastando de mim.

— Eu não sou o príncipe que você procura. Falo merda na hora errada por ser temperamental, por não saber lidar com certas coisas que sinto quando você está perto. Posso errar pra caralho, mas nunca te feri com palavras de caso pensado, como você está fazendo agora.

Respiro fundo, arrependida, mas ciente que é melhor nos afastarmos de uma vez. Natan nem lembra das peças de roupa sobre a cama. Pula a janela e vai embora, sem olhar para trás. Já eu, não consigo evitar, cheiro suas roupas e as guardo em minha cômoda.

Uma semana passa sem que eu tenha qualquer notícia de Natan. Vovô contou que a mãe dele esteve dando ordens e mais ordens na fazenda, inclusive modificou muitas coisas na casa. Graziela começou a ir na terapeuta, que agiu de forma excepcional e não a assustou. Foi incrível como ela contou que fez desenhos e brincou. Acho que com crianças, há métodos diferentes para conquistar a confiança. Seu pai não tem qualquer chance de ser inocentado, principalmente pelos contatos de Natan. Núbia até mesmo está animada para conseguir um emprego, de forma que em um período Grazi estará na escola e a tarde ficará com vovó e comigo. Agora é questão de tempo para a pequena se adaptar com novas pessoas, se abrir para viver fora de sua reclusão, pois até com a tia é difícil para ela lidar.

Galopes duros de cavalo chamam minha atenção e olho da janela. A visão de Natan montado no garanhão negro sempre mexe comigo. Me polio o máximo para não babar, mas é difícil. Sou fraca e completamente atraída por ele. Até saudade senti nesses dias sem vê-lo. Ele pula do cavalo e para na minha janela. Sua expressão não entrega nada, parece tranquilo, não há aquele calor que sempre via em seus olhos.

— Estou voltando para o Rio. As coisas com Grazi estão indo bem. A tia tem a guarda. O pai está preso e não vai sair. — Começa a dizer de uma vez. — Três meses de aluguel pago e todo tratamento com a terapeuta estará sendo cobrado em minha conta bancária. Quero dizer antes de ir, que você é, de longe, a única mulher que mexeu comigo. Nunca senti a necessidade de ficar atrás de alguém antes, sabe? — Sorri, tristonho. — Sou péssimo em me expressar. Sou burro mesmo. É novo para mim querer tanto alguém. Sinto ciúmes, quero escondê-la só para o meu olhar. Estou indo para deixá-la em paz ou continuaria te infernizando. Você merece o cara incrível que procura, Jasmim, porque a beleza que há em você, é mais do que essa que fez meus olhos se atraírem em primeiro lugar. Você é a única coisa boa, a única luz, que já cheguei tão perto. Me sinto grato por isso, por ter tido um vislumbre. Sua luz é tão forte que abrandou um pouco da minha escuridão.

Não tenho palavras para responder. Meu coração está batendo forte com as palavras e ao mesmo tempo doendo por ele estar indo embora. Eu me apaixonei por Natan. Deus! Ele nunca fez nada para que eu me apaixonasse. Por que fui tão estúpida para isso acontecer? O fato não muda nada, embora, continue doendo de uma maneira atroz.

Natan passa a mão em meu rosto e se curva para beijar minha testa.

Levo minhas mãos a boca. Acho que para segurar o choro ou para não gritar pedindo que ele fique, porque mesmo sendo o trem mais babaca de todos os tempos, eu o quero. Vejo quando ele se vira e segue caminhando sem voltar a montar no cavalo. Minha voz não sai.

— O cavalo...? — É tudo o que consigo dizer.

Natan vira, me encarando com o calor de volta aos seus olhos e diz:

— É seu. Pode até dar um nome a ele. Adeus, Jasmim.

CAPÍTULO 15

NATAN

Um mês depois.

Um corpo se mexe contra os meus braços e, mesmo antes de despertar, a consciência de quem é me toma. O cheiro delicioso e suave, mas sem perfumes caros e extravagantes. Corpo esguio, cabelos macios em meu rosto, o jeito que meu coração acelera por tê-la.

Eu sei que é Jasmim, apenas pelo fato de que com ela reparo coisas que jamais reparei em outra.

— Acorda, minha mineirinha. — Sussurro em seu ouvido, sentindo sua pele se arrepiar.

Seu bumbum empina em minha direção e meu pau já duro, dói ainda mais.

— Natan... Deixa eu dormir, trem.

— Você realmente quer dormir? — Pergunto, empurrando a protuberância entre suas nádegas.

O gemido que escapa dos seus lábios me diz o que quero saber.

— O sono passa tão rápido quando você faz isso. — Sua voz é tímida ainda, mesmo depois de tudo o que fizemos.

— Jasmim... — Recito seu nome como se fosse uma poesia, com uma voz cantada que nem reconheço.

Jasmim se vira para mim e vejo seus olhos verdes brilhantes escurecerem à medida que o sorriso em seu rosto se torna uma carranca de raiva. Ela me empurra e se levanta, vestindo as peças de roupa que estão espalhadas pelo chão.

— Você é muito bom satisfazer uma mulher, Natan. Aqui está. — Retira algumas notas de cem da bolsa e coloca sobre o criado mudo. Não consigo dizer nada, mas a porra do meu coração dói como nunca antes. — O valor pelos seus serviços prestados. — Vira e caminha em direção a porta do quarto.

— Jasmim! Jasmim!

— Natan, ei... Natan! Que merda!

Abro os olhos e me deparo com minha mãe, me sacudindo. Olho em volta e percebo que estou em meu quarto, em casa. No Rio de Janeiro. E esses sonhos horríveis não me abandonam! Toda maldita noite quando consigo dormir, porque a maior parte do tempo não durmo. A insônia parece parte do que se assemelha a uma crise de abstinência. Mal provei a droga, mas me sinto totalmente viciado. Sonho com seu corpo, com seu gosto. Mais do que isso, sinto falta do seu sorriso, aquele olhar inocente, que em alguns

momentos brilharam de raiva, porque mesmo inocente, Jasmim sabe se impor e não é movida pelo tesão, beleza ou dinheiro.

Pura, inocente, amorosa, dona de um caráter incrível. Totalmente o oposto de mim. Justamente por isso, saí da sua vida. Percebi que gosto demais dela e deixei de ser egoísta pela primeira vez na minha vida.

— Com o que estava sonhando? Que tantos pesadelos são esses? Acorda gritando feito um louco! — Minha mãe começa.

Me afasto do seu toque e me sento na beirada da cama, as mãos no rosto e os cotovelos apoiados nas pernas, pensando nessa merda de vida.

— Responda, Natan!

— Você não percebe que está enchendo o meu saco? Estou a um passo de mandar você para o inferno e sumir da sua vida! — Explodo.

Minha mãe ri.

— Faça isso e sua irmã vai saber o que você fez.

Encaro seu rosto. Pela primeira vez o segredo que escondo de Tati não me importa mais. Ou talvez eu me importe menos com minha irmã agora. Não sei, minha mente é uma nuvem de confusão. Estou acostumado a viver de um jeito a vida toda e algumas semanas em Minas Gerais mudaram toda minha concepção sobre o que é certo e errado. Antes o errado nunca me incomodou e o certo nunca pareceu ser tão atraente.

A velha cobra se recompõe e anda pelo quarto, a essa hora da manhã seus saltos já fazendo barulho no piso de porcelana.

— Erlícia me ligou e disse que você não a atende há semanas. Magna disse que você desmarcou mesmo estando no Rio e...

— E a cafetina está ansiosa para cobrar sua parte? — Levanto e a encaro de frente, precisando olhar para baixo por conta da diferença de nossa altura. — Não vou fazer mais essa merda. Acabou.

Ela se aproxima mais, o olhar faiscando de raiva.

— Vai continuar comendo as mulheres que te pagam por isso. Ou conto tudo para Tatiane!

Seguro seus braços, mesmo que queira segurar seu pescoço e apertar. Porém, só a afasto com delicadeza e a tiro da minha frente.

— Eu gostaria de te amar, mãe. Gostaria de que o que fiz por você valesse a pena. A coisa que mais me dói é me arrepender de não ter deixado ele acabar com você todos os dias. Pior disso tudo, gostaria de saber o que é ser amado. Gostaria que você me amasse. — Lamento, realmente tocado por toda a merda que é a minha vida.

Lamento por Tatiane, que nunca conheceu esse tipo de amor também. Por mais que a ame e tente protegê-la, nunca tive referências de amor, não sei amar. Nunca fui amoroso com ela. Com ela não é diferente. A protejo do meu

jeito bruto, espaçoso e mandão e agora vejo que nunca foi recíproco, visto que ela nunca se importou a vida que me submeti para dar luxos a elas. A minha mãe é o pior desgosto da minha vida e ela não cansa de me manipular por causa de um passado que se deve somente à ela. Sinto suas mãos puxando meus braços e ouço seu choro fingido, mas não paro. Sua voz me acompanha, embora.

— Por favor! Vou morrer de fome! Eu amo você, meu filho... Eu só não sei viver como antes depois de tudo... Vamos continuar como éramos... Sempre deu certo.

Uma lágrima solitária rola por meu rosto. Mordo o lábio inferior e engulo algumas vezes para me impedir de desmoronar. Viro para encará-la e dói ainda mais, porque por mais que diga que não a amo, eu amo e gostaria que seu amor fosse verdadeiro, não uma arma de manipulação. Eu vi essa mulher sofrer tanto nas mãos do meu pai. Ele me fazia vê-la apanhar todos os malditos dias. Há o senso de proteção e o amor do passado vivos em mim. No entanto, depois que ela não tinha mais seu carrasco, ela se tornou o meu.

— Sempre deu certo me vender, mãe? Sempre foi fácil para você fazer eu me prostituir? Eu sonhava em ser um advogado... Estudei tanto... Porra, tanto!

— Você é lindo... O sexo é bom para você... Nos tirou da miséria que ele nos deixou!

— Eu me sinto sujo. Me sinto imundo a cada vez que lembro. E pior, sinto que se fizer qualquer movimento para ter alguém de valor ao meu lado,

eu vou deixá-la imunda também. Meu final é sozinho, mãe. Porque jamais vou carregar ninguém para essa imundície que é minha vida.

— Você não presta para ser advogado! — Grita, me ferindo ainda mais. — Não presta para nada! Eu fiz o melhor para você... Te instruí a usar a melhor arma que você tem. O seu corpo! Não seja tolo e molenga agora. Ruth quer se casar com você, o que você faz? Nega! Voltou estúpido de Minas Gerais! Só pode ser alguma mulher que o enfeitiçou.

Sim, foi necessário uma mulher que tocasse meu coração pela primeira vez. Alguém que depois de anos me despertou para o sexo. Não precisei de remédios ou estímulos para ficar duro, como era necessário fazer com a maioria das mulheres que me pagaram por sexo. A princípio, era tudo muito sexual com Jasmim, mas também foi por ela ser uma incógnita. Por eu saber que era diferente, quase intocável. Jasmim era como uma corrente de águas cristalinas e eu a porra do esgoto. Desde o primeiro dia, enxerguei isso.

Sinto tanta falta dela, do seu sorriso e aqueles olhos brilhantes. Como isso aconteceu, não sei. Podem dizer que a primeira vista é impossível, eu mesmo não acreditava nessas coisas, todavia, Jasmim ficou sob minha pele desde aquela dança alegre na chuva. Sua alegria de viver genuína, o amor pelos avós, a responsabilidade com aquele sítio. Um lugar falido, pobre e ela nunca arrumou meios de voar, de buscar sua própria vida. Deslumbrante, teria conseguido mais dinheiro do que eu já pude ter. Entretanto, Jasmim não é suja e jamais venderia seu corpo.

Não me orgulho de mim. Tenho nojo. Nunca me importei antes. Achava que o sacrifício era válido para recuperar a fortuna que meu pai

perdeu, para dar a vida a minha mãe que ela sempre disse que merecia, para proteger Tati de saber o que fiz, para calar as ameaças da minha mãe de contar. Não consigo me olhar no espelho há um mês. Meus cabelos e barba estão enormes, certamente há olheiras terríveis sob meus olhos, emagreci. A beleza sempre atraiu tantas mulheres; e até homens. Ninguém nunca conseguiu enxergar a feiúra que há dentro de mim?

Minha mãe continua gritando, mas eu a deixo falando sozinha. Caminho até o criado mudo e pego minha carteira com chaves da moto e meus documentos. Busco por camisa e calça e vou até o banheiro. Tomo um banho rápido, faço a higiene matinal, me visto e saio de casa. Não há qualquer chance que eu vá pisar aqui novamente. Eu odeio esse lugar. Minha mãe quis mantê-lo porque demonstra que continuamos ricos. Subo na moto e a guio até o posto de gasolina mais próximo. Depois que saio de lá, o destino está brilhando como um GPS em minha cabeça.

Piloto minha até a casa que usava para trazer as mulheres que fazia sexo por dinheiro. Esse lugar fica afastado da civilização. Um ponto que era para ser de paz em meio ao caos do Rio de Janeiro, mas não tenho qualquer lembrança boa daqui. Há milhares de reais guardado no meu cofre. Me sinto fora de mim, como se estivesse do lado de fora do meu próprio corpo, vendo o que estou fazendo, mas sem qualquer controle dos atos. Como um robô programado, tiro o galão de gasolina que trouxe no guidão e começo a despejar o líquido de cheiro forte em volta da casa. Entro e faço o mesmo com os cômodos. Abro o cofre e espalho as tantas notas no chão e despejo o resto sobre elas. Não olho para trás quando risco o fósforo e jogo no chão. Volto para a moto e piloto para o mais longe possível, enquanto o fogo toma conta e queima uma parte nojenta de quem eu sou. Paro a moto em frente a

uma praia deserta e começo a rir descontroladamente quando sento em frente ao mar. Deus! Eu não tenho casa ou dinheiro mais. Estou na merda, mas há uma liberdade tão grande ganhando força em meu peito.

Ser o fantoche de alguém é como ser escravizado. Escravo do manipulador e de si mesmo. Não ter coragem para se libertar de quem te escraviza com palavras é tão fodido quanto não se libertar de quem te prende e te açoita em um tronco.

Lembro de ser uma criança feliz, de gostar de correr no gramado do quintal e escrever poemas. A primeira vez que meu pai me bateu, eu tinha doze anos. Homem não pode escrever essa merda afeminada. Filho meu vai ser homem de verdade! Ninguém nunca me defendeu. Nem a minha mãe, a quem ele me obrigava assistir apanhar, e eu sempre tomava seu lugar. Apanhava no lugar dela para não vê-lo a agredir só porque a porra do comida não estava perfeita como as empregadas faziam. Ele perdeu a fortuna e teve que se desfazer dos empregados. A minha mãe se tornou a empregada e, como não sabia fazer igual, tudo era motivo para agredi-la. Que culpa eu tenho de não aguentar mais vê-lo maltratá-la?

Eu me odeio por ter perdido o controle da minha própria vida.

Me odeio ainda mais por não ser um cara que mereça ter alguém como Jasmim.

CAPÍTULO 16

JASMIM

Tive dois namorados na vida e não houve tristeza quando terminamos. Talvez pelo fato de que eu tomei a iniciativa, uma vez que não sentia todas as coisas que sonhava sentir quando encontrasse meu príncipe.

Há um mês Natan foi embora e me sinto como se um pedaço de mim tivesse se perdido. Honestamente, não há qualquer explicação para isso. Eu mesma procuro nem pensar a respeito ou temo enlouquecer. Tenho focado no que importa; meus avós, o trabalho de levar as crianças e a recuperação de Grazi, que agora com Núbia trabalhando há duas semanas tem ficado no sítio comigo e vovó. A garota ainda é muito reclusa e fala pouco, mas vejo seus sorrisos tímidos quando vovó a enche de carinho. Acho que não há um lugar para ela se curar melhor do que no abraço de dona Nice.

Embora hajam coisas para focar a atenção, o cavalo que Natan deixou faz o trabalho de dificultar qualquer passo meu de esquecê-lo. Todas as vezes que vejo o grande animal negro e de pelos brilhantes, me sinto melancólica. Lembro de todas as vezes que vi Natan montado sobre ele. Imponente e grande. O cavalo combina com ele. Toda semana um funcionário da fazenda Cassilas trouxe um saco de ração. Me explicou que o animal é um friesian, que é uma raça de cavalos de cor negra originária da Frísia. Esses animais possuem um temperamento dócil e são robustos e fortes. Um animal gracioso, rápido e também muito inteligente. Eles ficaram conhecidos após alguns filmes em que marcaram presença. Aqui em Minas há muitos ranchos

e foi de lá que o avô de Natan comprou o garanhão para o neto quando era um adolescente, mesmo que ele não visitasse essas bandas. Zeca, o funcionário acabou se tornando um colega, sempre me contando histórias da fazenda, mas ele também não sabe muito sobre Natan. Então tudo o que tentei descobrir foi em vão. Não consegui dar um nome ao cavalo, apenas pelo fato de que Natan o tem por anos e não havia o nomeado. Sinto que só estou cuidando dele, não o deixando sozinho. As cavalgadas são incríveis e amo a sensação de vento no rosto todos os dias à tarde quando saio com ele pelas estradas de terra ao redor do sítio.

Odeio o aperto no peito que sinto quando lembro de Natan. Uma tristeza sem tamanho, às vezes dá vontade de chorar.

— Jasmim? — Ouço a voz baixinha de Grazi.

É noite e hoje Núbia a deixou dormir aqui, após um pedido da minha avó e a pequena concordar.

— Oi, meu amor. Entra.

Estou deitada em minha cama e vejo quando ela entra com seu ursinho de pelúcia. Fica sem jeito parada próxima da cama e a puxo para se deitar comigo.

— Queria ouvir historinha para dormir... — Comenta, baixinho.

Acho que não sei contar qualquer história de princesa. Primeiro porque esqueço tudo o que vejo ou leio, gravo só os ápices. Segundo porque

acho tudo tão besta. Não se engane, continuo sonhando com minha história feliz e um príncipe encantado fazendo parte dela, mas em momento algum cogitei que precisasse de um para me salvar. Nós, garotas, não precisamos ser salvas por ninguém. Nós mesmas somos capazes de matar o dragão, dar um chega para lá na madrasta e, até mesmo, salvar o príncipe em perigo.

— Vou te contar uma historinha diferente, está bem?

— Da chapeuzinho vermelho?

Não, querida. A mãe dela nunca deveria tê-la deixado andar sozinha por uma floresta. Penso, mas não coloco mais coisas na cabeça da pequena. Só nego com a cabeça e sorrio. Começo a narrar o filme da Moana que vi há alguns dias e está fresco na memória. Além de não haver um príncipe e jogar por terra essa ideia que precisamos de um. Grazi dorme antes que eu chegue ao final e percebo que as histórias podem ser um jeito dela esquecer os dias difíceis, um jeito de pegar no sono sem as lembranças a atrapalhando de adormecer. A arrumo na minha cama e vovó aparece na porta, olhando como se fossemos as coisas mais raras do mundo. Ela não sabe é que ela é a raridade entre nós.

— Coisa mais linda da vovó. Dois trezinhos mais lindo!

— A senhora que é.

Ela se aproxima e beija a testa de Grazi e depois a minha, deseja boa noite e se despede.

No meio da madrugada, desperto sentindo uma sensação esquisita, quase claustrofóbica. Me sinto presa e não resisto ao impulso de sair de casa. Checo as janelas, para Grazi ficar segura e saio. Caminho até o antigo estábulo, onde hoje só vive o cavalo de Natan, mas há alguns anos atrás haviam mais cavalos, quando vovô tinha condições de manter o sítio, cuidando de tudo e vivendo dos lucros. O céu estrelado indica o sol que irá iluminar o céu amanhã. O silêncio no sítio, em volta de tantas fazendas aqui em Delta, é permeado de sons dos bichos noturnos, do mato. Uma calmaria que eu não trocaria pelo sons da cidade, sons de carro o tempo todo, de festas em casas vizinhas, músicas em bares próximos. Eu gostaria de melhorar o estilo de vida dos meus avós, de forma que não fosse necessário eles trabalharem tanto e não obter lucros. Gostaria de poder contratar pessoas para trabalhar, comprar gados, voltar a produzir para vender. Não entendo muito como funciona, mas quero aprender e sonho com o dia que isso irá acontecer. Quando a situação era próspera no sítio, meu pai ainda era vivo e eu morava com ele em Uberaba, então só acompanhava nas férias.

Me aproximo do estábulo e estaco no lugar ao ouvir passos. Tenho certeza que são passos. Fico quieta, atenta e novamente ouço o farfalhar no gramado mais alto desse lado do terreno. Me viro e dou um pulo ao ver Natan saindo de lá. Arregalo os olhos, meu coração acelerado, não sei se pelo susto ou por sua presença. Talvez os dois. Não consigo refrear a saudade que me invade, a ânsia de abraçá-lo. Deus! Depois de tudo, da forma como quis afastá-lo por ser perigoso, aqui estou eu querendo me jogar sobre ele. Todavia, é mais do que sexual agora. É a saudade de um mês e quatorze dias gritando alto, querendo ser aplacada. Sim, contei os dias. Não há desculpa

para ser tão tola e idiota por um machão bruto desse!

— Natan... — Minha voz sai sem minha permissão.

Só então ele toma conhecimento da minha presença, erguendo a cabeça, fazendo seus olhos negros encontrarem os meus. O que vejo me faz engolir em seco. Natan continua lindo, isso não há como mudar. Contudo, seu rosto está magro, olheiras profundas sob os olhos, cabelos sem o corte de antes, fios bagunçados para todos os lados, e a barba mal cuidada, cheia, desgrenhada. Engulo em seco sob seu escrutínio. Não deixo de perceber que mesmo, aparentemente, abatido, me faz refém do seu olhar imponente, sedutor, me deixa ofegante, mole e sem fala, enquanto olha-me de cima a baixo e volta a fixar os olhos nos meus. No entanto, ele sacode a cabeça e suspira, parecendo cansado.

— Jasmim. Me desculpe, eu não quis atrapalhar. Só... Só vim ver o cavalo...

Assinto com a cabeça, engolindo o nó na garganta e deixando de lado o anseio em meu corpo para conseguir formar uma frase.

— Você está bem? Eu... Não sabia que estava aqui em Minas...

— Estou na fazenda há alguns dias.

Me aproximo, meu coração doendo, sentindo falta daquele olhar malicioso, do sorriso debochado, do ar de predador. O que houve com Natan? Encaro seus olhos de perto e a angústia que vejo neles parece tão real que

sinto vontade de chorar. Não sei o que há comigo, mas dói em meu coração. Sinto-me despedaçada com o que vejo em seus olhos. Não há explicação, uma vez que não consigo entender nada além da aflição e angústia. Falta o brilho de antes. Eu gostaria de ter tido conhecimento de que ele estava de volta, mas o que posso cobrar? Fui rude propositalmente com ele na última vez que nos vimos, quis afastá-lo, machucá-lo para que se sentisse sem importância para mim, como me fez sentir quando disse aquelas coisas a sua mãe. Saber que quis me proteger dela e um mês para pensar me fez sentir-me mal comigo mesma por ter sido maldosa de propósito, mas não havia o que fazer. Ele estava de volta a sua vida e eu continuava aqui, onde pertenço, de onde nunca pretendo sair.

— Você está bem, Natan?

Natan não responde. Só continua me encarando e parece cada vez mais triste. Vejo suas mãos fechando-se em punhos, como se evitasse fazer o que sente vontade. Me tocar? Por que um mês e quatorze dias parecem ter sido como uma vida para ele, fazendo-o ser alguém tão diferente? Não o conheci o suficiente, mas poxa... Sinto que mudou, que aquele era quem ele era um, e agora... Não sei. Talvez só não queira mais saber de mim depois de tudo. Porém, é difícil acreditar que seja só isso, pois sempre pareceu tão vaidoso e agora está desleixado.

Não me aguento, a preocupação e o afeto dentro de mim sendo maiores do que posso controlar. Vejo um apelo mínimo em sua expressão, no olhar, algo que talvez seja coisa da minha cabeça, uma desculpa para querer ajudá-lo. Me aproximo e passo meus braços por seu pescoço, meu rosto pressionando em seu peito. Abraço-o com afeto, com carinho. O tesão que

sinto por Natan continua vivo, crepitando, me fazendo consciente de seu corpo ainda forte, apesar de ter emagrecido, do seu cheiro delicioso de sabonete e amaciante na roupa. Mas o que me move não é o desejo. É a vontade de querer ver de novo um pouco de alegria em seu olhar.

— Eu sou sua amiga. Pode contar comigo se precisar, trezinho. — Digo, ternura embargando a minha voz.

A respiração de Natan fica ofegante, seu peito subindo e descendo, até que seus braços me rodeiam e me esmagam em seu peito de um jeito tão gostoso. Eu quero chorar, a angústia que vi em seus olhos voltando com tudo, vencendo a curiosidade e o desejo de ajudá-lo. Sinto em meu coração uma dor tremenda. Quero ajudá-lo, quero espremer para que me diga o que há de errado, mas seu abraço apertado, a respiração forte em meu pescoço, o apelo silencioso, diz tanto, diz muito. Ele só precisa de alguém. Não importa que seja um trem bruto, vou ajudá-lo. Natan se afasta bruscamente, deixando-me confusa, sem entender. Parece que sou uma leprosa, de quem quer manter distância, seus olhos ficam duros e o maxilar travado, ainda mais quadrado.

— Eu não devia... Desculpe.

— Minha nossa senhora! Pare de se desculpar, homem. Você é bruto, ogro, trem debochado, uai! O que aconteceu? — Minha voz soa exasperada, confusa, preocupada.

Um misto de confusão que combina comigo agora. Ele não age como se eu fosse uma leprosa, e sim como se ele fosse. Não obtenho uma resposta. Natan se vira e caminha para longe, em direção a cerca. Fico parada, feito

uma idiota, encarando suas costas na jaqueta escura. Ele para na cerca e me encara sobre o ombro, a expressão rude.

— Entre na casa, Jasmim. Qualquer um pula essa cerca se a vir sozinha a uma hora dessa.

Aceno com a cabeça, mesmo que minha vontade seja de dar uns gritos para que ele me diga o que está havendo, mas decido dar-lhe algum tempo. Se Natan sabia ser insistente para entrar na minha calcinha há um mês atrás, ele não sabe como posso ser insistente em meu anseio de colocar um sorriso em seu rosto carrancudo.

CAPÍTULO 17

NATAN

Não me arrependi em ter queimado todo o dinheiro que consegui me prostituindo. Ganhei um tipo de liberdade naquele momento. Semanas depois volto para Minas Gerais, ciente de que não deveria nem ter saído. Nunca imaginei que fosse gostar de viver nesse lugar, à princípio vivia reclamando com Tati, por ter que vir para cá por causa dela. Agora não vejo nada melhor do que o silêncio da fazenda, a paz, o som apenas dos bichos. Senti muita falta de Jasmim, quis vê-la todos os dias. A forma que encontrei de me reconectar foi vendo o cavalo que dei a ela. Não quis vê-la, porque sabia que traria o desejo de tê-la para mim. Tive que lutar contra minha natureza maldita para não manchá-la. Não esperava vê-la, e nem a forma como foi me deixou desolado. Ela notou que havia algo errado, além da bagunça que estou fisicamente. Jasmim é a coisa mais linda que já vi. Rosto limpo, roupas simples, cabelo cuidado em casa. Não há beleza maior que a dela, pelo menos nunca vi alguém que só de olhar para mim, mexesse tanto com meu coração fodido. Três dias passam e me mantenho trancado na fazenda. Saio apenas de madrugada para ficar na cerca do sítio de Jasmim. Me tornei um stalker filho da puta. Eu sorrio a cada vez que a vejo sair da sua casa e ir até o pequeno estábulo, procurando por mim. Ela esperava me encontrar nas duas noites seguintes ao nosso pequeno encontro, e isso me alegra, mesmo que não devesse. Jasmim é pura para mim. Além de tudo, agora estou sem teto e sem dinheiro. Não há nada para eu oferecer. Mesmo não querendo me aproximar, passo a máquina no cabelo e faço a barba.

Passo o terceiro dia arrumando uns pneus e cordas para improvisar uma academia atrás da casa para mim. Liguei para os meus avós e ficaram felizes ao saber que cortei laços com minha mãe. Eles a odeiam desde que se envolveu com o filho deles, ao que sei. Meu avô disse que em breve estarão de volta e nós iremos conversar. Agora quer que eu fique no comando de tudo e que aprenda a lidar com as coisas por aqui. Isso me anima um bocado. Maria era a única empregada conhecida minha aqui, que veio do Rio comigo na outra vez, mas agora ficou com minha mãe e só há os funcionários dos meus avós aqui. Todos são humildes e me pego gostando de aprender um pouco com cada um deles. Zeca garantiu que vai me ensinar tudo.

Me surpreendo quando a tarde chega e ouço os galopes de cavalo. Antes mesmo de olhar na direção, sei que é Jasmim. Ao olhar, vejo seus cabelos loiros voando, e a expressão de alegria brincando em seu rosto faz com que eu sorria. Cacete. Estou aqui há vários dias e só desde que a vi comecei a sentir vontade de sair da fossa novamente. Isso é uma merda.

— Ei, cara da cidade grande.

— Oi, Jasmim.

Ela pula do cavalo e para na minha frente. Não consigo evitar sentir o desejo que vem devastador só pela forma que ela me olha. Estou com uma camisa social, com as mangas cortadas, de forma que meus braços estão à mostra e os botões todos abertos, exibindo parte do meu peitoral e abdômen. Jasmim me come com os olhos e isso me faz ter vontade de comê-la. Viver como um moribundo estava bem até revê-la. Mesmo evitando voltar a encontrá-la, ela mexeu comigo, me dando motivação para levantar da cama e

arrumar minha aparência. Subconscientemente, queria que ela me visse novamente de cabelos cortados e a barba de antes. Porque o desejo que Jasmim sente por mim, vai além. Não é só vontade de ter sexo. Seu olhar exibe pureza, transmite paz. E mais. Eu vejo nela o desejo de me ajudar, me mostrando um sentimento que não tive a chance de conhecer antes. Empatia. Já ouvi muito falar, mas não tive ninguém que demonstrasse sentir por mim. Jasmim é a primeira pessoa que desperta sentimentos bonitos em mim. Porque ela é cheia deles.

— Tudo bem? — Pergunta, como quem não quer nada.

Não evito soltar uma risada. Porra. Ela realmente pensa em me ajudar. Viu que eu estava na merda e quer me fazer sentir bem. Há mil maneiras eficazes para Jasmim me fazer sentir bem. Poderia pensar em sexo. O mais louco é pensar em seu sorriso em primeiro lugar.

— Sei o que você quer. — Digo, arqueando a sobrancelha.

— Eu? Não quero nada. Minha avó que pediu para eu vir aqui e chamá-lo para jantar conosco, uai.

Quero abraçá-la, merda. Isso dói. Porque eu sei que não devo sujá-la. O que Jasmim pensaria se soubesse o que eu fazia da minha vida? Fodendo amigas da minha mãe e ganhando dinheiro, desfrutando de uma vida de luxo através do que ganhei dessa maneira medíocre. O pior é sentir que minha própria mãe me empurrou para isso. Não a responsabilizo, sou adulto e sei o que faço da minha vida, porém, sempre que pensei em parar me ameaçava, dizendo que contaria sobre o passado para Tatiane. Só me libertei, por

perceber, que minha irmã também não se importou comigo em momento algum. Desfrutou do dinheiro e do luxo, se manteve na riqueza para viver em seu mundinho e nunca me aconselhou a parar, nunca teve empatia. Justamente por isso que digo que não conheço bondade. Só Jasmim e seus avós me transmitiram isso em toda a minha vida.

— Jas, agora moro aqui na fazenda. Devo ser sincero com você. Minha vida é uma merda e encontrei alguma beleza aqui. Em você. — A verdade é algo que sempre me sinto disposto a dizer a ela. Exceto a prostituição. Isso a jogaria para longe de mim. — Só que já fiz tanta coisa ruim nessa vida, que por mais louco que seja por você, não acho justo trazê-la para isso... Porque com você não ficaria satisfeito com uma noite só, como eu disse que seria caso nos envolvêssemos. Vejo em seus olhos a beleza, a empatia de quem se preocupou comigo, mas estou bem.

— Você está dizendo todas essas coisas para me manter afastada, é isso? — Pergunta. — Você me cercou bastante, trem. Vou ser sincera também. Me preocupo com você e não vou recuar. Não quero ficar com você, nem precisa ficar se achando. — Me esnoba na cara dura, mas sei que é pura lorota. Sorrio e seus olhos brilham para mim. — Aturei você demais, agora você vai me aturar. Como amigos. Agora vem, sem falar bobiça.

Arqueio as sobrancelhas e, embora, queira agir como um rabugento, acho divertido. Ela sobe no cavalo, rápido, acostumada com isso, e bate atrás para que eu suba também. Não hesito. Monto e minha respiração fica suspensa quando meu corpo fica colado em suas costas. Porra. Aqui está ela me deixando louco de desejo mesmo quando diz loucuras sem sentido e finge que não está nem aí para mim, exceto para amizade. Jasmim bate os pés nas

laterais do corpo do garanhão e ele corre pela extensão longa de terra. O vento no meu rosto, a sensação de liberdade nunca pareceu ser tão real como agora. Abraço sua cintura e esqueço de me martirizar, permito-me viver isso agora. Permito-me sentir Jasmim, aproveitar isso que ela está me dando, me ensinando.

Nunca vi tanto valor em coisas pequenas como tenho visto agora. Um mês longe dela foi o suficiente para sentir a falta de coisas que mal aproveitei, tampouco, dei valor enquanto estive aqui.

— Segura, peão! — Exclama, divertida por conta do meu aperto em sua cintura.

Jasmim só faz o cavalo parar quando estamos em uma parte bem afastada da casa e salta do cavalo, mal me dando de tempo de raciocinar. Quase caio no chão atrás dela, mas a solto e pulo em seguida. Ela é agitada pra caralho.

— Quase me derruba no chão, maluca.

— É para você ficar esperto, trem. — Diz, sentando-se no gramado.

Sorrio e sento-me ao seu lado. Ela me encara com seus olhos verdes límpidos, serenos e cheios de curiosidade. Então, a conversa sobre sua avó tê-la enviado, é pura enrolação.

— Você disse que mora na fazenda agora. É... De vez?

— Sim.

— Por que?

— Me sentia perdido e nem sabia. Achava que estava bem com a minha vida, até vir aqui e me deparar com a realidade de que tudo poderia ser diferente, de que a vida poderia ser prazerosa, feliz de verdade.

— Você não é feliz, Natan? — Sua expressão fica triste ao perguntar, quase como se ficasse triste por mim.

— Eu sinto um pouco de felicidade agora, porque me sinto liberto e aprendi a gostar desse lugar. Mas me sinto triste por não poder ter você, Jasmim.

Ela pisca algumas vezes, como se não entendesse.

— Você está dizendo por eu ter dito aquelas coisas a última vez que nos vimos antes de você voltar para o Rio de Janeiro? Aquilo... Eu só estava ferida com as palavras que usou com sua mãe, Natan... Fui malvada, quis te ferir...

— Não. — Interrompo. — Sei que ficou puta comigo, mas se pudesse, tentaria de todas as formas fazer você ver que eu fui sincero contigo. Não é isso, Jas. É só a única vez que consigo agir sem ser egoísta, sendo humano. A minha vida é podre. Você é... Pura. Não quero sujá-la com minha podridão.

Só eu sei o quanto gostaria que tudo fosse diferente. Jamais senti por outra pessoa o que essa mineirinha linda desperta em mim. Me deixa afoito, ansioso por ela. Nunca fiquei assim antes. Se eu a tivesse conhecido anos atrás... Tudo seria diferente. Hoje me pergunto porque não vim passar férias na fazenda no passado. Me recordo que sempre quis ficar por perto para proteger minha mãe das surras que meu pai dava. Talvez eu tivesse conhecido Jasmim se não fosse por isso. Tudo poderia ter sido diferente. Tenho certeza absoluta que me apaixonaria por ela antes, me apaixonaria em qualquer época ou circunstância. Inferno, estou caído agora. Tão apaixonado como nunca estive.

— Você não tem autonomia para decidir nada por mim. — Jasmim me surpreende se aproximando e empurrando meu peito.

Ela monta em meu colo e sequer tenho autonomia por mim mesmo nesse momento. Sua mão delicada me empurra até que fico com as costas no gramado. Jasmim se debruça sobre mim, sua boceta esfregando meu pau semi duro e, porra, beija minha boca. Não resisto. Eu sou um fraco. Agarro sua nuca, seus cabelos entre meus dedos e retribuo. Louco de paixão. Ela me deixa assim. Aceso, ansioso, querendo tê-la de todas as formas. Sem precisar de estímulos ou qualquer merda para ter uma ereção. Jasmim me deixa assim só por ser ela, por sorri, por me tocar, por ser petulante.

— Eu quis beijá-lo desde que bati meus olhos em você assim, suado, com essa roupa de caipira. Olha, trem, você fica mais atraente no estilo fazendeiro gostosão. — Brinca, murmurando na minha boca.

Aperto sua bunda, fazendo nossos sexos se chocarem e a fricção é

deliciosa, mesmo com a barreira das roupas.

— Não sou bom para você. — Alerto, encarando seus olhos. — Mas se tocar em mim, não vou resistir. Sou um animal irracional quando se trata de você.

— Me dê sua irracionalidade então, Natan. Até agora você só me deu muita palavra e pouca ação...

A filha da mãe sabe como ativar a fera com o ego do tamanho do mundo dentro de mim. Para dar-lhe motivos para não debochar mais, viro nossos corpos e monto sobre ela, já abaixando sua blusa e exibindo o peitinho com o mamilo rosado. Sorrio para ela quando ouço seu gemido e belisco o biquinho, que intumescce. Salivo e abaixo, abocanhando. Chupo seu peito, enquanto levo minha outra mão por dentro do seu short curto. Abro o zíper e busco a bocetinha lisinha e que me lembro de ser branquinha e pequena. Tão gostosa. Enfio meu dedo entre suas dobras e sinto a umidade escorrendo.

— Toda molhadinha... Já estava pensando em dar para mim antes de vir aqui, Jasmim? — Pergunto, rouco.

Puxo minha mão e passo os dedos no seu mamilo, trazendo o gosto dela. Não espero sua resposta e volto a mamar em seu peito. Jasmim geme e ondula sob meu corpo, toda entregue, arreganhada para mim. É fogosa e cheia de paixão, se entrega sem pudores. Enfio minha mão em seu sexo de novo e a penetro com dois dedos, deixando meu polegar em seu clitóris. Masturbo-a, enquanto me farto com seus seios. Estou quase explodindo na calça.

— Natan... Oh... Vou gozar.

— Goza, minha menina. Goza para mim. — Peço e beijo sua boca, tomando seus gemidos.

Sinto ordenhar meus dedos e quase gozo só de imaginar fazendo isso no meu pau. Seu rosto fica a coisa mais linda do mundo gozando. Uma verdadeira obra de arte. Nunca prestei atenção em algo assim antes, mas me deixa mais excitado do que nunca. Giro nossos corpos e a puxo para mim, deixando sua cabeça sobre meu peito. O início da noite bonita e o céu estrelado são as testemunhas. Não me sinto culpado por ter passado dos limites que eu mesmo impus para mim. Não sei se irei conseguir continuar me punindo e me mantendo afastado de Jasmim.

CAPÍTULO 18

JASMIM

O que Natan me faz sentir é surreal. Nunca antes foi assim. É só ele me tocar para meu corpo incendiar. Fico consciente de músculos do meu corpo que jamais poderia imaginar que existiam. O homem é sensual, poderoso, lindo e quente. Parece seu elemento. Por mais que tenha tentado fugir, eu vim para a fazenda disposta a conseguir ter algo dele e, uau!, tive sucesso absoluto. No entanto, quero mais. Quero tudo. Estar em seus braços é o paraíso e, por um tempo, fico assim, a cabeça em seu peito, sentindo sua mão movendo-se entre meus cabelos. Quando minha respiração acalma, ergo o rosto e digo:

— Quero você, Natan. Mais que dedos, que boca. Quero tudo...

Ele se afasta, me deita na grama e mantém a cabeça sobre a minha, com a mão na bochecha e o cotovelo na grama.

— Quer que eu te foda, Jasmim, é isso? — Pergunta, aquele sorriso maldoso em seus lábios carnudos.

O olhar nublado de desejo, esse jeito de dizer meu nome. Tudo nele me excita. Mesmo que haja sentimentos com os quais não quero lidar, eu seria uma boba se não quisesse me descobrir nos braços de Natan, se continuasse relutando. Sinto-me como uma abelha em volta do mel. Anseio por sentir esse prazer que ele proporciona. Gosto da forma como me faz

sentir mulher, livre, sem pudores.

— Quero. — Digo a verdade.

Natan se aproxima e passa seu nariz por meu rosto, lentamente. Só me atiçando, o desgramado.

— Vou te comer duro na primeira vez. Porque é tanto tesão e desejo reprimido... E, porra, acabo de decidir que não devo fugir disso. — Segura meu queixo, fixando o olhar no meu. Estremeço. — Eu sou errado para você. O meu conselho é que você corra para o mais longe possível.

Me apoio em meus cotovelos e ergo o tronco. Olho em seus olhos escuros, passo o nariz no seu. Acaricio-o mais, levando meu nariz na marca do vinco entre suas sobrancelhas. É lindo. E quebrado. E talvez seja errado, não dá para dizer o que é certo e errado aqui. Ajusto minha boca sobre a sua e passo a língua em seus lábios. Ele geme, rouco, másculo, como um animal enjaulado. Mordo seu lábio inferior, o puxando entre meus dentes. Nossos olhos abertos, firmes um no outro.

— Você vai arrumar ideia de eu ter você aqui no mato.

Rio da sua voz arrastada, quase parecendo alguém sentindo dor.

— O mato é um dos meus elementos. Eu não iria reclamar.

— Porra, Jasmim.

Fecho os olhos e calo sua boca com um beijo. Pela primeira vez, eu conduzindo. Natan não me toca e isso me deixa afoita para enlouquecê-lo. Lambo seus lábios, brinco com sua língua, gemo em sua boca. Quero que ele perca o controle. Não me importo se é numa cama, ou aqui. Dane-se.

Em um momento estou o beijando e em outro estou em seu ombro, com ele já de pé e indo atrás do cavalo.

— Por que não amarramos esse trem desse cavalo, Jasmim? Puta que pariu.

Gargalho de verdade com seu desespero e para o meu pavor levo um tapa na bunda. O pavor é mais por eu gostar do que pelo ato em si. Sinto minha intimidade latejar, fogo vivo misturado a minha corrente sanguínea.

Natan caminha a passos longos, duros, até que encontra o cavalo em meio a um pasto com mato alto. Ele me coloca sobre o bicho e o calor entre minhas pernas me deixa desconsertada com o bichinho. O mais engraçado é que Natan não monta, só o pega pela corda e vai caminhando na frente, o guiando.

— Por que não sobe?

— Não curto zoofilia. Mais um toque e eu te como em cima do pobre cavalo. — Sua voz zangada me faz sorrir.

— Não lembro de tê-lo impedido de completar o serviço lá no meio do mato.

— Jesus Cristo... — Ele rosna. — Calada, Jasmim. Você é um atentado ao pudor ambulante. Honestamente...

Não consigo desfazer o sorriso enorme que fica em meu rosto. O caminho é longo e se ele prefere se acalmar um pouco caminhando, tudo bem. Para mim, só aumenta a expectativa de como tudo pode ser. A noite está linda e o vento geladinho serve para acalmar meus nervos. Os sons dos bichos da fazenda me deixam maravilhada. O lindo homem de costas largas e corpo forte não perde o meu olhar nem um segundo. Está com roupas simples, embora tenha cortado o cabelo e feito a barba, não parece o Natan todo vaidoso de antes. Me chama ainda mais atenção assim, com esse jeito de peão que bota a mão na massa.

— Não está cansado de andar tanto?

— Já estamos chegando. Foi bom para me acalmar. Você ainda me põe louco, menina. — Olha sobre o ombro e sorri para mim, agora de forma doce.

Minha nossa senhora! Tão, tão lindo!

Quando chegamos perto da casa, vejo uma mulher deslumbrante olhando com interesse. Me empertigo até o último fio de cabelo e quando ela abre a boca, tudo desmorona. Acho que é minha sina e de Natan. Sempre que ele me toca, depois surge algo para me ferir e me fazer fugir.

— *Carino mio*, vim vê-lo para resolver sobre nosso casamento.

Casamento.

A varanda bem iluminada permite que veja cada detalhe da mulher incrivelmente linda. Mesmo sentada sobre um banco, dá para ver que é tão alta quanto eu, com um corpo escultural, longos cabelos castanho avermelhados, boca carnuda, olhar marcante. Seios abastados e pernas grossas que nunca terei. Mesmo com um vestido longo de onça, suas pernas estão a mostra por conta do lascado. Elegante e sensual. Pelo sotaque e feições fortes parece espanhola.

Só fico paralisada tempo suficiente para a minha humilhação ser completa. Não bastava a frase, a contemplação de que Natan tem uma noiva. Precisava ver que ela é linda, droga, linda não, deslumbrante. A mulher está usando saltos na fazenda! Quer mais elegância que isso? Enquanto eu só vivo de botas, jeans rasgados, camisetas surradas ou roupas feitas pela vovó. Não estou querendo ser ela, não, nem usar suas roupas. Só vendo a diferença gritante entre nós. Pulo do cavalo e já me preparo para correr. Aparentemente Natan estava bem atento a mim, e me pega antes que possa me afastar. Tudo pesa em mim, o sentimento que vem crescendo por ele, o prazer que sinto em meu âmago que só ele pode me dar, a humilhação, a raiva...

— Seu trem safado! É pior do que eu pensei! — Bato em seus braços e ele me prende, me imobilizando e olhando em meus olhos.

— Não vou me casar com ela. Se acalme e escute.

— Uai, ela é louca então? Está sob efeito de alucinógenos? — Me

debato, sem sucesso.

Sou um esqueleto perto dele, todo fortão. Trem desgramado! Que raiva! Sinto meu sangue ferver de ódio.

— Ruth, porra! — Natan grita, puto. — Venha aqui.

Tento de tudo para escorraçá-lo, mas acabo perdendo tempo me espezinhando mais, enquanto vejo Ruth descer pelos degraus que levam para o quintal. Ela se aproxima, cheia de classe, sem afundar uma vez com os saltos enormes. Deus! Como pode um negócio desses? Ruth sorri, nos olhando como se fôssemos o melhor entretenimento da noite. Louca também!

— *Que passa, mi amor?*

— Corta a conversinha fiada e os apelidinhos. Está me fodendo aqui. — Natan rosna para ela, me apertando em seus braços. — Explique para Jasmim que não há casamento algum, que não a esperava aqui... Que... Porra, nunca nem tive nada com você!

Isso me aquieta. Olho entre os dois e a mulher me encara. Ganha meu respeito no momento que não me olha com soberba. Ela parece estar realmente entretida com o impasse entre Natan e eu.

— *Hermosa!* — Me chama de linda, me encarando com um sorriso. Bem, tive o básico de espanhol na escola. Sempre preferi, em vez de inglês, que era obrigatório. — Natan e eu nunca tivemos nada... Mas quero me casar com ele.

Hã?

Natan me solta e quase caio de cara no chão. A sorte é que ele me segura de novo. Fico olhando entre ele e a mulher. Ele ergue as mãos em sinal de rendição e garante:

— Não vou me casar com ela.

— Acho bom, seu trem! — Advirto. — Você é louca? Quer dizer, diria que é uma mulher de coragem se fosse outro homem. — Cruzo os braços, agora me sentindo corajosa para lidar com a potrancuda. — Mas se tratando daquele bruto ali, fique sabendo que ele é meu.

Ruth arregala os olhos e Natan engasga. Falei isso mesmo, não falei? Que seja! Não posso nem rebobinar a fita. Ah, que se lasque!

— É meu hoje. Foi isso que quis dizer. — Tento consertar, mortificada de vergonha.

Natan gargalha e me puxa para si, me tascando um beijão daqueles que só vi na televisão. Quase me parte no meio de tanto que me aperta.

— Vão para um quarto. Vou estar aqui embaixo esperando para falarmos sobre o casamento.

Ela é louca e irredutível. Olho-a de cara feia. Natan esbraveja:

— Ruth!

— Você sabe que o melhor caminho para nós dois é esse. Converse com a menina se ela é tão importante. Ela vai saber que é o melhor...

— Não, Ruth. Não há qualquer conversa. Sinto muito por você, pois sei que o seu está na reta, com a mãe maluca que você tem. Contudo, para mim deu fim de linha. Estou recomeçando. Aqui... Em Minas Gerais. Nessa fazenda.

Nem sei porque, mas meus olhos se enchem de lágrimas. Me sinto tocada de alguma forma. Ruth arregala os olhos, balbuciando, embolando espanhol com português, quase sem acreditar.

— *Pero tú...* Sua vida lá... As...

— Acabou. Tudo. Recomeço aqui. — Natan responde e sinto sua mão apertando meu braço, talvez involuntariamente.

Sorrio, emocionada ao extremo. Sou eu que o agarro dessa vez. Mal tenho tempo de beijá-lo e já estou sobre seu ombro novamente. Meu homem das cavernas sobe as escadas, as botas batendo sobre o assoalho de madeira. Ele olha para trás rapidamente e avisa:

— Volte para o Rio, Ruth. Dê um tempo nessa busca. Às vezes a gente encontra as coisas onde não procuramos. Onde menos esperamos.

Ruth assente com a cabeça, bem atordoada. Ergue a mão dando tchau

e diz:

— Sejam felizes. *Adios*.

Natan não volta a responder e segue em seu propósito sem olhar para trás. Entramos e não me coloca no chão até estarmos em seu quarto no segundo andar. Eu sou jogada contra a parede e beijada até perder o fôlego. Natan tira minha blusa e meus dedos se perdem em seu abdômen. Ergo meus braços para ele retirar a peça e ele geme quando vê meus seios livres de sutiã. São pequenos e me sinto tímida, lembrando da potrancuda. Quantas mulheres daquele tipo ficam atrás dele?

— O que há, minha menina? — Pergunta, segurando meu queixo e me fazendo encará-lo.

— Eu... — Suspiro. — Meus seios são pequenos. Sou... Magra demais...

— Linda. — Beija a minha boca e desce os lábios pelo meu pescoço, murmurando elogios. Sua boca paira sobre meu seio esqueço e ele lambe o bico até ter o mamilo todo na boca. — Delicioso, durinho, cabe perfeitamente onde o quero. — Murmura, rouco. — É perfeita. Natural. Toda para mim. Me deixa tão duro, Jasmim... Eu gostaria de beijá-la todinha, mas preciso estar dentro de você mais do que de ar para respirar.

Puxo uma lufada de ar e assinto, me sentindo endeusada, maravilhada. Ele se livra da camisa, tira as botas e a calça. Fica só de cueca na minha frente. Passo os dedos pelos gominhos de sua barriga, sua pele morena em

contraste com a minha mais clara.

— Lindo... — Sussurro, embevecida. — Tão lindo.

— Seu.

Suspiro, em chamas, latejante, flamejante. Ele tira meu short e minhas sandálias, me faz dar um pulo quando rasga minha calcinha fio dental e a leva ao nariz, cheirando feito um animal. Meu sexo contrai, dolorido, meus seios pesam. Preciso de alívio... Tanto. Minha respiração e meu coração estão em total desarmonia, desenfreados. Natan agarra meus cabelos e me puxa, me beijando feito louco. Me suspende com o outro braço e enrolo minhas pernas em sua cintura. Nos beijamos, famintos, enquanto ele caminha até a cama. Cai sobre mim, me montando e esfregando sua ereção enorme em minha intimidade úmida por ele.

— Tão cheirosa. Sou louco no seu cheiro. — Murmura, esticando o braço até o criado mudo, onde pega alguns preservativos.

Natan abre um e a ansiedade me deixa louca. Me esfrego nele e sinto falta do seu corpo quando se afasta para tirar a cueca e desenrolar a camisinha pelo comprimento grosso e grande. Natan é uma visão de fazer qualquer mulher delirar de prazer. É um homem que você olha e deseja. No entanto, para mim, tem sido muito mais que isso.

Ele volta a cobrir meu corpo com o seu, dando beijos em meu pescoço e queixo, enquanto se encaixa entre minhas pernas. Me invade lentamente, alargando-me de forma dolorosa por seu tamanho generoso.

Gemo, entre a dor e o prazer. Tê-lo dentro de mim faz apaciar a dor de necessidade que sentia antes e agora o prazer começa a ganhar vez. Natan beija minha testa, olhos, nariz, bochechas, toda a minha face, fazendo uma lágrima escapar e escorrer.

— Linda. Quis tanto isso... Muito... Mas agora só consigo ir devagar, te sentindo assim. — Empurra, fundo e lento, me fazendo gemer e revirar os olhos de prazer. Busco por mais contato, necessitada, e ele me beija mais. — É perfeita, Jasmim.

— Oh... Por favor...

Ele aumenta o ritmo das estocadas, empurrando mais forte, perseguindo nosso clímax. Arranho suas costas, mordo seus ombros, beijo seu pescoço, puro instinto. Abaixando a cabeça, ele busca meus seios e dá atenção aos dois, um de cada vez, mordendo o bico, chupando forte, bruto, assim como as arremetidas. Rebola, encontrando um ponto delicioso dentro de mim e pressiona, esfregando seu pênis ali, me deixando louca. Não consigo segurar e gozo forte. Natan continua em seu ritmo delicioso, agora buscando minha boca, até que se libera também e cai sobre mim.

CAPÍTULO 19

NATAN

Pernas trêmulas, coração disparado, mãos suando, até a merda de um nó na garganta. Em meio a uma foda, certamente a foda da minha vida. Eu nunca me senti tão bem, em contrapartida, também nunca me senti tão estranho. Está sendo esfregado na minha cara, que o que temos não é, apenas, sexual. Embora já soubesse, as sensações além do prazer, me assustam muito.

Encaro o rosto de Jasmim, seus olhos verdes revirando de prazer, os cabelos soltos pelo meu travesseiro. É linda e está sob mim, me engolindo polegada por polegada agora, bem lento e fundo. Descartei o primeiro preservativo há pouco, mas quis mais. Sempre a quero mais. Beijo seus olhos e sorrio quando ela me puxa, rebolando em meu encontro. Beijo sua boca, enfiando minha língua na sua, grunhindo e engolindo seus gemidos. Suas unhas arranham minhas costas, sua boceta me aperta gostoso. Me afasto apenas para virá-la, colocando-a de barriga para baixo. Sua bunda redondinha e linda fica a minha disposição e abro suas nádegas, enfiando meus dedos entre suas dobras. Jasmim geme e rebola.

— Você é toda linda, Jasmim. Pra caralho.

Ela geme e volto a penetrá-la, tortuoso, lento, fundo bem devagar. A puxo, de forma que a mantenho de quatro. Jasmim se empina para mim, puxo seus cabelos e encosto meu peito em suas costas, para beijar sua boca. Ela me encara sobre o ombro, o olhar de luxúria, o rosto corado, suor em sua testa.

Beijo sua boca e aumento o ritmo. Minha mão livre busca os seios pequenos, rosados e lindos. Belisco forte seu mamilo em sincronia com uma estocada dura.

— Natan! — Jasmim grita.

— Sim, trezinha. — Sorrio em sua orelha.

Porra, me sinto tão, tão bem. Há chance de sobreviver se ficar sem isso no futuro? Não há nenhuma gama de desejo de protegê-la de mim mesmo agora. O egoísta assumiu. A quero assim para mim todos os dias. Quase a perdi com a visita de Ruth, uma palavra errada, ou até mesmo se não tivesse prendido Jasmim para que as coisas fossem esclarecidas, eu a teria perdido.

E não, eu não quero mais sobreviver. Eu quero viver.

Com os cabelos de Jasmim em meu punho, seu pescoço fica livre para minhas mordidas. Torturo seus seios com a outra mão, sua pele com minha boca e sua boceta com estocadas duras. Ela é receptiva, rebola e geme, louca de tesão. Sinto-a me apertando, ordenhando meu pau e meu gozo vem forte, um orgasmo intenso de encontro ao dela. Nós desabamos na cama, todavia, continuo faminto. Demorei muito para tê-la e agora sinto que tenho o suficiente. Saio de dentro dela para descartar mais um preservativo e a viro de barriga para cima, agora sem pressa, admirando-a com atenção e fascínio.

Passo o dedo por seu rosto, numa carícia leve, que a fez se arrepiar.

— Você é lindo. — Diz, fazendo meu coração doer. Isso é fodido. — E não digo só por fora. Eu consigo ver além do que meu próprio entendimento me permite entender.

Acaricio seu pescoço, movido por mais do que luxúria. Embora não saiba decifrar, não consiga entender por nunca ter sentido antes essa coisa que faz meu coração bombear feito louco, tenho a convicção de que é além do que nossos desejos. Seria muito presunçoso dizer que ela foi feita para mim, mas é como me sinto nesse momento. Movo minha mão por seus ombros, somente o dedo a tocando. Passo por seus seios e abaixo a cabeça para ter um na boca. Jasmim geme e arqueia o corpo, querendo mais. Lambo seu mamilo rosado e o sugo, prendendo o bico entre meus dentes e puxando, fazendo-a gritar no abismo entre dor e prazer. Levo minha mão até sua boceta molhada e deslizo sua umidade por seus lábios, fazendo menção de penetrá-la e voltando. Sua excitação escorre por meus dedos e suas dobras. Trago meu dedo a minha boca e chupo, sentindo seu gosto delicioso de mulher. Levo meu dedo aos seus lábios, só os contornando, mas ela abre a boca para mim e lhe dou meu dedo com seu gosto para que ela chupe. Jasmim chupa e geme, meu pau baba querendo ser ele em sua boca.

— Preciso de você dentro de mim, Natan...

— Você é gulosa, Jas?

— Não sei... Nunca foi assim antes... Eu...

Beijo sua boca para não ouvi-la falar sobre suas experiências anteriores. É escroto da minha parte, mas eu gostaria de ser seu primeiro, de

ser o único. Se serve de equilíbrio, eu também gostaria que ela fosse minha primeira. Nada de primeira vez com uma prostituta paga pelo meu pai para me ensinar tudo. Nada de mulheres que comi por dinheiro. Nada disso. Minha mente se volta para esse lado e travo.

Jasmim percebe e senta, me puxando para seus braços. Inferno. Eu acabo de exterminar o clima, porque meus pensamentos me levaram para o caminho de merda que era a minha vida, brincando comigo, questionando se é isso que quero que Jasmim tenha. Me envergonha só de imaginar que ela pode descobrir esse passado nojento e ter nojo de mim, de si mesma, por tê-la tocado.

— O que houve? Está tudo bem? — Pergunta, acariciando minhas costas.

Eu ria da situação se não fosse uma merda. Nós dois pelados, cheios de tesão... E agora eu em seus braços, sendo confortado.

— Lembrei de coisas ruins.

— Estou aqui para te ouvir se quiser desabafar, Natan. Quero que saiba que, mesmo que você só queira que isso seja casual, para mim vai além. Vou viver isso como se não houvesse amanhã, não vou me resguardar. Quando acabar, terei as memórias. Você se subestima demais, mas tenho você em alta conta, apesar de ser um trem.

— Trem diz muita coisa sobre mim. — Brinco, dando um beijo em seu ombro.

— Trem é universal. Significa tudo!

Gargalho, me sentindo mais leve, em paz. Jasmim me empurra, fazendo minhas costas baterem na cama e me monta, esfregando-se em mim. Gemo, puxando sua cintura, mas ela sorri, cheia de malícia e se afasta. Sua cabeleira loira cai por minhas pernas e logo sinto sua boca quente me levando. Latejo, puxando seus cabelos, mas sem forçar um ritmo, deixando-a conduzir. Ela me chupa como se fosse um pirulito delicioso e isso tem um valor descomunal para mim, porque sempre fui pago para dar prazer às mulheres e não para receber. Não é o meu primeiro boquete, apesar de não ter ganhado muitos, mas certamente é o único em que a parceira está sentindo prazer de verdade em fazê-lo. Na outra vez que me teve em sua boca foi igual, mesmo que eu tenha a impedido de continuar. Justamente por isso, gozo em menos de cinco minutos, feito um adolescente sem controle. Meu gozo se prolonga quando tento afastá-la e ela não o faz, e sim bebe tudo, mamando feito uma profissional. Puxo-a para mim e beijo sua boca, a fricção dos nossos sexos já me deixando duro novamente. Ergo meu braço e pego mais uma camisinha no criado mudo. Abro e Jasmim pega da minha mão, toda curiosa para desenrolar pelo meu cumprimento. A ajudo e, antes mesmo de conferir, ela desce, engolindo-me, deslizando para cima e para baixo. Parece uma deusa, me fodendo. A cintura fina, o corpo esguio, bronzeado do sol, apesar de ter a pele clara, os cabelos jogados, selvagens dos meus dedos, o olhar nublado de desejo, a expressão de prazer. É a mulher Jasmim, em todo seu poder e sugando cada gota de força de vontade minha para me manter longe.

Não há chance no inferno de ficar sem isso agora que ela é minha.

E não, não sou neandertal.

Porque já sou dela antes de tudo chegar até esse ponto sem volta.

— Bem, aquela mulher chegou aqui muito certa de que ia se casar com você.

Ela quer saber de Ruth. Bem, eu gostaria de não tocar nesse assunto.

Estamos deitados, exaustos após um banho. Até tentei tê-la sob a ducha, mas Jas não aguentava mais. Respeitei e tomei banho sozinho, enquanto ela criava forças novamente. Depois descii e preparei um lanche para nós, enquanto ela tomava seu banho. Agora está nua sob uma de minhas camisas e nunca esteve tão linda. Está parecendo uma menina novamente, aquele ar só dela, deitada de barriga para baixo, pés para cima, cotovelos na cama e mãos apoiando a cabeça para poder me olhar.

— Ruth é filha de uma amiga da minha mãe. A mãe é uma vaca e ela achou que seria conveniente se casar comigo, por ser um advogado, para que eu tomasse posse da presidência da empresa da família, a qual a mãe só tem feito merda.

— Você diz que ela achou conveniente, mas me parece que ela tinha certeza que se casaria com você. — Franze o nariz de um jeito adorável e me olha feio.

— Em um momento eu havia acertado que me casaria com ela.

— Não acredito! — Jasmim grasna. — Quem se casa nesses termos? Nossa senhora!

— Você é muito inocente, Jasmim. Talvez por ser humilde. Isso é o que mais me encanta em você. Eu não digo que são todas as pessoas, eu afirmo que a maioria das pessoas com dinheiro, só agem por conveniência, para estar por cima, para sair bem na foto.

— Se... Se você decidir voltar para lá?

— Voltei para cá pelo meu bem estar. Agora sou pobre e fodido, não tenho nem mais um real. Me ofereci para trabalhar para o meu avô e nem pagamento terei por enquanto, somente teto e comida. — Sorrio, sem jeito.

— Eu não me importo com o que você tem. Só quem você é me interessa.

— Já te afirmei que não sou uma boa pessoa.

— Uma pessoa ruim não ajudaria Grazi e Núbia... Não ajudaria vovô, não seria tão amoroso com a irmã, mesmo na sua superfície bruta.

A situação de Graziela mexeu comigo desde o início, porque sofri o mesmo abuso físico do meu pai. Jamais deixaria a garotinha permanecer vivendo dessa forma, uma vez que estava no meu alcance ajudá-la. Sobre seu

avô, no início era para cercá-la, mas depois vi a dificuldade do velho em manter o sítio sozinho e quis ajudar genuinamente. Sobre minha irmã, bem, Jasmim não sabe da missa a metade. Voltando para Minas, também cortei laços com Tati. A verdade é que agora não tenho ninguém para se escorar em mim. Mesmo pobre, nunca me senti melhor, óbvio que é por causa dessa bela mulher na minha cama.

— Quantos anos você tem, Jas? Às vezes parece tão jovem.

— Fiz vinte há poucos meses. — Sorri e dá um beijinho em meu ombro. — E você?

Não consigo manter minhas mãos para mim e a puxo, fazendo-a sua cabeça ficar sobre mim. A agarro e a mantenho presa comigo.

— Eu tenho vinte e oito.

— Em alguns momentos achei que fosse mais velho. Deve ser porque estava sempre de cara fechada. — Zomba.

Dou um tapa na sua bunda e ela grita, rindo.

— Será que nós já deveríamos ter conhecido coisas sobre o outro no início? — Pergunto.

— Se você não estivesse me perseguindo com o intuito só de sexo, talvez teríamos seguido pelo rumo normal, que é se conhecer, seu trem.

Gargalho e ela também. A aperto ainda mais em meus braços. Beijo sua testa e respiro o cheiro de seus cabelos. Ouço o som de pingos fortes de chuva caindo sobre a casa. Jasmim solta um gritinho e salta para longe de mim, correndo até a janela.

— Chuva! — Grita. — Vamos!

— Para onde?

— Lavar a alma. Vem!

Minha cabeça gira quando penso que ela vai correr até a porta, porém, ela se pendura na janela.

— Jasmim, porra!

— Se aquieta, homem! Vem!

Levanto, correndo, a fim de tirá-la de lá, mas para o meu desespero, Jasmim já está pendurada nos galhos da árvore. Joga um beijinho para mim, desce de galho em galho até saltar lá embaixo. Jesus! Minhas bolas foram presas por uma moleque macho. Acabo rindo e imito seu percurso, o que me fode de cara, pois tenho o dobro de seu peso e o galho não me aguenta, de forma que caio no chão sem preparo.

— Natan! Minha nossa senhora!

Minhas costas doem como o inferno, mas me pego dando gargalhada

dessa merda toda. A chuva cai sobre nós e a mulher mais linda que já vi paira sobre mim. Antes que grite seu temor por eu ter me machucado, eu a puxo para meus braços e a beijo com ternura.

— Estou bem. — Garanto a ela.

Sorrindo, ela se afasta e vai dançar na chuva. Como no primeiro dia. Os braços abertos, o rosto voltado para o céu. Em plena madrugada. Eu me sinto feliz como não lembro de já ter me sentido algum dia.

CAPÍTULO 20

JASMIM

O que Natan e eu temos vivido nos últimos dias é além de mágico. Nossa história começou de um jeito diferente, com ele querendo sexo e eu sentindo todas as faíscas do mundo por ele, porém, correndo para não sofrer. No fim, ele se afastou e eu coloquei meu time em campo. O que adianta viver e não se arriscar? Viver esperando as melhores coisas caírem do céu e não colocar a mão na massa para vivenciar algo extraordinário? Sim, porque o que está acontecendo entre Natan e eu, é incrível. Eu não mudaria nada. Se em algum ponto do caminho, ele não me quisesse mais, serei feliz por ter as lembranças. O homem se prende na sua própria escuridão, se acha inferior e minha missão tem sido mostrá-lo o quão incrível ele é. Natan não se valoriza, não se vê como eu o vejo. E eu, que sempre esperei meu príncipe encantado, me sinto uma cavaleira reluzente — com direito a armadura e espadas — lutando para salvar o meu dragãozinho. Príncipe, hein? Essa vida surpreende. Não vou mentir, sonho com um futuro para nós, com filhinhos correndo pelo sítio, com meus avós felizes, com Natan tendo uma família em nós, que nunca teve antes, podendo conhecer o amor, sem precisar dar nada em troca. Todavia, se isso não acontecer, nós teremos aprendido muito um com o outro. Eu aprendo a valorizar mais a vida, a ter mais amor pelas pessoas. Uma vez que as vezes julgamos pelas primeiras impressões, ou até mesmo por muitas impressões, que a pessoa deixa, mas porque ela está presa em si mesma, ou apenas não conhece a vida como você, não conhece o amor. Assim como Natan. Não sei muito sobre seu passado, ele tem sido aberto, mas nós focamos no presente. Gostaria de saber porque se diz sujo para estar comigo,

mas não volto nesse assunto para não lembrá-lo e fazê-lo recuar.

Estamos há três semanas vivendo algo lindo. De manhã, ele vai ajudar vovô e todos tomamos café da manhã juntos antes de eles irem trabalhar e eu ir levar as crianças para a escola. A tarde ele trabalha em sua fazenda, e eu ajudo vovó e cuido de Grazi. A noite ficamos sempre juntos, na minha cama apertada de solteiro, ou andando a cavalo, sempre nos deitamos no gramado para admirar o céu e se tornou um ritual tomarmos banho de chuva juntos quando ela vem. Dormimos juntos sempre, às vezes na fazenda e transamos em todas as partes. Me sinto no auge da minha feminilidade com ele, descobrindo-me, conhecendo-me sem limites, porque Natan sabe como me dar prazer e me deixar à beira da loucura por mais.

Nós parecemos ter algo sério, mas às vezes não sei o que esperar dele. Prefiro não criar expectativas. Hoje é sábado e estou com meus avós e Grazi, esperando-o para o almoço. Ele prometeu a vovó que almoçaria aqui todos os sábados e tem feito. Contido, agora está meia hora atrasado e vovô já não se aguenta mais de fome, reclamando, com razão.

— Vó, não é justo Grazi e vocês fiquem esperando. Almochem e irei ver o que está acontecendo. Natan não deixaria de vir à toa... — Digo só para ela ouvir.

— Aquele menino precisa ir à missa. É atormentado, coitado. Vai, minha filha. Dá umas beijocas para ele se animar.

Rio, sem jeito, e aviso a vovô que estou indo checá-lo antes de sair de casa. Busco meu cavalo no pequeno estábulo. Ele sempre me lembra Natan,

por ser um presente dele e por ser tão bonito, grande e imponente. O puxo até o portão, abro, saio e depois o fecho. Então monto e cavalgo até a entrada da fazenda dos Cassilas. Sinto uma coisa estranha ao ver um carro diferente da caminhonete que Natan usa. É um vermelho, meio extravagante, sem cobertura, coisa bem chique. O grande portão de madeira está aberto, de forma que não preciso descer para abri-lo. Continuo seguindo, sem correr, com receio de atrapalhar a visita, sem fazer ideia se devo continuar seguindo. A curiosidade fala mais alto.

De longe vejo Natan sem camisa na varanda, parecendo irritado, falando algo, que não consigo escutar, os braços se movendo na direção de uma mulher. A mulher é morena como ele, tem cabelos negros, curtos na altura do queixo, usa vestido e salto alto pretos. Ao me aproximar mais, chamo a atenção dos dois. Natan parece querer correr para as colinas, já ela, me encara com interesse além da conta.

— Boa tarde. — Decido cumprimentar, então o encaro. — Desculpe aparacer assim, mas estávamos esperando para o almoço e...

— Foi mal, Jas. Em uma hora apareço lá e explico tudo. — Percebo que não quer que eu fique aqui.

Guio o cavalo para que se vire, mas antes que siga meu caminho a voz da mulher me impede.

— Não vai nos apresentar, filho?

Arregalo os olhos e a encaro. Seus olhos negros e a pele deixam

evidente o parentesco, assim como a altivez. Percebo que Tatiane é muito parecida com ela, com exceção dos olhos, que da filha são verdes, já Natan só as semelhanças que citei. Lembro-me de Natan não querer que ela se aproximasse de mim. O meu desejo é de conhecê-la, fazer perguntas, descobrir mais sobre ele. Contudo, o respeito. Por isso, digo:

— Meu avô trabalha para o senhor Cassilas. Minha avó só fez o almoço para ele e estava esperando. Não sou ninguém importante para ser apresentada. — Sorrio, educadamente e bato com os pés nas laterais do cavalo, fazendo-o galopar.

Meu coração dói no peito, por ter não ter sentido o “meu” Natan ali. Não houve qualquer olhar de paixão, nenhum interesse direcionado a mim. No fundo, gostaria que me apresentasse como alguém... Não sei. Ele está infiltrado na minha casa, minha família tem o acolhido, e não por mim, porque gostam dele, mesmo sendo fechado. Vovô vive brigando com ele e isso é uma prova de carinho vindo do Sr Mário.

Grazi teve dificuldades de se aproximar de uma figura masculina, até agora não chegou perto de Natan, apenas vovô ela permite se aproximar, mas aos poucos percebia que o olhava demais, às vezes sorri para ele. Passo em casa, apenas, para avisar que Natan está com sua mãe. Digo para vovó que preciso dar uma volta e saio novamente. Perco a noção do tempo galopando, só paro por sentir a quentura do clima me incomodando. Paro sob uma árvore e deixo o cavalo pastar um pouco, enquanto me refresco na sombra.

Penso e continuo certa de que quero continuar vivendo seja lá o que nós temos. Embora, tenha certeza de que somos muito diferentes e que

nossos mundos também. Até quando Natan vai conseguir viver na fazenda? Vendo o carro de sua mãe, dá para ter a convicção que vivem uma vida de luxo no Rio de Janeiro. Mesmo seus avós sendo muito ricos, a fazenda não é cheia de extravagâncias. Se ele sentir falta de sua vida lá, irá voltar e eu jamais poderei segui-lo — não que seja o caso de ele querer isso, é claro.

Ouçó o barulho de um carro se aproximando e me viro, o coração disparado com a hipótese de ser a mãe de Natan. Entretanto, é a caminhonete da fazenda. Volto para a posição anterior e fico na minha, de onde estacionou já me viu, então só espero que se aproxime. Leva algum tempo para ele, finalmente, descer do carro e se aproximar.

— Estou há horas te procurando, Jasmim.

Não gosto nem um pouco do tom de censura. O olho feio.

— Não sabia que lhe devia satisfações.

— Jasmim. — Grunhe, passando a mão pelo rosto.

Faço uma careta e me seguro para não continuar parecendo uma garotinha mimada e idiota. Quando pensei em ajudar Natan a voltar a sorrir, nunca cogitei que posso ser eu a nunca mais sorrir se algo der muito errado. Só com sua aproximação meu coração acelera descompensado, como na primeira vez que o vi. Nunca muda. Eu sou muito apaixonada por ele. Seria tolice negar para mim mesma, seria em vão me negar a viver essa paixão o máximo possível. É por isso que deixo de lado todas essas coisas que rondaram minha mente hoje e me levanto, ficando frente a frente com ele. Me

estico na ponta dos pés e o beijo. Ele geme quase dolorosamente.

— Pensei que estava zangada comigo.

— Não estou...

— Não pense que escondo você, Jasmim. Só a acho preciosa demais para lidar com alguém como a minha mãe. Porra, eu sou podre para você. Apenas não consigo me afastar. Ela, jamais irei permitir que se aproxime de você. Nunca.

— O que há de errado com ela, Natan? É sua mãe.

— É uma mãe que só pensa em dinheiro, que é capaz de me jogar na forca se isso for lhe trazer riqueza.

— Você nunca teve amor, não é? — Pergunto, encarando seus olhos, segurando seu rosto em minhas mãos. Ele nega com a cabeça.

Sinto vontade de gritar que agora ele tem, que o amo e sou capaz de dar todo o meu amor para que ele jamais sinta falta do que não teve no passado. Calo-me, mas beijo todo o seu rosto. Adorando-o, como ele já fez algumas vezes. Seus braços me rodeiam com força. Meu coração quebra e se refaz quando vejo uma lágrima solitária escapar de seu olho esquerdo. A capturo com meus lábios e sinto vontade de me derramar em lágrimas, mas me mantenho forte. Sua boca toma a minha com loucura, quase como se fosse uma necessidade. Ele me beija, tirando todo meu ar e minha sanidade. Minhas pernas ficam moles, meu corpo queima e pulsa por ele. Passo minhas

unhas por sua nuca e suas mãos ajudam-me a ficar suspensa, com as pernas em volta do seu quadril. Nos atacamos, feito dois necessitados e, de fato, somos.

Eu me sinto necessitada dele a cada dia mais. Já Natan, não sei se é só o carnal que ele necessita.

— Uma escuridão dessas e você de cavalo. É foda, Jasmim. — Natan reclama na hora que decidimos voltar para casa.

— Eu vim e volto tranquilamente, uai. — Resmungo.

— Vou de carro atrás, seguindo.

Nós não transamos no mato, porque Natan nos refreou, uma vez que há essa estrada de terra aqui bem perto. Por mim, não me importaria. Ficamos um bom tempo só namorando sob a árvore, muitas palavras não ditas. Voltamos para casa e ele, realmente, segue atrás de mim, cuidando para que nada aconteça. Gosto e desgosto desse jeito dele. Gosto por me sentir cuidada e desgosto se me sentir controlada.

Ao chegarmos na fazenda, para onde ele pediu que fôssemos, vejo que não há mais o carro de sua mãe. Então entro tranquila e salto do cavalo próximo ao estábulo. O daqui é enorme e cheio de cavalos. Deixo-o numa baia vazia e saio. Natan está no carro, esperando que eu entre. Sorrio e saio correndo pela fazenda. Odeio esse negócio de ficar presa. Gosto da liberdade

e posso ouvir o rosnado de Natan na minha mente, só por saber como ele é rabugento às vezes. Contudo, me surpreendo quando o carro para e ele salta, correndo atrás de mim. Corro até cair com ele rolando em cima de mim e me beijando.

— Você é um moleque.

— Eu sou. Você gosta?

— Me deixa de pau duro.

Gargalho quando esfrega sua ereção em mim. Todavia, uma música alta dentro do casarão da fazenda atrai nossa atenção. Natan cerra os olhos, parecendo não entender nada.

— Será Tatiane que também veio? — Pergunto ao escutar a música, dessas de baladas.

— Não. Ela está com a namorada. Espere aqui.

— Não, Natan. Vou com você. Se forem bandidos?

— Não são bandidos. Há seguranças aqui. É coisa da minha mãe.

— Até quando vai enfrentá-la desse jeito? Gritando e esbravejando, mas nunca dando um basta? — Explodo.

— Eu dei um basta quando vim para cá, porra!

— Deu mesmo? Então por que me esconde? Por que tem medo que ela faça ou fale algo? Se deu um basta deve parar de temê-la, deve mostrar que, realmente, não se importa com o que ela tem a dizer ou pode fazer. Vai viver sua vida assim? Se encolhendo numa concha quando ela aparece?

Natan me olha quase com raiva.

— Não temo nada sobre ela. Temo sobre você saber o que eu fazia por causa dela. Se perceber que te amo, vai querer estragar tudo.

Te amo.

— Que me ama?!

— O que?

— Você disse que me ama...

— Falei? — Arregala os olhos.

— Você disse! — Pareço uma menina ganhando um presente do Papai Noel.

— Eu devia ter dito mais cedo quando você disse.

— Quando eu disse? Não falei isso, trem!

A música parece ficar ainda mais alta, mas a bolha em que estamos parece perfeita demais para lidarmos com problemas agora.

— Disse sem palavras, mas disse. Beijando meu rosto sob aquela árvore após eu dizer que nunca tive amor. Eu senti seu amor ali. Eu quis dizer que também te amava, por isso uma lágrima foi impossível de segurar. Assim como o que sinto por você.

— Eu te amo, Natan. — Digo as palavras, emocionada e o abraço.

Ele me aperta em seus braços. Nunca me senti tão viva como agora. Eu conhecia minha versão solta na chuva, cavalgando no sol, lidando com plantas, pulando ao vento, correndo atrás de galinha fujona. Todavia, não conhecia minha versão sendo amada. Me sinto amada agora e parece o auge de tudo quanto é forma que já senti antes.

— Deixe-me enfrentar tudo com você?

— Eu vou te perder, Jasmim.

— Não vai.

Ele assente com a cabeça e me solta para entrarmos. Entramos de mãos dadas e o que vejo na sala, me deixa chocada. Há uma mulher, mais velha do que eu, talvez da idade da mãe Natan. Ela é muito bonita e tem o corpo em forma. Está nua, fumando um cigarro mais comprido do que os que vejo por aí. Suas unhas são grandes e vermelhas, cabelos loiros presos em um coque. Ela sorri quando nos vê, afastando o cigarro dos lábios tingidos de

vermelho e segurando-o entre os dedos.

— Sua mãe disse que você está precisando de dinheiro, querido.
Venha me satisfazer e eu lhe pagarei bem.

CAPÍTULO 21

NATAN

Minha respiração falha. Estou vendo, mas ao mesmo tempo não consigo acreditar que isso possa estar acontecendo. O que há de errado com a minha mãe para me foder dessa forma? Ela me conhece, conseguiu ver, de alguma forma, que me importo demais com Jasmim. Encaro minha menina e, porra, seu olhar está beirando ao terror. Certamente pensando todos os tipos de merda sobre mim e o que posso fazer? Toda merda que está cogitando não passa da mais pura realidade. Não posso perdê-la e não vou. Caminho até o maldito rádio, com a música alta e o desligo com uma pancada. Perco, totalmente, a noção. A raiva, o desespero e o medo ganham a guerra de emoções dentro de mim e avanço até Hilma. Seguro-a pelos ombros e ela vê meu olhar, o que a faz estremecer. Seu cigarro maldito cai no chão, enquanto a empurro para fora da casa. Sinto as mãos de Jasmim em meus braços e isso me faz respirar fundo e acalmar a maneira como a enxoto.

— Natan, não a machuque! O que está acontecendo?

Hilma abre a boca, mas rosno, deixando claro meu aviso e aperto seu braço. Ela tenta se soltar e cambaleia quando a solto, somente por Jasmim, que me encara horrorizada.

— Ela é mulher! — Jasmim segura tão forte meu braço, que suas unhas, mesmo pequenas, me arranham.

Eu sei, porra. Sempre repudiei meu pai por agredir minha mãe e não vou, jamais, fazer isso. Não vou machucar Hilma, porém, preciso deixar claro para não se meter no meu caminho, não com Jasmim envolvida.

— Não vou machucá-la. — Garanto a Jasmim, que me encara como se não conseguisse ter certeza se pode confiar em mim. — Hilma, vá embora. Avise a minha mãe que isso não vai ficar assim.

— Você... — Ela começa.

— Sem mas, porra! — Grito, dando um passo em sua direção.

— Natan... — Jasmim adverte. — Senhora, onde estão suas roupas? — Se aproxima de Hilma e segura seus ombros com suavidade.

Fecho meus olhos. Isso não pode estar acontecendo.

— Minhas roupas estão atrás do sofá. — Hilma diz, parecendo surpresa com a atitude de Jasmim. — Eu não queria atrapalhar vocês... — Justifica-se.

Jasmim sorri, calorosa, e vai até o sofá. Mal vejo, sem poder acreditar. Como ela pode ser tão boa? Hilma parece envergonhada. Jasmim consegue desconcertar, até mesmo, o pior ser humano, com sua bondade. E não digo sobre Hilma, ela não presta, mas eu sou pior.

— Sua mãe disse que se tratava de uma mulher vulgar e interesseira, Natan. Pedi minha ajuda. Não queria deixar essa doce menina triste. —

Hilma comenta, baixinho.

Somente assinto, minhas mãos fechando-se em punhos para reprimir a raiva por minha mãe infernal.

— Aqui. Vista-se e posso levá-la até seu carro. — Jas entrega as roupas.

Hilma aceita e se afasta de nós, realmente parecendo constrangida. Me arrependo de ter sido tão rude, visto que quem está por trás de tudo é minha mãe. Meu sangue ferveu de imaginar que Jasmim poderia sentir nojo de mim ao saber a verdade, só de pensar em Hilma falando sobre qualquer merda, me deixou insano e só quis sumir com ela da minha frente. Ela se veste. A porra do carro da minha mãe está atrás da casa, onde Jasmim faz questão de acompanhar Hilma. Sigo-as para proteger minha menina, tanto da maldade da puta, quanto da audácia da outra de tentar falar algo. Quando o carro da minha mãe se afasta com Hilma o dirigindo, respiro fundo, quase aliviado. Até o olhar de Jasmim me encontrar e eu enxergar todos os questionamentos ali presentes.

Ela disse que me ama, que nada mudaria isso. Eu a amo, não havia pensado sobre isso, mas hoje senti que isso ia explodir dentro de mim e precisei expor para ela, tanto que não tive controle, apenas saiu. Saber que ela se sente da mesma forma é tudo o que me faz saber que não posso perdê-la. Não posso deixá-la saber sobre a merda de vida que eu levava. Ela é pura luz. Como se sentiria ao saber que está com um cara sujo? Que recebia dinheiro para foder mulheres como Hilma? Como minha mãe. Mulheres casadas, na grande maioria, sem respeito por seus casamentos. Satisfeitas com maridos

ausentes que as enchem de presentes e dinheiros, e buscam a satisfação que não lhes dão na cama, com o homem que só serve para isso. Para dar prazer. Sem valor. Jamais quero que Jasmim me olhe diferente, que tenha nojo de mim. Já basta eu mesmo me odiando por nós dois.

Me aproximo dela, segurando seu rosto entre minhas mãos e ela relaxa.

— Desculpe por isso. Eu perdi a linha, por medo de você achar que era algo que não era. Eu não a chamei aqui.

— Eu sei que não... Mas por que ficou tão agressivo com ela? É só uma senhora, Natan.

— Você faz parecer que era alguém inofensiva. Ela estava pelada, esperando que a fodesse, Jasmim. O mundo não é cor de rosa como você parece enxergar.

— Eu não enxergo nada cor de rosa. — Reclama, se afastando de mim, me olhando com chateação evidente. — Apenas não julgo as pessoas sem saber.

— Você me julgou bastante no início. Lembro que fugia de mim por presumir coisas.

— Coisas que você deixou claro para mim, Natan! — Esbraveja. — Você ficou atrás de mim apenas para sexo. Queria que eu pensasse o que? — Jasmim se afasta, e passa a mão pelo rosto. — Por que essa mulher te

ofereceu dinheiro por... Por...?

— Por sexo? — Minha voz vacila, mas me endireito. — É alguma ideia distorcida da minha mãe para te assustar.

— Eu me assustei. Só não entendi qual sentido disso tudo. Por que sua mãe faz isso? O que ela quer?

— Não sei. — Minto, minha garganta apertando pela mentira descarada. — Deixe-me te abraçar?

Jasmim assente, se aproximando e me abraça antes que eu possa lhe puxar para mim. A aperto em meus braços, sentindo os tremores pelo meu corpo se acalmarem. Somente ela causa isso. A omissão é por ela. Seu mundo cor de rosa está perfeito dessa maneira, ela não precisa conhecer a podridão em mim. Embora eu saiba que mentira tem perna curta, eu torço para que Jasmim nunca descubra sobre eu ter sido um garoto de programa.

— Só você me traz paz. — Digo.

Ela levanta a cabeça e me olha, seus olhos verdes brilhando com lágrimas para mim, o que me assusta.

— Eu sei que há mais do que você quer me dizer. Me assustou muito como você agiu com aquela mulher. Não vou pressionar você, Natan, mas se você quer um futuro para nós, se, realmente, me ama e quer mais do que algo temporário, terá que confiar em mim. Não vou saber viver com a certeza de que você esconde algo. Em algum momento, você se sentirá sobrecarregado

de carregar sozinho essa omissão.

As lágrimas rolam por sua bochecha e isso faz meu peito doer. Seco-as com meus polegares e beijo sua testa, fechando meus olhos, me agarrando a esses últimos momentos em que seus olhos ainda me encaram com amor. Eu lutaria mil batalhas para esconder a verdade dela, para não ver o nojo em seus olhos lindos. No entanto, essa agonia que vejo agora me mata aos poucos e não quero que Jasmim carregue incertezas, que talvez a levem a se tornar alguém tão sem luz como eu.

— Você é a única coisa boa que já tive na minha vida. Eu nunca quis mentir. Só vejo uma necessidade de continuar mantendo você sendo essa pessoa cheia de luz, que me olha desse jeitinho que você olha.

— Vou continuar te olhando assim...

— Não diga o que não sabe, Jasmim. — Interrompo-a.

Beijo sua boca uma última vez, o gosto de suas lágrimas se misturando, fazendo tudo parecer ainda mais doloroso. Seguro sua mão entre a minha e a levo de volta para casa. Caminhamos em silêncio, mas dentro de mim há o pior tipo de barulho. Vozes zombam de mim, meu peito parece rasgar de dor. Eu nunca amei ninguém, nunca fui amado. Parece a maior ironia do mundo que a primeira vez que esse sentimento está em minha vida, termine assim. Jasmim irá me odiar e não só por eu ter fodido mulheres por dinheiro. Há mais do meu passado, que só minha mãe sabe, o que ela sempre segurou contra mim, me levando a continuar fazendo programas para manter seus luxos.

O som do estrondo no portão da fazenda nos faz recuar. Jasmim e eu olhamos, atordoados, enquanto Hilma invade com o carro da minha mãe, quebrando o portão com tudo. O pavor se instala quando vemos Grazi chorando, desesperada, ao lado dela, no banco do passageiro. Avançamos e a encontramos no meio do caminho. O choro de Graziela é algo que faz doer na alma. Jasmim se desespera para tirar a menina do carro, que mal consegue dizer algo. Me aproximo de Hilma, o questionamento em minha expressão.

— Você a conhece? A casa estava pegando fogo! A senhora me pediu ajuda, mas não quis vir comigo... Meu Deus! Só deu a garotinha e ficou lá para salvar o marido! Vocês os conhecem? — O desespero de Hilma me apavora.

— Jasmim, fique com Grazi aqui.

Não espero sua resposta. Corro em direção ao sítio de seus avós, a angústia e o pavor me consumindo. Deus... Se existe um Deus, por favor... Não consigo concluir meus pensamentos, a agonia grande me desestabilizando. Antes de entrar no sítio, vejo a fumaça e o fogo subindo, de longe. Que porra foi essa? Me aproximo, correndo feito um louco e começo a tossir ao chegar perto da casa. Grito por dona Nice e Mário, não há resposta. Arranco minha camisa e jogo sobre minha cabeça, amarrando desajeitado e tento entrar pela porta. A porta despenca e o fogo sobe quase no meu rosto.

— Natan! — A voz de Jasmim se aproxima e a olho, sem saber o que fazer.

— Não se aproxime. Não se aproxime, por favor. — Suplico e a vejo chorando desesperadamente, com Grazi agarrada em seu colo. — Volte na fazenda e grite pelos empregados do meu avô! Há alguns que passam a noite na casa atrás da casa grande! Vá!

Jasmim corre, mal parecendo sentir o peso de Graziela. Procuro pelas janelas e vejo que o quarto de Jasmim é o único local que ainda dá para entrar. Soco as portas e elas despencam, soltando fogo no chão, mas nada desesperador. Piso em cima e isso o faz cessar. Entro, as cortinas queimando minhas costas, mas não me importo. Esses senhores são tudo para Jasmim e, porra, nas últimas semanas foram a única base familiar que pude ter na minha vida. Vejo Mário caído no chão, mas o horror me toma quando vejo que está acordado, os olhos vidrados encarando Nice, que está desacordada, a roupa queimada, quase nua e com feridas evidentes, próxima da porta, onde o fogo está a todo vapor.

— Mario?! Vamos sair daqui. Venha! — O puxo, mas ele luta comigo, começando a chorar desesperadamente.

— Ela veio me salvar. Não quis sair sem mim. Ela veio me salvar. — Continua repetindo, enquanto luta comigo.

Meu coração aperta, uma dor que não lembro de ter sentido antes. Luto com ele para mantê-lo em meus braços e sou obrigado a jogá-lo do lado de fora, antes de verificar Nice. O homem luta tentando voltar, mas por sorte Jasmim surge com alguns dos peões da fazenda.

Verifico Nice e sinto sua pulsação fraca. Me apresso, tentando ajustá-

la da melhor forma em meus braços. Um dos homens, Zeca, espera no outro lado da janela. O quarto de Jasmim ainda não está incendiando, mas provavelmente Nice chegou aqui depois de ter respirado muita fumaça e se queimado pela casa. A entrego para Zeca.

— Ligamos para o corpo de bombeiros. Já devem estar chegando. — Comunica.

— Obrigado.

No momento em que eles se afastam e me ajusto para pular, uma lasca da madeira que segurava as janelas cai nas minhas costas e, puta que pariu, dói demais. Jasmim grita, horrorizada. E isso me faz sair rápido para não desesperá-la ainda mais. Ela corre em minha direção, me abraçando, passando a mão em meu corpo, com anseio.

— Obrigada, Natan. Obrigada... Meu Deus! Eles vão ficar bem... Não vão?

— Sim, eles vão. Eles vão. — Repito, querendo acreditar nisso tanto quanto ela.

Seu avô, fisicamente, está bem. Dona Nice parece grave e perdê-la pode ser algo que Mário não possa superar. Por Jasmim, por Grazi e por ele, espero que tudo fique bem com ela. Porém, não só por eles. Por mim também. A senhora esprevidada é a alegria dessa família.

Demora quinze minutos para os bombeiros chegarem, por estarmos

longe de tudo. Eles socorrem dona Nice imediatamente e se apressam a cessar o fogo. Entrego meu celular para Jasmim, que vai com sua avó para o hospital e eu fico encarregado de levar Mário e Grazi para casa. Graziela é relutante comigo, então mal me olha, mas me segue e Mário continua berrando, querendo me agredir. Os acomodo na fazenda e fico de olho nos dois, desesperado por notícias de Jasmim.

CAPÍTULO 22

JASMIM

Desespero é pouco para definir como me sinto. Ver vovó no estado que está me causa uma dor tremenda. Não consigo imaginar minha vida sem ela, sem sua alegria de viver e amor por todos que a cercam.

A chegada no pronto socorro é uma correria só. Me sinto sozinha e desesperada. Preocupada com vovô e com Natan, que inalaram tanta fumaça. Também deveriam estar aqui, mas na hora do desespero me deixei fazer o que mandaram. O celular de Natan está preso em minha mão e não faço ideia do que fazer com ele. Talvez ele me ligue em algum momento. Passo um longo tempo sozinha na recepção, enquanto cuidam de vovó lá dentro, mas ninguém dá notícias. O celular toca em certo momento, e atendo, ansiando por Natan.

— *Jas? Sou eu. Como você está? E sua avó?*

Sua preocupação aquece meu coração, em contrapartida faz com que eu queira me desabar em lágrimas. Respiro fundo antes de responder.

— Não tenho notícias. Desde que chegamos a levaram e não falaram nada comigo. Estou com medo...

— *Vai ficar tudo bem. Eu pedi ao Zeca para buscar a esposa para passar a noite aqui com seu avô e Grazi. Ele estava muito nervoso, precisei*

dar um calmante e Grazi dormiu rápido. — Suspira. — Preciso estar aí com você.

— E eu preciso de você aqui. — Declaro, deixando algumas lágrimas caírem.

Natan continua falando comigo por algum tempo até que precisa encerrar a chamada para receber a esposa de Zeca. Fico quietinha, esperando notícias, indo até a recepcionista e perguntando, ocasionalmente, se ela sabe de algo. Não obtenho nenhuma resposta. O pressentimento que tenho é esmagador, mesmo que queira acreditar que tudo ficará bem, não consigo ter essa esperança.

Meia hora depois, Natan chega e me puxa para os seus braços assim que se aproxima. Isso me conforta e faz com que o choro que estou segurando, saia sem controle.

— Deixe sair, minha menina... — Murmura, beijando meus cabelos.

Seu cheiro me traz sensação de calma, seus braços me parecem como casa. Choro, agarrada ao homem que amo, que foi quem salvou meu avô e deu a chance a vovó de lutar.

— Familiares da senhora vítima do incêndio? Não há documentos com ela... — Uma voz masculina atrai nossa atenção.

Me viro e Natan entrelaça nossos dedos, enquanto assinto com a cabeça. Seco minhas lágrimas e espero.

— Como minha avó está? — Pergunto, a voz soando trêmula.

— Fizemos todos os procedimentos necessários nessa situação. Ter sido resgatada e vindo imediatamente é algo que sempre costuma ajudar os pacientes a ficarem estáveis. Fizemos hiperoxigenação com máscaras especiais com reservatório de oxigênio. A inflamação respiratória pode matar em um curto espaço de tempo pela falta de oxigenação no sangue. A fumaça provocou o fechamento das vias aéreas superiores e impediu a eliminação do gás carbônico e a entrada de oxigênio no organismo. Quando as células de defesa liberaram enzimas para combater a intoxicação, atingiram e romperam os alvéolos, inundando-os de sangue e impedindo a passagem de ar. Infelizmente, ela não resistiu.

O médico continua explicando e usando termos que jamais serei capaz de entender. Nem quero. A única coisa que importa é que perdi a minha avó. Natan me segura, só então me deixando perceber que perdi as forças das minhas pernas com a notícia terrível. O médico toca meu ombro, gentilmente, e diz que sente muito, então sai.

— Calma... Eu vou cuidar de vocês. — Natan repete palavras de consolo, mas meu choro é desesperado.

Não estou pronta para viver a vida sem a alegria de vó Nice. Por que as coisas aconteceram desse jeito? Natan me embala em seu peito, deixando-me chorar, tentando me acalmar. Penso em vovô, em como ele ficará, isso irá destruí-lo. O choro fica ainda mais forte ao lembrar de como se amavam, de como implicavam um com o outro, mas não se separavam nunca. Toda uma

vida juntos. Tento me acalmar, sabendo que precisarei ser a força do meu avô. Há Grazi também, que sofreu nas mãos de quem deveria lhe amar e encontrou um grande conforto no amor de vovó.

— Senhorita? Com licença...

Natan e eu nos viramos em direção a voz feminina e nos deparamos com uma policial jovem.

— Sei que o momento é inoportuno. Sinto muito por sua perda, mas quanto antes colhermos informações, mais cedo poderemos colocar as mãos nos culpados.

Meu corpo treme. Sinto Natan ficar duro atrás de mim e sua voz soa dura.

— Culpados?

— Sim, senhor. Aparentemente, o incêndio foi causado por alguém. Há uma trilha de fogo vindo de trás da casa e ao que tudo indica, a trilha foi feita por gasolina antes de atearem fogo e ele se alastrar. — Explica.

— Meus avós nunca fizeram mal a ninguém! Quem poderia fazer uma atrocidade dessas? — Pergunto, horrorizada.

As mãos de Natan me apertam com força e o encaro, sem entender. Seu olhar parece distante, quase perdido. Toco seu rosto e ele me olha.

— O que há?

— Se foi minha mãe quem fez isso, Jasmim? Como você vai olhar para mim depois? — Seu tom é quase desesperado.

Meu coração dispara. Não pode ser isso. Sua mãe faria algo assim? Por isso Natan queria me manter longe dela? Meu Deus!

— O senhor sabe de alguém que pode ter feito? — A policial questiona.

Natan me encara uma última vez e se aproxima dela, reafirmando o que me disse. Ele volta um segundo depois e beija minha testa.

— Irei dar um breve depoimento. Me espere aqui, sim?

Só consigo assentir com a cabeça, ainda perdida no meio disso tudo. Só agora a ficha começa a cair. Não tenho mais uma casa. Como será daqui para frente? Vovó está morta. Ela era o principal pilar que sustentava nossa pequena família. Sento no banco e vejo algumas famílias juntas no outro lado. A vida passa tão rápido por nós. O que pode parecer longo, se acaba em meros segundos. A hipótese de que a mãe de Natan é a culpada me deixa desesperada. Eu poderia continuar amando o filho da mulher que matou minha avó? Que destruiu minha família? Na hora do desespero, não pensei em nada, nem cogitei como o incêndio poderia ter começado. Só pensava em salvar vovó, em trazê-la a tempo. Não pensei em como seria meu futuro. Agora tudo cai sobre mim com um peso esmagador. Minha cabeça gira com incertezas, o peito queima com a dor esmagadora da perda e a certeza de que

a vida não será a mesma sem ela.

A madrugada passa com Natan se desdobrando para resolver os trâmites necessários para que possamos enterrar vovó. O dia seguinte chega e continuo sentada. Ocasionalmente ele me traz um café ou algo da cantina para comer. Me sinto petrificada, toda minha hiperatividade não servindo para nada, escondida nas profundezas. Parece que se me envolver, tudo será ainda mais real.

Natan se aproxima por volta das oito da manhã, beija minha testa e senta-se ao meu lado.

— Vou te levar em casa para que possa tomar banho e descansar um pouco.

— Eu não tenho casa. — Sussurro, mais para mim mesma do que para ele.

Natan me abraça e beija meus cabelos.

— Você tem. Onde eu estiver, você vai estar. Onde estou, cabe você.

— Se foi sua mãe que fez isso... Eu...

— Não, deixe-me continuar tendo seu amor enquanto não descobrimos a verdade. — Suplica, segurando meu rosto em suas mãos.

Uma lágrima desliza por meu rosto. Levo minha mão até sua barba e faço uma carícia. Passo o dedo sob seus olhos, na marca das olheiras pela noite correndo atrás de resolver as burocracias para que vovó tenha um enterro decente. Tudo se dificultou devido ao fato de nossos documentos terem sido queimados no incêndio. Natan se virou. Como poderia deixar de amá-lo em algum momento?

— Eu preciso dizer. — Insisto, fungando. Dou um beijo em seus lábios. — Se sua mãe fez isso, ela vai pagar. Com os homens, talvez. Com Deus, certamente. No entanto, o que você teria a ver com a maldade dela, trem? Nada. Você é luz. Estou me agarrando à essa luz agora, você está sendo a única coisa boa nesse momento de escuridão.

Natan me puxa para seus braços e sinto algo molhado tocar meu ombro. Meu grande homem bruto está chorando. O abraço ainda mais apertado, deixando claro que isso não é conversa de um momento de tristeza. É uma conversa para vida. Na dor, nós descobrimos com quem podemos contar.

— Seu avô precisa saber. Você precisa descansar um pouco. A funerária irá cuidar de tudo.

— E os custos? — Pergunto, só agora me lembrando disso.

Nós não temos economias e hoje em dia até para morrer com dignidade, é necessário uma quantia alta.

— Eu cuidei de tudo. Não se preocupe.

Penso em contestar, mas ele me cala com um beijo breve. O que eu poderia falar? Orgulho não cairá bem nesse momento. Não tenho dinheiro algum e vovó merece um enterro decente.

Contar para o vovô partiu ainda mais meu coração. Vê-lo se desesperar, lutar com Natan, chorar e quebrar foi a pior coisa que já vi na minha vida. Até mesmo ver vovó morta não superou. Ela viveu sua vida da melhor maneira possível e sei que está em um lugar melhor agora. A dor da saudade sempre vai me corroer e não será fácil seguir em frente. Entretanto, vendo meu avô quebrado, faço uma promessa de me manter firme por ele. Eu sou tudo que ele têm agora. O velório lota de gente, pois dona Nice era muito querida. Natan não sai do meu lado, mesmo cansado, sem ter tirado sequer uma hora de sono. Fez questão que eu descansasse, cuidou de vovô e só não cuidou de Grazi porque a menina ainda sente medo. Núbia foi de grande ajuda, me dando força e dizendo palavras de consolo, conhecedora da dor da perda pela forma que perdeu sua irmã. Ver vovó pela última vez dói demais. Vovô e eu choramos, abraçados, e nesse momento vejo seu olhar. Mesmo tendo perdido o amor de sua vida, ele se preocupa com como estou, e tenta se mostrar forte para me consolar.

Depois do enterro, a ficha, realmente, cai. Cada vez que alguém presta condolências, meu coração se parte mais um pouco. Natan dá força para vovô e eu. Seu carinho é um consolo em meio a tanta tristeza.

Passamos de carro em frente ao sítio e ver nossa casinha queimada é mais um soco. Por que? Me pergunto o tempo todo, sem conseguir entender, mesmo que os desígnios de Deus não tenham que ser questionados. É difícil se manter sã, manter a fé inabalável. A gente vê tanta gente ruim triunfando diariamente e as pessoas boas sendo vítimas. Por que os bons se vão? Vovó se foi, mas agora fica a luta para quem está vivo. Ficar sem ela é pior do que qualquer coisa que eu já tenha experimentado. Não consigo conter o choro. É difícil parar de chorar nesse momento. As pessoas dizem que tudo ficará bem, que ela está em um lugar melhor, até mesmo eu pensei assim mais cedo. Só que aos poucos a realidade se faz mais presente e a tristeza se fundamenta ainda mais.

CAPÍTULO 23

NATAN

A mesma Jasmim cheia de vida e que exalava cores brilhantes na minha vida escura, murchou completamente depois do falecimento de dona Nice. O que mais me surpreendeu foi ver o Sr Mário sendo forte pela neta. Eu supus, que seria o contrário. Jasmim sendo forte para manter o avô firme. Ela até queria que fosse assim, todavia, quando percebeu que seu avô estava lutando, a ficha de Jas foi caindo aos poucos e ela se deixou abater. Minha menina é a sombra do que era há duas semanas atrás, antes da barbaridade. O incêndio, realmente, foi causado por alguém. Minha mãe, Hilma e dois senhores que estavam forçando Sr Mário a vender o sítio são as principais suspeitas. Quando o avô de Jasmim falou desses rapazes, nos surpreendemos, uma vez que não fazíamos ideia de que algo assim estava acontecendo. Eles vinham sofrendo pressão de fazendeiros ricos e não pretendiam ceder. Vô Vitório me emprestou o dinheiro necessário para arcar com as despesas do enterro e me surpreendeu quando disse que todos poderiam ficar na fazenda, inclusive disse que não tem data para voltar.

— *Você está no lugar que sempre quis que estivesse. Cuidando do que é seu, fazendo o que seu pai não fez. Ele decidiu se enredar por aquele mundo de luxos e farra. Esse é seu legado. A Fazenda Cassilas é sua, Natan.*
— Vovô disse na última ligação que fizemos.

Ajudo Sr Mário a cavar mais um buraco na terra. Ele está morando na fazenda, mas cuidou do sítio todos os dias. O lugar está novo em folha e nós

conseguimos salvar a maior parte da plantação. Agora estamos plantando novas coisas. Gosto de ajudar esse velho resmungão e sei que Jas fica feliz que alguém esteja olhando por ele.

— Nós temos que aproveitar o clima, que está frio e úmido, para plantar esses milhos. — Explica ele, pela milésima vez.

— O senhor já me deu uma aula sobre plantação de milharal.

— Uai, está me contestando, trem? — Resmunga, me olhando feio.

Me seguro para não rir, pois toda vez que me chama de trem — o que é típico de qualquer mineiro — lembro-me de Jasmim me chamando da mesma forma, e sinto falta disso.

— Não, Sr Mário, jamais.

— Precisamos deixá-los aqui nessa área, onde pega o sol da manhã. O milho precisa da luminosidade do sol por algumas horas. O solo está bom, já passamos a semana toda o preparando.

E ele continua. Fala sobre irrigação e como é necessário o chão estar úmido, mas não encharcado. Explica sobre o plantio, lembrando que as sementes, geralmente, são semeadas diretamente no local definitivo da horta ou plantação, mas também podem ser semeadas em sementeiras e transplantadas quando preenchem os módulos com suas raízes, ou em copinhos feitos de papel jornal, fazendo então o transplante quando as mudas têm de 8 a 10 cm de altura. A aula dura cerca de uma hora, e eu deixo, pois

ele se sente bem me ensinando e eu, fico feliz em aprender com alguém tão empenhado e apaixonado. É uma pena que ele não tenha tido condições de crescer nesse meio, pois seria muito bem sucedido se tivesse tido investimento.

Nós cavamos mais buracos e toda hora sou repreendido por estar fazendo errado. Não adianta como faça, o velho sempre reclama. Quando acabamos de plantar e molhamos a plantação, fico orgulhoso por ter ajudado a fazer algo tão bonito. O milharal ficou grande e bem arrumado no sítio. Ainda há partes vazias, mas Sr Mário quer construir uma nova casa, então o espaço vem a calhar no futuro. Nos molhamos com a água da mangueira, tirando toda a sujeira de mato e suor dos nossos corpos. O velho ranzinza me olha feio e franze o nariz, como se eu estivesse fedendo. Estreito os olhos para ele.

— Você não vai fazer minha neta sair dessa onda de tristeza, não?

— Estou sendo companheiro dela, mas tenho dado espaço. Não acho que ela gostaria que eu fique em cima dela o tempo todo.

— Que vergonha! Mulher não gosta de espaço, não, uai! Mulher gosta de cabra macho amoroso, que dá flor, que pergunta se está bem, dá comida na cama, mas que também dá um sacolejo para acordar para vida. Minha velha não vai ficar feliz com essa menina triste pelos cantos. Você trate de fazê-la ficar feliz!

— O senhor sabe disso tudo sobre as mulheres como? — Pergunto, risonho, mesmo que o velho esteja certo.

— Quarenta e sete anos de casamento, meu filho. — Responde, e então olha pelo céu, deixando transparecer a tristeza. — Eu sinto falta dela todos os dias. Para dormir é um inferno sem a velha assanhada me apalpando, mesmo que a gente nem aguentasse mais fazer nada. Mas Nice era feliz e em quase cinquenta anos de casados, sua alegria de viver é o maior ensinamento que posso guardar. Vou ser feliz aqui, até o dia que eu puder me encontrar com ela novamente.

Porra, me emociono com suas palavras. Mesmo que nós dois sejamos dois brutos, me aproximo e o abraço rapidamente. Sr Mário deixa, mas logo me empurra.

— Vá, rapaz. Vá fazer minha neta sair de dentro daquela casa.

Assinto com a cabeça e começo a me afastar. Deixo a mangueira no chão e vou fechar o registro. Enrolo-a e penduro na cerca de madeira. Quando estou saindo do sítio, ele me chama e olho sobre o ombro.

— Obrigado. Você é um bom companheiro para mim e para minha neta. Obrigado pela companhia de todos os dias, por ser um bom rapaz e me ajudar, mesmo eu sendo um velho cricri. Obrigado por me dar a chance de viver mais um pouco. Nice ficaria possessa se um de nós não conhecêssemos nossos bisnetos.

Sorrio, feliz de verdade pela primeira vez desde que Nice se foi. Assinto com a cabeça, vendo-o todo vermelho de vergonha.

Após tomar um banho decente e aparar minha barba, sigo até meu quarto. Entro e vejo Jasmim encolhida na cama, adormecida. Descalço os chinelos e me aconchego ao seu lado, puxando seu corpo para o meu. Ela sorri, ainda dormindo, e ajusta a cabeça em meu braço. Fico a encarando por um longo tempo. Jasmim é a pessoa mais bonita que pude conviver. Seu caráter, sua empatia, seu amor e sua capacidade de enxergar qualquer ser humano vão além das coisas que conheci na vida.

— Natan? — Sussurra, piscando os olhos, ainda sonolenta.

Acaricio seus cabelos loiros, agora com a raiz escura mais evidente do que quando a conheci.

— Deixe-me fazê-la parar de sofrer. — Peço, baixinho. — Sei que nunca ninguém poderá substituir sua avó, mas ela gostaria de vê-la feliz. Seu avô está sendo feliz para te ver bem.

— Eu ainda não consigo me acostumar com um mundo ao qual ela não faz parte. No primeiro dia, acreditei que seria tudo bem, mas com o dia-a-dia, a saudade dói demais, Natan. O peso de tudo... Como vamos fazer para construir uma nova casa? Dona Inês deixou que eu ficasse essas duas semanas em casa, e em alguns meses começam as férias. O natal vai chegar e será o primeiro sem vovó... — As lágrimas banham seu rosto e meu coração dói demais ao vê-la assim.

— Podemos fazer um acordo. Você me deixa tentar ajudá-la, mas

quando quiser ficar só de verdade, me avise e nós voltamos para cá.

Ela seca as lágrimas com as costas das mãos e me encara, receosa.

— O que você quer fazer?

Penso em muitas coisas, mas escolho o mais fácil para o caso de ela querer voltar.

— Andar à cavalo. — Acaricio seu rosto, afastando os fios de cabelos.

— Nós estamos há duas semanas sem sexo. Você não cansou de mim ainda? — Pergunta, baixinho.

— Realmente acha que só estou com você para sexo?

Jasmim desvia o olhar, parecendo arrependida.

— Você é lindo. É incrível quando toca em mim, me sinto nas nuvens. Sei que é fogo, Natan. Tenho medo de perdê-lo... mas não quero empacar sua vida. Não tenho para onde ir agora, mas poderia trabalhar aqui, de alguma forma, para pagar a estadia e...

— Por favor, não continue. — Tiro sua cabeça do meu braço, a jeito no travesseiro e levanto da cama, agoniado. — Em alguma hora te fiz acreditar que estava querendo sexo nesse momento? Eu sou louco por você e te desejaria até se todos os meus membros do corpo estivessem quebrados,

mas não sou um ninfomaniaco. Não estou desesperado. Só quero tirá-la dessa cama para que você volte a viver e não por interesse sexual, Jasmim.

— Desculpe. Estou sendo idiota. Nem me reconheço, Natan. Quando perdi meu pai, não foi assim.

— Você tinha seus avós e era mais jovem, é compreensível. — Suspiro, passando a mão pelo rosto.

— Você já perdeu alguém que amava? — Pergunta, mas antes que eu responda, ela nega com a cabeça. — Desculpe, é claro que sim. Você perdeu seu pai.

Meu pulso acelera com a menção do meu pai. Sorrio, sem qualquer humor e encaro Jasmim. Ela levanta e para na minha frente.

— Eu nunca perdi alguém que amava. A perda mais sofrida foi a da sua avó. Ela importava mais para mim do que meu pai.

— Você disse que ele agredia sua mãe e a você. É por isso. — Suspira, entristecida. — Vamos?

— O que?

— Andar à cavalo. Desistiu, trem? — Jasmim sorri e vejo um vislumbre da menina cheia de alegria de viver.

Seguro seu rosto em minhas mãos e beijo sua testa. Me surpreendo

quando ela me puxa e beija minha boca. Nossos últimos contatos não passaram de selinhos e dormir agarrados. Sr Mário estava certo, pois acreditando ser o melhor dar espaço, deixei Jasmim se encolher nessa bolha de reclusão. O melhor é ajudá-la a sair dessa tristeza, mesmo que sempre fique a dor da saudade. A vida continua.

Sua língua dança em minha boca, provocando a minha, suas unhas raspando em meus ombros. Isso já é o suficiente para me acender, mas lembrando sobre como ela acredita que estou louco por sexo, recuo um pouco e dou-lhe um selinho. Entrelaço nossos dedos e a puxo para fora do quarto.

Ficamos até o anoitecer cavalgando. Sempre roubo olhares dela, vendo-a parecendo feliz em estar em contato com o vento, com o animal que lhe presenteei. Ela fica perfeita o montando, não há imagem mais bonita. A serenidade em seu olhar, a expressão de paz, os cabelos voando ao vento e o sorriso sempre que me olha. Deixamos os cavalos pastando quando paramos próximos ao portão de saída e nos deitamos sobre o gramado, encarando o céu.

— Você está se sentindo bem em estar aqui? — Pergunto, mexendo meus dedos entre seus cabelos.

— Eu me sinto bem em estar com você. Essa dor... — Sua voz embarga e ela respira fundo. — Essa dor não vai passar. Talvez diminua. Me senti tão mal nos últimos dias, mas hoje que me permiti espairecer, a sensação de paz me invadiu. Sou grata por ter você para me dar força.

— Quando mais pensei que não havia possibilidades de ser feliz, você

me tirou fora da minha acomodação e me fez o homem mais feliz por tê-la, Jasmim. Se eu puder te dar um terço do que me deu, me sentirei honrado.

— Você me dá muito mais que um terço, Natan.

— Você é minha alma e meu coração. Você é minha luz. — Beijo seus cabelos.

— E você é a minha.

Nós ficamos quietinhos, abraçados, encarando o céu. Peço a vó Nice, que se puder me ouvir, que console o coração de Jasmim e do Sr Mário. Eu gostaria muito de ajudá-los a seguir em frente. Eles merecem ser felizes.

— Vamos jantar com seu avô? O velho come cedo e dorme cedo. Igual galinha.

— As galinhas já estão dormindo. — Ela ri, defendendo o rabugento.

Sorrio e levanto-me. Estico o braço e a puxo, para que se levante. Jasmim me abraça e beija minha boca. Eu me afasto para não atacá-la. Ela não precisa que eu seja o safado habitual agora.

CAPÍTULO 24

JASMIM

Sempre tinha sido eu por meus avós, e eles por mim. É diferente, e muito bem vindo, ter Natan por vovô e eu agora. Dizer que imaginava que isso aconteceria quando o conheci seria a maior mentira do mundo. Entretanto, ser surpreendida por um ser humano tão incrível tem me mantido em um bom lugar. Depois que vovó faleceu, foi difícil entender que a vida continua. Quando perdemos alguém, precisamos de um tempo frente à frente com a dor. Nada do que as pessoas digam e, até mesmo, o que nossa consciência diz, pode ajudar. A tristeza precisa ser sentida e cada um sente à sua maneira.

Desde a semana passada, quando Natan me convenceu a dar um passeio à cavalo, voltei a vida. Há coisas para resolver e a vida para viver. Não posso estar em um lugar escuro, deixando vovô e Natan por conta própria, esquecendo Grazi. Vovó jamais ficaria feliz se eu abandonasse a garotinha a quem ela se dedicou tanto em seus últimos dias. Núbia e ela tinham planos de irem morar conosco no sítio; e ontem Natan começou trazer as coisas das duas para a fazenda, uma vez que conversamos sobre tudo e ele garantiu que, desde que tenha um quarto para nós dois termos nosso tempo, a casa pode ter uma multidão, que para ele está tudo bem. Não me sinto uma intrusa em seu espaço, por incrível que pareça. E embora saiba que os Cassilas nunca foram pessoas que parecessem amigáveis, o avô dele está fazendo um bom trabalho o apoiando.

— Você está cansado, não é? Venha tomar um banho comigo e descansar um pouco. — Chamo Natan.

Ele me encara com um olhar que eu conheço, mas pouco tenho visto. Natan tem me evitado sexualmente. Nós não temos nada desde que vovó se foi e eu me tranquei numa bolha. Contudo, mesmo depois que voltei a viver, ele evita que nossos beijos se aprofundem, sai da cama antes que eu acorde e deita depois que já adormeci. No início tive medo de perdê-lo, por saber que ele é muito viril e poderia não esperar, mas agora sou eu que não aguento esperar mais.

— Vá tomando banho, enquanto verifico algo lá embaixo.

— Até quando vai correr de me tocar, trem? — Pergunto de uma vez.

Natan arregala os olhos escuros, mas acaba rindo. Ele se aproxima, todo gostoso numa calça jeans com rasgos do mato, botas de cowboy e um palito entre os dentes. Sem camisa, exibindo o torso nu e o abdômen delicioso. Falta, apenas, um chapéu para que ele seja a personificação da minha fantasia ambulante. Embora, não haja dúvida, que esse homem é mais do que já fantasiei algum dia. Me aproximo, encontrando-o no meio do caminho e coloco minha mão sobre seu peito, em cima do coração.

— Eu perdi minha avó e por alguns dias não quis viver. Vivi meu luto e irei viver eternamente, mas a vida continua. No começo, não tinha cabeça para sexo, pensei que seria assim para sempre, mas como ser indiferente a um trem gostoso como você? — Pergunto e Natan ri, segurando meu rosto em suas mãos grandes. O jeito que me encara me faz quase flutuar e meu sexo

contrair de anseio. — Eu quero você.

— Eu amo você. — Natan murmura antes de bater sua boca contra a minha.

Nosso beijo é frenético, necessitado. Nada é sobre calma, é tudo sobre desespero e saudade. Mesmo tão perto, estivemos distantes e eu não aguentava mais esperar que Natan desse um passo em minha direção. Isso deixou claro o quanto ele me respeita e como não quer que o sexo seja a base do nosso relacionamento. Deus! Ele pegou toda a bagagem da minha vida para ele, com direito a vô rabugento e agregados. O que eu posso querer mais desse homem? O que pode me fazer ir para longe dele? Só o quero perto de mim. Sempre.

Natan toca todo meu corpo com suas mãos ásperas, como se não fosse nunca suficiente o que tem de mim. Seu corpo empurra o meu até que sinto minhas costas batendo na porta do banheiro. Ele para o beijo para me olhar, seu peito subindo e descendo, a respiração ofegante — assim como eu. Passo minha mão por sua barba e ele fecha os olhos, se inclinando para meu toque.

— Eu te amo. — Sussurro e vejo seus olhos brilharem com lágrimas não derramadas.

— Você não sabe o que significa para mim alguém como você me amar. — Sua voz soa baixinha, parecendo triste.

— Seria estranho se eu não o amasse. Era o destino, mas tudo o que você tem feito no momento em que mais precisei, isso me faz amá-lo ainda

mais. Porque você é alguém que eu posso contar, e sempre estarei para você contar comigo. Eu amo que você ame e cuide do meu avô, mesmo do jeito brigão de vocês. Amo que você não tenha se importado com sexo, mesmo sendo tão viril, mesmo quando me joguei para você.

— Eu sou fraco. Louco por você e estou explodindo em minhas calças agora.

Nós dois rimos e o beijo devagar, enquanto minhas mãos vagueiam rumo ao seu cinto.

— Você está tão bom para os meus olhos assim, parecendo um cowboy. Só faltou o chapéu.

Ele se afasta, dando um passo para trás, e sorri malicioso, parecendo meu Natan descarado de antes. Eu senti falta desse sorriso e, embora, meu coração tenha ficado sem uma parte quando vovó se foi, há muito dele ainda cheio de Natan.

— Espere um minuto. — Pede e sai do quarto correndo.

Rio e começo a me despir, minhas mãos tremendo com o nervosismo. Foram algumas semanas sem contato sexual e o nervosismo é plausível agora. Entro no banheiro e deixo minhas roupas no cesto de roupa suja, jogo alguns sais e produtos de banho na banheira e abro a torneira para enchê-la. Nunca tive esses luxos em casa, mas ainda assim, todos os dias sinto saudade do meu antigo quarto, da mesa pequena onde tomávamos café da manhã juntos todos os dias. De certa forma, eu me sinto bem onde Natan está. Não é

sobre o lugar, é sobre ele parecer como um lar para mim.

Meus pensamentos se dispersam quando o homem surge na porta do banheiro, agora com o chapéu sobre a cabeça. Abro a boca, feito uma idiota. Me aproximo dele e termino de abrir seu cinto, nossos olhos travados, meu pulso acelerado, minha intimidade pulsando. Eu preciso tanto dele que dói. Ajoelho-me em sua frente assim que desço a calça, não o despindo de propósito, para tê-lo em minha boca enquanto ainda está em seu traje.

— Eu vou chupar o meu menino moderno do Rio de Janeiro, que foi corrompido e se tornou um cowboy de Minas Gerais.

— Puta merda, Jasmim. — Sua voz é áspera e sua mão vem até meus cabelos, os puxando e os mantendo presos em punho.

Abocanho o pênis largo e comprido, a cabeça polpuda molhada e macia. Lambo-o de cima a baixo e o tomo até onde consigo, minha mão o masturbando na base, onde meus lábios não alcançam. Chupo-o com desejo, meu sexo pingando de necessidade, porque acho delicioso dar-lhe prazer. Não tiro meus olhos do seu rosto, vendo como se contorce, como se segura para não puxar minha cabeça e empurrar como gostaria. Levo-o o mais fundo que consigo e me engasgo, meus olhos lacrimejando. Recuo e o lambo de cima a baixo, enquanto me recomponho. Natan puxa meu rosto e me afasta. Antes que eu proteste, ele se ajoelha em minha frente e beija minha boca com paixão. Uma mão firme em minha nuca e outra descendo por minha barriga até encontrar meu centro encharcado. Seus dedos me penetram e entram tão facilmente por conta de minha excitação. Gemo em seus lábios e rebolo contra sua mão, ansiando, querendo mais.

Nós só paramos quando o som da água transbordando nos desperta para a banheira mais do que cheia. Eu rio e enterro meu rosto em seu ombro, Natan acompanha me abraçando forte.

— Venha. — Fecha a torneira e me coloca sobre a banheira, de forma que mais água jorra para fora. — Eu só tive olhos para você quando entrei. Não vi que estava enchendo.

— Bem, se você perguntasse meu nome, eu não lembraria, quem dirá que a banheira estava enchendo. — Suspiro, me ajustando sob a água.

Natan sorri, orgulhoso e prepotente. Reviro os olhos, mas minha motivação se perde quando ele começa a se despir totalmente. Primeiro as botas, depois o cinto, então a calça e a cueca. O chapéu fica e ele entra na banheira e senta. Me puxando para seu colo, ele me acomoda de forma que fico montada sobre ele. Seguro seu pênis e o levo até minha entrada. Natan tira seu chapéu e coloca em minha cabeça.

— Me cavalgue. Eu gosto pra caralho da sua imagem montando.

— Então você é meu garanhão hoje? — Brinco, me sentindo mais ousada em torno da minha sexualidade.

Graças a Natan parecer me achar a mulher mais linda desse mundo. Desço por sua extensão, precisando de uma pausa para meus músculos se adaptarem ao seu tamanho, principalmente porque a água atrapalha um pouco a lubrificação natural. Natan deixa que eu o monte e faço disso uma missão

de arrancar seu prazer, de me perder em sua expressão. Ele não perde nada do meu rosto e percebo que não está falando como costumava ser, talvez achando que o melhor é me deixar controlando as coisas. Talvez seja, mas sinto falta de sua boca suja. Suas mãos, no entanto, não saem de mim. Ele aperta minha bunda, seus dedos contornam meu ânus, me enlouquecendo e estimulando. A boca toma meus seios, brinca com meus mamilos, a língua experiente saindo para que eu veja. O chapéu cai em algum momento e nós perdemos a linha, gemendo, água respingando para todos os lados, corpos movendo-se contra o outro, dentes batendo.

Eu precisava disso mais do que tinha ideia. Porque estar assim com Natan não é somente carnal. É mais. E eu precisava dessa conexão tanto quanto não podia fazer ideia. Sinto que ele para de se mexer, e sua mão vem para meu rosto.

— Não chore. Nós podemos parar. — Sussurra, parecendo perdido.

— Eu não quero parar. Eu preciso de você mais do que você pode imaginar.

Natan beija meus lábios gentilmente, tão terno que mais lágrimas saem sem controle. Ele se levanta comigo em seu colo, sem desgrudar nossos corpos e o chapéu cai da minha cabeça. Nos leva molhados pelo quarto e me coloca sobre a cama. Seu corpo paira sobre meu e o abraço forte, ouvindo sua voz em meu ouvido.

— Eu vou fazer amor com você, minha menina.

As lágrimas que descem agora é uma mistura de tantos sentimentos, mas acima de tudo, de amor, de sentir que sou amada e que posso passar por dias difíceis porque esse homem está aqui para mim.

Nós ondulamos, movemo-nos lentamente, beijando e sussurrando que nos amamos. Sinto Natan em todas as partes, tão colado em mim quanto consegue, seu membro me tocando gloriosamente em meu interior úmido e latejante. Sua pélvis esfrega-se em meu clitóris a cada empurrão e meu orgasmo vem arrebatador. Meus gritos são calados por seu beijo apaixonado. Ele perde o controle e mete duro algumas vezes até que goza e cai sobre mim.

— Não consigo imaginar a vida sem você, Jasmim.

— Você não precisa imaginar isso.

Sinto a tensão em seu corpo por alguns segundos. Então ele relaxa e enterra o rosto em meu pescoço. Mesmo seu peso sobre mim não me incomoda, eu preciso totalmente disso.

— Fico tão feliz que você nos deixou viver aqui. Obrigada por tudo que tem feito por nós, Natan. — Núbia se joga sobre Natan, o abraçando forte.

Algo sobre isso me incomoda. Talvez eu seja uma pessoa ciumenta de um jeito exagerado. Natan não retribui o abraço, e se afasta o mais rápido possível. Sei que não é por maldade, ele só não é acostumado a receber

carinho. Ele sorri sem jeito.

— Jasmim pode levar vocês até o quarto que ela arrumou. Não precisa me agradecer. Era a vontade de dona Nice e de Jasmim que vocês vivessem no sítio. — Natan não poderia ter sido menos sutil.

O olho feio. Deus! Ele praticamente está dizendo que ela só está aqui por minha causa. E a mulher acaba de agradecê-lo por isso. Grazi parece receosa perto dele e a puxo para mim, falando sobre o quarto novo para distraí-la.

CAPÍTULO 25

NATAN

Por três noites seguidas, desde que Jas voltou a se entregar para mim, acordei no meio da noite com malditos pesadelos. Todos com o mesmo cenário, minha mãe aparecendo e contando sobre como eu ganhava a vida, fazendo Jasmim me olhar com nojo e dizer que eu jamais poderia tocá-la novamente. A angústia em mim é tão grande, que desperto — como agora — suando e sentindo um nó na minha garganta. A coisa toda sempre parece real e aquele olhar no rosto da minha menina é tudo que eu jamais aguentaria ver.

Eu quis dizer a verdade para ela no dia que o incêndio aconteceu. Antes de Hilma voltar, eu ia contar. Então as coisas perderam o rumo e não via como dizer a ela, em meio a tanta desolação após a morte de dona Nice. Há três dias nos reconectamos totalmente e o medo de perder o que mal voltei a ter, fez com que me acovardasse. Jasmim não saber nunca não é uma opção. Minha mãe tem ligado insistentemente, até mesmo Tati me contestou por ter colocado a polícia atrás da nossa mãe. A ligação da minha irmã, eu atendi, acreditando que quisesse saber sobre mim. Tatiane está bem, e isso é tudo o que importa para ela. De qualquer maneira, sinto em meu coração que Jasmim não merece saber de uma maneira suja. Preciso ser eu a contar toda a merda para ela, mesmo que me doa, mesmo que ela nunca mais queira me ver. Já tenho tudo programado, irei ficar no casebre dos funcionários e a deixo com sua família aqui. Jamais a deixaria sair daqui sem eira nem beira.

Levanto-me da cama, agradecido por meus gemidos não terem a

despertado. Visto a calça de moletom no pé da cama e saio do quarto, evitando fazer barulho. Sigo até a cozinha e bebo um grande copo d'água, então saio um pouco para a varanda, a fim de me acalmar com a brisa da madrugada. Minutos após estar colocando minha cabeça no lugar, a porta range e olho para trás. Ver Núbia não é o que eu esperava.

— Oh. Noite difícil também? — Pergunta.

Jasmim chamou minha atenção por não conseguir ser sutil. Ajudei a mulher pagando alguns meses de aluguel, quis colocar o pai de Grazi na cadeia, sem caminho de volta. E por Jasmim e dona Nice terem se apegado a menina, elas estão aqui. Entretanto, não vejo motivo de ser amigável com a tia. Porra, nem sei agir dessa maneira com as pessoas e, honestamente, não vejo motivo para isso. Ter afeto e carinho de Jasmim é tudo o que preciso — de mais ninguém. Até mesmo o velho Mário me trata mal para demonstrar que gosta de mim; e estou bem com isso.

— Pode ficar à vontade. — Digo, passando por ela. Paro abruptamente quando sinto sua mão em meu braço. — Núbia, não me toque.

— Eu... Me desculpe... Só queria saber se precisa de ajuda... — Sua voz denuncia que está prestes a chorar.

Me arrependo por ser rude, mas não sei lidar com essa merda, então apenas nego com a cabeça e me apresso de volta para o meu quarto. No topo da escada vejo Jasmim, e seu olhar deixa evidente que viu Núbia perto de mim. Ótimo. Ela se vira e volta para o quarto antes que a alcance. Me apresso e chegamos juntos a porta.

— Eu tive um pesadelo, só fui pegar um ar. Núbia acabou de chegar e eu voltei.

— Ela está te rodeando. — Jasmim bufa, entrando a passos duros.

— Não estou dando qualquer abertura. Porra, nem vejo a maldita mulher.

— Ela tem que me respeitar, uai! Será que não percebeu que você é meu?

Sorrio. Só posso ter problema de cabeça, pois essa mulher toda territorial sempre me deixa duro como uma rocha. Me aproximo e a puxo para mim, esfregando minha ereção em sua barriga. Jasmim arregala os olhos e me dá um tapa no braço.

— Isso ficou assim lá embaixo? Eu vou te...

Calo sua boca atrevida com um beijo. Tudo sobre Jasmim me têm. Ela é tudo o que jamais imaginei ter, alguém que sempre esperei sem saber. Deus me ajude para que meu passado fodido não a leve para longe de mim.

— Estou duro por vê-la ciumenta. Eu amo que você saiba que sou seu. Porque é assim que é. Nunca vai mudar. — Acaricio suas bochechas com meus polegares.

— Vou falar com ela, Natan. É ridículo que ela esteja aqui há três dias

e não pare de te agradecer e se jogar sobre você!

— Fale. Deixe claro que sou seu. — Sorrio e beijo sua testa.

— Eu sou péssima. — Suspira, tocando meu rosto e segurando em suas mãos pequenas. — Me diga, você está bem? E esse pesadelo?

Se eu não disser agora, vou continuar achando desculpas para não fazê-lo, e isso nunca vai ter fim. Irei me enforçar na minha própria omissão. Seguro sua mão e a guio até nossa cama. Ela senta e continuo em pé, na sua frente.

— Há algo sobre meu passado que você não sabe. Você sabe disso.

— Eu sei. — Sussurra, me encarando com certo temor. — Você ia me dizer antes do incêndio quando deixei claro que sabia que havia algo...

— Vou te dizer, Jasmim. Só preciso que me prometa que não vai fugir daqui. Se não me quiser mais, eu vou sair. Não você. Pela sua família, pelo seu bem estar. Por favor.

— Você está me deixando com medo. — Jasmim puxa minha mão e faz com que me sente ao seu lado. — Posso me assustar, posso ficar chateada ou não te reconhecer, mas a longo prazo minha cabeça vai estar no lugar novamente. E no meu coração, eu sei que não importa o que ficou para trás. O meu Natan é você. Esse que é um abusado, que se acha, mas que agora protege a mim e ao meu avô, que me ama, que cuida de nós. Eu te amo. Sempre. — Se inclinando, ela me puxa e faz minha testa ficar colada na sua.

Admiro por um momento os mais belo par de olhos verdes que já vi. Não somente pela cor, mas pela sinceridade que sempre há neles. Olhos que transmitem paz, olhos que realmente exibem as profundezas da alma, porque ela é alguém que se mostra sem receio.

— Eu cresci em uma casa desajustada. Sempre soube disso, mas convivendo um pouco com você e seus avós depois que voltei do Rio, soube que a coisa já era péssima antes que eu tivesse noção. Meus pais nunca se amaram. Era tudo conveniência. Ela gostava da vida boa que o marido dava, e ele não se separava para manter as aparências. Meu pai sempre tentou me ensinar a ser como ele, e de certa forma esse foi o seu veneno. Quando comecei a enfrentá-lo quando percebi que batia na minha mãe, eu tinha treze anos, e todas às vezes apanhei como um filho da puta. Ele me batia e depois me chamava e dizia que aquilo era para eu aprender que ele era o homem da casa, que a palavra dele era lei, assim como a minha seria quando eu tivesse a minha família. Antes disso, ele havia me batido aos doze porque encontrou poemas que eu escrevia e disse que eu devia ser homem. Nunca mais escrevi. Apanhei no lugar da minha mãe muitas vezes, Jasmim, mas algumas vezes eu estava muito machucado e não conseguia defendê-la. — Minha garganta trava com a lembrança. Sinto a mão de Jasmim em meus ombros e ela me puxa, me abraçando. Respiro fundo e quando me acalmo a afasto para olhar seus olhos, enquanto continuo: — Ele bateu muito nela. Tatiane é mais nova e sabia o que acontecia, mas nunca se envolveu e eu jamais deixaria, de qualquer maneira, ou ele a mataria. Ela não aguentaria apanhar tanto.

— Seu pai era sádico. Meu Deus! — Jasmim murmura, lágrimas rolando por seu rosto.

— Não chore. Já faz muito tempo.

— Eu choro. Não consigo pensar no menino que você foi passando por isso. Você não merecia... Sua mãe também não...

Trago seu corpo para mim, para que se acalme. A abraço e beijo o topo de sua cabeça até que seu choro cesse.

— Nunca me dei bem com os garotos da escola, sempre fui na minha e por presenciar a violência dentro de casa, acabei tendo uma fase violenta, batendo em todos que me olhavam torto. Fui expulso e por causa disso, minha mãe foi punida da pior forma porque, segundo ele, ela devia me educar. Depois que ele faliu a empresa, não teve como pagar empregados e tudo era sua desculpa para os espancamentos. Em certo dia, minha mãe estava muito machucada, braço e uma costela fraturados. Eu já estava com dezesseis anos, do tamanho dele, mas era magrelo. Quando entrei no quarto e vi minha mãe machucada, e ele pronto para agredi-la mais, não consegui pensar. Só queria libertar minha mãe daquela vida.

— Natan... — Jasmim sussurra.

Minha cabeça voa no passado e consigo visualizar o exato momento em que o empurrei.

— Eu o empurrei forte. Ele bateu a cabeça na quina do criado mudo ao lado da cama.

— Minha nossa senhora! — Jasmim exclama, levando as mãos a boca.

— Isso não é tudo... — Murmuro, agora baixando a cabeça, pois seu olhar horrorizado é demais para mim.

— Meu Deus! Você protegeu sua mãe e se culpa... Natan, você não é culpado! — Jasmim exclama e me puxa, me abraçando forte.

Derramo a primeira lágrima quando sinto seus ombros tremerem. Jasmim está chorando por mim, porque matei meu próprio pai. Não por me julgar.

— Eu não me culpo por isso. — Confesso.

Embora minha mãe tenha se tornado alguém a quem desconheço, jamais ficaria quieto vendo um homem fazer o que meu pai fazia com quem quer que fosse a mulher.

— Então...? — Jasmim não consegue entender.

A afasto e seco suas lágrimas. Beijo seus lábios uma última vez, precisando disso antes de abaixar a cabeça e confessar.

— Quando a polícia chegou, minha mãe mostrou todas as suas contusões, que com exame de corpo de delito, foi comprovado que o agressor era meu pai. Ela assumiu a culpa e me protegeu de ser visto como o assassino. Não foi condenada, nem nada, uma vez que ficou como legítima

defesa. Só que quando ficamos fodidos, sem qualquer dinheiro, minha mãe começou a me chantagear. Meu maior temor era que Tati soubesse que matei nosso pai. Ela soube usar isso contra mim e não posso dizer que foi só isso, o dinheiro fácil me levou a continuar.

— Continuar fazendo o que, Natan?

— Me prostituindo.

— Oh, meu Deus! — Jasmim se afasta, abruptamente.

Não encaro seu rosto, a vergonha e o medo de perdê-la, de ver o olhar dos meus pesadelos me assombrando. Ela anda de um lado para o outro no quarto, chorando. Não tenho coragem para levantar e abraçá-la. Quem sou eu para confortá-la agora?

— Eu sei que é demais.

— Não esperava algo assim... Por isso aquela mulher disse para você satisfazê-la... Porque não tinha dinheiro. Ela ia te pagar? Meu Deus!

— Não, não. Antes de voltar para Minas, me arrependi dessa porra toda. Era um inferno, Jasmim. Eu dava prazer, mas nunca tive! Mulheres novas dificilmente me procuravam. Essas mulheres, na maioria das vezes, são casadas e vivem de aparência. O prostituto só servia para fazê-las gozar. Nunca fiquei bem com isso, eu via o rosto da minha mãe me ameaçando... Eu... Porra! Precisava tomar remédio para ter uma ereção. Quando conheci você, eu não sei... Mas você era tudo o que eu nunca tive. Você é algo que eu

quis. Nunca pude ter algo que eu quis. Sempre foi sobre dinheiro. Voltei para o Rio e não conseguia levar mais aquela vida. Você me fodeu. — Sorrio pela primeira vez, porque essa é a maior verdade de todas. Abaixo minha cabeça, apoiando-a nas minhas mãos e os cotovelos nas pernas. — Queimei todo dinheiro que eu tinha ganhado na prostituição. Queimei tudo. Não me importo mais que Tatiane saiba. Foda-se ela e minha mãe! Só o que me importa é você. Quando cheguei aqui, estava disposto a não tocar em você novamente. Você é tudo o que eu não sou. Pura, luz, amorosa, doce, inocente. Eu não sou o cara para você, Jasmim, mas eu te amo tanto, que não posso me manter longe por vontade própria.

Levanto-me, encarando-a pela primeira vez, vendo seu rosto desorientado.

— Meu Deus... — Continua repetindo isso, talvez nem assimilando todo meu relato.

— Sei que não vai querer mais saber de mim agora. Só por favor, não saia daqui. — Peço uma última vez.

Pego minha camisa e saio do quarto para deixá-la quieta. É a coisa mais difícil de se fazer, visto que meu desejo é abraçá-la e não soltá-la nunca mais.

CAPÍTULO 26

JASMIM

Depois que Natan sai, deitado na cama, mas não consigo obter uma reação de mim mesma. Me sinto chocada e desacreditada de tudo o que ele me contou. Foi informação demais e, apenas, não sei como reagir a tudo. Não sei dizer como me sinto sobre tamanha descoberta. Na minha cabeça, imagens dele tendo relações com outras mulheres fazem a festa. Mulheres sem rosto, o rosto de Hilma muitas vezes protagonizando o filme terrível criado por mim mesma. É uma tortura que meu subconsciente faz questão de fazer e não consigo parar.

Ele matou seu próprio pai. Para mim isso parece tão absurdo quanto possível, no entanto, não o culpo. Como um pai como o dele deveria não ser parado? Mesmo que sua mãe tenha o agradecido o jogando nas mãos de mulheres que só o usaram para sexo, Natan a defendeu e me orgulho dele por isso. Como ele poderia vê-la apanhando toda a vida e não reagir? Droga, ele apanhou no lugar dela inúmeras vezes. Jamais o julgaria por isso. Eu teria feito o mesmo para proteger quem amo. Me pergunto como Natan conseguiu crescer nesse tipo de ambiente. Como Tatiane nunca enxergou o fardo que seu irmão carrega? Natan foi uma vítima de sua própria família, das pessoas que deveriam protegê-lo e amá-lo. Por dinheiro, sua mãe o jogou para a prostituição. Lágrimas rolam por meu rosto só de imaginar um Natan bem mais jovem, sem conhecer muito da vida, tendo que dar prazer a mulheres as quais ele não sentia qualquer desejo. Como pode suportar tudo?

Minha angústia é enorme, mas acima de tudo, gostaria de reagir para confortá-lo. Dentro de mim, não há uma fibra que queira culpá-lo ou julgá-lo. Entretanto, me sinto presa a cama e permaneço sem reação.

— Bom dia, minha filha. — Vovô cumprimenta quando entro na cozinha.

— A benção, vô. — Me aproximo e beijo sua bochecha. — O senhor viu Natan?

— Ele está dormindo no meu quarto. — A voz de Núbia surge, me fazendo dar um pulo no lugar, tanto pela surpresa quanto pela informação.

— Como? — Viro-me, a encarando sem qualquer animosidade.

— Ah, não se preocupe. Ele passou a noite em pé na varanda. Agora cedo consegui convencê-lo a se deitar um pouco. — Sorri, sem jeito. — Só quis ajudar.

— Natan tem um quarto. Ele não precisa ficar no seu. — Minha rispidez a atinge, pois seus olhos se enchem de lágrimas, me fazendo perceber que fui uma idiota. — Desculpe... Eu...

— Não, me desculpe vocês... Estou invadindo o espaço. Não quis ser rude ou invasiva, eu só sinto que fazem demais por mim e tento ser gentil, ajudar como posso...

— Tudo bem... Certo. — Suspiro. — Cadê Grazi?

— Ela está escovando os dentes para descer. Já está no horário de eu ir trabalhar.

— Ela é uma boa menina. Estamos ficando bem.

— Grazi sente falta da sua avó.

A conversa começa a girar em torno disso, mas me sinto doente com a ideia de Natan na cama dela. É totalmente idiota da minha parte, mas me enfurece que ele tenha aceitado dormir lá. Coisas horríveis passam por minha cabeça, e a realidade de que conviver com seu passado pode ser terrível, pois minha mente pode ser minha maior inimiga, trazendo sempre a tona como ele ganhava a vida antes. Não posso permitir que meu ciúme seja uma arma letal contra nós.

— Bom dia. — Grazi nos cumprimenta ao sentar-se à mesa.

Ela é um doce de criança e já perdeu tanto na vida. Perder vovó e mudar de casa está sendo duro para ela. Para completar, ainda não se sente bem para voltar para a escola e não vê seus colegas para se distrair, mesmo que não seja tão aberta. O lado bom é que estou em casa por esses dias, desde que dona Inês chamou uma substituta para que eu tomasse meu tempo, então posso lhe dar total atenção.

Vovô se distrai com Grazi, e o clima pesa um pouco entre Núbia e eu.

Não tenho nada contra ela, e muito a quis ajudar ao saber que fazia de tudo para proteger a sobrinha, mas não consigo evitar o ciúme. Não vejo necessidade de continuar agradecendo e rondando Natan. Seu quase choro me comoveu, porém, espero que tenha ficado claro o meu ponto de vista para que não seja necessário dizer com todas as letras. Pois não irei hesitar em fazer.

Natan sumiu. Depois do café, o procurei no quarto de Núbia e não o encontrei. Nervosismo tomou conta de mim, mas não demonstrei, pois não quis perturbar vovô e nem Grazi.

Passo o dia me fazendo de forte, mesmo quando vovô reclama e chama Natan de preguiçoso por sumir quando devia ajudá-lo no sítio. Mal tenho uma desculpa para inventar e agonia toma conta de mim.

A tarde, Graziela dorme um pouco e aproveito para andar pela fazenda, sabendo que Natan está por aqui em algum lugar. Coloco um vestido leve de verão, botas sem salto e chapéu na cabeça para me proteger do sol. Ando por toda a fazenda e não vejo qualquer sinal dele. O vento da tarde me acalma um pouco, mas sons de “psiu e ei” me causam medo, até que percebo que a voz é feminina e sigo na direção até encontrar a mãe de Natan, escondida atrás do celeiro.

— Você... — Dou um passo para trás, sem saber como reagir diante da possível assassina da minha avó.

— Eu não causei o incêndio. Juro. Eu juro. Por favor. — Seu rosto é

uma máscara de agonia evidente. Ela parece suja e apavorada. — Meu filho me abandonou. — Começa a chorar, se jogando no chão, aos meus pés. — Foi você! Tudo sua culpa! Estou sozinha!

— Está sozinha porque o tratou como uma marionete! — Grito, raiva me enchendo quando o torpor começa a esvair. — Você o fez se prostituir! O menino que cresceu apanhando no seu lugar para defendê-la!

Ao perceber que sei, sua expressão muda para total choque.

— Você sabe. — Murmura, passando a mão pelo rosto, afastando as lágrimas e os cabelos curtos do rosto. Levanta-se e me encara com desdém. A mulher está suja, com roupas amassadas, cabelos bagunçados, e ainda assim me encara como se eu fosse lixo. — Você sabe que ele gostava de foder minhas amigas? Sabe que ele fode tão bem que recebia uma fortuna para enfiar seu pau por aí?

Não penso duas vezes antes de dar um tapa em seu rosto. Ela não esperava, pois cambaleia para o lado antes de afagar a bochecha, onde feriu.

— Você é doente! — Explodo. — Como pode achar normal falar isso do próprio filho? Como pôde jogá-lo nisso? Saiba que se matou minha avó, você vai pagar! — Avanço nela novamente, e agarro seu braço, fincando minhas unhas.

— Eu não matei sua avó. Vai mesmo querer uma inocente pagando por isso? Posso ser tudo, mas não sou assassina! — Ela ri e joga a cabeça para trás. — Há um assassino rodeando você... Seu protegido... — Cantarola,

falando sobre Natan e o pai, então agarra meu braço também. — Eu sou Quézia Cassilas. Você é quem? Ninguém. Uma coitadinha. Maria do Bairro de meia tigela...

Por estar tão perto, sinto seu hálito de quem consumiu álcool. Isso não me desmotiva ou causa pena. Dou outro tapa no seu rosto e toda a frustração de tantas coisas acontecendo parecem voar pela superfície agora. Agrido Quézia sem pensar nas consequências, mas ela não é inofensiva e retribui cada tapa, me machucando tanto quanto faço com ela. Nós só nos soltamos quando o grito de Natan irrompe nossas ofensas e seus braços rodeiam meu corpo, me afastando dela.

A mulher é uma atriz, pois se encolhe no chão e começa a chorar, tentando chamar a atenção do filho.

— Jasmim... Porra... — A voz de Natan parece quebrada. Ele me vira para si e me abraça apertado.

— Filho... Você me largou... Não tenho dinheiro nem para comer. Não tenho onde dormir. — Quézia chora.

— Ela está bêbada.

— Estou! Eu vendi meu corpo depois que Hilma me largou aqui! Eu sei como você se sentia, meu filho! — Seus gritos são acompanhados das lágrimas.

Sinto Natan ficar tenso, as mãos tremendo em minha pele. O abraço

porque apesar da confusão na minha mente e do mal que a presença de sua mãe me faz, sei que o que ela acabou de dizer irá destruí-lo. Apesar de tudo, ele nunca se arrependeu de protegê-la. Ouvir isso agora pode ser a pior coisa que ele poderia ouvir.

— Estou aqui.

Natan ri sem qualquer humor ao me ouvir. Parece acordar de um transe e se afasta de mim.

— Você não vê, não é? Eu tentei me afastar de você e não consegui. Agora, mesmo sabendo a verdade e vendo de que tipo de merda de ser humano eu fui feito, você continua aqui.

— Eu não coloquei fogo lá! — Quézia grita.

De alguma maneira doentia, eu acredito nela. A mulher faz de tudo para dizer coisas para machucar, por que faria tanta questão de mentir sobre isso? Ela poderia só fugir.

— Eu não matei! Eu sou uma merda, mas nunca matei ninguém! — Grita, fazendo Natan se aproximar dela e levantá-la.

— Você não fez isso? Certo. Você nunca escondeu suas merdas. Agora você vai sumir daqui e nunca mais vai aparecer. Se aproxime de Jasmim uma próxima vez, a machuque novamente, e eu faço com você o que fiz com seu marido. — Sua voz ameaçadora me causa arrepios.

— Natan, não! Não! Vou morrer nesse mundo...

Natan vira as costas e sai, deixando-me também para trás. Não consigo entender sua reação. Nada faz qualquer sentido.

— Me ajuda. — A mulher suplica e me sinto em um labirinto, sem saber para onde ir.

Quézia se joga no chão novamente e começa a chorar. Pela primeira vez, o choro parecendo real. Seus ombros balançam e ela mal consegue respirar. Não consigo abandoná-la, é mais forte do que eu, sinto a necessidade de ajudar. Deus, por favor, não permita que ela tenha matado vovó. Eu não sei como posso ficar se isso for provado depois que ajudá-la.

— Quézia, eu quero te ajudar, mas se você matou minha avó...

— Juro pela minha vida. Não fiz isso. Juro pelo o que você quiser. Não tenho nada a perder mais... — Encara a direção por onde Natan sumiu.

Aceno com a cabeça e a ajudo a ficar de pé. Apoio-a com meu braço em sua cintura. É uma merda que nós duas tenhamos quase nos matado e agora estou a ajudando. Isso parece tão ridículo, entretanto, não posso abandonar essa mulher dessa maneira. Está bêbada, ferida por dentro, uma vez que se vendeu e sabe como Natan se sentiu. Não posso escoraçá-la. Guio Quézia até a casa onde os empregados da fazenda bebem água e fazem suas necessidades durante o dia. Peço licença a senhora que cuida das coisas e pergunto se ele pode cuidar de Quézia.

— Eu preciso da sua ajuda, caipira, mas não minto quando digo que não matei ninguém. Não coloquei fogo lá... Só saiba que não gosto de você e você é uma coitada se acredita que vai segurar Natan. Ele gosta de se vender. Eu nunca o empurrei para isso. Natan sempre gostou.

— Vá se foder. — A raiva me faz soltá-la, de forma que ela cai, rindo e chorando ao mesmo tempo, no chão da sala.

Dona Mercedes corre para ajudá-la, nos encarando como se fôssemos loucas.

O que estou fazendo da minha vida?

— Eu não sei que rumo minha vida está tomando sem a senhora aqui, vovó. Não sei se minhas atitudes estão certas. Parece que fazer o certo é errado porque não quero ter ajudado alguém que feriu a senhora, mas tudo o que aprendi com sua criação é que devia fazer o bem... Natan não me procurou mais. Ele sumiu pela fazenda novamente e não o procurei também. É tão difícil não tê-la aqui. — Sussurro, encarando as estrelas.

O céu está lindo e onde quer que vó Nice esteja, sei que é um lugar melhor que aqui e, se puder me escutar, gostaria tanto de um sinal. Gostaria de me enfiar em sua cama, no meio dela e de vovô. Tudo era tão mais fácil quando éramos nós três contra o mundo.

— Quando eu crescer, quero ser como você. — A voz doce de Grazi

chama minha atenção para atrás de mim.

Ela senta-se ao meu lado, no gramado. A encaro sem entender.

— Como eu?

— Sim. Você ajuda as pessoas. Me ajuda. É muito bonito ajudar.

Respiro fundo e uma lágrima corre solta por minha bochecha. *Sim, obrigada, vovó.*

Eu só preciso que Natan volte. Estou o deixando ter seu tempo, mas seu passado pouco importa. Só o que me importa é quem ele tem sido desde que o conheci.

CAPÍTULO 27

NATAN

Parece que estive certo em seguir minha intuição. Se não tivesse contado para Jasmim, ela teria descoberto pela minha mãe. Da pior maneira. De toda forma, não contei por achar que ela descobriria de outro jeito. Contei pela necessidade de ser totalmente sincero com ela.

Nesse momento me odeio por sentir remorso pela maneira que tratei a mulher que me fez ser quem sou. Me odeio por ameaçá-la quando, na verdade, jamais teria coragem de machucá-la. Saber que se vendeu — se realmente disse a verdade — me deixa doente. Trouxe memórias que não gostaria de lembrar. O pior de tudo é lembrar do olhar de Jasmim. Com pena da minha mãe e com pena de mim. Odiei aquilo. A mulher que eu amo pode querer ficar comigo por pena? Jasmim cuida de todos, é algo que está enraizado nela, esse anseio de cuidar, de ver o que há de melhor nas pessoas — mesmo quando só há podridão. Meu temor sempre foi ver nojo, ódio. Não imaginava que a pena me atingiria tão brutalmente. Me sinto louco com tantas emoções conflitantes. Meu peito dói, como se algo o estivesse rasgando. Sinto falta da minha menina, sinto falta de nós. Me preocupo, me sinto culpado por estar me importando mais com meus sentimentos do que com os seus, em um momento em que ela está de luto pela perda da avó.

Saio do celeiro que permanece de pé no sítio de Jasmim. Estou aqui há tantas horas, que já escureceu e não consegui chegar a qualquer conclusão sobre minha vida. A única coisa que me faz voltar é preocupação por Jasmim.

— Natan! Eu estava preocupada! — Jasmim me surpreende ao correr e me abraçar assim que passo pela porta da sala.

Eu não a mereço. Como pode ser tão boa? Não estar enojada? O amor e a vontade de tê-la são maiores do que a voz que diz essas coisas na minha cabeça. Portanto, a abraço forte e prometo para mim mesmo que se ela me quiser sob qualquer termo, não farei nada para machucá-la nunca. Seguro seu rosto em minhas mãos e vejo a bochecha com alguns arranhões causados por minha mãe.

— Ela machucou você. — Acaricio a pele, o incômodo por saber que minha mãe a machucou quase me faz sair caçando-a por aí para dizer umas merdas.

À troco de que, no entanto? Eu nunca machucaria minha mãe. A melhor coisa que pode acontecer é nunca mais cruzarmos os caminhos um do outro. Que ela siga sua vida e que eu não tenha mais notícias suas, mesmo que imaginar que ela esteja se prostituindo vá me fazer doente.

— Sua mãe não está bem. Está com algum problema mental. Se embebedou para lidar com as coisas difíceis. Eu não a deixei sair, Natan. Ela não tinha para onde ir...

— Jasmim...

— Me desculpe, mas não posso deixá-la sair por aí sem qualquer condições de sobreviver.

— Onde ela está?

— Na casa dos funcionários.

Eu beijo sua boca, a pegando de surpresa. No fundo, um peso sai das minhas costas. Jasmim me abraça, apertando-me e retribuindo, sem qualquer hesitação. Isso faz meu coração bater forte pra caralho. Paro nosso beijo e descanso minha testa na dela, segurando seu rosto em minhas mãos e encarando seus olhos verdes tão cheios de amor. Sem pena. Sem nojo. Sem ódio. Só amor. Eu não seria capaz de me afastar mesmo se ela me olhasse com nojo ou pena. Eu sou louco por essa mulher.

— Não posso ficar sem você. Cada dia que passa eu vejo que você é tudo o que eu não tenho coragem de ser. Você é a bondade que falta em mim. Não me importo de ser sujo, de estar no lado negro, se sua luz sempre vem me salvar, se sua pureza sempre me ensina a ser melhor.

— Quando eu disse que amava você não era por acreditar que você era perfeito. Seu passado nada tem a ver com o que temos, mas não posso mentir e dizer que não terei ciúmes. Vou morrer sempre que pensar em você com outras mulheres. Eu já era territorial antes de saber, mas agora vou me sentir pior. Só te peço que tenha calma comigo, porque se eu errar sobre isso será por amor e por medo de te perder. Quero que confie que nós estaremos juntos, independente de qualquer coisa. Você precisa confiar na gente. Não vamos esconder as coisas um do outro. Nós precisamos estar juntos para que

ninguém consiga se meter entre nós.

Jasmim é oito anos mais nova do que eu e com uma bagagem de vida bem menor, entretanto, ainda assim, me ensina mais sobre a vida do que eu já pude aprender com meus anos a mais e com toda maldade que vivenciei. Porque ela me ensina sobre bondade, sobre sentimentos que estão fincados nela.

— Obrigado por ser meu anjo. Você só pode ser isso, um anjo.

— E você, o meu. Meu anjo bruto e protetor. Promete que seremos parceiros, que vamos lidar com as merdas juntos?

— Sim, trem. — Sorrio, emocionado, e beijo seu nariz arrebitado. — Obrigado por me amar. Eu vou viver minha vida retribuindo isso que você me faz sentir.

— Uma vez uma velha sábia me disse que amor não se paga. Amor se ama de volta ou não. Simples assim. Você não precisa retribuir se não sentir o mesmo. Você vai retribuir porque você me ama, trem. Eu não deixo você me largar, não, ouviu? — Brinca e envolve meu pescoço com seus braços, as pernas na minha cintura.

Enfio meu rosto em seu pescoço, a cheirando, a apertando, quase sem acreditar. Talvez eu tenha acreditado por tempo demais que eu não merecia ter algo bom na vida. Acredito que eu jamais fosse me perdoar pelos erros que cometi; por ter me deixado levar e ter me acovardado. Hoje tenho a impressão que Jasmim apareceu para me mostrar que se alguém tão bom

pode ser feliz comigo, pode me amar, talvez eu deva me perdoar e me permitir ser feliz.

— Só me diga uma coisa. — Jasmim se afasta e me olha de um jeito engraçado e estranho. — Você dormiu na cama da Núbia por quê?

— Não dormi na cama dela. Está louca?

— Ela disse que você estava exausto de passar a noite em pé, então ela o convenceu a deitar no quarto dela.

— Com tantos quartos nessa fazenda, qual a lógica de eu dormir no dela? Você não foi averiguar? — Pergunto, risonho.

— Fui, mas já tinha passado um tempo desde que ela me falou. Eu temi te ver na cama dela e acabar cometendo um assassinato. Agora quero cometer um assassinato porque ela está mentindo para manipular as coisas.

— Jasmim, você sabe como dar um fim a isso. É só ela sair. — Dizer isso é difícil, porque sei que envolve Graziela.

Jasmim suspira e nega com a cabeça.

— Eu vi o jeito que ela encarou você porque você está sem camisa. Odiei isso. — Jasmim resmunga, emburrada. — Eu questionei a ela o motivo de ter mentido sobre o quarto. Ela sempre inventa a desculpa de que só queria

nos ajudar. Agora ela disse que percebeu que não estávamos bem e queria nos unir. Eu não confio nela.

— Nós temos um passeio que planejamos a semana toda. Eu nem olho para ela, Jas.

— Mas ela olha para você. Talvez eu só tivesse que furar os olhos dela? Quer dizer, é meio difícil não olhar você. É bonito igual um coiso ruim.

— Que coiso ruim, Jasmim? — Gargalho, olhando-a rapidamente.

Ela ajeita o cinto de segurança e fica quieta, olhando o caminho, enquanto dirijo nos levando em direção a Ibiraci. Estamos indo para cachoeira. Há muito tempo tinha vontade de levar Jas a um passeio legal e só nosso, mas com todas as emoções que rondaram nosso relacionamento foi difícil.

Núbia tem sido um pé no saco, me cercando sem disfarçar. Por mim, a mulher já teria ido caçar seu rumo, mas Jasmim se preocupa com Grazi — e eu também estou nutrindo um carinho pela menina. Sobre minha mãe, não voltei a vê-la, visto que mantive minha posição sobre isso. Jasmim a manteve na outra casa, assim como dona Mercedes, que aparentemente tem conseguido controlá-la. Não me agrada que Jas fique lidando com ela, pois é uma bruxa traiçoeira, que sabe usar palavras horríveis para mexer com o psicológico das pessoas.

Dirijo por quase duas horas e Jasmim cochila durante o trajeto. Chegamos perto da Cachoeira Maria Rosa, mas temos que deixar o carro em

uma área bem distante e seguir caminhando, pois o acesso é difícil, com muito mato e pedras rochosas. Ao chegarmos no lugar, vale a pena. A vista é incrível e têm poucas pessoas hoje. Há um muro enorme de pedras, de onde uma cascata cai, deixando a beleza do ambiente ainda maior. Jas e eu nos esgueiramos pelas pedras e sentamos em uma parte com o gramado baixo. Coloco nossa mochila sobre a toalha que deixamos aberta no chão e puxo Jasmim para mim, vendo que ainda está chateada com a situação com Núbia.

— Eu nunca quis nenhuma mulher como quero você. Coloque isso nessa cabecinha teimosa.

— Não desconfio de você, mas a situação é uma coisa muito chata. As vezes me dá vontade de mandar ela arredar das nossas vidas... Mas há Grazi. — Murmura.

— Vamos esquecer essas coisas por hoje? — Proponho, colocando uma mecha dos seus cabelos atrás da orelha.

— Estou sendo uma chata ciumenta.

— E estou com uma ereção crônica porque é um tesão ter você toda ciumenta. — Para comprovar, esfrego-me nela, que ri, jogando a cabeça para trás e exibindo o pescoço para mim. Beijo a região, a fazendo gemer.

Nos afastamos para nos livrar das peças de roupas. Não fico indiferente ao corpo de Jasmim só de biquíni, assim como ela me come com os olhos quando me vê só de sunga. Parece sempre como na primeira vez. Sua pele branquinha, mas dourada do sol me atrai como uma droga, o

piercing com a bolinha pequena no umbigo brilha ainda mais sob a claridade. Seus cabelos loiros selvagens balançam para todos os lados. Eu gostaria de deixar o mundo para trás e sumir com essa garota — é difícil acreditar, mas eu sentiria falta do Sr Mário e da garotinha, de qualquer forma.

— Eu quero te fazer feliz.

— Você me faz.

— Imagino a felicidade que tem sido lidar com a minha mãe. — Resmungo.

— Sóbria ela é mais tolerável. — Suspira e fica na ponta dos pés para me dar um beijo no queixo. — Ela está quebrada... Talvez você devesse se aproximar.

— Não vou, Jasmim. Não posso lidar com a ideia de que ela está sendo investigada pelo o que houve com sua avó. Não sei como vou reagir se for provado... Você acredita que não, mas irá se ressentir de mim.

— Eu pedi tantas respostas aos céus por estar ajudando sua mãe. Posso estar sendo tola, mas não acho que ela tenha causado o incêndio. Sua mãe é venenosa. Ela faz questão de ferir com palavras. — Jasmim segura meu rosto entre suas mãos e me encara nos olhos. — E não vou me ressentir de você por atitude de terceiros. Agora venha, vamos na água.

Nós descemos, com cuidado, pelas pedras. Jasmim dá um gritinho quando sente a água gelada em seus pés e a pego no colo, só para pular de

uma vez na água, a fazendo gritar ainda mais. Ganho uns tapas e sou chamado de “trem safado”. O sorriso em meu rosto não poderia ser mais feliz. Realmente esquecemos a confusão que nos espera em casa. Parecemos, finalmente, um casal normal, curtindo um dia de lazer. Beijamo-nos apaixonadamente, e só não fodemos na água porque aparecem outros banhistas próximos de nós.

— O senhor está bem? — Pergunto ao Sr Mário.

Jasmim subiu para verificar Grazi, que passou o dia com a tia hoje, uma vez que é sábado. A menina não parece ficar feliz quando fica com Núbia, tenho percebido isso.

— Estou sentindo falta da minha velha. — Ele confessa, fazendo meu peito doer.

— Isso nunca vai mudar, mas eu admiro muito o senhor pela força que tem para seguir em frente por Jasmim.

— A vida acaba para quem se vai. Nós continuamos aqui, podemos seguir em frente e agarrar a oportunidade de continuar vivendo, ou ficar preso numa redoma de sofrimento e desperdiçar a oportunidade de viver. — Suas palavras são sofridas, mas ele é muito forte. — Se Nice estivesse viva, ela viveria. Ela continuaria cuidando da pequena Grazi, de Jasmim, de você, de mim. Sua vida era espalhar amor.

— Jasmim pediu para chamar vocês para o jantar. — A voz de Graziela atrai nossa atenção.

Sr Mário, emocionado, aproveita para escapar na mesma hora. Já a menina, me surpreende ao ficar perto de mim sem ninguém por perto. Ela ainda é receosa ao meu respeito.

— Você é bonzinho. — Grazi diz, me surpreendendo. — É o príncipe da Jasmim. Ela é linda também. Você vai cuidar sempre dela?

Franzo a testa, sem entender de onde vem isso tudo, porém, aceno positivamente com a cabeça. Graziela me encara, como se quisesse dizer mais, contudo, não diz e se vai. As semanas de terapia a ajudaram bastante, mas ela ainda é muito reclusa e amedrontada em torno de mim. Fico pensando em suas palavras até que ouço Jasmim me gritando para o jantar. Sorrio, e levanto-me, indo para minha mulher.

CAPÍTULO 28

JASMIM

O mês passa voando. Você poderia acreditar que Natan e eu teríamos nos afastado depois de tanta confusão, mas não foi o que aconteceu. Em várias noites, a saudade da vovó se intensificou à ponto de eu querer recuar e me fechar naquela bolha de tristeza de novo, mas Natan não deixou. Seu cuidado e paciência comigo são coisas que me fazem dependente dele cada dia mais. Não me vejo sem meu trem.

— Em que essa cabecinha bonita está pensando? — Sinto seus dedos afastando meus cabelos das costas.

Seus lábios tocam minha nuca e borboletas voam pelo meu estômago. Eu amo seu toque. Me aconchego em seu peito e sinto sua ereção me cutucando. Sorrio e me viro, para montá-lo. Entretanto, o simples ato de levantar apressada faz minha cabeça girar. Sinto uma ânsia de vômito vindo com tudo e me afasto de Natan rapidamente. Corro para o banheiro e o ouço me chamando, sem entender. Mal coloco o rosto na direção do vaso e vomito o jantar de ontem a noite. Minha nossa senhora!

Natan segura minha cintura, dando apoio, e meus cabelos para que não sujem. Me ajoelho no chão e deixo minhas costas em suas pernas, sentindo-me fraca.

— O que foi isso? Você está bem? Por que vomitou desse jeito? —

Natan parece desesperado e isso me faz rir um pouco.

— Levantei rápido demais na cama, minha cabeça girou e levou a isso. — Justifico, me levantando e indo até a pia.

— Porra, fiquei desesperado. — Confessa, massageando meus ombros, enquanto lavo meu rosto e escovo os dentes.

— Está tudo bem.

Viro-me e seco meu rosto, mas ainda me sinto um tanto leve, como se a pressão estivesse baixa. Não sou de ficar doente, mas pode ser alguma virose ou algo assim.

— Se você sentir algo errado deve me dizer, e veremos um médico...

— Natan, foi só um enjôo. Está tudo bem, acalme-se.

— Você é tudo o que eu tenho, Jasmim. — Sussurra, colando a testa na minha.

— E você acha que vou deixá-lo livre? De jeito nenhum. — Seguro seus ombros e beijo sua bochecha. — Você é meu, seu trem, e eu vou ficar juntinho de você para sempre.

— Eu conto com isso. — Sorri, parecendo mais relaxado. — Você precisa comer, ou vai ficar fraca depois de vomitar tanto.

— Vou tomar banho primeiro.

— Vou tomar com você para ter certeza que não vai desmaiar e se machucar sozinha...

— Uai, diga a verdade. Você vai ficar para me ver pelada e me apalpar.

— Você é uma garota muito esperta e sabe das coisas. — Brinca e beija minha boca.

Me afasto e ele me encara sem entender.

— Acabei de vomitar. — Justifico.

— Você escovou os dentes. Eu não vou ficar sem beijá-la nem pelo caralho. — Então segura minha nuca com sua mão grande e me puxa para um beijo delicioso, sem qualquer restrição.

Nos despimos de nossos pijamas e entramos no box. Os jatos de água morna do chuveiro são bem vindos e alivia ainda mais a pressão na minha cabeça. Natan lava meus cabelos e me provoca quando lava meus seios e bumbum. Suas mãos passeiam quase chegando em minha intimidade, mas ele sempre recua, me deixando ansiosa.

— Por favor.

— O que você quer, minha menina? — A voz rouca e seu membro

duro, cutucando minha barriga são provas mais do que evidentes de que ele está querendo o mesmo que eu.

— Quero você dentro de mim.

— Você não está bem... — Beija minha testa, preocupado.

— Não vou ficar bem se você me deixar com vontade, Natan!

Natan gargalha e se ajoelha na minha frente. Meu sexo contrai em antecipação, meus seios pesam, os mamilos intumescidos, doloridos.

— Vou fazê-la gozar bem gostoso na minha boca. Quando estiver alimentada, nós voltamos e vou me enterrar bem fundo nessa boceta linda.

— Sim...

O choque de sua língua quente batendo contra meu clitóris vem logo. Natan não brinca, ele vai ao que interessa. Seus lábios se misturam com os meus, em um beijo delicioso. Ele me beija lá embaixo, como se beijasse meus lábios, a língua brincando com minha entrada e provocando meu clitóris latejante. Antecipação e luxúria quase me fazem explodir. Toco meus seios, necessitando de mais alívio. Natan enfia dois dedos dentro de mim e os curva, puxando-os e encontrando um ponto que me faz gritar.

— Oh, meu...

— Eu amo que você seja tão fogosa, Jasmim. Meu pau está duro feito

uma pedra. Só por você.

Seu hálito quente soprando meu clitóris somado as palavras quase me fazem gozar, os dedos continuam saindo e entrando deliciosamente. Gemo seu nome e tento agarrar seus cabelos curtos, mas não consigo. Rebolo em seu rosto e sua boca impiedosa volta com tudo. As sensações parecem mais fortes do qualquer outra vez. Meu orgasmo irrompe com força, me levando longe pelo que se parecem horas. Os lábios de Natan não me dão descanso e sinto como se gozasse várias vezes. Minhas pernas ficam moles e só não caio porque ele me segura.

— Tão sensível. Porra. Múltiplos orgasmos. — Murmura na minha boca, já de pé, me beijando ferozmente.

Sentir meu gosto em sua língua me deixa ainda mais excitada. Deveria estar exausta, mas o quero. Seu peitoral esfregando meus mamilos levam o fogo direto para o meio das minhas pernas. Seguro a base do seu membro e me inclino para encaixá-lo em minha entrada.

— Porra, Jasmim...

Não dou tempo para que recue, se deixando levar pela preocupação. Desço, tomando sua extensão e rebolo em seu colo. Natan agarra minha bunda e me sustenta nessa posição, que me permite senti-lo deliciosamente dentro de mim. Seus lábios vem beijando e mordendo a pele do meu pescoço, me fazendo arrepiar, seu peito esfrega e estimula meus seios, nossas pélvis se chocam, enquanto ele toma o controle e me toma sob a ducha, contra o ladrilho frio do banheiro. O arranho, me esfrego nele e rebolo. Gemo, a

luxúria consumindo cada fibra do meu ser. Me sinto tão sensível a ele, que seu toque e seus beijos me fazem querer mais, como se fosse possível. Seu membro grosso e longo me toca como tanto necessito. Gozo deliciosamente, e Natan vem comigo, me beijando e gemendo na minha boca.

Descemos as escadas de mãos dadas, após nosso banho. Chegamos na cozinha e me surpreendo ao ver Núbia no fogão.

— Estou preparando os ovos com gema dura que você gosta, Natan.
— Comenta, nem se importando em me dar uma merda de bom dia.

Para mim já chega! Há um mês estou suportando essa mulher dando em cima do meu homem, como se eu não fosse ninguém. Sei que sou boazinha, mas nunca fui tola. Tentar ser resiliente, é diferente de ser babaca. E o pior, me sinto com a raiva fervendo. Não vejo Graziela a nossa volta, então suponho que vovô a levou para ver como o sítio está ficando, como prometeu ontem. Me afasto de Natan e empurro Núbia contra o fogão.

— Está me queimando! — Reclama, tentando fugir.

Por ser mais alta, vejo o fogo aceso quando olho sobre seu ombro. Sorrio para ela, tentando demonstrar uma calma que não tenho. Não afasto-me do seu corpo, deixando a frigideira espirrar óleo quente nela a cada estalo dos ovos.

— Há um mês você está aqui pela bondade da minha vó. Por muitos

dias, eu quis chutar sua bunda longe, mas me segurei por remorso de fazer algo que vovó não queria. Só que dona Nice também não era idiota, e nunca deixou cadela nenhuma se aproximar do seu homem, tampouco, me fizesse de boba. Eu não te quero perto do meu Natan! Está se garantindo porque sabe que Grazi é importante para nós. Se quiser, leve-a e se vire com ela! Para mim, já deu!

— Você está louca! Está me machucando! — Começa a chorar.

Me afasto e cruzo os braços, a examinando, enquanto vejo seu show se desenrolar. Fiz uma jogada arriscada. A ideia de Grazi sumir com essa mulher rasga meu coração, mas pelo que pude ver, ela não se importa tanto assim com sua sobrinha, mal passa tempo com ela e a pequena não fica à vontade em torno dela. Mandeí levá-la porque desconfio que Núbia não vai fazer isso. Sinto Natan atrás de mim, suas mãos em meus ombros, deixando claro seu lado.

— Eu não tenho para onde ir. Como Graziela vai ficar?

— Você pode deixá-la até que se estabeleça. — Natan diz.

— Tentei ser boa para vocês... Tento ser prestativa... Não faço nada por mal.

— Não quero saber suas intenções. Só está evidente que já deixei claro que odeio você rodeando o Natan, mentiu sobre ele estar dormindo na sua cama. À troco de que? Está nos manipulando diariamente por saber que amamos Grazi, mas nosso bem estar não está abaixo do bem estar de

ninguém. — Deixo claro tudo o que estava engasgado na minha garganta. — Minha avó foi incrível com você, Natan e eu também. Você está se metendo em um relacionamento que você não vai conseguir destruir. Você só se destruiu e perdeu uma família que estava disposta a ser sua também.

Núbia seca as lágrimas, me encarando com raiva pela primeira vez.

— Eu vou deixar Grazi, pelo bem dela, mas vou voltar para buscá-la.

— Certo.

Núbia se afasta, parecendo desorientada, e eu respiro fundo. O cheiro de queimado enche a cozinha e Natan se apressa para apagar o fogo. Não acredito que ela vai deixar Grazi.

— Você fez bem, Jasmim. Por mim essa mulher continuaria vivendo a vida dela longe de nós há muito tempo. — Natan garante, segurando meu rosto em suas mãos.

Me sinto tão bem quando ele faz isso e me encara tão intensamente nos olhos. Amo seus olhos escuros mais do que qualquer coisa. Me aconcheio em seu peito, mas ele me coloca sentada na cadeira e vai preparar o café da manhã para mim, preocupado com o mau estar de mais cedo.

Nos dias que seguem, a paz reina em casa sem Núbia por perto. Embora a mãe de Natan esteja no outro lado da fazenda, ela tem ficado por lá

e dificilmente apareço para saber como vão as coisas com Mercedes. Grazi parece estar muito melhor sem a tia por perto. Em contrapartida, tenho vomitado quase todas as manhãs e me sentido muito enjoada. Não sou boba e comecei a desconfiar de gravidez, caindo em mim que desde que vovó faleceu, Natan e eu paramos de usar preservativo. Nunca tomei remédio, mas também nunca parei para pensar sobre ficar grávida tão cedo. Agora me sinto eufórica com a ideia de ter um pedacinho de Natan dentro de mim. Meu medo é não saber como ele vai lidar com isso, devido ao seu histórico catastrófico familiar. Meu coração transborda quando imagino uma família nossa, tirando qualquer trauma do que ele já possa ter experimentado antes. Já conversei com ele para que me leve em Uberaba amanhã, disse que preciso comprar umas coisas. Um teste de gravidez, só não contei isso para ele. Estou esperando ter certeza.

Nessa madrugada, levanto-me sentindo-me enjoada e com a boca seca. Deixo Natan na cama, pois ele tem estado preocupado comigo e mal dorme. Vou até a cozinha e bebo bastante água, o que alivia o mal estar. Todavia, vejo uma sombra sentada no canto perto do balcão e me assusto. Percebo que é Quézia e me aproximo, receosa.

— Você está fazendo o que aqui?

— Eu lembrei de uma história... — Sussurra, parecendo distante. A mulher é totalmente louca e começo a sentir medo por estar sozinha com ela.
— Havia duas irmãs gêmeas...

— Do que você está falando?

— Shhhh. Escute a historinha... — Ajeita a coluna, sentada e movendo o corpo de um lado para outro, o olhar distante, em direção a janela. — As gêmeas eram boazinhas, mas o pai escolheu uma para ser a escória. Conforme crescia, passavam fome e muita necessidade. Um senhor queria comprar a velha fazenda e o pai das gêmeas não queria vender, só que precisava daquele dinheiro. O velho se interessou por uma delas e quis comprá-la. Seu pai a vendeu, ela já era a escória mesmo. — Dá de ombros, mas vejo as lágrimas rolando. — Depois de fazer todas as barbaridades com ela em sua primeira noite com um homem, o velho bastardo a devolveu. Como não era mais “pura”, seu pai passou a obrigá-la a se prostituir.

Levo minhas mãos a boca. Deus! Essa é a história dela? Meu corpo escorrega pelo balcão e me pego sentada, trêmula, ao lado de Quézia.

— Ela nunca quis ser má. — Quézia nega freneticamente com a cabeça. — A filha que ele tanto protegia, se apaixonou por um ricoço, filho de fazendeiros, aqui de Minas Gerais. Ela envenenou o próprio pai para casar com seu amor. Eles viveram uma linda história de amor, até que o homem a matou quando percebeu que ela estava o traindo com um peão da fazenda. A gêmea prostituta serviu como prêmio de consolação, para ficar nas mãos do homem sádico e cuidar do bebê deles de dois anos e meio. Ele a levou para o Rio de Janeiro, porque temia que ela o traísse também. — Ri sem humor e então me encara, parecendo tão calma e ao mesmo tempo, seus olhos mostrando um mar de confusão. — Ela odiava a criança da gêmea. Ela odiava lembrar que seu pai a fez se prostituir e a defendia. Ela odiava que o fazendeiro se apaixonou pela gêmea e não por ela, que a levou para uma boa vida e ela desperdiçou o traindo. Aíram odiava Quézia.

— O que? Você não...

— Ela criou o filho da gêmea, e o menino era como a mãe. Bom e levado por emoções...

— Você não é mãe do Natan... — Tudo fica claro para mim, mas não consigo acreditar em tanta loucura.

— Eu tomei o lugar da minha irmã gêmea para manter as aparências com o marido dela. — As lágrimas voltam a rolar por seu rosto. — Fiz o filho dela se prostituir, para de onde ela estiver, possa sofrer pelo o que deixou acontecer comigo.

— Quézia era a mãe de Natan... Você não...

— Eu sou Aíram. A escória.

CAPÍTULO 29

NATAN

A falta de Jasmim na cama me faz despertar quando rolo e não sinto seu corpo. Preocupado com sua saúde, levanto da cama num pulo e a procuro no banheiro. Sem sucesso, decido averiguar no andar inferior. Visto a calça de moletom, uma vez que há seu avô e Graziela morando na casa. Desço e ouço a voz da minha mãe vindo da cozinha, alguns murmúrios. A preocupação em pensar que possa estar fazendo mal a Jasmim me toma e avanço até lá. Vejo Jas sentada, com as mãos na boca e minha mãe olhando para ela, enquanto chora e balança o corpo para frente e para trás.

— Sou a escória. — A escuto dizer.

— Jasmim? — Me aproximo, entre preocupado e cauteloso.

Ela tenta levantar quando me vê, mas seu corpo não consegue se manter.

— O que você fez com ela? — Esbravejo, encarando-a com raiva.

— Nada. Ela só é fraca demais. Boa demais. Se não fosse tão jovem, eu diria que é uma filha perdida de Quézia. — Minha mãe sussurra, totalmente fora da casinha.

— Que porra você está falando?

— Natan... — Jasmim súplica, com a voz trêmula.

A puxo para meus braços e quando sinto algo úmido na sua camisola, na parte de sua bunda, me desespero.

— Jasmim, o que você tem? — Meu coração dispara e corro até o interruptor.

Com a luz acesa, vejo o sangue no tecido rendado. Minhas pernas cedem, mas me mantenho firme quando vejo o olhar apavorado da minha menina.

— Minha barriga está doendo... Está saindo algo... — Jasmim olha para baixo e vê o sangue. — Oh, meu Deus!

— Ela está perdendo o bebê...

Encaro minha mãe e isso me faz vacilar. Bebê? Como não pensei nisso antes? Com todos os enjôos deixando evidente... Eu não pude enxergar o que estava na minha cara e agora essa desgraçada deve ter dito algo para Jasmim, que a fez... Não... Ela não pode perder o bebê.

— Some da minha frente, porra! Eu vou levá-la ao hospital e quando voltar, se encontrá-la aqui, eu mesmo irei chutar sua bunda longe. Chega de ser bonzinho com quem não merece. E chega de permitir que Jasmim conviva com uma vadia tóxica como você! Fora, ou eu vou jogá-la dentro de um hospício!

— Natan... — O choro de Jasmim me faz esquecer Quézia e correr pela casa.

Não visto uma camisa, só pego um casaco para ela, minha carteira e a chave da caminhonete. Meu peito dói. Jasmim não pode ter uma perda dessa. Nem eu... Esse bebê é uma parte de nós, e tudo que há sobre nós, tem meu coração. Estou apavorado de me imaginar sendo um pai, todas as minhas referências são horríveis, todavia, sei que posso ser melhor. E vou ser melhor.

Uma imagem do que mais parece um peixinho dança na tela preta e branca. Meus olhos ardem. Porra, estou me tornando um bebê chorão. Jasmim aperta minha mão na sua, faço carinho em seus cabelos, mostrando que estou com ela.

— Nas primeiras semanas, é normal acontecer um pequeno sangramento. Ele pode significar apenas a acomodação do saco gestacional, estrutura que, em um primeiro momento, irá abrigar o embrião. — Explica o médico, e diz mais outras coisas que não entendo os termos, pelo nervosismo e alívio.

Minha mão e de Jasmim estão entreteçadas, enquanto visualizamos nosso bebê pela tela preta e branca. Eu nunca imaginei que seria pai, nunca cogitei que ver um bebê em um negócio desses me faria sentir vontade de chorar. Homens com meu passado não deveriam ser pais. Por muito tempo, relutei que merecia o amor de Jasmim. Se não tivesse lhe contado meu

passado e ela não fosse a rocha que me dá forças, eu iria relutar em ser responsável por uma criança. Entretanto, se eu não passar o resto dos meus dias fazendo nossa família mais feliz do que qualquer outra, não vejo mais motivos para minha existência.

Para mim, não há mais proteção com qualquer outras pessoas. Esse bebê, Jasmim, Grazi e Sr Mário são minha família. E por eles, serei um monstro para quem tentar feri-los. Se não tivesse expulsado Núbia e minha mãe, o faria agora, sem dúvidas.

— Como você está se sentindo? — Pergunto a Jas quando o médico nos deixa sozinho no quarto.

— Feliz. Nosso bebê está bem. — Jasmim sussurra, me encarando com receio. — Você está bem em ser pai? Se você não estiver, trem, eu bato sua cabeça na parede até criar rumo.

Gargalho e me abaixo para beijar sua testa.

— Estou mais do que bem em ser um pai. Você sabe que não tive um exemplo de bom pai, mas eu sei tudo o que não devo fazer com nosso filho. Tudo o que eu passei, ele jamais irá passar. Eu prometo a você.

— Eu confio em você para cuidar de nós. E nós estaremos sempre aqui por você. — Vejo sua mão tocando a barriga sobre a camisola verde da clínica.

Tive tanto medo que não a levei para o hospital público, com dinheiro

que meu avô tem enviado como meu pagamento, paguei para que fôssemos atendido aqui numa das melhores clínicas de Uberaba.

Levo minha mão sobre a sua, e ela inverte. Deixando a minha tocando sua barriga. Sinto uma emoção imensa ao pensar no meu bebê crescendo dentro de Jasmim.

— Você é tão novinha, ainda não foi a faculdade... Está bem com ser mãe agora? Eu não abro mão dele, mas posso cuidá-lo para você não abandonar seus sonhos, Jas. Você deve estudar e se realizar profissionalmente, fazer tudo o que sonhou na vida.

— Eu o amo tanto, e para mim é como a maior realização do mundo nos imaginar como uma família. — Confessa, deixando uma lágrima rolar.

— Você não precisa nos imaginar assim. Nós somos uma família. — Digo, me abaixando para beijá-la com ternura.

Depois que deixei Jasmim adormecida em nosso quarto, após termos sido liberados e o médico da clínica ter lhe dado um cartão com a data em que voltaremos para iniciar o pré natal, procurei por algum sinal da minha mãe por toda casa. Jasmim pareceu distante durante todo o caminho de volta, mas a deixei. O médico disse que é bom evitar estresse e que ela precisa de repouso nas próximas semanas, uma vez que está com, apenas, seis semanas de gestação. Na casa dos funcionários, não há sinal dela também. Isso me faz ficar aliviado. Volto para casa, tomo banho e deito-me com Jasmim.

Desperto no dia seguinte, e sinto a quentura da barriga de Jasmim em minhas mãos. Seu piercing não está mais, pois ela tirou ontem antes da ultrassonografia. Beijo seu ombro e acaricio a barriga lisa, sem qualquer sinal do nosso bebê.

— Bom dia. — Ouço sua voz sonolenta.

Ela se vira para mim, mas rapidamente levanta e corre para o banheiro. A sigo, preocupado, mesmo que tenha mencionado esses enjôos com o médico ontem e ele tenha dito que é normal. É horrível vê-la dessa forma. Seguro seus cabelos e apoio suas costas em minhas pernas, para que fique segura. Depois tomamos banho juntos e o que mais me perturba, é que Jasmim não me provoca sexualmente. Não é sobre eu não aguentar ficar sem sexo, é que não combina com ela, visto que ultimamente não saímos do banho sem, pelo menos, alguns amassos. Entendo que possa estar abalada com as últimas notícias, em saber que sua vida irá mudar drasticamente agora. Por isso, dou-lhe espaço, mas agonia me acompanha durante todo o dia.

Trabalho a maior parte do dia no sítio com Sr Mário. Não consigo conversar muito e, por mais incomum que pareça, o velho tenta em animar. Até mesmo Grazi parece sentir a tensão, que se aproximou mais de mim nesse último mês. Sempre procuro lhe dar espaço, mas ela conseguiu se infiltrar no meu coração. Mesmo que não seja muito próxima de mim, sempre fico vendo seus momentos com Jasmim, o quanto sorri e parece feliz.

— A tia Núbia não vai voltar mais? — Pergunta quando estamos só

nós dois na mesa.

Jasmim está terminando de cozinhar algo e sr Mário está no banho.

— Ela disse que buscaria você. — Respondo.

— Será que eu posso ficar com vocês?

— Eu... Hum... Não sei bem. Por você ter ela que é da sua família, é complicado.

— Mas ela não gosta de mim! — Solta e arregala os olhos.

Suas mãos pequenas voam até sua boca, tapando, como se isso fosse impedir o pequeno deslize.

— Está tudo bem. É nosso segredo, está bem? — Digo baixinho, mas a mente já está girando a mil por horas.

Não adianta eu tentar arrancar algo de Graziela abruptamente. Preciso conquistar mais sua confiança e descobrir porque ela disse isso.

— Meu pai não gostava de mim. Assim como o seu. — Confidencio e a vejo relaxar um pouco.

— Por que ele pediu um bebê para a cegonha se não gosta de crianças? — Pergunta, baixinho.

Parte o meu coração e me traz memórias fodidas de quando eu era a criança espancada pelo pai.

— Não tenho uma resposta para isso, mas você só precisa se preocupar com coisas de criança agora. Está segura com a gente.

— Mas tia Núbia vai me buscar... — Seus olhos azuis escuros se enchem de lágrimas, a franjinha quase escondem os mesmos quando ela abaixa a cabeça.

Não gosto de tocá-la e sei que ela não confia totalmente em mim, porém, sinto a necessidade de dar-lhe algum conforto agora. Faço um carinho, bem desajeitado, na sua cabeça, bagunçando os cabelos loiros. Me surpreendo quando ela se joga para mim e me abraça forte. Fico sem jeito à princípio, mas retribuo e me sinto bem.

— Não vamos deixá-la levar você. Vai ficar tudo bem.

Mesmo não exercendo a profissão, sou formado em direito e sei que se Núbia quiser a sobrinha, não há brechas para que fiquemos com ela. Algo me diz que a mulher só quer usar Graziela como moeda de troca. Ainda não entendi em que ela está interessada, talvez em dinheiro.

Jasmim e Sr Mário se juntam a nós logo depois de Grazi se afastar e sentar. A conversa gira em torno da lasanha gostosa que ela preparou para nós. Não conversamos sobre, mas me incomoda que ela não tenha dado a notícia da gravidez ao avô. Há algo errado com Jasmim e não vou continuar mantendo a distância para permitir que se afaste de mim.

— Há um tempo atrás você disse que não devíamos manter segredos. Eu não sei o que está passando pela sua cabeça, mas pelo distanciamento sei que é algo importante. Então, só peço que divida comigo, Jasmim.

Ela suspira e senta-se na cama.

— Você já sofreu tanto nessa vida. — Diz, me deixando confuso. — Olho para cima e me pergunto se há qualquer justiça, qualquer lei sobre quem merece sofrer ou não. Por que tem que ser assim?

Me aproximo e sento ao seu lado, puxando-a para meus braços.

— Nada do que sofri importa. Estou feliz agora. Você me faz feliz.

— Há algo que eu sei, que eu daria tudo para não saber, Natan. — Sua voz se torna embargada e levanto seu queixo para encarar seus olhos verdes marejados. — Eu não quero que você sofra. Meu coração dói por você, meu trem lindo. Você se vê impuro, se vê obscuro, mas eu vejo luz, vejo pureza, vejo amor. Enxergo alguém que protegeu pessoas que nunca lhe deram valor. Você é tão incrível e não percebe. Merece tanta coisas boas dessa vida...

— Eu poderia ter qualquer coisa e não estaria feliz, Jasmim. Você é o meu ponto de paz e felicidade. Me diga o que está te amedrontando. Minha mãe disse algo? Eu não vou me perder mais. Eu tenho você e ele... — Toco

sua barriga e isso a faz derramar as lágrimas que estava segurando.

O que a diz a seguir não encaixa na minha cabeça. É necessário que ela repita mais de uma vez toda essa loucura de novela mexicana. Mesmo que eu tenha acreditado que não me perderia, é difícil conseguir me manter são ao perceber que toda minha vida não passa de uma maldita mentira. Eu protegi quem eu acreditava que era minha mãe de um sádico. Eu o matei para que ele não a matasse. O que nunca podia imaginar, é que ele tinha matado minha mãe de verdade muito antes que eu pudesse defendê-la. Lutei muitas lutas, sofri tantas dores e me fodi por alguém que me usou como um fantoche em sua vingança absurda. Minha fraqueza nunca me incomodou tanto como agora.

CAPÍTULO 30

JASMIM

Em algum momento, cogitei não dizer a verdade para Natan. Talvez em uma realidade paralela onde sua mãe nunca mais aparecesse, e nós pudéssemos ser felizes sem mais interferências, isso podia dar certo. Na nossa vida, depois de tantas rasteiras que tomamos, depois de saber o quão vítima da maldade Natan já foi, eu soube que não podia omitir. Se o fizesse, seria para protegê-lo da dor, não por aprovar omissões em nosso relacionamento, principalmente depois que me contou a verdade sobre seu passado e o pedi que fossêmos sinceros sempre. No entanto, por amá-lo e querer vê-lo feliz, eu quis me acovardar, nos trancar em uma bolha de ilusões, nos esconder na felicidade de que seremos uma família. Nosso bebê irá nascer, nos trará felicidade. A tristeza não pode acabar de uma vez?

É incrível como tudo pode sair do rumo o qual sempre esperei. Sempre estive acomodada em torno do sítio e dos meus avós. O maior medo de me envolver com Natan no início, era justamente por temer o que estava fora da minha zona de conforto. Sempre esperei um relacionado como o dos meus avós, e surgir um trem desbocado, querendo algo casual não era bem o que eu esperava.

Eu esperava o príncipe encantado num cavalo branco. Natan não esperava nada. A vida já tinha lhe batido tanto, que para ele, não havia esperança de alguém para amá-lo. Nós não podíamos ser mais diferentes, e ainda assim, nos completamos tão perfeitamente, que nada nunca pareceu tão

certo.

Justamente por toda essa constatação, por amá-lo, por ter seu bebê em meu ventre, que assumo minha posição de leoa. Para defender minha família, abro mão da minha bondade, do meu lado que quer enxergar o que há de bom nas pessoas. Não importa quem ou o que, não permitirei que façam mal aos meus.

A parte mais difícil de ver alguém que você ama sofrer, é se sentir impotente, é saber que nada do que você faça pode acabar com a tristeza da pessoa.

— Eu gostaria de acabar com toda a dor que você está sentindo. — Digo, abraçando-o por trás, encostando minha cabeça em suas costas.

Suas mãos envolvem as minhas, que estão alisando seu abdômen através da camisa.

— É estranho que eu gostaria de ouvir isso tudo dela? Não é que eu não acredite em você, mas eu gostaria de olhar nos olhos dela e ver a mulher por quem eu me deixei levar tanto na vida. Para nada, por nada.

— Você a ama como se fosse sua mãe. Se você tem isso enraizado dentro de você, é porque enquanto criança ela fez algum papel que ficou gravado em seu subconsciente.

— Eu não tenho qualquer lembrança dela sendo boa para mim, desde que me lembro ela vivia sua vida e deixava tanto Tati quanto eu com as babás. Depois que a situação financeira caiu sobre as cabeças deles, começaram as agressões e eu passei a defendê-la.

Levo minha mão até seu peito, sentindo seu coração batendo rápido, mesmo depois de quase uma hora após eu ter contado.

— Talvez esteja em sua alma, essa necessidade de proteger. De salvar.

Natan fica em silêncio por um longo tempo, seus dedos acariciando os meus levemente. Beijo suas costas e fico quietinha. Eu gostaria muito que tudo fosse diferente, que ele tivesse crescido em um lar cheio de amor, com bons pais, com uma irmã cúmplice, mas não foi assim. Nada posso fazer para mudar o que já passou, mas estou disposta a criar um futuro de amor e felicidade para nós.

— Eu não quero mais pensar nela, ou no passado, ou em qualquer merda que ficou para trás. — Natan murmura, virando-se para mim.

Chego para trás na cama, para que ele possa sentar longe da beirada. Ele segura meu rosto em suas mãos.

— Nós podemos enterrar o passado e nunca mais falar dele. Eu estava pensando agora mesmo em como quero um futuro feliz para nós.

— O presente já tem sido feliz, Jasmim. — Natan diz, baixinho,

aquele x no lugar do s que eu tanto amo quando pronuncia meu nome.

— Meu trem. — Sorrio e me estico para beijar seus lábios. — Somos nós contra o mundo.

— Nós contra o mundo. — Repete, me puxando para seus braços.

Quando ele me coloca de costas na cama, meu coração acelera em expectativa, já antecipando uma de nossas noites de luxúria e paixão. Porém, Natan me surpreende. Levanta a minha camiseta, deixa minha barriga exposta, beija toda a região com tanto carinho, que faz meus olhos ficarem marejados, e descansa a cabeça na região.

Nós ficamos deitados assim, unidos pelo nosso maior laço de amor. Nosso bebê. Acaricio seus cabelos curtos, sentindo o espetar gostoso em minha palma. Ele dorme em minha barriga e eu deixo, passo a maior parte da noite olhando por ele, fazendo carinho, e pedindo a Deus que o futuro traga alegria para esse homem quebrado.

— Bem, nós temos uma notícia importante. — Digo, entre nervosa e ansiosa.

Não faço ideia da reação do vovô. Ele pode puxar o facão e ameaçar matar Natan por tirar minha honra, ou pode ficar muito feliz por ter um bisnetinho, coisa que vovó e ele sempre quiseram. Grazi parece ansiosa, com os olhos brilhando, esperando. Natan e vovô trabalharam o dia inteiro no

sítio. Ambos chegaram há pouco, tomaram banho e os chamei para comerem uma broa de fubá que preparei.

— Uai, finalmente pediu minha neta em casamento? — Vovô pergunta, olhando Natan. — Até que enfim, já não era tempo de acabar com a promiscuidade de dormir no mesmo quarto sem colocar uma aliança no dedo dela.

Natan me encara, atordoados. O assunto casamento o pegou de surpresa ou é total aversão?

— Vovô... — Repreendo. — Não é sobre casamento.

— Minha nossa senhora! — Vovô se benze, recriminando a tal promiscuidade. Eu rio.

Lágrimas enchem meus olhos, parece tão vívido enquanto imagino vó Nice o provocando sobre como ele também era assanhado quando era mais jovem, sobre Natan ser lindo, me incentivando a aproveitar e vovô a chamando de “velha assanhada”. Que falta ela nos faz! Contar a notícia da gravidez está mexendo com meu emocional, pois era algo que ela sempre sonhou, ter crianças correndo pelo sítio para ela dar amor — como deu para mim.

Natan parece sentir minhas emoções, pois se aproxima e me abraça por trás, beijando minha cabeça até que me acalmo. Até vovô fica quieto, também sentindo a mudança no clima. Ele faz um carinho desajeitado na cabeça de Grazi e senta, servindo-se de broa e tentando manter a compostura.

Vô Mário é forte — mais forte do que eu —, ele se manteve firme para me ver firme. Eu o amo ainda mais por isso.

— Se você quiser podemos contar depois. — Natan sussurra, mas ele havia dito que se sentiu mal por não termos contado ontem.

— Não. Está tudo bem. — Tranquilizo-o. — Vô... Grazi... Nossa família está crescendo. — Sorrio e Natan beija minha bochecha, levando uma de suas mãos até minha barriga.

A familiaridade que ele age sobre minha gravidez, realmente, me surpreende. Esperava que ele relutasse, que temesse; ou que aceitasse, mas demorasse a se adaptar. Entretanto, ele parece estar bem com tudo, na verdade, até feliz. Acho que no fundo, Natan é essa pessoa que ama e protege. Ele só não teve quem retribuísse todos esses sentimentos bons.

— Você embuchou minha menina? Desonrou minha neta? Ora seu! — Vovô levanta, louco da vida, segurando a faquinha de serra, apontando-a para Natan.

É preciso me segurar para não rir. Deus! Grazi arregala tanto os olhos e, por um momento, parece amedrontada. Natan ri do meu avô.

— Foi a cegonha, Sr Mário. Não deu para evitar.

Vovô bufa, passa a mão na cabeça careca e encara Grazi. Então parece se dar conta e guarda a faca.

— Estou brincando com esse trem.

— Eu pensei que ia machucá-lo. Não pode, vovô Mário. — Grazi diz, baixinho, emocionando a todos com sua voz doce e por chamá-lo de vovô.

Vovô se faz de durão, mas vejo seus olhos vermelhos quando a abraça. Então vem até a mim e me abraça também.

— Parabéns, filha. Você me dar a maior felicidade da minha vida depois de tanta tristeza.

— Obrigada, vovô. Eu amo o senhor e o quero perto de mim para me ensinar a cuidar tão bem desse bebê, como vocês cuidaram de mim.

— É bom eu estar perto mesmo. Vou ensinar a não ser um trem safado igual esse aí. — Aponta Natan, que ri e o puxa para um abraço.

— Larga de ser ranzinza, seu velho. Você me ama também.

— Moleque atrevido. — Vovô resmunga, mas não o afasta, pelo contrário, o abraça de volta.

Não preciso dizer que choro feito boba. É demais para o meu coração ter esse vislumbre de alegria, de família.

À noite, Natan, Grazi e eu estamos olhando as estrelas e conversando.

Percebo — e me agrado muito — que Graziela está bem próxima dele, sem medo, sem receios. Natan não é de muita conversa, mas sempre a responde com carinho. Vovô dorme cedo e hoje ela disse que queria ficar conosco um pouco aqui fora, então a trouxemos para nosso ritual de deitar na grama, olhar as estrelas e conversar. Nós também fomos até os cavalos, conversei com eles e segurei o desejo de montar no meu garanhão e sair cavalgando por aí. Ainda não sei se é seguro montar, então nem cogitei arriscar.

— Você vai ter um bebê. — Grazi comenta, meio que curiosa.

— Sim. — Toco minha barriga através da blusa xadrez.

— Será que ainda vou poder ficar com vocês?

Sua pergunta me deixa nervosa, não pela hipótese de que nós estejamos planejando nos livrar dela por causa do bebê. Só que há sua tia, que nos disse que irá voltar para buscá-la. Pode ser amanhã ou daqui há meses, quando estivermos ainda mais apegados e acostumados com a menina. Será ainda mais doloroso para ela. Já passou por traumas suficientes, teve que lidar com mudanças que foram difíceis de se adaptar. Graziela tem seis anos, e já sabe mais da vida do que qualquer criança deveria saber. Sua inocência e infância deveria ser preservada por muitos anos ainda. Agora nós sempre vemos esse olhar de cautela, há essas perguntas que alguém de sua idade não deveria se importar em fazer, tampouco, se preocupar pensando sobre.

— Nós não iremos nunca mandá-la embora ou deixar de tratá-la como tratamos por causa do bebê. Você também é da nossa família. — Natan

garante, me surpreendendo. — Só que sua tia é a responsável por você, e desde que ela disse que irá voltar, nós não sabemos até quando você vai ficar com a gente.

— Eu quero ficar com vocês. — Grazi diz baixinho, quase chorando.

Olho para Natan, sem entender, visto que ela jamais se expôs tanto assim para nós, mas a reação dele deixa transparecer que não está tão surpreso quanto eu. Minha nossa senhora!

— Uai, Grazi, o que há de errado com você ficar com sua tia? — Pergunto num sussurro.

— Ela dizia coisas para o meu pai.

— Coisas... — Murmuro, não conseguindo respirar.

— Ela disse que minha mamãe tinha um namorado. Por isso ele brigou. A mamãe não podia namorar. Ela era namorada dele. Por isso ele ficou tão bravo.

Sinto minha pressão caindo. Juro por Deus, que odeio essa reação do meu corpo. A cada vez que recebo uma notícia difícil, fico petrificada. Natan segura minha mão, dando força. E puxa Grazi, com cautela, só deitando a cabeça dela em seu ombro e deixando as pernas dela de lado sobre a sua.

— Vai ficar tudo bem. Sua mãe está em um lugar melhor agora, cuidando de você. Peça a ela que tudo fique bem. — Aconselha, tentando dar

conta de nós duas.

Balanço a cabeça, mostrando que estou bem, mas no meu interior estou gritando, batendo os pés, me descabelando. Nós não teremos sossego nunca? Depois que Graziela pega no sono no colo de Natan, nós entramos, com ele a carregando até colocá-la na cama. Descemos para trancar toda a casa, agora tendo mais cuidado do que nunca. Ao tomarmos nosso banho e nos deitarmos, o beijo, precisando dessa fuga.

Natan segura meu rosto, eu sorrio, porque amo que ele sempre me segure assim, me olhando tão profundamente com seus olhos escuros.

— Eu já sei o que fazer sobre essa situação da Grazi. Confie em mim e não se estresse. Você e o bebê precisam ficar bem.

— Você também precisa. — Agarro seu pulso, preocupada.

— Eu não fui derrubado antes de ter um motivo para me manter de pé, minha menina. Agora que tenho vocês, não pense que vou cair. Meu lugar é de pé, em guarda ferozmente, para proteger minha família.

E no final, nosso exterior tão distinto era só uma fachada para o interior tão parecido. Somos nós pela nossa família. E agora Grazi é parte de nós.

CAPÍTULO 31

JASMIM

“Nada é tão ruim que não possa piorar”. Li essa frase em algum lugar e hoje ela faz todo sentido. Tatiane chega no sítio acompanhada da potrancuda — aquela que chegou aqui falando sobre casamento com meu trem —, em um horário que Natan está trabalhando com vovô, Grazi está tirando o soninho da tarde e eu, sentada na varanda após arrumar a casa. Levanto-me imediatamente ao avistar as duas caminhando em direção a casa.

O olhar que Tatiane me lança, é diferente de qualquer sentimento amistoso que já existiu entre nós. Também não estou pulando de alegria ao vê-la, pelo contrário. Ela foi minha amiga de infância, mas Natan é meu homem. Se ela não teve empatia para defendê-lo, para estar do lado dele e ver o quanto infeliz era, perto de mim ela não vai ficar.

— Então é verdade... — Tati diz ao se aproximar. — Você está fazendo a cabeça do meu irmão... Vivendo aqui e aproveitando da mordomia que nunca teve.

Acho que já fui boa demais para as pessoas. Sorrio e me aproximo dela, desço os dois degraus que separam a varanda do terreno e paro em sua frente.

— Tarde, Tatiane. Diga-me onde você esteve quando *seu* irmão apanhava do *seu* pai para proteger a *sua* mãe? — Friso os pronomes

possessivos propositalmente.

Ela arregala os olhos e dá um passo para trás. A potrancuda parece imperturbável, só olhando nossa interação. Dou mais um passo, continuando frente à frente.

— E onde você esteve quando sua mãe o jogou no mundo da prostituição para bancar seus luxos? E quero dizer os *seus* também.

— Eu nunca tive nada a ver com isso! — Esbraveja, me olhando com raiva.

— Mas deixou de comer a boa comida? Deixou de morar na casa e usufruir de tudo? Você foi conivente para que seu irmão se tornasse um zumbi em vida. Não me venha com desaforos. Estou com Natan, e suas ladainhas não vão mudar isso. Se trouxe essa protrancuda aqui para tentar convencê-lo a casar com ela para continuar te dando vida mole, saiba que aquele trem é meu, e eu passo por cima de vocês duas se pensarem em tirá-lo daqui! — Minha explosão soa um pouco exagerada até para meus ouvidos, mas pelas expressões das duas, parece que tem o efeito que eu pretendia.

Me afasto e viro, subindo novamente os degraus e sentando-me na cadeira de balanço que estava antes.

— Eu gosto de você, *chica*. — Lá vem ela falando espanhol comigo.

— Eu gostaria que vocês não estivessem aqui quando Natan chegar.
— Digo, na lata.

— Aqui é a fazenda dos meus avós! — Tatiane lembra, cruzando os braços.

— A fazenda está no meu nome. — Ouço a voz de Natan e me assusto, pois ele não veio pela passagem comum, onde eu o teria visto vindo por trás delas.

Natan caminha pela lateral da casa, sem camisa, para o meu desespero e para o deleite da outra. Está usando as botas e boné na cabeça, calça jeans apertada. É errado querer lambar o peitoral e abdômen suado? Ele passa a mão pela barba e tira o boné, deixando-o sobre o batente da varanda. Passando pelas duas, vem em minha direção, se abaixa um pouco e beija meus lábios e minha testa. Para atrás de mim e, com as mãos em meus ombros, as encara.

— Vovô deu a fazenda para mim, Tatiane. Essa era uma surpresa que eu gostaria de estar fazendo a minha mulher hoje.

— Sua mulher? — A irmã questiona, de boca aberta.

Natan sorri, sem humor.

— A fazenda é minha. Você está fora. Se quiser que eu deixe mais claro do que isso, será impossível, pois como vê, não estou à toa.

— Natan... Por que está agindo assim? Sempre fomos unidos...

— Não. — Natan rosna. — Sempre fui eu por vocês. Nunca ninguém por mim. Estou cansado de lutar suas batalhas e me foder sozinho. As únicas pessoas que eu protejo agora são minha família. Você é minha irmã, tem meu sangue, mas não tem mais a minha consideração.

— Tenha calma! *Su hermana* só veio atrás de notícias. Nós queremos saber de sua *mamá*.

Natan aperta levemente meu ombro.

— Ela apareceu aqui com Hilda, fez a mulher entrar na fazenda e ficar nua me esperando. Depois disso, houve um incêndio no sítio dos avós da Jasmim. A acusei como suspeita para a polícia e Hilda foi embora, a deixando aí. Sei que ela não apareceu para ser interrogada e começou a perambular sozinha. Apareceu aqui certo dia, agrediu Jasmim e foi uma vadia como sempre. A mandei embora, mas Jas não teve coragem e a deixou ficar. O final dessa novela acabou quando ela contou para Jasmim sobre um passado, onde envolvia uma irmã gêmea, que casou com nosso pai e ele a matou depois de descobrir uma traição. A tal gêmea deixou um bebê, que vinha a ser eu, a quem sua mãe criou e se vingou por no passado o pai delas tê-la feito se prostituir, e não a gêmea. Jas teve susto muito grande com a história e, finalmente, a mandei embora de nossas vidas. Não sei por onde ela anda, mas não tenho nada a ver com ela agora que sei disso. Veja bem, até mesmo um idiota de fora poderia concordar que aturei merda demais, não é mesmo?

Suas palavras soam tão robóticas, que me assustam. Não sei se ele quer passar essa fachada para a irmã, mas sinceramente sinto que ele precisa

de um desfecho com Quézia... Ou Aíram. De uma coisa tenho certeza, isso não era jeito de dizer tudo a Tatiane, mesmo com tudo o que já aconteceu.

Tati parece chocada.

— Isso... Meu Deus... Então é verdade...

— Como? — Natan questiona e eu me levanto, parando ao seu lado.

— Eu vi uns diários dela... Quer dizer, agora vejo que eram da outra. Não sabia que era isso, mas era totalmente diferente da nossa... Minha mãe. Ela também falava sobre a irmã, como a amava... Trouxe os diários para você ler, para você entender que ela estava louca, mas... Não fazia sentido porque nunca soubemos da irmã. Não pude ler tudo também... Eu só achei que era alguma espécie de dupla personalidade...

— Será bom para você conhecer sua mãe. — Digo só para ele ouvir, o vejo engolir em seco, mas ele assente.

— Eu os quero.

— Mamãe está louca, de qualquer forma, Natan. Precisamos ajudá-la. Ela combinou tudo com o pai de Ruth. O casamento de vocês estava marcado. — Tatiane comunica. — Ela surtou, sabia que você estava apaixonado aqui e percebi que faria qualquer coisa para atrapalhar. Mamãe ameaçou Ingrid, acabou com nosso namoro de vez...

Agarro a mão de Natan, como se para mantê-lo preso a mim ao ouvir

a história de casamento marcado. Minha nossa senhora! Até vejo a cena. Eu totalmente louca prendendo Natan, e ameaçando essas duas com o facão do meu avô. Provavelmente iria aparecer em um daqueles jornais regionais como a louca possessiva do facão.

— Isso não vai acontecer. Eu nunca combinei isso com ninguém.

— Mas você estava dentro, não se faça de santo. — Ruth desdenha.

— Por dinheiro, como sempre. — Natan réplica, rude. — Pela pressão da minha mãe.

— Se você quer jogar toda a responsabilidade para ela, tudo bem. — A potrancuda zomba.

— Uai, aconteceu algo entre vocês? — Pergunto, em alerta.

— Exceto que ele me deixou encalhada e quase sem direito a minha herança, *carino mio*? Claro que não. Você não espera que vou achar lindo ele ter me deixado na merda, né? Estou apreciando o amor, parece uma bela história, mas para mim, o dinheiro é mais importante.

Que gente superficial! Em pensar que Natan foi jogado nesse meio por toda sua vida... Me causa horror.

— O pai dela exige o casamento com um Cassilas para que ele tire a mãe dela da presidência da empresa.

— Case-se você com ela e foda-se. Não fechei acordo com ninguém!
— Natan explode, fazendo ambas se encolherem. — Já chega. Sua visita não é bem vinda.

— Eu nunca quis seu mal, Natan. Posso ter sido egoísta e omissa, mas amo você do meu jeito. Você me protegeu demais e eu sei disso, sempre vou ser grata a você, mas aprendi a me acovardar para não lidar com as coisas ruins que estão na minha cara. — Tati diz, parecendo honesta. — Quero que vocês sejam felizes, de verdade. Se um dia me perdoar, quero fazer parte disso, aprender a ser parte de uma família e ser boa para vocês.

Natan não responde, ele vira as costas e entra na casa. Fico sem reação. Em seu lugar já estaria perdoadando a irmã. Acho que depois do que aconteceu, ele reagiu muito bem comigo e em nossa rotina tudo seguiu bem, mas agora começo a perceber que pode estar guardando coisas dentro de si mesmo, que jamais poderá se livrar e só fará mal.

A mágoa não prejudica a ninguém, se não quem a mantém. É como lixo. Quanto mais tempo você guarda, mais apodrecido fica.

Tatiane abaixa a cabeça e vejo Ruth perder a pose para abraçá-la. Confesso que sinto a mesma vontade, mas essa confusão não é minha. Em mim, há o desejo sincero de que eles se perdoem e possam conviver bem. A família é nosso bem mais precioso.

Vejo as duas se afastarem e caminharem por um longo tempo pelas terras até o portão. Fico no mesmo lugar, abraçando a mim mesma por vários minutos mesmo depois que elas somem. Algum tempo depois, Ruth volta

com os diários e me entrega.

— A Tati está mudando. A mamá é louca e eles cresceram sem uma base familiar decente. Minha família também não é, então sei o mal que isso causa na cabeça da pessoa por experiência própria. Diga a ele para perdoá-la.

— Eu posso dizer, mas não posso controlar os sentimentos dele.

— Ah, chica... Você não conheceu Natan Cassilas de antes. Tenha a certeza que você é quem controla os sentimentos desse novo. — Sorri uma última vez e se vai.

Levo os diários para dentro e os deixo sobre o sofá. Volto para a varanda, ainda vendo Ruth se distanciando. Decido ficar aqui para o caso de Natan decidir ler algo agora. Tudo isso começa a me incomodar. Eu tenho medo de perder Natan, mas o maior medo é que ele se perca dentro de si mesmo e nunca diga nada.

Vovô chega um pouco depois e Grazi também acorda. Passo a maior parte da tarde com eles, enquanto Natan continua lá em cima. Os diários permanecem intocados, então os guardo no nosso quarto. O encontro dormindo, já tomado banho, usando uma camiseta branca e shorts finos. Seu rosto parece atormentado, mesmo no sono. A pele bronzeada atrai meus dedos, de forma que não consigo evitar tocá-lo mesmo vendo que precisa desse descanso. Ele não acorda, no entanto. Deito ao seu lado e me aconchego em seus braços até que também pego no sono.

CAPÍTULO 32

NATAN

Eu menti para mim mesmo. É como se todas as merdas não tivessem sido suficientes para que eu aprendesse que mentir ou omitir é o pior caminho. Mesmo quando se faz isso para si próprio. Acreditei que estava tudo bem, afirmei que estava. Sorri, fui com a maré, brinquei, deixei as memórias ruins para trás. Entretanto, bastou a visita da minha irmã e Ruth, para que meu castelo de areia caísse por terra.

Há a mulher da minha vida e meu filho, um bebê que ainda não chegou ao mundo, mas já fez tanta diferença na minha vida. Eu quero ser melhor por ele, quero acreditar que sou bom, quero ser bom. Por Jasmim, já reconheci tanto de mim, coisas que nunca fiz ideia de que podia ser. Em certos momentos, com ela, sinto que sou bom, sinto que sou mais do que o cara que matou o próprio pai e que se prostituía. Esse era meu rótulo, até ela. Agora sou o homem que ama Jasmim loucamente, que vai protegê-la de qualquer coisa. O pai do seu bebê. Porra. Sempre que penso que há uma parte de mim crescendo dentro dela, meu coração dispara.

Tudo isso é a montanha russa de emoções em que me encontro. A mágoa por todos os envolvidos em meu passado, e o amor que descobri aqui no interior de Minas Gerais.

— Você não vai ler os diários? — Jasmim pergunta, suavemente.

Sinto seus dedos roçarem pela minha barba e isso me faz fechar os olhos, satisfeito. Estando com ela aqui em meus braços, o mundo deixa de existir. Não quero saber de diários para me deparar com uma mãe que nunca terei a chance de conhecer, com uma mãe que não estava viva enquanto eu defendia outra mãe e entrava no inferno por causa de uma vingança egoísta. A minha mãe de verdade eu não pude proteger, mas fui bom o suficiente para proteger uma cobra criada, que no fim voltou para me matar com seu veneno. Jasmim foi meu antídoto, mas assim como qualquer doença, o envenenamento também deixa sequelas. Nesse caso, a mágoa, é a maior delas.

— Não quero ler, Jas. O que eu posso mudar lendo isso?

— Eu sei que é muito fácil falar, mas você pode lembrar que deixei sua mãe ficar aqui quando você a tinha expulsado, mesmo com a suspeita do assassinato da vovó. Natan, viver guardando mágoa das pessoas só faz mal a você. Tatiane esteve aqui hoje e só assim, percebi que você tem guardado muitas coisas para si mesmo.

— Eu sou duro demais, ou tento ser. E você é boa demais. Não pense que as pessoas vão retribuir sua gentileza, Jas. Elas irão se aproveitar. O mundo está virado de cabeça para baixo. É lindo você ser boa, mas é tão perigoso quanto. Vamos cuidar só de nós, do velho mala do seu avô, da Grazi e do nosso bebê? Vamos esquecer o resto? — Sussurro, segurando seu rosto em minhas mãos.

— Se devo cuidar de você, preciso cuidar do seu coração. — Jasmim espalma a mão no meu peito, sobre meu coração, através da camisa.

— Meu coração era vazio e hoje transborda de você, Jasmim. —
Beijo sua testa.

— Não há só eu aí, uai. Converse comigo. Leia os diários, conheça sua mãe. Deixe seu passado de lado. Se vamos ficar afastados da sua família de uma vez por todas, tudo bem, mas que sua mente e coração estejam limpos de mágoas. Que só hajam coisas boas em você. Para mim e para ele. — Pega minha mão e espalma sobre sua barriga, ainda sem qualquer relevo mostrando que há meu bebê crescendo ali.

Se os sentimentos que guardo sobre minha família podem me fazer mal em algum momento, e podem atrapalhar o que tenho com Jasmim, eu devo fazer um esforço para seguir seu conselho.

— Não sei como me livrar disso. — Confesso, baixinho.

— Posso amar você um pouco agora e depois lidamos com o resto?
— Pergunta, enfiando as mãos sob minha camisa e arrastando as unhas pelas ondulações em meu abdômen.

— Só se eu puder amar cada pedacinho seu... — Sorrio e beijo seus lábios.

Sua boca se abre para mim imediatamente, fazendo com que uma miríade de emoções transbordem em meu peito. Meu corpo reage ao seu como sempre, ansioso, querendo tê-la tocando em todas as partes, querendo tocá-la igualmente, mas me mantenho sem pressa, só nossas bocas se tocando

e suas mãos em minha barriga. Movo minha mão e agarro os cabelos em sua nuca, levantando seu pescoço para ficar exibido para mim. Abaixo a cabeça e desço meus lábios por seu queixo. Beijo o maxilar, vendo seus olhos se fechando com o prazer. Roço meu nariz em seu rosto, cheirando-a, beijo seu pescoço e esfrego minha barba até tê-la se contorcendo sob meu toque.

— Eu juro que não muda a sensação de estar amando você, mas esses seus sons. Eu quero foder você duro agora. Quero chupar esses peitos rosados e ter sua boceta enchendo minha boca com seus sucos. — Murmuro, rouco, em seu ouvido, então desço meus lábios por seu ombro.

Abaixo a alça de sua blusa e beijo o vale entre os seios. Amo seus peitos pequenos e como eles cabem perfeitamente na minha boca. São durinhos e o mamilo rosado é delicioso. Tiro a peça de roupa do meu caminho e mamo gostoso em um seio, dando mordidas no bico intumescido para depois lambê-lo e engolir novamente toda a carne. Os gemidos de Jasmim são como combustível para mim, pois meu pau baba no short, dolorido, rijo e pronto. Empurro nela, roçando a protuberância em sua intimidade, nossas roupas de baixo atrapalhando a fricção. Abaixo-me e dou o mesmo tratamento ao outro seio, enquanto cuido do outro com minha mão. Desço, beijando sua barriga, lambendo seu umbigo e sentindo falta do piercing ali. Jasmim tenta agarrar meus cabelos, sem sucesso, pois são rente a cabeça.

— Diga para mim como se sente com a minha boca em você. — Peço, lambendo o caminho abaixo de seu umbigo, enquanto desço seu short.

Sua boceta pequena e rosinha entra em minha visão e me faz salivar.

É tão linda e delicada. Perfeita. Passo meu dedo pelo clitóris, afastando o lábio para poder vê-lo.

— Você me deixa louca... — Geme, ondulando sob mim.

Afasto suas pernas, mas mantenho a mão espalmada em uma, para que fique quieta. Mergulho nela, beijando-a como fiz em sua boca. Mordisco o clitóris latejante, lambo e enfio minha língua no canal molhado, piscando para mim. Sinto seu latejar e quase gozo, me esfregando na cama. Porra. Como Jasmim é gostosa.

— Eu passaria o dia comendo sua boceta. É tão gostosa. Seu gosto de mulher me deixa louco. Me envaidece tanto que você fica molhada assim para mim, que me recebe tão bem. Você gosta da minha boca, trezinha? — Toco sua bochecha levemente, vendo seus olhos flutuarem, bêbados de prazer.

— Amo sua boca me lambendo, e também falando essas coisas... — Confessa, com voz fraca. — Mas quero você dentro de mim.

Levanto-me e tiro meu short, a camisa e a cueca. Volto para a cama e continuo beijando seu corpo. Suas coxas, sua perna, joelhos, panturrilha, batata, seus pés. Sua ansiedade me consome e fico louco quando vejo a marca de sua excitação escorrendo no lençol da cama. Enfio meu rosto em sua boceta, cheirando e lambendo. Jasmim grita e goza na hora. Penetro-a em meio ao seu orgasmo, sentindo-a apertar meu pau com seus espasmos e fazendo o gozo prolongar, seus gritos ecoando pelo quarto, os olhos verdes revirando de tesão. Seus cabelos loiros estão espalhados na nossa cama, suas

bochechas estão coradas, no auge da satisfação, os olhos mais escuros, lábios vermelhos dos meus beijos. Volto a beijá-la, enquanto entro e saio em um ritmo constante e suave. Ela me engole todo e se estica para me receber, suas unhas cravando em minha bunda, me puxando, querendo mais.

— Mais... — Pede.

— Assim? — Giro o quadril e entro nela com mais força.

Jasmim grita.

— Oh, sim!

Repito o movimento, girando o quadril e metendo. Ela grita e a beijo. Nossas línguas travam uma luta frenética, agarro seus cabelos e a puxo mais para mim. Nossa conexão é monumental, acalma meu coração, mostra o meu lugar, deixa claro o que importa para mim.

— Natan, por favor... Mais...

— Tão fogosa minha mulher grávida. — Sorrio, beijando seu rosto, até lambe seu pescoço e chupar a pele sensível. — Assim? Rebola para mim, deixe-me aproveitar essa bocetinha gostosa apertando meu pau. Isso... Assim... Tão bom.

— Isso é demais. — Geme, rebolando como eu pedi, encontrando minhas investidas.

Nós gozamos juntos, gemendo na boca um do outro, vibrando em um beijo frenético e arremetidas duras. Encosto nossas testas e nossos olhos ficam focados. Tantas coisas passam em sua íris. Tanto do que eu não conhecia e hoje transborda em mim. Tanto amor.

— Eu te amo. — Sussurra, beijando-me com ternura. — Eu amo que você pode me foder loucamente, falando coisas sujas como o Natan que eu tentava me manter longe, mas que sempre me atraía como um ímã. E amo ainda mais que você pode me encarar com esses olhos brilhando de amor, depois de tudo. Sendo esse novo Natan, que só existe para mim.

— Esse existe por você. Para você, somente. — Beijo sua testa suada.

Levanto-me da cama, trazendo-a comigo e a levo para o banheiro. Sob a ducha, tomamos banho e fazemos amor encostados na parede. Quando voltamos para nossa cama, ela fica quietinha, acariciando os pêlos do meu peitoral. Enfio meus dedos entre seus cabelos e acaricio seu couro cabeludo, até que digo:

— Vou ler os diários. Quero conhecer minha mãe.

— Você precisa ler com o intuito de encerrar tudo, meu amor, não para se martirizar se algo chocá-lo.

— Sim. Vou tentar.

— Me diga como se sente sobre Tati. Sobre Ruth...

— Ruth não é ninguém. A mãe e o pai dela são loucos. A mãe comanda a empresa e o pai não vai interferir nisso se Ruth não estiver casada com um homem que ele considere digno. Lamento que minha mãe tenha feito esse arranjo. Cogitei, sim, entrar nisso, mas era para sair da prostituição. Apenas isso me interessava. Dinheiro fácil e parar de me vender.

— Você é um advogado inteligente. Por que nunca tentou trabalhar com isso? Não entendo.

— Eu me formei com o dinheiro que ganhava fodendo aquelas mulheres. Então, fui indo pelo caminho fácil. Hoje não me vejo fazendo nada além de cuidar dessa fazenda e de você.

— Você pode cansar de viver aqui se for só por mim. Não sente falta do Rio de Janeiro?

— Não é sobre o país, o estado ou a cidade, Jasmim. É sobre nunca ter sido amado e encontrar a coisa mais preciosa da minha vida aqui. Nesse lugar, tenho as melhores lembranças da minha vida. Aqui te encontrei, mas não é o lugar que torna tudo especial. É você. Minha casa é você. Não vou sentir falta de nada desde que eu possa estar com você.

— Oh, meu trem lindo, mais lindo do mundo! — Jasmim enche meu rosto de beijos e isso me faz sorrir feito um bobo.

Nós ficamos em silêncio, então relaxo e desabafo.

— Eu sinto que Tatiane nunca se importou comigo, que também não

devo me importar com ela. Você viu ela falando sobre ter lido os diários e desconfiado de algo? Por que não disse sobre eles de uma vez? Trouxe Ruth aqui. Tentou te afrontar sobre a fazenda também ser dela. Tentaria passar por cima de você se eu não chegasse. Então eu passaria por cima dela depois. Ninguém toca em você. — Murmuro, zangado, só de lembrar. — Não me arrependo de ter salvado Quézia... Aíram... — Me corrijo, balançando a cabeça. — Não me arrependo de ter deixado Tati viver na sua bolha, de ter pago seus estudos com dinheiro da minha humilhação, de ter pago luxos da mansão, suas saídas, seus dias divertidos... Mas me sinto melhor se elas ficarem longe de mim. Vou ler esses diários, vou lavar qualquer mágoa para longe de mim.

— Você é forte. Tudo o que quiser fazer, você pode. — Incentiva, cheia de carinho em seu olhar.

Ninguém nunca acreditou tanto em mim.

— Eu vou ficar limpo de tudo o que for ruim. Eu vou ser o melhor para você e nosso filho sempre.

CAPÍTULO 33

JASMIM

Passamos a última semana lendo os diários. Natan e eu nos unimos ainda mais após a leitura. Sua mãe era um espírito livre, feliz, amorosa e se preocupava muito com a irmã gêmea. Sonhava em ter filhos, em se apaixonar de verdade. E no final das contas, descobrimos que ela não matou o próprio pai, e nem se apaixonou pelo pai de Natan. O pai delas a vendeu para Cássio Cassilas; ela não o amava. Sempre foi apaixonada por um rapaz humilde, chamado Emanuel Araújo, que vivia nas redondezas, e conseguiu emprego na fazenda Cassilas e foi um sopro de felicidade no inferno que Quézia vivia com o marido, a quem foi submetida, mesmo amando outro. No fim das contas, foi uma história de amor triste. Chegamos a conclusão que Emanuel é o verdadeiro pai de Natan quando ela diz que teve sua primeira vez antes de se casar, e temia falar da gravidez para Cássio, pois estava dois meses a frente do tempo em que ele passou a cobrar seus “deveres de esposa”.

Ficou claro como água o quanto ela amava Natan. Quando nasceu, preencheu um diário só com relatos sobre a maternidade e sobre o amor o qual citou nunca imaginar sentir antes, mas que preenchia qualquer lacuna em seu coração. *“Seus olhinhos de jabuticabas maduras estão sempre me espreitando. Natan é esperto e perfeito.”* Mesmo anos depois, essa frase continua fazendo sentidos. *“Os dedinhos gordinhos estão sempre agarrando minha mão. Ele me defendeu na primeira vez que Cássio levantou a mão para mim em sua frente. Com um aninho e meio, meu pequeno lutador, gritou e bateu em Cássio. Natan me protegeu, pois o outro ficou assustado*

com a reação, e nos deixou sozinhos por uma semana.” Lágrimas saltaram dos meus olhos quando li esse trecho e Natan ficou muito abalado. Saber que sempre foi um protetor, deixou claro que sua natureza sempre foi cheia de bondado. Acho que ele, finalmente, acreditou que merece o melhor da vida.

Em contrapartida, não sabemos o que aconteceu com Emanuel, pois antes dos relatos acabarem no último diário, que só foi escrito até a metade, Quézia escreveu que ele havia sumido e não fazia ideia de onde poderia estar, porém, sabia que havia dedo de Cássio. Ao ler isso com Natan, achei que ficaria desolado por mais de sua vida ser desconhecido, mas ele se sentiu liberto das amarras de Cássio Cassilas e da mulher que o criou. O homem, mesmo morto, continuava causando estrago na mente de Natan, ainda que não percebesse, e Aíram, mesmo com o psicológico tão ruim quanto possível, prejudicou muito a vida do sobrinho inocente em uma vingança sem sentido, pois Quézia jamais foi a preferida, ambas foram prejudicadas pelo pai doente — e ainda que fosse como ela contou, nada justifica usar o sobrinho como fez. Aíram tinha sido vendida e como foi devolvida, o pai a fez se prostituir. Já Quézia, foi vendida para Cássio e ele não a devolveu, mas a matou, acabou com sua vida, pois se achava dono dela. E Quézia desconfiava que ele foi o assassino do seu pai, que gastou o dinheiro e depois o perseguia querendo mais.

No dia seguinte a descoberta de que não é filho de Cássio, Natan ligou para seu avô, e contou tudo, para que retirasse a fazenda de seu nome e dê a única herdeira — Tatiane. Ele pediu que o deixasse trabalhar como qualquer outro e que nos deixasse ficar até que encontremos um lugar. Tamanha é nossa surpresa quando hoje, três dias depois, o senhor Vitório Cassilas aparece batendo sua bengala no chão.

— Vô? — Natan tem um sobressalto ao vê-lo, assim como eu.

Há muito tempo não vejo Vitório Cassilas, mas a última vez que o vi, era um senhor forte e robusto. Agora está magro e careca, parecendo fraco. A sua esposa o apoia com o outro braço, mas o homem parece soltar fogo pelas ventas e continua batendo a bengala.

— Você não me desrespeite, Natan Cassilas! — Ruge, parecendo sentir dor ao fazê-lo.

— Natan, ele não está bem, não o faça gritar. — Imploro.

— Vitório, se acalme! Só viemos nessa viagem porque você prometeu não ser temperamental! — A senhora, de quem não me lembro o nome, exige.

— Não estou morto ainda!

Natan endurece ao meu lado e engulo em seco, percebendo que Vitório não está bem de saúde. Por isso sumiu da fazenda e começou a deixar as coisas para o neto. Também explica sua aparência.

— O que está havendo com o senhor? — Pergunto, mesmo que pareça intrometida, mas Natan não parece estar raciocinando direito. O puxo para mais perto e o senhor Cassilas me olha da cabeça aos pés. — Sou Jasmim Efigênio. Morava no sítio ao lado daqui. — Me apresento.

— Neta do velho Mário. — Ele assente. — Você mudou a cabeça desse desmiolado, não é? Então você coloque na cabeça dele que essa fazenda, e tudo o que é meu, é de vocês. Está no meu testamento. Vai esperar eu morrer para receber a bênção ou vai permitir que um velho moribundo seja feliz antes de partir? — O homem grunhe cada palavra, e no final leva a mão à garganta, claramente desconfortável.

— Por favor, não se esforce.

— E esse homem escuta alguém? Cabeça dura de uma figa! — A senhora grita, então segura a mão livre de Natan e sorri. — Você faça o desejo desse homem ou eu peço o divórcio. Não vou aturar mais um dia com seu avô se ele não conseguir o que quer. Ele vai encher meus ouvidos e minha paciência.

É claro que ela está brincando, e isso nos faz rir, mas Vitório só resmunga. Ele, realmente, não é parente de Natan?

— O que o senhor tem? — Natan limpa a garganta, se estabilizando.

— Câncer na garganta. Não crie esperanças, os médicos me deram seis meses. Três já passaram.

— Vitório! — Sua esposa repreende. — Isso é jeito? — Encara Natan, com carinho. — Meu filho, podemos nos sentar e conversar como pessoas normais?

— Bem... — Natan parece um robô.

— Vamos. — Viro-me, o rebocando, e os guio até a sala principal. — Vocês querem comer algo? Beber água? Café?

— Não, querida, obrigada. Eu sou Beth, a propósito. Você é linda.

— Obrigada, Beth. — Sorrio, já simpatizando com ela.

— Você pode acordar para vida, Natan? — Vitório indaga, sem paciência. — Ouça uma só vez. Você é meu neto. Para Tatiane, estou deixando o que me pertence no Rio de Janeiro. Sua avó e eu acordamos dessa maneira. Queremos a fazenda sendo bem cuidada, não queremos que seja vendida três dias após a minha morte. Isso aqui é minha vida. Eu ralei dia e noite junto com sua avó. Houve uma época em que não tínhamos um tostão para pagar a ninguém, e ela ralava comigo para termos essa terra como é hoje. Se isso for vendido, nosso esforço de nada valerá. Cássio queria o fácil e nunca valorizou isso aqui. Essa menina, a quem você ama, ela trouxe razão a você, para ver que aqui é especial, que aqui vale a pena. Eu prefiro atear fogo em tudo, a deixar um tostão para Tatiane vender.

— Eu não sou filho do seu filho. Não sou seu neto. Continuo o respeitando, mas como saber isso não muda o que você pensa? Vai deixar todo o seu legado para alguém que não é nada seu?

— Nós não fomos próximos, meu filho. Você sempre esteve com sua mãe, e nós nunca fomos amigáveis a ela. — Beth diz, lamentando. — Erramos com você e sua irmã. Deixamos a mágoa que existia entre adultos, afetasse uma relação que deveria ser bonita entre nós. Deixe-nos fazer algo

agora. Seu avô não sabe se expressar, mas o que estamos fazendo por você, é mais por nós, para nosso sossego. E para nós, você é nosso neto.

Natan me encara, e o olhar que se passa entre nós diz tanto. Ele não quer que seus avós saibam sobre o sádico que o filho era, sobre toda a merda que ele foi submetido. Se eles precisam de paz, ele está disposto a dar-lhes.

— Tudo bem. Mas e você, vó? Não fica com nada?

— Eu tenho uma quantia exorbitante e uma casa na França, onde quero viver depois que seu avô se for. Não haverá qualquer sentido viver aqui sem ele. — Beth explica, emocionada.

Vitório a encara, e é como se todo seu amor ficasse evidente ali. Um nó se forma na minha garganta e me agarro a Natan. Saber que está prestes a perder seu amor deve doer tanto quando saber que está prestes a deixá-lo sozinho, de maneira irremediável. E fica claro para mim que eles se amam muito. Como Beth vai viver sozinha fora do país depois de perder o amor da sua vida? Meus olhos se enchem de lágrimas só de imaginar. Acho que acabo fungando alto, pois Natan me puxa para ele e me abraça forte, pedindo para eu ficar bem.

— Eu não quero melancolia. Na vida, nós temos certeza de que nascemos para viver e vivemos para morrer. Estou bem com isso. Não estou bem em viver com dores, sendo submetido a tratamentos que não adiantam nada, só prolongam o sofrimento, em ver minha mulher sofrendo e faltando pouco ter que lavar meu traseiro.

— Eu não vou deixar uma enfermeira juvenzinha lavar seu traseiro. Então fique contente em eu mesma levá-lo caso seja necessário. — Beth brinca, o olhando com ternura, que ele retribui.

— Prometa, Natan, que vai honrar meu legado, que vai manter essas terras sendo um lugar próspero e feliz. — Vitório insiste em ter uma confirmação.

Beth pede Natan com o olhar. Vitório parece tão cansado. Ele não precisa de mais isso em sua mente.

— Eu prometo, vô. — Natan diz.

— Agora posso morrer em paz.

— Você pode descansar, isso sim! Esforço demais para um só dia! — Beth ladra, o ajudando a se erguer.

— Como vai subir as escadas? — Pergunto, preocupada.

Natan mal espera e nos deixa perceber. Ele passa um braço sob os joelhos do avô e o outro sob as costas, o fazendo rosnar de raiva.

— Você vai ter o que quer, agora deixe de ser teimoso. Eu estou sendo treinado com um ranzinza pior que o senhor e sei o que fazer. — Natan brinca, o levando escada acima.

— Deus! Isso será um tormento. — Beth diz, mas há um sorriso em

seu rosto.

— Eu fico feliz que estejam aqui. Natan precisa da família. — Digo a ela. — Se precisar de mim para, sei lá, qualquer coisa... Estou aqui.

— Obrigada, querida. Estou feliz de estar aqui e me sentir acolhida. É muito difícil ter que ser forte para não ver o amor da minha vida desmoronar antes do tempo. Ele enlouqueceria se eu demonstrasse tristeza. Estou sendo forte por Vitório, mas não sei como será para mim continuar sem ele.

Perco qualquer senso de etiqueta e a abraço, pode ser precipitado, visto que nem nos conhecemos, mas só faço o que meu coração manda. Beth chora, e fica difícil não chorar também. Já sou coração mole e os hormônios têm feito um trabalho digno.

— Você não precisa continuar sozinha. Tem a nós, se quiser.

— Como você se sente? — Pergunto, acariciando o rosto de Natan, enquanto ele tem a cabeça encostada em minha barriga e o corpo deitado na cama.

— Sei que ele vai morrer. É triste essa porra, mas me sinto feliz, sabe? Vou poder conviver com meu avô... Quer dizer...

— Ele é seu avô, ele está feliz em ser. — Interrompo. — Deveria ser louco para não querer um trem bom desse por perto.

— Minha trenzinha. Eu sou um trem bom graças a você.

— Ao que me consta, você é bom muito antes da minha existência.

— Fico feliz que você pense assim. — Beija minha barriga, com carinho, e me encara. — Grazi esteve quieta hoje. Percebeu?

— Tem medo que a tia apareça. Disse que sonhou na noite passada. Eu falei que se quiser, pode se juntar a nós, mas acho difícil, pois ela tem certa vergonha de você.

— Ela já superou isso. Se dá bem comigo e tudo. — Rebate, parecendo ofendido. — Sou amigo da garota.

— Ah, sim... Desculpe, amigo da Grazi. — Zombo e ele ri.

— Vou conseguir a guarda dela para nós, se você quiser. — Natan comenta, assim do nada.

Quase pulo da cama com a notícia, mas ele me mantém no lugar.

— Como? Como é possível?

— O pai dela. Vou oferecer dinheiro para que ele dê a guarda para nós. Preciso que minha conhecida, assistente social, dê uma força para que o juiz nos dê a permissão sem passarmos por fila de adoção ou envolveria muita merda, levaria anos. Estou confiante. Você quer?

— É claro que sim! Mas não podemos pegar uma responsabilidade como essa só por mim. Você também quer? Nós estamos prontos?

Duas batidas na porta faz nossa conversa ser interrompida. Natan levanta, apressado, e veste uma calça de moletom e camisa, antes de abrir a porta. Grazi aparece, com seu pijama da Masha e o Urso, os cabelos loiros soltos pelo rosto e um olhar pidão.

— Fechei os olhos para dormir e vi umas coisas ruins. Eu...

— Vem para nossa festa do pijama, garotinha. — Natan brinca, abrindo caminho para ela passar.

Nos aconchegamos os três na cama, em silêncio, mas sorrindo um para o outro. Natan me olha sobre a cabeça de Grazi e assente com a cabeça.

Estamos prontos.

CAPÍTULO 34

NATAN

Saber que fui fruto do amor, mudou tudo. Eu poderia ter ficado decepcionado, até mesmo revoltado, com tanta coisa sobre mim mesmo, e meu passado, que nunca soube, e talvez nunca saberia se Jasmim não tivesse deixado Aíram ficar na fazenda quando a enxotei. Em meus olhos, Jasmim é um anjo; e as coisas boas na minha vida, de algum jeito, vieram por intermédio da minha menina. De toda forma, hoje sei quem sou e sei que apesar de todos os pecados que cometi, mereço as coisas boas que tenho. Minha mãe era uma alma pura e me amava, ela jamais permitiria que eu me prostituísse por dinheiro ou por vingança, ela nunca me jogaria para isso. Meu pai, pelo que vi nos diários, era um bom homem, apaixonado, e que sonhava em nos levar embora das garras de Cássio Cassilas. Mamãe temia que passassem necessidade, mas não era por eles, era por mim. Em momento algum cogitou me deixar, sempre colocava meu bem estar em primeiro lugar. Tenho orgulho dela, mesmo que não me lembre. É uma reviravolta incrível de ser fruto de um relacionamento por conveniência à filho de duas pessoas que se amavam e sofriam juntas por não terem condições de escapar, e não terem coragem de me deixar passar perrengue junto com eles. Isso é amor.

— Não quer mais saber de trabalhar, seu folgado? — Mário entra em casa após a tarde trabalhando sozinho, uma vez que meu avô chegou ontem e ainda estou tirando meu tempo para colocar a cabeça no lugar.

— O mundo girou em uns seiscentos graus só agora, velho. Toma um

banho para tirar esses matos do corpo e vem cá para eu te contar.

— E eu sou homem de fazer o que você manda? Diz logo, uai!

Rio, baixinho, sabendo que ele faria exatamente isso. Conto tudo a ele, desde que não sou filho dos meus supostos pais, até o real motivo do meu avô surgir ontem, e também a exigência de que eu fique com a fazenda. Mário fica chocado, ele estava se coçando por meu avô estar de volta, estava se sentindo fora de lugar, incomodado por estar de favor na casa do velho Cassilas, a quem ele sempre achou soberbo e metido. Além de que ele conhecia algumas histórias sobre o passado de Cássio, e tudo o que ouviu de ruim sobre a fazenda e tirou conclusões tinha a ver com o homem que achávamos ser meu pai.

— Sendo eu o dono disso aqui, uma vez que não vou voltar atrás sobre minha promessa ao meu avô, tenho o desejo de investir no sítio, afinal o que é do senhor, é de Jasmim e do nosso bebê. Então não seja um filho da puta orgulhoso e rabugento, e veja que isso é para o futuro dos seus herdeiros. Aceite que eu invista no sítio, e trabalhe comigo, me ensine tudo sobre gerir essa fazenda como forma de pagamento.

— É um trem safado mesmo! Acha mesmo que ensinar alguma coisa vai pagar um investimento desses? Acha que tenho cara de bobo?

— Mas é claro que acho. Se fosse esperto, nem ia discutir e já teria aceitado. — Arqueio uma sobrancelha, com petulância.

— Mas seu...!

— Trem, eu já sei. Jasmim me chama assim também. Eu sou o trem mais feliz de Minas Gerais. Agora, aceite, velho!

— Está certo. No nome da minha neta. — Me surpreende ao ceder. — Vou passar tudo para o nome dela.

— Por mim, perfeito. — Dou de ombros, não demonstrando o alívio que sinto por ele concordar.

Continuar vivendo aqui com Sr Mário e Jasmim pensando que estão de favor sempre me incomoda. Afinal, eu também me sentia da mesma forma. Depois que foi colocado no meu nome, sentia que não conquistei nada por mérito próprio. Agora, mesmo que continue achando que não foi meu mérito, estou tentando me acostumar em receber as coisas sem reclamar, sem encher a mente sobre eu não ser merecedor. Saber que minha família estará segura, que poderei seguir em frente sendo decente e trabalhando nesse meio, a qual tenho me identificado mais do que qualquer coisa que já cogitei antes, e garantindo o futuro do meu filho, para que não passe por nada do que passei e não escolha caminhos que escolhi por serem mais fáceis.

— Vovô subiu resmungando por quê? — A voz de Jas me tira da minha viagem. E percebo que o velho já até subiu, enquanto eu divagava. — E você, está aí todo concentrado...

— Convenci seu avô a alavancarmos o sítio com meu investimento, em troca do trabalho dele de me ensinar a ser um fazendeiro.

— Ele aceitou? — Jasmim parece chocada, afinal conhece o chucro que é o avô.

— Sim, porque mencionei você e nosso bebê como herdeiros dele...

Ela se aproxima do sofá e senta ao meu lado. A puxo para meus braços, de forma que ela deita e mantém a cabeça em minhas pernas.

— As coisas estão começando a ficar bem. É tão triste que seu avô...
— Engole em seco e me encara com os olhos verdes cheios de lágrimas.

Jasmim é capaz de chorar por alguém que mal conhece. Inclino-me e beijo sua testa. Evitei pensar no fato de que meu tempo com vô Vitório é contado. Nunca fomos próximos e parece uma piada, que agora que estou disposto e ele também, seu tempo de vida é limitado. Todavia, tenho preferido me apegar as coisas boas. Enxergar o lado bom é difícil, mas optei me apegar ao fato de que irei ter esses meses para conhecê-lo, para aprender com ele, para deixá-lo tranquilo de que vou cuidar dessa fazenda, como ele fez.

— Estou feliz que vou ter um tempo com ele. Não chore.

— Você parecia tão em choque ontem. Achei que... É bom ver que parece bem hoje.

— Estou chocado, é verdade. Quando ele chegou, fiquei embasbacado, sem palavras. Primeiro, por ele se importar tanto ao ponto de voltar só para exigir que eu fique com a fazenda. Você viu que ele nem

pestanejou sobre eu não ser seu neto? Ficou claro que sabia de algumas coisas que aconteciam. Ainda assim, quer que eu fique com tudo aqui. Se não tivesse convivido com o jeito de gostar bem turrão do seu avô, não entenderia nada, mas consegui compreender um pouco o jeito de gostar e se desculpar do meu avô. — Justifico minha linha de raciocínio. — E aí, vem a bomba de que ele não vai ficar muito tempo, que está lidando com essa doença... — Suspiro. — Não estou feliz com isso, é uma merda, mas optei seguir exemplo de uma mulher que eu amo pra caralho, e ver o lado bom das coisas.

— Você pode ser feliz com seu avô nesses últimos meses. — Jas sorri, compreendemos. — Nós podemos deixá-los participar... E também, criar laços com sua avó. Fico tão triste de imaginá-la sozinha por aí, sem ele... Por que não pode ficar?

— Irei pedir que fique. Podemos ver uma casa independente para ela, para que não tenha que conviver com um monte de gente se não quiser.

— Sim. Eu fico feliz com isso.

Levo a mão até sua barriga e faço carinho. Sua mão vem sobre a minha e ela sorri, encarando meu rosto.

— Será que vai ser menina ou menino?

— Não tenho preferência, mas nós já temos Grazi... Que, porra, daqui algum tempo já terão gaviões rondando meu telhado. — Paro, já nervoso só de imaginar. — Melhor um menino para me ajudar a afastar esses malandros.

— Que malandros, uai? — Jasmim ri, me encarando como se fosse louco. — Nem existe nada disso que você está imaginando nessa cabeça louca. Eu aposto em uma menininha de olhos pretinhos, moreninha...

— Nem pense. Você já está enviando hormônios femininos para ela... Ele! Se tinha um pau crescendo, vai diminuir e virar uma boceta.

Jasmim gargalha com vontade. Aprecio seu momento, admirando sua beleza simples e sem artifícios.

— Você é louco, seu trem! — Exclama, segurando a barriga para acalmar o riso. — Não estou enviando hormônio algum. O bebê já é o que é desde que ganhou aquela corridinha, que tenho certeza que você aprendeu na aula de biologia.

— Vê se eu lembro dessa merda? — Minto só para fazê-la rir mais de minha idiotice.

Acho que estou um pouco irracional com a ideia de ter uma filha menina linda como a mãe. Jasmim para de rir e senta novamente, agora me encarando de perto e passando a mão por minha mandíbula.

— Quero tanto namorar. Na última noite e nessa manhã Grazi estava com a gente, e o clima triste... Achei que podia ser errado.

— Fazer sexo porque estamos tristes é errado? Porra, Jas, transar com você tem que ser certo em qualquer circunstância.

Puxo seu rosto para mim e beijo sua boca com carinho, mas ela segura minha nuca e avança o ritmo, bem animadinha. A gravidez tem feito maravilhas aos hormônios da minha mulher. Sorrio entre o beijo, e puxo suas pernas, para que monte em meu colo. Ouço seu gemido assim que fricciona em meu membro semi ereto.

— Isso é lugar de agarramento?! — A voz de Mário retumba e Jasmim quase cai no chão, esbaforida, pulando do meu colo.

Olho, puto, para o topo da escada, e meu rosto esquenta de vergonha ao ver Grazi, com os olhos cobertos pelo avô. Merda! Ela não deveria nem sonhar com uma coisa dessas.

— Jasmim estava passando mal, só estava soprando ar para ela respirar melhor. — Minto, puxando uma almofada para cobrir a protuberância sob minha bermuda.

O velho me encara, com chamas nos olhos, sabendo bem a mentira que acabo de contar. Jasmim parece aterrorizada, mas não pode se sentir mal por seguir seu desejo. A puxo para mim e beijo sua bochecha.

— Desejo de grávida não se reprime. Vamos no chuveiro um pouco?

Suas bochechas coram adoravelmente e ela arregala os olhos. Começo a rir e beijo seus lábios brevemente, enquanto escuto Mário e Grazi descerem.

Nas próximas semanas, me aproximo demais do meu avô, e todos os dias sofro um pouco com a consciência de que ele não vai estar por muito tempo. Tudo é pior em dias de crise, ele sofre com dores piores do que nos outros dias. É comum ele não conseguir comer, uma vez que o tumor na garganta o impede. Cada dia perde mais peso, e tenho buscado forças de onde não tenho, pois por mais que mostre força, encontrei vovó chorando muitas vezes escondida. Tenho sido a quem ela pode se agarrar, um ombro para chorar, um consolo em meio a dor. Ela é forte por ele e para ele, mas está desolada, é de partir o coração.

Com Graziela, minha relação vai amadurecendo ao natural. A menina confia em mim e eu, vou aprendendo a amá-la. Ela se uniu muito com Jas e eu, e sempre teme a volta de Núbia. Justamente por isso, mexo uns pauzinhos com antigos colegas e consigo visitar o pai biológico no presídio onde está cumprindo pena. Tento de tudo — até ameaça — para convencê-lo a assinar o documento com sua permissão para a guarda dela ser nossa, mas o bastardo percebe que pode lucrar com nosso interesse na filha e começa a pedir dinheiro. Já estando preparado para isso, blefo, dizendo que Núbia está disposta a depor mais coisas contra ele. Isso, e o acréscimo de saber que sou um Cassilas, serve para que assine. O fato de que está preso por maus tratos a própria filha, não ajuda muito a causa de sua permissão servir para algo. O juiz decide que Núbia deve depor. É claro que a megera não aparece no dia designado, então ele pede que a própria Graziela vá. Jasmim e eu desejamos protegê-la disso, de relembrar, sabendo o quão duro foi para ela superar. A terapeuta, no entanto, trata da ideia em sua mente, deixando claro que é para que ela possa ficar conosco. Graziela relata coisas que deixa claro a instabilidade de Núbia e a falta de amor pela sobrinha. A menina conta mais do que nos contou, como Núbia dizia que só aturava ela para conseguir ficar

perto do pai dela e depois, para tentar algo comigo.

Dois dias antes do fórum fechar para os feriados de fim de ano, Graziela se torna uma Efigênio Cassilas. Nossa primeira filha.

CAPÍTULO 35

JASMIM

Ano passado, nesse horário, eu estava ajudando vó Nice a fazer doces para a pequena ceia de natal da nossa família, em que só éramos três. Me parte o coração não tê-la aqui hoje e, em muitos momentos, preciso esconder as lágrimas para não entristecer vovô. Em contrapartida, sinto-me tão feliz por ter meu bebê, que agora deixa sua pequena evidência na minha barriga, por Grazi ser minha filha — dá para acreditar? —, por Natan ter surgido na minha vida e ter trazido tantas coisas boas. Seus avós, mesmo sob a perspectiva de que Sr Vitório pode nos deixar a qualquer momento, têm aproveitado os dias. Temos sido felizes, vovô tem estado sorridente e animado com o trabalho, focando sua energia em algo que sabia que faria sua falecida esposa ter muito orgulho. Tenho tanto a agradecer, que como Natan disse há semanas atrás, é mais bonito focar no lado bom das coisas.

— Quer ajuda? — Ouço sua voz atrás de mim, e logo suas mãos envolvendo minha cintura por trás, enquanto seu peito cola em minhas costas.

— Você já arrumou lá fora, como eu pedi?

— Sim, minha avó ajudou. — Ele roça sua barba em minha bochecha, me fazendo suspirar.

Ultimamente um único toque de Natan tem sido suficiente para incendiar todo meu corpo, o que tem nos levado a transar feito coelhos.

— Então corta algumas frutas para a salada de frutas. Assim, podemos subir um pouco antes da ceia? — Viro-me, ficando de frente para ele e beijo sua boca.

Natan empurra meu corpo contra a pia, sua dureza toda contra minha pele, que pega fogo sob seu toque. Ele segura meu rosto entre suas mãos e controla o ritmo para que eu não saia arrancando sua roupa aqui na cozinha mesmo. Minha nossa senhora! Eu passaria todos os dias assim sem problema algum.

— Estão todos lá fora, conversando e comendo alguns dos petiscos que você preparou. Grazi está na piscina... — Murmura, me instigando, sua mão áspera descendo por minha barriga até chegar na bainha do vestido e voltar a subir pela coxa.

A piscina da fazenda não tinha uso há algum tempo. Natan e vovô a reformaram com ajuda da mão de obra de alguns peões, e agora quando não está em horário de fazer as atividades de casa que a diretora da escola mandou por ela ter perdido os últimos meses de aula, Grazi têm aproveitado o calor na piscina. As aulas ainda não voltaram e deixei, oficialmente, de ser a tia da van, no entanto, sendo conhecida dos pais e querendo que Grazi interaja mais, proporcionei algumas farras para os pequenos aqui na fazenda. Natan os buscou e Graziela ficou feliz da vida, mesmo que ainda seja a mais tímida da turma. Yasmin faz um bom trabalho para incluí-la em tudo.

— Então vamos subir... — Proponho, mas minha fala morre quando ele me encara com aquela expressão de trem safado e sem vergonha.

O sorriso petulante, o olhar escuro, me queimando.

— Eu quero você aqui. — Sussurra, afastando meus cabelos dos meus ombros, enquanto a mão lá embaixo começa a afastar minha calcinha para o lado. Natan empurra seu membro em minha barriga, me fazendo gemer. — Sinta como estou duro, só de pensar em tê-la curvada sobre a mesa.

— Oh, minha nossa senhora!

Sei que alguém pode entrar, mas só posso ser louca, pois não estou ligando. Inclusive, esse temor me causa mais excitação.

— Shhhh... Você precisa ser uma menina silenciosa, Jasmim. — Passa a língua por meus lábios. — Não vou curvá-la sobre a mesa para não machucar meu bebê. — Sorri, todo malicioso. — E também, você não iria conseguir ficar quieta.

— Me curva sobre a mesa! — Me pego implorando e o trem ri da minha cara.

Dou um tapa em seu braço, mas ganho um beijo de tirar o fôlego, que me faz esquecer do resto. Enfio minhas mãos sob sua camisa, encontrando os gominhos do seu abdômen, a dureza e o calor de sua pele me fazem suspirar e apertá-lo. Com seus dedos, ele provoca, alisando minha carne úmida, sem dar-me o que preciso. Nosso beijo se torna frenético, meu sangue bombeando, o coração pulando, a vagina latejando. Todo meu corpo anseia por Natan. Ele afasta a mão e abre o botão e zíper da sua calça, seu pênis

ganha liberdade e Natan segura a base para me masturbar. Mal consigo continuar beijando-o, toda minha atenção e necessidade concentrada em seu membro friccionando meu clitóris latejante.

— Por favor!

— Eu te pedi silêncio. — Rosna, enfiando um pouco e retirando.

— Vou te jogar no chão e trepar em você na marra, seu trem!

— Jasmim! — Natan repreende, mas não consegue segurar o riso. — Silêncio. Eu sei cuidar da minha mulher. Fique quieta e espere que vou dar o que você precisa.

Então me beija, e para de me torturar, inclinando-se e me penetrando de uma só vez. Ainda bem que está me beijando, ou até o povo das fazendas vizinhas iriam escutar meu grito de prazer. Seguro-me em seus ombros e ele, minha bunda, metendo lentamente, e esfregando sua pélvis em meu clitóris, me fazendo delirar. O homem sabe como fazer-me transformar em geleia. Suas arremetidas são deliciosas, firmes e lentas, um vai e vem perfeito, que me faz gemer em sua boca e ondular de encontro ao seu corpo. Natan morde meu lábio inferior, puxando entre seus dentes.

— Olha para mim. — Pede, a voz rouca e grossa, fazendo-me piscar para focar em seu rosto. — À noite, vou lambar você toda, te beijar da cabeça aos pés.

Seu olhar é tão intenso, há tanta paixão e adoração que me fico sem

voz. Mal consigo gemer um “sim” e ele sorri, fazendo um movimento delicioso, rebolando durante o vai e vem. Meu orgasmo se constrói gloriosamente, me fazendo ver estrelas quando me atinge em cheio. Só sei que grito porque ele me cala com um beijo, que nem sou capaz de acompanhar. Estou no céu.

— Linda pra caralho. Fica perfeita gozando com meu pau dentro de você. — Sinto seu membro engrossar dentro de mim e logo ele me enche com seu esperma. — Porra, eu te amo.

— Amo você. — Murmuro, enfiando meu rosto em seu pescoço.

Eu só gostaria de dormir agora, mas Natan corre comigo para o andar superior e tomo banho sozinha, pois ele recua, dizendo que não quer me cansar. Depois ele toma seu banho e fico chateada por não tomarmos juntos. Quando descemos todos estão na sala e dona Beth se oferece para ajudar na cozinha. Grazi também se anima, curiosa, para nos ver fazendo as coisas.

— Você está me deixando nervoso com essa demora, Jas. — Natan bate na porta do banheiro, me fazendo dar um pulo de susto.

Me encaro no espelho, pensando em passar uma água no rosto e acabar com essa doideira. Gravidez é uma coisa louca, há dias que me sinto a mulher mais linda do mundo, mas há momentos que me sinto tão arrasada, tão cansada. Na última consulta de pré natal no centro de Uberaba, Natan me deixou lanchando após sairmos do consultório e foi buscar Grazi na escola.

Aproveitei que ele deixou um cartão de crédito comigo para necessidades, e passei em uma loja de lingerie. Comprei algumas calcinhas novas e fiquei encantada por um vestido que vi na loja ao lado. Entrei e comprei essa peça de tecido sedoso vermelho, longo até os pés, com frente única e as costas nuas. Ficou perfeito e nem parece que estou grávida. Até escovei os cabelos e passei um pouco de maquiagem para a noite de natal. Agora me sinto nervosa sobre estar parecendo uma palhaça e Natan me achar ridícula.

Suspiro e saio do banheiro. Ele arregala os olhos quando me vê, e sua beleza tira meu fôlego. Está usando uma camisa branca social de botões, calça jeans de lavagem escura e botas de cowboy. Natan é um homem do interior agora, e eu amo isso. Seu olhar encantado faz a tensão sair dos meus ombros. Ele aprecia.

— Cacete, você está linda. — Se aproxima e rouba um beijo delicioso, fazendo meu batom vermelho se espalhar pela sua boca. Ele esfrega o dedo por meus lábios, tirando ainda mais o resquício que sobrou. — Sem batom para eu poder te beijar toda hora.

Sorrio e assinto, uma vez que não me importo com essas coisas, só quis vê-lo deslumbrado. Porém, Natan parece o mesmo quando estou nua em seus braços, quando estou com um dos meus vestidos simples, ou quando estou pulando na chuva — sempre que chove —, quando ensino algo novo para Grazi, quando digo que o amo.

— Você está lindo. — Acaricio sua barba bem feita.

— E o nosso bebê? — Pergunta, acariciando minha barriga.

— Acho que os enjôos realmente pararam. Essa semana saí ilesa e a doutora disse que semana que vem poderemos ver o sexo, se ela quiser mostrar.

— Ele, Jas. Não mande os hormônios errados para o nosso filho regredir e perder o pau.

Gargalho da sua ideia boba e o beijo. Descemos de mãos dadas e encontramos todos na sala. A árvore de natal, que foi decorada por nós e Grazi, está no canto da sala, onde nossa menina vasculha as caixas de presentes, louca para abrir. Vovô está conversando com o Sr Vitório e dona Beth. Ela está sorridente, feliz que o marido está tendo seus últimos momentos em família, que está sendo feliz, uma vez que sempre foram sozinhos. Nos juntamos a eles e passamos a próxima hora, sorrindo, conversando e comendo algumas sobremesas. Nossos avós e Grazi não irão conseguir ficar acordados até meia noite, então nossa ceia acontece mais cedo. Mesmo que o Sr Vitório esteja mais magro do que antes e não consiga comer nada, tampouco, falar muito, vemos a felicidade plena em seu rosto. É evidente que está feliz. Grazi tagarela em volta dele e isso o faz feliz. Em alguns momentos o pego encarando minha barriga por tempo demais e isso me faz querer chorar por saber que não estará aqui para curtir o bisneto. Isso me faz lembrar de vovó também. Acaba sendo necessário eu me retirar um pouco e chorar sozinha no banheiro. Onde quer que ela esteja, sei que está feliz em ver que estamos seguindo, mas a saudade nunca passa. Ela estaria tão feliz com Grazi sendo nossa, com a chegada de um bisnetinho, com esse natal em família.

Vejo Natan feliz, trocando presentes com Grazi e com os avós. Quando ele pega meu presente — que comprei com minhas economias —, seus olhos brilham ao abrir e se deparar com botas de cowboy e um boné preto novo, pois embora ele seja um garoto quase mineiro, ele não abre mão do boné e não se acostuma com o chapéu de jeito nenhum, só quando quer me deixar louca. E eu amo isso. Natan me beija até tirar o fôlego.

— Vou mudar o presente e te dar uma bala da minha espingarda no meio da testa, seu sem vergonha! — Vovô exclama, nos fazendo rir. Ele não tem espingarda, não que eu saiba.

— Há muita coisa que eu quero te dar, Jas, mas a mais preciosa delas, você já tem, que é meu coração. Ele nunca serviu para nada, além de bombear sangue, até que você apareceu. Sou o homem mais feliz e sortudo por tê-la, por ser o pai do bebê que você carrega, por ser pai daquela menininha linda junto com você. — Sorri para Grazi, que está com o celular dele tirando fotos de tudo. Fungo, já chorando. — Quero te dar o mundo, mas você não parece querer nada mais do que o mesmo que eu, que é nós e nossa família.

Natan tira um papel dobrado do bolso da calça e me entrega. Abro e vejo o desenho de várias flores de jasmim em um galho, entrelaçadas e tingidas de rosa claro. Elas são lindas. Encaro Natan, sem entender muito bem, então ele começa a descascar os botões da camisa branca e começo a ver o desenho em seu peito, descendo até quase na costela. As mesmas flores da folha, que deixo cair ao levar minhas mãos a boca, chocada.

— A flor de jasmim significa sorte, doçura e alegria. Te parece

familiar? — Natan sorri, com os olhos úmidos, me puxando para seus braços.
— Combina com você, Jas. Você está em minha pele há muito tempo, mas eu sentia a necessidade de mostrar. Eu sou seu.

O agarro forte, chorando, tão emocionada e maravilhada. Meu homem louco não poderia fazer nada convencional. Eu o amo.

CAPÍTULO 36

JASMIM

Quatro meses depois.

Depois da tempestade, o arco-íris aparece. É tão literal essa frase, que me faz sorrir.

— Perdida em pensamentos de novo? — Ouço a voz de Natan e viro para vê-lo se aproximando só de sunga.

Estou na beira da piscina atrás da casa, a qual Natan reformou para utilizarmos. Nesses dias quentes e com meu barrigão de quase oito meses de gestação, tenho ficado aqui para me refrescar. Entretanto, vê-lo somente de sunga vermelha, faz o calor borbulhar em meu sangue. Os hormônios da gravidez me deixam louca, e é ainda pior que no início. Natan pula na água e nada até parar entre minhas pernas. Quase derreto em uma poça quando ele beija minha barriga e esfrega o nariz em meu umbigo. Tão fofo esse trem. Quem diria?

— Só relaxando. — Acaricio sua barba. — Vocês já terminaram o trabalho de hoje?

— Seu avô está louco que você veja o sítio. Está ficando foda. — Natan comenta, animado.

Até hoje não tive coragem de voltar no sítio. Nos dias de pré natal, de ultrassonografia, compras para o bebê, para Grazi e para casa, em que Natan me leva de carro, evito o máximo olhar naquela direção. Parece que sempre irei ver o corpo desfalecido de vovó, entrando naquela ambulância, sem vida sobre a maca. Entretanto, escuto as conversas e animação de Natan e meu avô. E sei que eles estão construindo algo incrível lá. Eles são uma dupla incrível. Entre tapas e beijos. Agora, quase um ano após a morte de vovó, a saudade ainda aperta, mas as boas lembranças sempre me fazem sorrir.

— Quando estiver pronto, eu irei. — Prometo a ele. — Acho que deve estar dando a hora de buscar Grazi.

— Sim, senhora. Não há mais aquela gostosa da van que buscava as crianças há uns meses atrás. — Sussurra, me puxando pelas pernas para a água.

Deslizo encostada na parede de ladrilho e enrolo meus braços em seu pescoço, minha barriga nos impedindo de ficarmos coladinho.

— Ele está saltando. — Natan sussurra.

— Você terá uma baita queda quando descobrirmos que é ela. — Implico.

— Linda pra caralho igual você? Vou enlouquecer de ciúmes. — Sua carranca me faz rir.

— Ele ou ela não quer se mostrar. Já deixa bem claro que tem o

temperamento de um trem sem vergonha que eu conheço. — Brinco, esfregando minha bochecha em sua barba.

— Pois eu acho que parece uma mineirinha que teimou o máximo que pôde até se entregar para o amor da sua vida.

— Bem, se o amor da minha vida não tivesse chegado com um papo só sobre sexo, eu teria casado com ele no primeiro dia. — Confesso, rindo, e o fazendo rir também.

— Casaria no primeiro dia? E agora? — Pergunta, baixinho, me encarando com aquele escrutínio, que me arrepiava dos pés à cabeça.

— Você só vai saber quando fizer o pedido direito, seu trem. — Dou um tapa, de brincadeira, em seu braço, e grito quando ele salta comigo para um mergulho.

— Você é meu coração, Jas. — Natan beija meus lábios com carinho, e retribuo, o abraçando como posso.

— E você é o meu.

— Como você está hoje, vó? — Pergunto à vó Beth, entrando em seu quarto.

Foi inevitável não me agarrar a essa mulher. E ela, a nós. Há três

meses, sr Vitório nos deixou. Foi uma perda muito difícil para todos nós, mas sabíamos que era inevitável e serviu para nos unirmos ainda mais. Grazi vê Beth como bisa, mesmo que não chame Natan e eu de pai e mãe. Conseguimos convencê-la a não partir pelo mundo afora, como era seu plano. Embora ela ainda não tenha desistido, diz que sua estadia aqui é até nosso bebê estar com alguns meses de vida. Ela quer curti-lo.

— Estou bem, querida. Olhe esse sapatinho que estou dando o acabamento. — Ela me mostra a peça minúscula verde de crochê.

— Oh, é tão lindo. — Pego e cheiro, sempre tendo a sensação que vou sentir um cheirinho de bebê.

Acaricio minha barriga enorme e entrego para que ela termine.

— Eu não sei se vou ter coragem de viajar quando for a hora. — Beth confessa, encarando o sapatinho com melancolia. — Já perdi tanto na vida dos meus netos. Há Grazi e esse bebezinho. É minha chance de ter e dar amor, agora que não tenho mais o meu companheiro de jornada.

Sento-me ao seu lado, no sofá ao lado oposto da cama. Ela não mudou nada no cômodo, tudo é como foi em anos de casamento dela com seu falecido esposo. Há pessoas que se livram das lembranças para não sofrer, mas há aquelas que gostam de sentir-se sempre próximo de algum jeito.

— Nós queremos tanto que a senhora fique. — Digo com sinceridade.

Vó Beth me olha com carinho e beija minha bochecha.

— Você é uma das melhores coisas que aconteceu para essa família. Você é nosso recomeço, Jasmim.

Suas palavras me enchem de emoção, e como sou uma bomba chorona, caio no choro e ela me abraça, sorrindo e garantindo que irá ficar conosco.

— Diga, por favor, que ele está mostrando o pau dessa vez.

— Natan! — Protesto, ficando roxa de vergonha na frente da obstetra, que começa a rir.

Doutora Amélie tem acompanhado minha gestação desde o primeiro pré natal. A idosa negra, de cachos brancos, já está acostumada com as pérolas de Natan.

— Não, senhor Cassilas, ele não está mostrando nada novamente. No entanto, vejo que está crescendo muito bem, e agora está mais perto do que nunca.

— Ele está perfeito? — Pergunto, com meus olhos focados na tela preta e branca, vendo a cabeça, bracinhos, pernas, mãos, pés e dedinhos perfeitos do meu bebê.

— Sim, perfeito. Assim como você, querida. Tem tido uma gravidez

saudável, está mais linda a cada dia que aparece aqui.

— A senhora é casada, não é? — Natan pergunta, com a testa franzida, nos fazendo rir. — Não dê em cima da minha menina, doutora.

— Garoto bobo. — Doutora Amélie sorri e passa papel toalha em minha barriga para tirar o gel.

Natan termina de me limpar, enquanto ela vai para sua mesa prescrever algumas coisas. Arrumo meu vestido e vou me sentar. Natan segura minha mão e beija meus dedos, sorrindo para me fazer esquecer a vergonha que ele nos faz passar.

— Falta pouco tempo agora. Então os aconselho a terminarem o enxoval com cores neutras, escolham nomes unissex, ou um feminino e outro masculino. Jasmim precisará fazer alguns exames novamente, só para nos certificarmos de que continua tudo certo com sua saúde. Continua convicta sobre o parto natural?

— Uai, mas é claro. Ele entrou, vai ter que sair. E ninguém vai cortar minha barriga com uma faca. Deus é mais! — Tremo, só de cogitar a hipótese.

— Você não vai sentir nada, Jas. Vai estar anestesiada. Já o parto normal... Eu andei pesquisando e... — Natan fecha os olhos, como se sentisse dor. — Você vai sofrer muito.

— E vou aguentar. — Dou de ombros.

— Não vou aguentar vê-la sofrer.

Quero bater nele. Sou eu que vou parir e ele que está desesperado? Mas também quero enchê-lo de cheiros por ser tão lindo se preocupando comigo.

— Vai ficar tudo bem. Você não precisa assistir. — Digo, compreensiva.

— Nem fodendo vou perder o nascimento do meu filho e deixar você sozinha nessa. — Grunhe, contrariado.

— Trem desgovernado! Respeita o consultório! — Bufo.

A médica ri e nos entrega o pedido dos últimos exames e a receita com as vitaminas que devo continuar tomando. Natan e eu saímos do consultório de mãos dadas, e andamos um pouco pela cidade para fazer hora até buscarmos Grazi na escola.

— Ela vai ficar feliz quando vê-la. — Natan diz e beija minha bochecha.

Sinto o bebê mexendo e puxo a mão de Natan para que ele sinta também. A noite ele passa minutos conversando com minha barriga e recebendo respostas em forma de chutinhos. Nós paramos no meio da calçada, feito dois bobos, enquanto várias pessoas andam de lá para cá. Meu lindo homem se ajoelha no meio da rua, me fazendo rir, nem um pouco

surpreendida porque ele é louco. Ele pode ter sido melancólico há meses atrás, afinal de contas foram muitas porradas da vida, mas sua natureza é fazer o que quer, dizer o que pensa, agir sem pudores. Natan Cassilas é assim. Encosta a bochecha na minha barriga e espera mais chutes, que o bebê dá, parecendo senti-lo.

— Oh, Deus. Ele tem sido mais bagunceiro a cada dia que passa. — Acaricio a lateral da barriga, sentindo o bebê se aconchegar em um só lado, fazendo doer um pouco.

Respiro fundo e espero que ele se ajuste, conforme passo a mão e logo tudo volta ao normal.

— Sabe de uma coisa? — Natan questiona, meio que para si mesmo, então seus olhos escuros encontram os meus, cheios de intensidade.

— Levante-se. — Murmuro, quando percebo as pessoas parando para nos olhar antes de seguir seu caminho.

— Eu amo você pra caralho, você sabe, não é?

— Eu sei. E eu também te amo. Agora levante-se. — Insisto, ficando com o rosto quente de vergonha.

— Tentei pensar num melhor momento, quis fazer uma cena romântica... Eu não consegui porque me sinto nervoso, fico tremendo todos os dias quando chego perto de você, ansioso, querendo que você grite sim, com medo de que você se dê conta de que é boa demais para mim. E nem é

pelo meu passado fodido. É só que você é boa demais para qualquer um. — Natan suspira, negando com a cabeça, e puxando minhas mãos, segurando-as entre as suas. Lágrimas rolam por meu rosto ao me dar conta do que está acontecendo. — Você é meu coração, minha alma, meu mundo, Jas. Antes de você, era tudo sem esperança, sem cor, sem bons sentimentos. Desde que te vi, dançando na chuva, feliz só por estar ali, eu sabia que havia algo errado na minha vida. Me contentar com a miséria que vivia, não fazia mais sentido.

— Natan... Meu Deus!

O trem louco puxa algo do bolso da calça e vejo o anel com um diamante enorme em sua mão.

— Eu escolhi ele à dedo para você. Delicado, mas com um valor inestimável e um brilho único. A caixinha está em casa, mas eu esperava o momento certo, então não o tirei do bolso. O momento certo já passou faz mais de um ano. Eu deveria tê-la pedido em casamento no momento em que a vi. — Sorri, me fazendo negar com a cabeça por sua loucura, as lágrimas banhando meu rosto. — Casa comigo, Jasmim? Faça de mim o trem mais feliz desse mundo.

— Claro que sim, seu trem louco! Eu te amo! — Faço menção de agachar para abraçá-lo, mas ele me olha feio e levanta-se, agarrando-me e enchendo meu rosto de beijos.

— Minha noiva, porra! A mulher mais linda e incrível desse mundo vai ser minha mulher! — Grita, feito um louco, e o pior é quando ouço aplausos das pessoas na rua.

E o homem mais louco e perfeito desse mundo vai ser meu marido.

— Então vocês vão se casar? Quando? — Grazi salta animada no banco de trás do carro.

— Amanhã! — Natan diz, me fazendo encará-lo com horror. — O que? Tem que ser o mais rápido possível. Já enrolei demais para pedir, não vamos enrolar para casar. É pela sua honra.

— Minha honra, é, Natan? Você se importou muito com ela. — Digo com desdém.

Ele leva a mão ao coração, se fazendo de ofendido. Cara de pau!

— Não me ofenda, Jasmim. Sou um pai de família muito correto.

Gargalho e lhe dou um beliscão no braço.

— Nós iremos nos casar logo, querida, mas não amanhã. — Digo a Grazi. — Sabe outra novidade?

— O que? O que? — Ela está tão animada, mal parece aquela garotinha introvertida que conhecemos.

Se Natan não tivesse contatos, ela jamais seria nossa. Mesmo tendo

sido de um jeito errado, não poderia ser mais certo.

— Vovó Beth vai continuar morando com a gente!

— Issssso! — Grazi grita, empolgada. — Nós temos uma família completa! Por que bisa Beth e biso Mário não se casam também?

— Minha nossa senhora! — É Natan quem diz me fazendo gargalhar, porque é a primeira vez que ele fala desse jeito, com direito a sotaque mineiro.

— As pessoas se casam quando se amam de um jeitinho diferente, Grazi. E eles amam pessoas que estão no céu, mas se amam como amigos. Nós somos uma família, não precisamos de mais casamentos. Só se eles quiserem, é claro.

— Vou perguntar se eles querem! — Exclama, como se fosse a solução.

Natan me encara, horrorizado. Não pela ideia do casamento, mas por saber que vovô e a avó dele não cogitam tal coisa e às vezes criança pode falar demais. Bem, eu não posso segurar a língua de uma menina de sete anos. É impossível. Que Deus nos ajude!

CAPÍTULO 37

NATAN

Dizem que quando você se torna avô, fica bobo. Bisavô se torna o que então? Porque nesse exato momento, minha avó e Mário estão encenando um casamento só para fazer Graziela feliz.

Embora eu também tenha uma parcela de culpa nisso, pois Jas ajudou a preparar a cerimônia dos seus sonhos, sem saber que é para nos casarmos, acreditando que é somente brincadeira de Grazi com nossos avós. Agora, porém, preciso dizer a verdade, enquanto ela está aqui, emocionada, vendo um casamento que sabe que é falso. Demorei demais para fazer o pedido, no fundo ainda me sentindo pouco merecedor de alguém como Jasmim. Estamos todos usando branco, e ela está perfeita em um vestido longo branco, simples, com pés descalços e uma coroa de jasmins cor-de-rosa sobre a cabeça.

Há uma semana atrás fiz o pedido. Agora sinto que não posso mais continuar vivendo sem que essa mulher carregue meu sobrenome e use minha aliança. Nós somos um do outro de alma e coração, esse passo é necessário para que sejamos casados na lei dos homens, pois sinto que somos um só desde que coloquei meus olhos nessa mineirinha linda.

— O que é aquilo ali, Natan? De quem é aquele carro? — Jasmim me cutuca, vendo a caminhonete se aproximando pela extensão de terra da fazenda.

Um dos meus peões foi buscar o juiz, a quem perturbei durante a semana e paguei uma boa quantia, para nos casar logo e aqui na fazenda. Merda, estou nervoso. Respiro fundo e viro-me para encará-la. Seguro seu rosto entre minhas mãos.

— Você vai me matar se descobrir que esse casamento que você preparou é para nós?

— Minha nossa senhora!

— Você estava dizendo que estava fazendo o casamento dos seus sonhos, que ia querer que o nosso fosse exatamente assim. Então... Se não for, não nos casamos, mas se for, case comigo hoje, Jas. Não me deixe esperar mais um dia para ser seu marido.

— Você é louco, homem!

— Agora que as coisas estão acalmando, que não há segredos e nem gente ruim nos cercando, sinto que me estou livre para ser quem sou. E esse, até eu mesmo venho conhecendo dia após dia.

Ela ri e nega com a cabeça, os olhos verdes brilhando com lágrimas para mim.

— Pois eu sei quem você é. Você é meu trem.

Nos abraçamos por alguns segundos, tempo suficiente para o juiz Magno sair da caminhonete. Vovó e Grazi se voltam para as cadeiras para os

convidados, todos emocionados e nossa filha com um sorriso de orelha à orelha. Mário caminha até nós, para buscar Jas.

— Tive que fazer essa besteirada para ver esse trem honrar minha neta com um casório. Tinha que ser na igreja, mas você é um perdido mesmo.
— Mário resmunga quando se aproxima de nós.

O juiz nos cumprimenta e pergunta se pode começar. Jas e eu assentimos, sorrindo. Caminho para o altar improvisado sob a tenda enfeitada com jasmims e a espero. A ansiedade que sinto é como se não vivêssemos juntos há meses, como se ela não estivesse aqui perto de mim, como se não tivesse sido tudo planejado por mim. O desejo que tenho é de pegá-la e jogá-la sobre meu ombro para não ter risco de ela sumir para sempre. Às vezes acredito que Jasmim é parte de um sonho, que irei acordar e aquela vida de merda vai ser minha realidade.

Afasto esses pensamentos. Pego meu celular no bolso e entrego a vovó, mostrando-lhe como apertar o play quando Jasmim estiver caminhando para mim. Ele está conectado por bluetooth na caixa de som. Volto para o meu lugar e a vejo caminhando de braços dados com seu avô. Jasmim não muito de entende inglês ainda, mas *Halo* da *Beyoncé*, é como se tivesse sido escrita para nós e já ouvimos tantas vezes quanto ela já leu a tradução. Ela sabe.

Remember those walls I built
(Lembre daqueles muros que construí)

Well, baby, they're tumbling down

(Bem, baby, eles estão caindo)

And they didn't even put up a fight

(E eles nem lutaram)

They didn't even make a sound

(Eles nem fizeram um som)

I found a way to let you win

(Eu encontrei uma maneira de deixar você ganhar)

But I never really had a doubt

(Mas eu realmente nunca tive uma dúvida)

Standing in the light of your halo

(Parado sob luz da sua auréola)

Nesse momento, Jasmim chega, sendo entregue por seu avô. O velho me abraça e beija a testa da neta antes de se afastar. Jas pega um jasmim de seu buquê com flores iguais ao arco na cabeça, e coloca uma no bolso do meu terno branco.

I got my angel now

(Eu tenho meu anjo agora)

It's like I've been awakened

(É como se eu tivesse acordado)

Sorrio e beijo sua boca brevemente, enquanto a música continua.
Encosto nossas testas e a deixo ouvir, sabendo que a letra é como se eu estivesse dizendo para ela.

Every rule I had you breaking
(Toda regra que eu tinha você foi quebrando)

It's the risk that I'm taking
(É o risco que estou assumindo)

I ain't never gonna shut you out
(Eu nunca vou te calar)

Everywhere I'm looking now
(Em todo lugar que eu estou olhando agora)

I'm surrounded by your embrace
(Estou cercado por seu abraço)

Baby, I can see your halo
(Baby, eu posso ver sua auréola)

You know you're my saving grace
(Você sabe que você é minha graça salvadora)

Esquecemos de onde estamos. É só ela e eu. Dançamos de um lado para outro, lágrimas rolando pelos olhos dela e sei que se sente como eu. Lembrando de tudo o que vivemos.

You're everything I need and more
(*Você é tudo que eu preciso e mais*)

It's written all over your face
(*Está escrito em todo o seu rosto*)

Baby, I can feel your halo
(*Baby, eu posso sentir sua auréola*)

É tão vívido como fecho os olhos e a vejo pulando na chuva, depois com a van quebrada na estrada de terra... tudo passa diante de mim. A mulher da minha vida, a minha redenção.

Pray it won't fade away
(*Ore para que não desapareça*)

I can feel your halo
(*Eu posso sentir sua auréola*)

Hit me like a ray of sun
(*Bate-me como um raio de sol*)

Burning through my darkest night
(*Queimando através da minha noite mais escura*)

You're the only one that I want
(*Você é o única que eu quero*)

Think I'm addicted to your light
(*Acho que sou viciado em sua luz*)

(.....)

Nós paramos de nos mover, apenas impedidos de estar colado pelo seu barrigão de oito meses, onde deixo minha mão o tempo todo, sentindo nosso bebê. O juiz Magno pigarreia, mas não chama nossa atenção. Somente quando a música acaba, nos viramos para ele. Esse momento de conexão era tudo o que eu precisava para saber que minha Jasmim é real, que tudo é real. Porque ela é meu anjo.

— Não é todo dia que caso um casal tão apaixonado. Me emociona ver que o amor existe ainda. — O juiz nos surpreende ao dizer. — É uma honra estar aqui hoje. É bom ver isso. — Pigarreia e volta sua atenção para a cerimônia.

Todas as noites essa semana, Jas disse que só queria que fôssemos nós e nossa família em nosso casamento. Para mim parece perfeito assim.

— Então minha esposa, Jasmim Maria Cassilas. — Sussurro e beijo seu rosto com carinho.

— Meu maridinho, mais conhecido como trem sem vergonha. Uai, como inventa um casamento surpreso assim, homem? Eu amei! — Jasmim

me abraça forte, fazendo-me rir.

Ouvimos as palmas da nossa família e meu sorriso cai ao meu virar e ver Núbia atrás de todos. Jasmim se vira na mesma hora e dá um passo para trás ao assimilar a presença da mulher. Todos seguem nosso olhar. Mário logo coloca Graziela atrás dele.

— Eu vim buscar minha sobrinha. Eu disse que quando tivesse condições, a buscaria.

Franzo a testa. Não sei por onde Núbia andou, mas constato que a intimação para que ela fosse a audiência para que Grazi pudesse ser adotada por nós, claramente, não chegou às mãos dela.

— Isso não vai ser possível. Graziela é nossa filha. É uma Efigênio Cassilas agora. — Jasmim brada, apertando minha mão com força.

— O que? — Núbia dá um passo à frente.

Ando até estar quase perto dela, com Jasmim de mãos dadas comigo.

— Não faça um escândalo. Você não é bem vinda, tampouco, se importa, de fato, com sua sobrinha. O pai de Graziela permitiu que ela fosse adotada por nós. Após uma audiência, onde ela contou sobre a maneira como era tratada por você e por ele. Grazi passou a ser nossa filha. Você não é bem vinda aqui na nossa casa.

— Também não é bem vinda na vida da nossa filha. — Jasmim

grunhe.

— Você é a culpada de tudo isso! — Núbia grita, dando um passo na direção de Jas.

Afasto minha mulher, colocando-a atrás de mim. Meu olhar para Núbia é mortal o suficiente para fazê-la recuar.

— Toque na minha esposa ou em qualquer pessoa dessa família, e você não vai estar livre pelo resto da sua vida.

Núbia seca as lágrimas e começa a rir ao mesmo tempo.

— O que você faria se soubesse que sua pobre avó morreu por sua culpa, santa Jasmim?

— O que? — Jasmim salta para frente, com os olhos arregalados.

— Não escute essa mulher! — Mário se aproxima de nós, furioso. — Não fale de Eunice com essa sua boca imunda! Nem da minha neta!

— Eu só queria me casar com um homem bom! Natan era perfeito! — Núbia diz, andando de um lado para o outro. — Por que você tinha que se meter? Já está esperando um bebê! Foi mais esperta do que eu!

— Do que você está falando? — Jasmim avança nela, mal dá tempo de segurá-la e ela já está nos cabelos da outra. — Diz de uma vez! O que você fez?!

Sinto a merda vindo. Fico atrás de Jasmim, mas não a impeço. Essa porra nunca vai acabar?

— Sua avó não ia nos deixar na rua. Não era para ela morrer. Era só para Natan abrigar a todos aqui e... E eu poderia seduzi-lo. Não funcionou com o pai de Graziela, mesmo com minha irmã morta, ele era obcecado por ela. Nunca me quis...

— Você incendiou a fazenda. — Mário murmura, quase inaudível.

— Você matou a minha avó, que te acolheu sob o teto dela! Vadia miserável!

Jasmim bate em Núbia. Meu corpo todo treme para impedi-la para que não se machuque, nem nosso bebê, mas como impedir de ferir quem matou sua avó? Deus! Eu me sinto louco para matar Núbia agora.

— Você foi a culpada! — Núbia grita, chorando. — Minha irmã ficou com tudo... Agora você! Sempre alguém toma tudo de mim!

Quando ela começa a reagir, puxo Jasmim para mim. A confusão é tanta que havia esquecido do juiz, que se aproxima, segurando o braço de Núbia.

— Você está presa em nome da lei.

Jasmim para de se debater em meus braços, arregalando os olhos.

— Você... você pode prendê-la aqui? — Jas pergunta.

— Qualquer cidadão, presenciando um crime, ou uma confissão como essa, pode dar voz de prisão. É claro que isso não funciona no nosso país, pois as pessoas andam armadas, mas nesse caso, o juiz está agindo como qualquer um pop poderia fazer. — Explico, tentando acalmá-la em meus braços.

Jasmim está tremendo e isso está me apavorando. Mário está calado, com os olhos vidrados. Uma ferida que estava parcialmente se curando, hoje volta a ser aberta. Viro para minha avó, que está com Grazi em seu colo, protegida. Faço um aceno para que tire Mário daqui. Ela se aproxima e é nesse momento que escuto o som do disparo de uma arma. Jasmim grita e eu me apavoro.

— Jasmim!

— Não... Não sou... Ela matou o juiz.

Volto a olhar para Núbia e vejo o homem caindo por cima dela, que luta para sair debaixo dele. Um carro entra a toda velocidade na fazenda, escancarando os portões de madeira. Nenhum dos meus peões estão a vista agora, eu dei um dia de descanso a todos.

— Jasmim, entre agora. Eu vou lidar com ela. — Digo, desesperado com a ideia da minha família em perigo.

— Não vou te deixar... — Ela chora.

— Pelo nosso bebê. Proteja ele, enquanto tento nos proteger. — Peço, baixinho. — Vou tentar enrolar. Se tranquem lá dentro.

Antes que Jasmim responda, o carro freia bruscamente diante de nós. Núbia se levanta e só então me dou conta que no meu desespero, poderia tê-la desarmado, mas a preocupação com Jasmim e com todos, me fez postergar aqui. Porra!

Aíram sai do carro e agora minhas esperanças acabam. Se elas estão aqui para acabar com minha família, a última coisa que posso fazer, é lutar. Olho Jasmim uma última vez e sorrio.

Me jogo sobre Núbia e outro disparo soa.

CAPÍTULO 38

JASMIM

Ouço o disparo de tiro e meu coração parece parar por um segundo antes de voltar a bater freneticamente. Meu baixo ventre começa a doer com cólicas violentas, mas mal consigo raciocinar. Corro para ajudar Natan, porém, não é ele quem está ferido.

— Aíram?

O grito de Núbia soa alto, esganiçado. Saber que ela matou minha vó, faz com que um lado mau meu, torça para que ela tenha um fim pior. Não sou juiz para decidir como as pessoas devem ser punidas, mas sou uma neta que perdeu a avó brutal e precocemente por causa da maldade e ganância de uma mulher sem caráter.

— Passei os últimos meses em uma clínica psiquiatra. Ruth e Tatiane me colocaram lá. Vim para me desculpar com Natan e com você. — Aíram suspira, parecendo tão serena como nunca a vi antes.

Natan levanta-se do chão, tirando o corpo de Núbia de cima do dele. No momento em que se jogou sobre ela, Aíram a atingiu com um tiro. Vejo Núbia no chão, se contorcendo e apertando a ferida na costela. Seu revólver voou longe. Estou horrorizada com tudo o que acaba de acontecer. Um dia que começou tão perfeito, com meu casamento dos sonhos, com o homem que amo e as pessoas mais importantes da minha vida, não merecia acabar

com tanto pavor.

— Eu vim pedir perdão, mas eu mesma não me perdôo. — Divaga, enquanto Natan se aproxima de mim e me abraça forte. Graças a Deus ele está bem! — Você merece a paz e o amor que encontrou aqui, e eu não podia deixar essa aí atrapalhar sua vida. Eu já fiz inferno o suficiente.

— Aíram... — Murmuro, sem saber o que dizer.

— Cometi muitos pecados, mas nunca matei ninguém. Agora, Natan, eu irei fazer isso para ver você livre. Ela se aproximou de mim quando eu estava aqui... Espreitava por trás das paredes e ouviu minha conversa com Jasmim. Quis me ter ao seu lado, para acabarmos com vocês. Ontem me encontrou na cidade e disse que esperava me encontrar, só então poderia vir até aqui. Eu não falei que estava fora, sou e que era a minha hora de acabar com o mal ao redor de vocês. Eu vou acabar com isso. — Aponta a arma para a mulher novamente.

— Não! Ela vai pagar na prisão! Não faça isso!

— Não! Não! — Núbia grita. — Por favor, não!

Natan avança sobre ela para impedi-la, mas é tarde demais quando ela atira novamente em Núbia. Viro-me para não ver, minha barriga doendo cada vez mais. Contrações.

— Você é um bom homem. — Aíram diz, encarando o sobrinho. — Esse é o meu adeus. Eu não vou deixar que mais nada entre no caminho de

vocês. É um preço baixo perto de tudo que já fiz. Minha irmã era boa sabe, ela não merecia... Você não merecia, mas houve um tempo que as vozes não me deixavam em paz e eu já não tinha mais controle de mim mesma.

Me aproximo de Natan e o abraço. Todo o progresso que fez nos últimos meses irá por água abaixo. Como não, depois de tudo isso? É coisa demais para uma só pessoa. Não consigo consolá-lo, uma vez que minha barriga dói ainda mais e me curvo para tentar amenizar. Ele percebe e me acode.

— O que está acontecendo, Jas? Você está bem?

— Contrações... Acho que é a hora. — Murmuro, respirando fundo.

Natan esquece tudo. Núbia e o juiz mortos no chão, a mulher que acreditava ser sua mãe andando em direção ao carro em que chegou. Esquece de fazer perguntas, esquece de ligar para a polícia. Tudo o que importa somos nós. Pode ser doentio da minha parte, mas em meio ao caos, continuar sendo o centro do seu mundo, enche meu coração de paz.

Quando meu marido me carrega para o interior da fazenda, peço a vó Beth que ligue para a polícia e explique tudo. Natan me deixa na sala, enquanto ele sobe para buscar minha bolsa da maternidade e a do bebê, que estão arrumadas desde semana passada quando a doutora nos disse que estava perto.

— Como meu neto está com todo esse inferno baixando aqui?

— Eu não sei... Ele parece focado em nós agora, mas não disse nada para Aíram. Eu mesma tinha mil perguntas para fazer. — Comento, acariciando minha barriga em meio a uma pausa nas contrações.

— Vai ficar tudo bem. Seu avô está com Grazi lá em cima. Vou dar a notícia para ele e nós iremos para a maternidade assim que a polícia nos liberar daqui.

Não entendo muito dessas questões, mas acaba de me ocorrer que sem Aíram aqui, será só nossa palavra afirmando o ocorrido e, certamente, nos tornaremos suspeitos. O que mais me dói, é pensar que o juiz não tinha nada a ver com isso, só estava fazendo seu trabalho, e agora...

— Jasmim? Está tudo bem? — Ouço a voz de Natan e percebo que está perguntando por conta das lágrimas que não consegui segurar pelo homem morto em nosso quintal.

— O juiz, Natan...

— Minha menina, ouça... Acabou de acontecer uma tragédia aqui. Eu sei que temos que lidar com isso, conversar e procurar Aíram para que ela pague por matar Núbia porque eu não me importo com sua súbita vontade de pedir perdão, mas agora o principal é você e nosso bebê, então...

— As contrações passaram. — Comunico, enfiando meu rosto nas mãos trêmulas. — Acho que foi o susto, não sei.

Não dá tempo de Natan responder, pois começamos a ouvir barulho

de sirenes de polícia. O mais engraçado é que vó Beth ligou há poucos minutos, não daria tempo para que eles já chegassem.

Natan e eu nos encaminhamos até a porta e tudo perde ainda mais o sentido quando vemos Aíram junto com os policiais. Uma ambulância também entra na fazenda e arregalo os olhos quando verificam o juiz e começam a dar instruções para colocá-lo numa maca, a reação totalmente diferente da que eles têm ao verificar o corpo de Núbia.

— Está vivo. — Natan murmura, agarrando minha mão.

— Oh meu Deus! E nós não chamamos o socorro logo... Ele poderia morrer perdendo sangue. Eu não...

— Jasmim, calma, por favor. Eu o vi caindo no chão e a mancha de sangue no terno, só achei que estava morto. Não há como ter sangue frio e cabeça fria nesses momentos. Estávamos apavorados e com medo. É um milagre ele estar vivo.

Assinto com a cabeça e corremos em direção aos policiais e paramédicos.

— Nós recebemos a ligação de uma mulher há quinze minutos dizendo que estava vindo para cá matar outra mulher. — Um policial negro de meia idade diz. — Sinto que não chegamos a tempo e gostaria de confirmar que foi ela quem fez isso. — Aponta Aíram, que está com os braços algemados atrás do corpo.

Engulo em seco, sem conseguir entender nada. O que deu nessa mulher?

— Eu matei Núbia! Já disse! Ela atirou no juiz e ia matar todos nessa fazenda. Eu acabei com ela e fiz um favor para a humanidade! — Aíram grita, chamando a atenção de todos.

Natan a encara por um longo tempo, assim como os policiais, que também parecem não entender nada. Uma pessoa se entregando tão facilmente? Entendo que é sobre ela ter dito que ia pagar um preço por tudo que fez ao sobrinho.

— Ela a matou. Posso testemunhar, embora, agora não seja o momento. Minha esposa e eu acabamos de ter nosso casamento manchado por isso... — Natan me puxa para perto, passando os braços em volta de mim e tocando minha barriga. — Está quase na hora do nosso bebê nascer. Hoje não é um bom dia. Só queremos descansar e esquecer tudo isso.

— Eu entendo, senhor. Irei pedir que compareça na delegacia de Uberaba amanhã. Nós iremos precisar da colaboração de todos que estavam presentes durante o ocorrido. Tenham um bom dia. — Ele começa a se afastar, mas puxo Natan em direção a ambulância.

— Por favor, nos dê notícias sobre o estado dele.

— Ele vai ficar bem. O tiro foi de raspão em cima do peito, por sorte a bala não entrou. A pressão arterial subiu muito, por isso ele apagou. Por um milagre não teve um derrame, mas precisará passar por exames no hospital.

Natan anota o número do meu celular e do dele para a enfermeira, que garante nos ligar para dar mais notícias. Um grande peso sai das minhas costas, mas novamente volto a sentir as contrações. Dessa vez parecendo mais fortes, mas fico quieta, pois não quero enlouquecer Natan com alarmes falsos.

— Eu sinto muito que o casamento dos seus sonhos tenha se tornado uma porra sangrenta. — Natan resmunga em meu pescoço, suas mãos subindo e descendo em minha barriga.

Estamos na banheira, tentando tirar os vestígios de tudo. Aqui na água morna estou sentindo-me mais aliviada em relação às contrações e de costas para Natan, consigo disfarçar melhor quando as dores vem. Ainda estão vindo mais espaçadas do que cinco em cinco minutos. Pelas minhas pesquisas, ainda é cedo para alarmar meu marido. Ele vai ficar desesperado, como ficou mais cedo.

— O casamento foi o dos meus sonhos, Natan. Nada pode mudar isso. O que aconteceu depois não pode apagar. Fiquei pensando assim na hora do desespero, mas o que importa não é estarmos casados? — Ergo minha mão esquerda, vendo minha aliança de casamento junto com o anel de noivado. — Aíram deu um fim a tudo o que nos preocupava e que poderia nos trazer problemas. Núbia, e ela mesma. Mas e você, está bem?

— Estou, Jasmim. O que mais me aterrorizou foi Núbia dizer aquelas

coisas, ser a culpada pelo o que aconteceu com sua avó. Me preocupei que você e seu avô ficassem mal. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Sobre Aíram, mesmo ela tendo feito o que fez por mim, digamos assim, não quero saber dela, não me importo como vai terminar seus dias. É só um peso a menos, saber que se tratou e teve um momento de sanidade para se arrepender de tudo. Desde que soube que meus pais se amavam, que sou fruto de algo bom, estou bem comigo mesmo, feliz em saber que te mereço.

— Você me merece por quem você é, Natan, não por quem seus pais são. Coloque isso na sua cabeça. Nos merecemos porque nos amamos. — Retruco e ganho um beijo no pescoço. — Se tudo o que aconteceu hoje foi para encerrar de vez o ciclo de horrores nas nossas vidas, eu aceito esse dia como uma bênção. Saber que Núbia é a culpada por minha avó não estar aqui, machuca muito, mas agora podemos colocar um ponto final nisso.

— Você está certa. Não me importa mais qualquer merda que tenha sido parte de tudo isso, o que me importa está sob esse teto.

— Nós sentimos muito por isso.

— Bem, foi um casamento com amor e ainda teve ação. É bom para eu contar para os meus netos no futuro. — Magno, o juiz, diz, rindo de lado.

Natan e eu recebemos uma ligação ontem, dizendo que ele estava bem e que sua família estava com ele. Hoje viemos no horário da visita, para confirmar que está tudo certo.

— Ficamos felizes que o senhor está bem. — Natan afirma.

As contrações pararam de vez, mas, por precaução, hoje Natan e eu fomos a clínica mais cedo para conferir que está tudo bem, e está. A doutora explicou que é normal sentir contrações em momentos de susto e me recomendou repouso, pois o bebê já está encaixado e com essas contrações, ele pode chegar antes da hora. Podemos segurá-lo mais três semanas. Nossa ansiedade só aumentou, é claro.

Conversei com vovô mais cedo e ele disse que se sentiu vingado por Núbia ter morrido. Não deveríamos nos sentir assim, desejando a morte de um ser humano, mas quando se trata de alguém que fez o que ela fez, me sinto da mesma forma e não me arrependo disso.

— O que é isso? — Pergunto quando entramos na fazenda.

Do carro, vejo a mesma arrumação de ontem para o casamento. Todavia, pela expressão de Natan, dessa vez não foi coisa dele.

— Não faço a mínima ideia. — Responde, observando com mais atenção.

Quando estaciona, desço do carro com sua ajuda e começo a rir ao ver Grazi no lugar do juiz. Vovô e vó Beth estão sentados nas duas únicas cadeiras.

— Vou casar vocês dois direito hoje. — Grazi diz. — Vem cá, papai.

Vejo Natan arregalar os olhos e ficar paralisado ao ouvi-la chamá-lo de papai. É evidente que começo a chorar imediatamente. Sou uma manteiga derretida. Grazi só encolhe os ombros, tímida, e o espera, como se não tivesse dito nada. Ele vai para seu lugar e quando ela me chama, me emociono ainda mais.

— Vovô, o senhor já pode buscar a mamãe para se casar.

Não importa as dores que enfrentamos para chegar até aqui, elas só nos fizeram mais fortes e merecedores das coisas boas que estão vindo para nós.

CAPÍTULO 39

NATAN

Nós achamos que nosso bebê ia aguentar mais algumas semanas, mas três dias após nosso casamento, Jasmim volta a sentir contrações mais fortes.

— Natan, calma. Não precisamos de desespero. Quando as contrações começam, não significa que o bebê já está nascendo.

— Não vou ficar vendo você sentindo dor dentro de casa e não fazer nada, Jas. — A pego em meus braços, do melhor jeito possível para não pressionar sua barriga na minha e subo as escadas com ela.

É tarde, nossos avós e Grazi já estão dormindo. A levo para nosso quarto e a deixo no banheiro, enquanto volto para buscar meu celular. Ligo para doutora Amélie, que me atende imediatamente.

— Jas voltou a ter contrações fortes. Ela diz que não vai nascer agora, mas estou desesperado pra caralho.

— Oh, é claro. Estou na clínica, acabei um parto agora. Dê um banho quente nela, prepare as coisas e a traga aqui, meu filho.

— Obrigado, doutora. Eu... Em meia hora estaremos aí.

Desligo e volto para Jas, que já está despida, sem o vestido que usava antes. Tiro minha roupa e me junto a ela no banho. Desde as primeiras contrações não estamos fazendo mais sexo, estou louco de saudade, pois amo o corpo dessa mulher e me conectar com ela é a forma mais perfeita de mostrar que a amo. Ela se aproxima e me abraça, claramente cansada com essas dores. Toco sua barriga e acaricio, com carinho, e beijo sua testa. Minha menina forte está com dor.

— Vai ficar tudo bem. Não vou sair do seu lado nem um minuto sequer.

— Eu sei que vai estar comigo. Como tem estado há meses. — Seus braços envolvem meu pescoço, mas ela recua e se encolhe novamente quando outra onda de dor vem.

— Vamos, Jas.

— Minha nossa senhora! — Exclama e ouço o jato d'água caindo entre suas pernas até o chão.

— Minha nossa senhora! — Repito, embasbacado.

— Tudo bem. Tudo bem. Agora está doendo mais... — Jasmim respira fundo e se escora na parede para sair do box. — Vamos, Natan. Não é hora para travar, amor. Nosso bebê vai nascer e nós estamos prontos para ele.

— Uau... Sim. Ok. Vamos. — Concordo, mas continuo parado a encarando.

— Você disse que ia estar ao meu lado o tempo todo, se ficar aí travado tendo um piripaque do Chaves, eu vou sozinha, hein, seu trem.

Isso é suficiente. Fecho o registro e saio do box. Nem me seco e Jasmim começa a rir quando joga a toalha em mim. Me seco rapidamente e me visto com jeans e uma camisa qualquer. Pego um vestido confortável para minha esposa e a ajudo a se vestir após secá-la com cuidado.

— Eu amo você. Estou terrivelmente desesperado porque você está sentindo essas dores. — Sussurro em seus cabelos, a abraçando após vesti-la.

— É a única dor que vou sentir com prazer, Natan. É nosso filho vindo. Depois que ele estiver aqui, nós não vamos lembrar de qualquer outra coisa, tenho certeza. Estou louca para ver o rostinho dele... Você não? — Acaricia minha barba com carinho.

Mesmo nessas horas, Jasmim é resiliente.

— Sim, nosso bebê está vindo para nós e nós estamos mais do que prontos para ele ou ela.

Ela se afasta para me encarar, os olhos brilhando, mas pelas feições do rosto, está claramente sentindo dor.

— Ela? Você não vai surtar se for ela?

Começo a ajudá-la a se mover pelo quarto, a deixo sentada na cama e

vou buscar as bolsas.

— Vou precisar comprar uma espingarda ou pegar emprestado o facão do seu avô, ocasionalmente. Vou ser ciumento, louco, mas vou amar como amo você e Grazi.

— Você é lindo... — Suspira e solta um gemido de dor. — Está doendo mais que antes, Natan. Bem mais.

— Ok, vou avisar a minha avó e descer com as bolsas.

Pego as bolsas e sigo até o quarto da minha avó. Não me surpreendo ao entrar e vê-la acordada, olhando pela janela, tão envolvida em seus pensamentos que nem percebe minha chegada.

— Vovó? A bolsa de Jasmim rompeu... Nós estamos indo para a clínica.

— Oh, meu filho. Vai dar tudo certo. Estarei aqui rezando por vocês. Aviso para o Mário cedinho e nós cuidaremos da Grazi. Vá tranquilo.

— Obrigado. — Me aproximo e beijo sua testa e, nesse momento, gostaria de saber me expressar melhor, ser mais carinhoso com outras pessoas, pois me dói ver que ela sente muita falta do meu avô.

Passo pelo quarto de Grazi e beijo sua cabeça, enquanto dorme, então desço e deixo as bolsas no porta malas do carro. Guio o carro até a frente da varanda e volto para buscar Jas. Para o meu desespero a vejo descendo o

primeiro degrau das escadas.

— Jasmim Maria! Puta que pariu! Fique onde está!

— Estou prestes a parir, Natan, não estou inválida. Os movimentos ajudam para dilatar rápido, sabia? Se chegarmos lá e eu estiver sem dilatação, vou sofrer por horas. Me deixe usar minhas próprias pernas. Só me ajude aqui.

Quase sofro um infarto enquanto ela desce, parando para se curvar de dor, ocasionalmente. Não aguento mais vê-la sofrendo e a pego no colo para levá-la até o carro. Ela sequer reclama, a dor do caralho a impedindo de focar em outra coisa. O caminho é uma merda, Jasmim segura no banco e aperta tanto até os nós dos seus dedos ficarem brancos. Me desespero por vê-la nesse estado e não poder fazer nada para ajudá-la ou acabar com a dor.

Graças a doutora Amélie, quando chegamos à clínica, há enfermeiros com uma maca esperando minha esposa. Faço questão de acomodá-la e eles me pedem para ir até a recepção para confirmar os dados da paciente. Nem fodendo vou sair do lado dela. Esses dados já foram atualizados todas às vezes que estivemos aqui para consultas. Inclusive já atualizamos com seu nome de casada e estado civil há dois dias atrás quando viemos a última vez conferir o bebê.

— A bolsa estourou. — Digo a Amélie assim que ela surge em meu campo de visão.

— Bem... Estamos prontos para isso, não estamos?

— Jasmim está. Está pronta para tudo essa mulher do caralho.

— Natan! — Jasmim me repreende com um grunhido de dor e a doutora suprime uma risadinha.

Não há graça aqui, mulher. Ela pede para que o maqueiro conduza Jasmim para um quarto e entro logo atrás. Jas desce sozinha e começa a se despir quando a doutora pede.

— Companheiro, procure seu rumo. — Digo ao maqueiro.

O homem me olha como se eu fosse louco e se adianta para sair. Jasmim não está em condições de perceber que está ficando nua na frente de urubus, mas eu estou. Pego a camisola azul claro que a doutora oferece e ajudo Jasmim a se vestir.

— Para que colocar isso? A bunda dela vai ficar toda de fora mesmo.
— Resmungo, falando da camisola com a abertura nas costas.

Amélie só faz uma careta para mim e ajuda Jasmim a deitar na cama.

— Preciso ver com quanto de dilatação você está. Tudo bem?

— Sim, claro.

Amélie coloca luvas descartáveis e dá um “toque” em Jasmim. Me viro de costas para não ver seus dedos dentro da minha menina.

— Quatro centímetros de dilatação. Bom para o início. — Amélie diz, retirando as luvas e as jogando na lixeira. — Trabalho de parto é um processo que pode ser demorado. O melhor foi ter vindo à clínica, principalmente porque a bolsa estourou, assim ficaremos de olho no progresso. Mas agora é o momento em que você começa a fazer força, ok, Jasmim? A contração vem, você força. Você é a ajudante do seu bebê para ele vir ao mundo. Ele está fazendo o esforço dele muito bem. Irei deixá-los aqui, mas volto para conferir em breve.

— Está bem. — Jasmim murmura, se contorcendo de dor.

— Não se desespere, você precisa passar força para ela. Jas pode andar pelo quarto, dançar, tomar banho quente... — Aponta a porta do banheiro. — Tudo isso ajuda a dilatar. Ela pode agachar e levantar. Quando chegar a oito de dilatação, não poderá mais sair da cama, mas até lá, ajude-a a dilatar mais.

— Certo. — Assinto com a cabeça e quando ela sai do quarto, me aproximo de Jas. — Quer andar um pouco pelo quarto para ver se alivia? Também posso colocar você na ducha...

— Sim, qualquer coisa...

Ajudo-a a descer da cama e preciso forçar meus braços para não pegá-la no colo. Enquanto ela caminha pelo quarto, sigo atrás, fazendo massagem em suas costas nos momentos em que ela para. Há vezes em que Jas agacha no chão de tanta dor. Ela não grita, mas agora está chorando de dor. Isso é

uma merda, porque quero chorar feito um garotinho vendo minha menina sofrer tanto.

Horas mais tarde, Jasmim ainda não chegou ao soito centímetros de dilatação. É muito demorado e sofrido. Já tomou vários banhos, já dançamos, já andou todo o quarto, se agachou, sempre fazendo força. Há essa altura, a doutora envia uma bola gigante, daquelas que as pessoas usam para fazer Pilates, e a enfermeira instrui Jasmim a ficar sobre aquilo, enquanto eu massageio suas costas e a ajudo a se mover na coisa. Jasmim já está nua, com os cabelos presos no topo da cabeça, suada e totalmente agoniada com a dor. Depois que iniciamos o exercício na bola, a doutora volta meia hora depois e confirma que chegou a oito de dilatação, finalmente. Jasmim pede para tomar mais um banho e a ajudo morrendo de medo do bebê cair no chão. Bem rápido, voltamos para a cama e a acomodo lá, novamente com a camisola estranha.

— Agora você só pode continuar fazendo força aqui na cama. A enfermeira não vai mais sair daqui, e eu já volto, pois agora vai ser bem rápido. O progresso foi ótimo e totalmente natural, Jasmim.

Jasmim abre a boca para responder, mas um grito irrompe de sua boca. O primeiro grito dela em todo esse tempo de sofrimento. Amélie se aproxima e arregala os olhos.

— Bom. Acho que alguém está com pressa agora.

A pior merda que fiz na vida foi olhar na direção da boceta de Jasmim e ver uma cabeça lá. Puta merda! Me afasto para o lado e seguro sua mão.

Jasmim quase quebra os meus dedos. A enfermeira sai do quarto e chama as pessoas que Amélie a instrui a chamar. Ouço, mas não assimilo mais nada, só os gritos e grunhidos de Jasmim fazendo força. Ela parece exausta a cada pausa, mas alguns minutos depois fecha os olhos e quando abre me encara. Beijo sua testa e deixo uma lágrima cair em seu rosto. Estou apavorado, com medo de ela não aguentar essa dor, com medo do nosso bebê não conseguir sair. É estúpido, mas é assim que me sinto. Amélie conduz tudo com calma, instruindo Jasmim com paciência e sua equipe também foi eficiente para trazer tudo o que era necessário para o nosso quarto. Alguns bons minutos mais tarde, Jasmim solta um grito mais alto e seguido disso, um choro de bebê toma conta do cômodo. Nós dois choramos juntos, enquanto nos encaramos com amor.

— Você conseguiu. — Sussurro, beijando sua testa.

— Eu sou forte, seu trem. — Sua voz soa fraca, cansada. — Verifique nosso bebê...

Assinto e me encaminho até Amélie, que já cortou o cordão umbilical e o colocou numa balança. Agora há uma pediatra o verificando e depois disso, a enfermeira o coloca sobre Jasmim. É um menino.

— Menino. — Jasmim sussurra, beijando a cabecinha dele.

— Para me ajudar a espantar os urubus que irão rodear a irmã dele no futuro. — Brinco.

É um amor sem igual. Esse sentimento que se apossa do meu peito ao

vê-lo, é algo que nunca senti antes. Meu coração transborda de amor e sei que de agora em diante, nada é capaz de tirar essa plenitude de mim. Eu sou um homem completo.

CAPÍTULO 40

JASMIM

Estou exausta, mas também me sinto uma nova mulher. Não há como mensurar o amor que senti assim que meu bebê nasceu, foi como se um botão tivesse sido acionado dentro de mim. A emoção de Natan, a força que me deu naquelas incontáveis horas de dor foram de tamanha importância para eu ter me mantido forte. Eu sempre quis viver um conto de fadas, ter meu príncipe encantado e agora tenho mais do que isso.

A porta do quarto se abre e Natan entra, empurrando um berçário móvel com nosso bebê dentro. Uma vez que não houve tempo de me levarem para a sala de parto e tudo aconteceu no outro quarto em que eu estava, fui mudada para esse, enquanto Natan verificava os procedimentos que estavam fazendo no meu menino. Tomei banho com a supervisão de uma enfermeira e me sinto nova em folha. O parto foi sofrido, mas além de uma ardência incômoda nas partes baixas, me sinto perfeitamente bem.

— Como você está? — Meu marido pergunta se aproximando para beijar meus lábios com carinho. — Você foi tão forte, Jas. Eu gostaria de ter mais uns cinco filhos, mas não posso vê-la sofrendo daquele jeito outra vez.

Sorrio e reviro os olhos. Olho para o nosso bebê, ansiosa para pegá-lo.

— Me dê ele aqui.

— Ele tem seus olhos. — Natan diz, sorrindo.

— Ele já abriu os olhos? — Indago, meio chocada.

— Sim, o cara é esperto. Está pensando o que?

— Um trezinho, como eu suspeitava. — Brinco, sorrindo, vendo-o pegar o filho nos braços com todo cuidado do mundo.

É até engraçado ver um homem todo grandalhão e bruto, sendo tão delicado para acomodar o bebê tão pequeno.

— Como será o nome dele? — Natan pergunta.

— Eu pensei em alguns, você não?

— Engraçado que eu estava com medo de ser preso no futuro se fosse uma menina, mas eu tinha um nome para o caso de ser uma garota. Para o moleque eu não tenho.

— Qual nome você tinha? — Pergunto e ele me entrega meu pacotinho dorminhoco.

Os cabelos escuros e olhos verdes que Natan disse ter são as únicas semelhanças que encontro. Cabelos do pai, pois os meus mesmo não sendo loiro natural, era um castanho avermelhado e os olhos, meus, caso não mude a cor. Ele é lindo, mesmo todo enrugadinho e inchado.

— Eu gostaria que fosse Eunice. — Natan murmura, fazendo meus olhos arregalarem.

Imediatamente fico emocionada, e triste. Vovó não está aqui para conhecer o bisneto que ela tanto ansiava ter. Seria uma linda homenagem.

— Quem sabe o próximo não seja uma menininha? — Sussurro, olhando-o com ternura.

— Nem fodendo. — Natan resmunga, me fazendo rir. — Sem partos traumatizantes pelo futuro. Grazi e ele já completam a nossa família.

— Se eu quiser ter mais uns cinco, você vai me dar, trem. E vai me escorar na hora do parto todas as vezes.

Ele sorri, seus olhos escuros brilhando para mim.

— Pode ter certeza que sim.

Nos beijamos mais uma vez e um chorinho bem fraquinho atrai nossa atenção. Ficamos feito bobos observando o pequeno se espreguiçar em meus braços e começar a farejar em meus seios. Arregalo os olhos.

— Eu não sei amamentar.

— Ele é meu filho. Coloque o seio na boca dele e ele vai saber o que fazer.

— Você é um trem mesmo.

Abaixo a alça da minha camisola e libero meu seio pelo vão do sutiã de amamentação. Natan fica sempre atento nos observando. O filho dele, realmente, faz jus, pois não perde tempo e abocanha o mamilo sem demora. Uma enfermeira entra algum tempo depois e me adverte sobre a posição certa para amamentá-lo, de forma que no futuro não irei ficar com os mamilos feridos.

— Ângelo. — Digo para Natan. — Significa anjo.

— É o que ele é. — Concorde, passando a mão pela cabeleira escura do nosso filho. — Anjinho. — Murmura sorrindo e me encara, com aqueles olhos afiados. — Obrigado por me dar tudo. Eu te amo mais do que qualquer homem é capaz de amar uma mulher nesse mundo.

— Eu te amo. — Beijo seu rosto com carinho e entrego Ângelo para que ele o faça arrotar.

Me sinto exausta, a ansiedade de ver o bebê depois de cuidado estava me mantendo ligada, mas enquanto observo Natan com ele em pé em seu peito e batendo nas costas para que arroto, acabo adormecendo.

— Mamãe! Eu senti sua falta no café da manhã. — Grazi corre para mim e me abraça ao entrar no quarto.

— Que bom que papai foi buscar você, meu amor. Você quer conhecer seu irmãozinho? — Pergunto, acariciando seus cabelos loiros.

Vejo Natan entregando, relutante, Ângelo para vovó e Grazi se aproxima deles antes mesmo de me responder.

— Que moleque bonito do biso, sô! Minha nossa senhora! — Vovô está todo animado ao redor do pequeno.

— Ele é tão lindo. — Grazi susurra vendo-o no colo de vó Beth.

Ângelo está com seus olhos verdes atentos na bisavó. A pediatra nos visitou há uma hora atrás e liberou a visita deles, então Natan foi buscar nossos avós para que pudessem conhecer o bisneto e Grazi, o irmãozinho. A médica garantiu que Ângelo está perfeitamente saudável. Mesmo tendo chegado quase três semanas antes do previsto, seu peso e tamanho estão ótimos. Ele irá fazer testes dos olhos e ouvidos amanhã, e depois do resultado e acompanhamento de quarenta e oito horas necessárias para a certeza de que o bebê está se adaptando bem e não tem nenhum problema de saúde, ela garantiu que devemos receber alta.

— Ele parece com Natan quando bebê. — Vó Beth sorri. — Eu o vi pouco, mas lembro-me perfeitamente bem.

— Está enganada, minha senhora. — Vovô retruca. — O Anjinho parece com a menina Jas. Tem nada desse trem não.

Natan sorri e me aperta em seus braços.

— Todos nós sabemos o quanto o senhor me ama, velho. Imagino que esse seja seu jeito de me agradecer por lhe dar um bisnetinho.

— Minha neta que sofreu e colocou ele no mundo. Está se gabando de que, rapaz?

Os dois ficam nessa discussão besta deles e fico admirando vó Beth e Grazi admirarem Ângelo. Eu amo Graziela e não há felicidade maior do que ver que ela está tão bem conosco, que se sente parte dessa família, porque ela, realmente, é. As coisas aconteceram rápido demais para assimilar, talvez tenha levado algum tempo para nos adaptarmos a responsabilidade e ideia de sermos pais dela, assim como para ela também houve o mesmo processo. Não foi algo planejado, foi uma necessidade de tê-la conosco porque ela já era parte da nossa família. Todavia, levamos esse tempo para nos acostumarmos a ser pais dela, mas quando ela chamou-nos de mãe e pai no casamento que fez para nós, meu coração encheu e transbordou do mesmo jeito que aconteceu hoje quando Ângelo chegou ao mundo. É o mesmo amor de mãe para filho, que foram concebidos e nasceram de jeitos diferentes, mas não deixam de ser meus filhos e de Natan. Agora que Ângelo nasceu, posso afirmar com convicção. Eu sou mãe de duas criaturas perfeitas. Eles sempre serão vistos assim por mim.

Dois dias mais tarde, Ângelo e eu recebemos alta da clínica, ambos com a saúde em perfeito estado. Agora com o rostinho desinchado, meu bebê é a coisa mais linda desse mundo, sou suspeita a falar, mas todas as

enfermeiras pararam para babar no meu trenzinho. Não vejo semelhança com Natan ou comigo além dos olhos e cabelos ainda, estou mais inclinada a achá-lo parecido com meu joelho, mas é o joelhinho mais lindo que já vi.

— Você não vai deixar ninguém segurá-lo até quando, Natan? — Pergunto ao meu marido excessivamente protetor com nosso bebê.

Ele não quer deixar nem mesmo nossos avós pegar o Anjinho, pelo amor de Deus! A visita de ontem foi um caos entre vovô e ele. No primeiro dia ele foi mais flexível, mas parece que despertou com o instinto de mamãe galinha ontem e isso não mudou no dia de hoje.

— Ele é meu. — Natan me olha feio, fazendo um bico muito engraçado, mas ri, demonstrando que está brincando. Bem, eu prefiro acreditar que é brincadeira. — Só quero dividi-lo com você e nossa filha. — Ele olha para Grazi com carinho, adormecida na nossa cama.

— Meu avô vai arrancar suas tripas com o facão dele se você continuar nessa ciumeira.

Posso estar chamando sua atenção, mas estou encantada nele no modo pai protetor e amoroso mais do que em qualquer outra faceta sua. Desde que nosso bebê nasceu, Natan não saiu do nosso lado. É amoroso, protetor, carinhoso e cuidadoso. Ângelo resmunga no colo do pai, e começa a procurar algo nas mãos, colocando os dedinhos na boca. Natan sorri.

— Está com fome. Sinto inveja dele. Gostaria de ser eu chupando seus seios. Estou com saudade. — Sussurra, se aproximando para me

entregar o bebê e beija minha testa.

— Temos um mês pela frente de banhos gelados. — Brinco, ajustando Ângelo na posição certa para mamar. — É sério, Natan, não tem motivos de protegê-lo de ninguém nessa casa. Todos o amamos. Então não implique mais com meu avô ou sua avó.

— Só porque você está me obrigando. — Resmunga, feito um menino birrento.

Ele se deita ao lado de Grazi, que está bem no meio da cama e eu o observo pegar no sono bem rápido. Natan está cansado, pois não dormiu bem naquele sofá pequeno do meu quarto na clínica. Depois que o bebê mama e arrota, o deito em meu braço e me acomodo ao seu lado. Adormeço entre minhas pessoas favoritas no mundo.

O barulho de madeira caindo me faz despertar em alerta. Abro os olhos antes mesmo de assimilar qualquer coisa, mas o peso da cabeça do bebê em meu braço e a mãozinha de Grazi em cima da minha barriga me faz sorrir. Olho para os dois, ele adormecido em meu braço e ela com o seu passando de forma protetora pela barriga dele, sem deixar peso, e com a mão descansando em mim. Olho na direção em que ouvi o som antes e vejo Natan com cara de culpa.

— Desculpe. — Murmura, carregando o que percebo ser as armações do berço de Ângelo.

Tiro o pequeno do meu braço e afasto Grazi um pouco para colocar um travesseiro entre os dois para que ela não o machuque quando se mexer. Sigo até Natan e o encaro, inquisitiva.

— O que é isso? Por que desmontou o berço dele?

O quarto de Ângelo está pronto, todo em cores neutras e é lindo. Nós escolhemos as coisas e Natan fez questão de montar os móveis sozinho, mas ajudei com a pintura e arrumei tudo do meu jeito.

— Ele não pode dormir sozinho naquele quarto e me dei conta disso. Você não vai querer que ele durma lá, não é?

— Eu não vou querer? — Pergunto, tentando parecer brava, mas realmente quero apertar suas bochechas por ele ser essa coisa mais fofa de vez em sempre. — Ou você quer dizer, você não vai querer?

— Hum... — Coça a cabeça e não consigo fingir mais, acabo rindo. — Você o quer aqui, certo? Eu sabia! — Sorri, animado.

— Sim, meu amor. Eu o quero aqui. Será menos cansativo para amamentá-lo a noite e acho que, realmente, devemos ficar de olho nele. Foi tolo montar o berço lá.

— Amém, Jesus! — Natan suspira e beija minha testa. — Não foi tolo, foi falta de experiência. Consertamos isso agora mesmo.

Passo a mão pelo seu abdômen desnudo e solto um suspiro. Tão lindo e apetitoso.

— Em pensar que ficaremos um mês sem sexo, e eu já quero lambê-lo agora mesmo.

— Você pode me lambar a vontade, minha menina, eu não estou de resguardo. — Pisca, todo malicioso e eu pisco também, só que lá embaixo.

A primeira noite em casa é louca. Ângelo dormiu bem as noites na clínica, só acordando algumas vezes para mamar. Em contrapartida, agora está acordado e chorando por algum motivo que não sei qual. Confesso que fiquei frustada e quis chorar. É muito ruim não saber o que meu bebê sente, me senti uma péssima mãe e essa jornada mal começou. Natan está passeando com ele no corredor e deixou-me aqui quietinha por uns minutos. Acabo adormecendo e só desperto quando sinto um peso afundando ao meu lado na cama. Me aproximo de Natan e acaricio sua barba por fazer.

— Ele ficou bem no berço?

— Sim, dormindo com um anjinho. Agora durma. Você precisa descansar. — Beija meu nariz e me ajeita em seus braços.

— Você é tudo.

— Vocês me fazem querer ser tudo.

— Sempre, meu amor.

Um sorriso toma meus lábios enquanto enfio meu rosto em seu peito, inalando seu cheiro delicioso. Eu o amo tanto que dói. Natan é meu felizes para sempre.

CAPÍTULO 41

NATAN

Seis meses depois.

— Você não deve puxar os cabelos da sua irmã, Ângelo. É feio. — Repreendo, tirando os fios loiros de Grazi das mãos do pequeno comedor de cabelo.

— Tudo bem, papai. Ele estava feliz. — Grazi diz, segurando a mão gorducha do irmão.

Eu sorrio, porque é muito bonito esse seu jeito protetor com o bebê. Como se fosse para me desafiar, Ângelo puxa minha orelha com força.

— Moleque atrevido.

Ele ri e faz bolinhas de cuspe na boca, realmente sem entender nada do que estou o repreendendo.

— Quando a mamãe vai voltar? Eu queria ver o sítio junto com ela.

— Nós iremos levar você logo. Só deixe que ela veja tudo pela primeira vez com o biso. Tudo bem?

— Sim. Vó Beth está fazendo meu bolo. Vou ajudá-la.

— Mas é seu dia de princesa. Lembra que disse isso? Que seu aniversário seria dia de princesa?

— Então, papai, as princesas encontram príncipes. Não posso ficar aqui em cima o dia todo. Como vou achar o meu príncipe?

— Que história é essa de príncipe, Graziela? — Resmungo, a encarando com atenção e já sentindo uma fisgada da dor de cabeça que terei no futuro.

— Mamãe me conta historinhas de princesa, eu sou uma. Você não diz? — Dá de ombros, em sua inocência infantil.

Nós não contamos para ela que sua tia tinha sido morta como foi no dia do casamento. Ela sabia que algo tinha acontecido, mas nós preferimos dizer que ela estava presa, para entender como Grazi reagiria. Ela não se importou. Com o pai agressor, ela chegou a questionar, a perguntar por ele algumas vezes no início, mas com Núbia foi diferente. Então meses atrás nós dissemos que a tia havia se tornado uma estrelinha, tinha morrido num acidente. Lembro-me como Jas e eu ficamos surpresos com sua pergunta.

— *Mas não são só as pessoas boas que viram estrelinha, papai? Ela não era boa. Acho que não virou estrelinha, não.*

Nós não sabíamos de onde ela havia tirado aquilo. Jasmim teve jogo de cintura de explicar que nós não sabemos se as pessoas podem se arrepender dos maus atos antes de morrerem, que só Deus pode julgar cada

um. Grazi não entendeu muito bem, mas deixou a conversa morrer ali. Mais tarde, descobrimos que minha avó havia dito à ela que as pessoas boas viravam estrelinha, como vovô Vitório e dona Eunice. Foi uma conversa inocente, mas a mente de Grazi não esqueceu e na hora que menos esperamos, pôde questionar e nos deixou surpresos.

Minha princesinha não sabe, mas Jasmim e vovó estão preparando uma festa surpresa para ela no sítio. Todos os seus coleguinhas da escola virão, inclusive sua melhor amiga Yasmin, a quem ela adora, e o pirralho chamado Matheus, que sempre fica olhando demais para a minha garota. Escolhemos fazer no sítio porque a obra ficou pronta lá há poucos dias e Jas concordou com o avô que era um jeito especial de reiniciar a vida lá novamente. Mário decidiu que moraria lá, e meses atrás minha avó concordou em morar com ele. Eles se tornaram um tipo de casal, não há contatos físicos, pelo menos não que eu tenha visto, mas eles estão juntos para tudo e são melhores amigos. É como se tivessem encontrado um porto seguro um no outro. Me agradou, mas não pude deixar de espezinhar o velho, como ele sempre fez questão de fazer comigo por causa de sua neta.

Nós estamos felizes. A vida tem sido boa. O meu mini eu de olhos verdes é a coisa mais preciosa do meu mundo, junto com minha esposa e filha. Nós passamos por muita merda antes de chegarmos até aqui e os dias de paz e amor têm sido mais do que esperados.

Ouçó um grito animado vindo do exterior da casa e olho pela janela. Grazi vem correndo e sorri ao ver sua mãe se aproximando pela extensão de terra, cavalgando no cavalo negro. Ela segura um chapéu na cabeça para que não caia, os cabelos voam ao vento, sua expressão de deleite e apreciação

enche meu peito de satisfação. Ela some das nossas vista quando para sob os telhados da casa, mas como é movida a pilha, agitada o tempo todo, logo ouvimos seus passos subindo as escadas às pressas.

— Oi, meus trenzinhos. — Jasmim invade o quarto, rodopiando em seu vestido simples de verão.

Sorrio ao ver o chapéu de cowboy sobre sua cabeça, os cabelos loiros, recém tingidos após a gravidez e primeiros meses de amamentação, a deixam ainda mais com a aparência de um anjo. Ela é a luz que nos ilumina. Não há um de nós nesse quarto que não esteja sorrindo feito bobos desde que a vimos cavalcando até agora que ela está aqui. Grazi corre para ela e Ângelo se contorce no meu colo, tentando emitir algum som para chamar a atenção da mãe.

— Meus seios vão explodir se eu não amamentá-lo agora. — Explica sua chegada. — Mas há visita para você lá embaixo. — Me olha de forma enigmática.

— Não gosto de surpresas. — Resmungo.

— Mas gosta de fazer surpresas, né, seu trem? — Desafia, pegando Ângelo do meu colo, que se joga para ela da melhor maneira que sua coordenação motora de um bebê de seis meses o permite.

Me aproximo do lado do seu corpo e puxo seus cabelos sutilmente, forçando sua orelha em meu rosto. Seus ombros sobem e descem, mostrando a respiração ofegante. Sorrio.

— Não me desafie, mineirinha rebelde.

— Minha nossa senhora! Vai logo, homem! — Me empurra, com o rosto vermelho, louca para ser jogada na nossa cama e tomada como nós gostamos.

Ultimamente tem sido difícil, vida de pai e mãe não é fácil, mas nós damos nossa fugida cavalgando por aí, enquanto vovó e Mário cuidam das crianças. Tem sido mais fácil fodermos contra árvores, sobre o feno, no mato, do que na nossa cama. É sempre emocionante com ela.

Beijo a cabeça de Grazi, que já está sentada na cama novamente, tagarelando sobre estar chateada porque nesse fim de semana nós não podemos fazer uma festa das *Super Hero Girls*, que ela tanto queria. *Você terá sua festa, querida.* Jasmim me encara quase chorando só porque a menina está triste por achar que não terá o que quer. Beijo seus lábios com carinho. Ela é adorável.

— Eu amo você.

— Você pode mudar de ideia depois que vir quem eu recebi na nossa casa. — Murmura, fazendo uma careta.

Ângelo estica o braço e bate na boca dela, enquanto mama. Eu sorrio, porque nada pode me fazer parar de amá-la. E eu tenho uma ideia de quem ela recebeu. Eu a conheço o suficiente para saber que ela aprecia a família e ela me azucrinou nos últimos para que eu procurasse e perdoasse a minha

irmã.

— Não há mágoas que mantenham meu coração preso hoje em dia, Jasmim. Ele é de vocês três.

Ela funga e sorri, emocionada. Então assente com a cabeça e eu a beijo novamente antes de sair do nosso quarto. Observo o berço próximo da cama, alguns brinquedos e mordedores sobre o lençol. Pelo caminho para descer as escadas, há bonecas de Grazi e chegando na sala, o carrinho de passeio de Ângelo está lá, assim como tapete colorido e fofo no meio do cômodo porque nos sentamos com ele aqui todas as manhãs. Não é Tatiane que está na sala, contudo. É um homem, aparentando estar por volta dos cinquenta anos, em uma cadeira de rodas. Encarando seu rosto, não consigo reconhecê-lo de qualquer lugar, mas sua emoção ao me ver, envia uma onda de emoção desconhecida para mim também. Paro, sem chegar perto e vejo uma jovem próxima a porta de entrada, com os olhos marejados, cabelos escuros, olhos da mesma cor, alta, da minha cor... Como o homem.

— Natan? — O sujeito questiona.

— Sim. Sou eu. Você precisa de um emprego?

— Eu não preciso, filho... — Seus lábios tremem e ele para e respira fundo antes de continuar. — Sou Emanuel Araújo.

Pisco algumas vezes, entendendo que não há uma coincidência aqui. Ele me chamou de filho, poderia ser normal para pessoas mais velhas agirem dessa forma, mas não é coincidência um homem com o nome e sobrenome do

meu pai biológico fazendo isso. Eu sempre me achei parecido com minha mãe, quer dizer, com Aíram, mas olhando-o bem, percebo que me pareço com ele também. E a garota na porta se parece com nós dois.

— Você é meu pai. — Digo, sem conseguir controlar o turbilhão de emoções dentro de mim. Eu sou um homem adulto, que tem uma vida feliz, mas acreditei que ele estivesse morto. Se está vivo por que só agora está me procurando? Eu tenho um pai. E eu passei tanta merda que poderia ter sido evitada se ele tivesse me dito a verdade.

— Por toda a minha vida eu quis encontrá-lo... Eu não... Nunca tive dinheiro. Se tivesse minhas malditas pernas funcionando, eu andaria pelo mundo sem dinheiro e sem nada... E eu acharia você... Mas depois que o maldito Cassilas fez isso comigo. — Encara suas pernas e nega com a cabeça. — Ele sumiu de Minas Gerais e o levou com ele. Eu nunca... Nunca soube onde vocês estiveram. Peões da fazenda me chutaram para fora daqui todas as vezes que tentei falar com Vitório Cassilas, mas essa cadeira nunca me deixou passar por ninguém... Nunca pude chegar até eles.

Ele me procurou. Isso muda tudo. Eu não tenho porque repelir o homem. Merda, Cássio Cassilas fez isso com ele.

— Como me achou agora?

— O povo da cidade não fala em outra coisa, se não em quão bem sucedida a fazenda tem sido após a morte de Vitório. Eles o chamam de Cassilas... Eu sabia que podia ser você ou que poderia chegar a você agora que aquele diabo não está mais nessa terra... Cheguei aqui e sua esposa me

recebeu, ela disse que precisava conversar com você antes, mas eu implorei e ela me deixou entrar sem ter tempo para explicar qualquer coisa.

— Entendo. — Engulo em seco e olho a garota. — Você é minha irmã? — Pergunto, tentando parecer acolhedor.

Eu só não esperava que ela voasse feito um furacão em minha direção e me abraçasse. Contato físico demais. Ela desaba em lágrimas e eu me sinto amado por esses dois como eu nunca fui por qualquer familiar antes. Ele refez sua vida, tem uma filha, mas ele falou de mim, ele não me esqueceu.

— Eu sou Quézia Araújo, sua irmã. Papai colocou o nome da sua mãe em mim. Ele a amava muito, e ele também ama você. Nós amamos você... Acredite nisso...

O nome da minha mãe. Encaro o homem e vejo que está derramando algumas lágrimas vendo-nos juntos. Eu abraço Quézia... Minha irmã. Depois me afasto dela e me ajoelho na frente de Emanuel.

— Você me encontrou em um momento da vida em que eu sou um bom homem, como o homem que minha mãe merecia que eu fosse. Tenho uma família linda e amorosa, e estou feliz que meus filhos vão ter uma tia e um avô. Quero que vocês fiquem para o aniversário surpresa da minha filha.

— Nós ficaremos, filho. É uma honra. É... Eu não tenho palavras para agradecer por me aceitar.

— Você é meu pai. Estou feliz que nos encontramos.

— Sua mãe e eu... Nós nunca quisemos fazer mal a ninguém... Ela morreu por minha culpa... Ela tentava ficar longe, mas não conseguíamos. Nunca, nunca superei. Eu tentei seguir em frente com a mãe de Quézia sete anos mais tarde, mas não consegui. Ela se tornou uma grande amiga, e eu nunca mais pude tentar.

— Nós iremos falar sobre tudo, eu quero saber tudo sobre ela. — Digo a ele. — Mas há algo que eu sei. Não foi sua culpa. Cássio era um doente psicopata. Ele está queimando no inferno e pagando por toda a merda que fez com todos que o rodearam. Tenha a certeza disso. Se quer conviver comigo, você precisa aceitar que não há culpados além dele.

Ele me encara, sem parecer entender muito bem como eu posso dizer tais coisas, mas assente com a cabeça. Eu aprendi muito com Jasmim. Esse homem me encontrou agora porque é a hora certa. É a hora de dar alguma luz à sua vida também.

— Há os diários dela, eu irei deixar com você para que possa lê-los, para saber como ela se sentia. Ela amava você. — Garanto a ele. — E se está aqui, sei que ela está feliz se puder ver. Agora que me encontrou, esqueça o tempo das perdas. Vamos seguir em frente agora.

Emanuel sorri, emocionado, e assente com a cabeça. Apertamos a mão um do outro. Não nos abraçamos, não o chamarei de pai de um dia para o outro é nem vou amá-lo com um estalar de dedos, mas ele está convidado a conhecer e conquistar a minha família.

— Para onde estamos indo, pai? Não tem ninguém para comer meu bolo? Por que vovó e vovô já foram dormir? E mamãe e Ângelo onde estão?

Minha pequena menina é uma grande tagarela. Desde que se sentiu livre entre nós e descobriu que pode falar sem dar pausa para respirar, esse é seu esporte favorito. Eu não consigo assimilar tantas perguntas ao mesmo tempo, mas estou aqui para enrolá-la. Então...

— Estou levando você para conhecer o sítio enquanto sua mãe dá banho no Anjinho. Você não queria ver como ficou tudo?

— Sim, mas eu quero comer bolo também. Já não vou ter festa porque vocês não deixam...

— Não é que não deixamos. — Digo, entrando no sítio. Nos encaminho em direção a parte de trás da nova cada do Sr Mário e agora vemos tudo escuro.

Grazi dá um pulo para trás, com medo, e então todos gritam:

— Surpresa!

As luzes se acendem e ela fica embasbacada enquanto seus coleguinhas correm até ela para dar-lhe os parabéns. Oito aninhos de muita esperteza. Nós a ajudamos com seis anos e passamos uma fase difícil em seu aniversário de sete anos, mas agora nós podemos comemorar e não

perderíamos isso por nada.

Deixo-a aproveitar sua festa das heroínas que ela queria, com bolas para todos os lados e a decoração feita por Jasmim. Há doces de variados tipos e um bolo de três andares. Emanuel e Quézia conheceram Jasmim e as crianças mais cedo, e agora os vejo sentados perto de Mário, que conversa animadamente com eles. Jasmim está com Ângelo no colo, vindo em minha direção. Deslizo meus braços por sua cintura quando a alcanço e beijo sua boca com carinho.

— Eu amo você. Estou tão feliz por tudo. — Ela sorri.

Ângelo se joga para mim e beijo sua cabeleira escura.

— Eu sou o homem mais sortudo desse mundo porque eu tenho você, Jasmim Cassilas.

— Você me tem para sempre, trem.

EPÍLOGO

JASMIM

Três anos depois.

— Você precisa deixar de ser encrenqueiro. — Digo a Ângelo, que está de cara feia.

— Quero o meu papai.

— Seu pai só está segurando a sobrinha dele, seu trenzinho ciumento.
— Implico, vendo seu bico irritado.

Estamos no casamento de Quézia, a irmã de Natan, e ela tem uma bebezinha de alguns meses. Óbvio que o meu pequeno bratinho está enciumado por não estar recebendo a atenção do pai. Eles optaram por um casamento grande em um salão de festas em Uberaba.

— Vem com o vovô. — Emanuel chama e ganha sua atenção imediatamente.

Ângelo adora passear na cadeira de rodas do avô. Sorrio para o meu sogro, que hoje é parte importante de nossa família, assim como sua filha. Eles foram uma surpresa tão abençoada que recebemos. Emanuel e Quézia são pessoas de bem, que amavam Natan mesmo sem convivência. Não foi difícil para Natan se sentir amado em volta deles e fazê-los parte de sua vida

constantemente. Após a descoberta, ficamos sabendo que Emanuel pagava aluguel de uma casinha humilde no centro de Uberaba e que sua renda vinha do governo por ele ser deficiente e dos bicos que Quézia fazia para ajudar. A mulher é uma batalhadora. Nós tivemos a ideia de construir uma casa para eles, principalmente que se adequasse a cadeira de rodas do pai de Natan. Receber tão pouco do governo e ainda pagar aluguel não os deixava ter uma vida confortável e Natan lhes deu isso. Emanuel não aceitou, não queria estar vivendo nas terras que trouxe sua ruína. Nós entendemos isso, mas Natan disse que ele já estava transformando aquela maldição em algo bom desde que convivia com seus netos e conosco. Por que não aceitar a casa e estar perto de nós? A fazenda é enorme, de forma que nossas casas ficam em extremidades diferentes e temos nossa privacidade. Natan pagou para a irmã fazer faculdade de enfermagem, ela conheceu Felipinho, sim, aquele que vovó queria que fosse meu príncipe, e eles acabaram tendo a bebê antes dela terminar o curso, mas ela não pretende parar e, após sua lua de mel, irá voltar a estudar.

Sobre Tatiane nunca mais vimos, ela tentou entrar em contato com Natan por celular, e ele a atendeu na última vez e garantiu que não tinha mágoas dela, só que não cogitava a convivência. Meses depois recebemos um convite de casamento, dela e de Ruth, e isso não nos surpreendeu. Ambas almejavam dinheiro e poder, então elas estavam bem em casar por conveniência. Eu torci para que se surpreendessem com o amor no meio dessa confusão que inventaram. Aíram continua presa. Vó Beth foi visitá-la sem que soubéssemos, pois sentia a necessidade de saber tudo sobre seu filho. Beth a agradeceu naquele dia e ficou meses deprimida ao saber quem era, de verdade, o seu filho. Ela pediu perdão incontáveis vezes a Emanuel e Natan, mas vovô e Grazi foram essenciais para que ela saísse da escuridão.

— As outras madrinhas estão tendo um dia difícil vestindo o mesmo que você. É injusto. — A voz sussurrada em meu ouvido faz com que todo meu corpo se arrepie.

Sorrio e vejo meu marido entrando em meu campo de visão com sua sobrinha de cinco meses no colo. Esse homão de terno e gravata com um pacotinho pequeno e rosa nos braços é um afrodisíaco para mim.

— Acho que quero mais um filho. Vendo você assim com a pequena Laila me deixa ansiosa para ver você em ação com um bebê nosso novamente.

— Você sabe que o que você quiser, eu dou a você, Jasmim. — Mesmo tendo adquirido muito do sotaque mineiro, seu jeito de dizer meu nome sempre é aquele que me enche de calor, com o x no lugar do s.

— Eu quero transar no banheiro. Você pode me dar isso?

— Minha mulher é uma assanhada. Não respeita nem os ouvidos da sobrinha.

Gargalho de sua falsidade e ele sorri.

— Espere um minuto, eu vou dar ela para a mãe de Quézia.

— Era só um teste. Você é um sem vergonha.

— Eu nunca vou passar em um maldito teste em que eu tenha que recusar sexo com a minha mulher. — Me encara como se eu fosse estúpida, pois para ele isso foi uma afronta.

— Certo, marido. Nós adiamos isso para o banheiro do nosso quarto. — Olho ao redor e não vejo Graziela. — Você viu nossa filha? Há uns bons minutos não a vejo.

— Está fora da tenda com aquele garoto. Matheus. — Natan faz uma careta. — Saí de lá antes que quebrasse um dente dele. Por que ele precisa sorrir tanto para ela?

— Não seja um bobo. Não a envergonhe. Deixe-a saber que pode ser nossa amiga e confiar que não seremos insensatos em torno das suas coisas. Ele é só amigo dela há anos.

— Eu sei que meninas tem paixonites nessa idade. E as bochechas vermelhas quando está perto dele, faz nascer uns cabelos brancos na minha cabeça.

— Você vai ser um grisalho sexy, tenho certeza disso. — Provoco, o fazendo rir.

Natan se inclina e beija meus lábios com carinho. Laila chora no momento em que Quézia se aproxima para verificá-la. Felipinho vem atrás e não tira as mãos dela. Quem diria?

— Obrigado por cuidar dela. — Diz a Natan.

— Ao dispor por essa garotinha.

Eles se afastam para dar atenção aos convidados e Grazi se aproxima correndo. Ângelo solta um grito da cadeira do avô, que está rodando com ele entre as pessoas. Avós são bobões, isso é um fato. É por isso que meus filhos amam o avô, bisa e biso.

— Sabe, Tatiane entrou em contato agora há pouco, enquanto você colocava as crianças na cama. — Natan diz, abraçando-me por trás, na nossa cama.

Ângelo e Grazi dividem um quarto, por insistência dele em ficar atrás da irmã. Ele a adora, e é recíproco. O deixo em sua cama adormecido, mas toda manhã ele está abraçado com Graziela, na cama dela.

— O que ela queria?

— Pedir perdão novamente, disse que nunca tinha sido sincera como agora. Está apaixonada por Ruth, segundo ela.

— Oh! Espero que elas sejam felizes.

— Ou que se matem. Imagine, duas víboras apaixonadas? Continuo mantendo você e nossos filhos longe dessas pessoas.

— Você sempre foi protetor com ela. Sei que sente falta.

— Eu tenho você e dois filhos perfeitos. Do que eu poderia sentir falta? Tatiane nunca me amou, Jasmim. Eu nunca recebi afeto de ninguém antes de você.

— Você recebeu amor dos seus pais, só não lembra. Esse amor ficou entranhado em você, por isso a convivência com pessoas ruins não afetaram seu caráter.

— Eu sempre tenho tesão quando você me diz essas coisas profundas.
— Para comprovar, esfrega sua ereção em meu bumbum. Isso me faz gemer e ele lambe atrás da minha orelha. — Sinta como sempre me deixa.

— Hummmm...

— Diga-me se você me quer e como quer, minha Jas.

— Quero seus dedos primeiro... Depois sua boca e... Que me tome.

— Ah, sim, eu irei tomá-la.

Antes que possa processar estou com as costas no colchão, e com meu marido pairando sobre mim. Seus lábios descem por minha boca em um beijo faminto, levando-me a loucura com sua intensidade de sempre, que nunca esmoreceu. Suas mãos percorrem meu corpo, adentrando sob a camisola e subindo-a por minha cintura. Ele desce o rosto, beijando meu pescoço, meus ombros e afastando as alças para expor meus seios, que logo recebem atenção

de sua boca. O som da chuva repentina caindo no telhado faz Natan recuar e me lançar um sorriso conhecedor.

— Venha.

Preciso de suas mãos em mim para me manter estável quando levanto-me. Meu lindo esposo me pega no colo e corre comigo para o andar inferior. Abre a porta e nos encaminha para a chuva de verão no quintal. Era o meu ritual. Hoje é nosso. Nós giramos na chuva, chutamos água empoçada na grama um no outro e apreciamos a paz. Contudo, ainda me sinto desejosa e nem mesmo a água fria caindo em minha pele é capaz de aplacar o calor do meu corpo. O quarto das crianças fica do outro lado, então não há perigo de acordarem e nos flagrarem da janela. Vovô e vó Beth vivem no sítio há dois anos, de forma que também não podem nos flagrar. Tiro minha camisola e isso chama, imediatamente, a atenção de Natan. Ele sorri, malicioso, os olhos escuros faiscando tanto, que é visível na noite. Eu corro para baixo do telhado da varanda, por precaução em ser vista através das janelas. Mal paro e meu corpo bate contra o batente.

Sua boca me toma com mais ansiedade e seus dedos entram em minha calcinha, dando-me o que pedi, mas agora eu só o quero de uma vez.

— Por favor, sem preliminares... — Suplico.

— Minha menina está ansiosa.

— Você sempre me deixa assim. — Suspiro, rebolando em seu dedo. Ele sorri e abaixa sua samba canção, exibindo o membro, que sempre deixa

minha boca salivando. — Eu preciso tê-lo em minha boca.

— Mais tarde nós estaremos nos lábios um do outro. — Promete e puxa minha perna para que enlace sua cintura. Ele afasta a minha calcinha para o lado e me penetra de uma só vez.

Ambos gememos com o contato e ele desliza deliciosamente por conta da minha excitação escorrendo. Natan agarra meus cabelos e olha em meus olhos enquanto arremete forte e duro. A chuva de vento faz com que continuemos nos molhando, mesmo aqui e é tudo tão delicioso, tão nós, que não consigo controlar meus gemidos. Sua boca não sai da minha para que meus gritos não sejam ouvidos, sua mão me mantém segura e a outra provoca meus mamilos, beliscando, puxando, enviando mais ondas de excitação para minha intimidade.

Não há conexão maior do que a que nós temos.

— Goza para mim, goza? Eu amo ver seu rosto quando você está gozando. Seus olhos ficam ainda mais verdes... Eu gostaria de ser um desenhista para desenhar você assim... — Seus lábios acariciam minha mandíbula e bochechas e ele entra mais lentamente em mim, para sua pélvis esfregar meu clitóris. A fricção é deliciosa, mas meu coração também está nisso. Suas palavras enchem meu peito e eu sei, que isso jamais será só uma coisa carnal entre nós. — Minha menina linda. Você sente tudo o que eu sinto, não é? Você é minha alma, meu coração, Jasmim. Eu te amo tanto, e eu teria amado a vida toda mesmo que você não tivesse me amado. Jamais poderia esquecer esses lindos olhos verdes e esse rosto perfeito... Esses cabelos de anjo... Eu sonharia com você com um chapéu de cowboy todas as

noites. Seria o que me manteria vivo...

Meus olhos se enchem de lágrimas e um nó forma em minha garganta pela intensidade e emoção crua de suas palavras.

— Eu amo você. Não existe uma chance, jamais poderia cogitar, a ideia de você ficar sem mim. Nunca. — Digo, abraçando-o e ficando o mais abraçada com ele que eu posso.

Natan sorri para mim, cheio de emoção que faz uma lágrima rolar por meus olhos.

— Eu precisava ser salvo e nem sabia. Você me salvou.

FIM.